UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Adriana Gaião Martins

Para além dos ideais: um percurso pelos modelos, esquemas e grafos de Jacques Lacan

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Adriana Gaião Martins

Para além dos ideais: um percurso pelos modelos, esquemas e grafos de Jacques Lacan

Mestrado sob a orientação do professor Prof. Dr. Ivan Estevão Ramos apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), para realização do Exame Geral de Defesa.

Área de concentração: Psicologia Clínica

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gaião Martins, Adriana

Para além dos ideais: um percurso pelos modelos, esquemas e grafos de Jacques Lacan / Adriana Gaião Martins; orientador Ivan Ramos Estêvão. -- São Paulo, 2022. 188 f.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Lacan. 2. Eu ideal. 3. Ideal do Eu. 4. Identificação. 5. Esquemas. I. Ramos Estêvão, Ivan , orient. II. Título.

Nome: Adriana Gaião Martins

Título: *Para além dos ideais: um percurso pelos modelos, esquemas e grafos de Jacques Lacan*

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição:_____

Assinatura:_____

Prof. Dr.: _____

Instituição:_____

Assinatura:_____

Prof. Dr.: _____

Instituição:_____

Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

Ao Antônio, *in memorian.* Te agradeço por ter sido o meu maior apoiador e incentivador dos destinos que tracei. Te agradeço por tudo que foi, por tudo que é e sempre será para mim: o que me foi transmitido está em mim eternizado. Se me exigiu um trabalho árduo em tentar encontrar palavra capaz de traduzir o que perdi com sua partida, me foi possível transformar a perda em causa, encontrando muitas outras capazes de escrever esta pesquisa.

Ao Ivan Estêvão, meu orientador, pelas conversas, pelas trocas, pelos redirecionamentos, pela aposta e confiança depositadas em mim e em meu trabalho.

Ao Prof. Gilson Iannini, pela generosa apreciação, pelo rigor e pelas intervenções imprescindíveis que tanto contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao Prof. Christian Dunker, que durante o exame de qualificação pôde apontar caminhos fundamentais para a escrita desta dissertação. À Michele Roman, por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa e pelos trabalhos que tanto me ajudaram a realizar este estudo.

Ao Rodrigo, por partilhar a vida. Obrigada pelo companheirismo, pela paciência, pelo afeto, pelo cuidado. É incomensurável. Não teria conseguido realizar esta pesquisa da mesma forma se não fossem pelas trocas, pela parceria e contribuições que você fez.

À minha mãe, Ana, pela presença amorosa, compreensiva e encorajadora que sempre tive ao longo de toda a minha vida. Pela transmissão do interesse pelo conhecimento, pelo saber e pela psicanálise. Ao meu pai, Carlos, por ter me transmitido essa forma criativa de trilhar os caminhos. À minha avó Cristina, pelos cuidados e amor desde que vim ao mundo. Ao meu padrinho, Luís, pelo suporte que me deu nos momentos cruciais da minha vida. Às minhas irmãs, Andréa e Flávia, pelo campo de amor e carinho que ultrapassa os limites da distância.

Aos colegas de orientação, pelas leituras e trocas importantes para o curso de escrita,

À Nana, pelas décadas de amizade, por vibrar comigo a cada passo e pela presença tão fraterna. À Clara, que além de parceira de vida, é parceira de trabalho e que por tantas vezes me apoiou para que conseguisse me ausentar diante das demandas universitárias. Às minhas amigas tão queridas, Mariana, Luana, Amanda, Hayana, Juliana, Izabela, Marina, com quem guardo histórias e momentos inesquecíveis.

Ao Raul, por escutar a minha escuta e pelas transmissões que tanto me reposicionam no fazer da clínica,

Ao Paulo, por não me deixar recuar diante do impossível de dizer,

À toda equipe do IPUSP, do Programa de Pós-Graduação e do Programa de Psicologia Clínica, pela disponibilidade e pela ajuda sempre que foi necessário.

Que resta aqui senão vestígio do que é realmente preciso que exista para cair do ser?
(Lacan 1998[1960b], p. 816)

(...) o sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja…
(LACAN, 1998[1960a], p. 689)

Resumo: A presente pesquisa investiga dedicadamente os desenvolvimentos de Jacques Lacan acerca do eu ideal e Ideal do Eu. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, metodologicamente pautada na revisão bibliográfica da literatura especializada dos desenvolvimentos psicanalíticos de Lacan. Na pesquisa está implicada a perspectiva clínica, a fim de contribuir ao refinamento da escuta e pensamento psicanalítico diante da temática dos ideais. A hipótese de pesquisa é investigar as relações existentes entre os ideais e as construções de modelos, esquemas, grafos pelo psicanalista francês no período da década de 50. Orientada pela interrogação ao programa de Lacan acerca dos ideais, a pesquisa se debruça sobre o modelo ótico, sobre os esquemas L, Z e R, o grafo do desejo, os tempos do complexo de Édipo, bem como ao tema das formalizações nos modelos, esquemas e grafos. Encontramos elementos suficientes para afirmar que há uma preocupação de Lacan quanto ao rigor e à transmissão da psicanálise na estrutura dos esquemas elaborados neste período (da década de 50 que recorta esta pesquisa) que podem ser entendidos como uma tentativa de resistência à compreensão totalizante, à aderência imaginária, à uma análise que conduza a reificação dos ideais e do eu.

Palavras-Chave: Lacan, eu ideal, ideal do eu, identificação, esquemas.

Abstract: The present research investigates the developments of Jacques Lacan on the Ideal Ego and Ego Ideal. This is a qualitative research, methodologically based on a bibliographic review of the specialized literature on Lacan's psychoanalytic developments. The clinical perspective is detrimental to the research, since it aims at contributing with refinements on the psychoanalytic listening and thinking concerning the theme of ideals. The research hypothesis is to investigate the existing relation between ideals and the constructions of models, schemes, graphs by the French psychoanalyst in the 50s. Guided by the interrogation of Lacan's program about ideals, the research focuses on the optical model, on the L, Z and R schemes, the graph of desire, the three times of the Oedipus complex, as well as the theme of formalizations in models, schemes and graphs. We found enough elements to affirm that there is Lacan's concern with rigor and transmission of psychoanalysis in the structure of the schemes elaborated in this period (from the 50's that cuts this research). Lacan resists a totalizing understanding, an imaginary adherence, and an analysis that leads to the reification of ideals and the ego.

Key words: Lacan, Ideal Ego, Ego Ideal, identification, schème

.

Résumé: La présente recherche étudie les développements de Jacques Lacan sur l'Idéal du Moi et l'Idéal du Moi. Il s'agit d'une recherche qualitative, méthodologiquement basée sur une revue bibliographique de la littérature spécialisée sur les développements psychanalytiques de Lacan. La perspective clinique est préjudiciable à la recherche, puisqu'elle vise à apporter des raffinements à l'écoute et à la réflexion psychanalytique sur le thème des idéaux. L'hypothèse de recherche est d'étudier la relation existante entre les idéaux et les constructions de modèles, de schèmes, de graphes par le psychanalyste français des années 50. Guidées par l'interrogation du programme de Lacan sur les idéaux, les recherches portent sur le modèle optique, sur les schémas L, Z et R, le graphe du désir, les trois temps du complexe d'Œdipe, ainsi que le thème des formalisations dans les modèles, schémas et graphiques. Nous avons trouvé assez d'éléments pour affirmer qu'il y a le souci de rigueur et de transmission de la psychanalyse chez Lacan dans la structure des schémas élaborés à cette époque (des années 50 qui coupent cette recherche). Lacan résiste à une compréhension totalisante, à une adhésion imaginaire et à une analyse qui conduit à la réification des idéaux et du moi.

Mots-clés: Lacan, l'Idéal du Moi, l'Idéal du Moi, identifications, schema.

Lista de figuras:

FIG. 1 - O experimento do buquê invertido conforme apresentado no Seminário 1……... 40

FIG. 2 - Experimento do buquê invertido apresentado por Lacan em seu texto Observações ao relatório de Daniel Lagache……..... 45

FIG. 3 - Esquema dos dois espelhos, Seminário 1……54

FIG. 4 - Esquema dos dois espelhos simplificado……57

FIG. 5 - Esquema simplificado dos dois espelhos……67

FIG. 6 - Experimento do buquê invertido apresentado por Lacan em seu texto Observação sobre o relatório de Daniel Lagache…….……74

FIG. 7 - Modelo apresentado em Observações ao relatório de Daniel Lagache ……..84

FIG. 8 - Esquema L, Seminário 2……91

FIG. 9 - Esquema Z……...92

FIG. 10 - O esquema R……...104

FIG. 11 - O esquema R, versão 2.....106

FIG. 12 - O esquema R, versão 3.....108

FIG. 13 - Grafo do desejo 1.....117

FIG. 14 - O grafo do desejo 2.....121

Sumário:

INTRODUÇÃO 11

I. PRIMEIRO CAPÍTULO: O MODELO ÓPTICO 19

1.1 Estádio do Espelho 20

1.1.1. Observações sobre a criança pequena 22

1.1.2. A prematuração do nascimento no homem e a função da imago 28

1.1.3. O estádio do espelho e a função de desconhecimento 30

1.2. O Experimento do buquê invertido 35

1.2.1. A óptica 37

1.2.2. O experimento do buquê invertido e o seu funcionamento 39

1.3. Esquema dos dois espelhos 47

1.3.1. Os dois narcisismos 50

1.3.2. Esquema dos dois espelhos e o seu funcionamento 53

1.3.3. Esquema simplificado dos dois espelhos. 56

1.3.4. O desejo e o Esquema simplificado dos dois espelhos. 62

1.4. Investigações dos ideais no Modelo Ótico de Lacan (1998[1960a]) 68

1.4.1. O modelo óptico e o seu funcionamento 72

1.4.2. O Outro e o espelho 78

1.4.3. Modelo que põe o funcionamento da análise 81

1.4.4. O lugar do simbólico 83

2. SEGUNDO CAPÍTULO: OS ESQUEMAS L, Z, R & O GRAFO DO DESEJO 88

2.1. Os esquemas L e Z 88

2.1.1. Das relações imaginárias e simbólicas: um traçado do L ao Z 90

2.2. O esquema R 98

2.2.1. Os três tempos do Édipo 99

2.2.2. O esquema R e o seu funcionamento 102

2.2.3. O triângulo imaginário, o triângulo simbólico e o passo das identificações 107

2.3. A assunção do Ideal do eu 112

2.4. O grafo do desejo 114

2.3.1. Grafo 1

2.3.2. O grafo: primeiro andar

3. TERCEIRO CAPÍTULO: OS ESQUEMAS, OS IDEAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS 127

3.1. Uma passagem pelos modelos, esquemas e grafos 127

3.1.1. Perspectivas sobre o modelo óptico

3.1.2. Perspectivas sobre o esquema L, R e grafo do desejo

3.1.2.1. Os esquemas e o estruturalismo: a estrutura quaternária

3.2. Os esquemas à luz da conjuntura da época 145

3.3. Os esquemas à luz dos registros 149

3.4. Os esquemas à luz do sujeito e do eu 155

3.5. Ideais, ciência e psicanálise 159

CONSIDERAÇÕES FINAIS 171

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 179

INTRODUÇÃO

> - O que você está fazendo? - perguntou minha mulher ao me ver demorar estranhamente diante do espelho. - Nada - respondi - só estou olhando aqui, dentro do meu nariz, esta narina. Quando aperto, sinto uma dorzinha. Minha mulher sorriu e disse: - Pensei que estivesse olhando para que lado ele cai. - Cai? O meu nariz? E minha mulher respondeu, placidamente: - Claro, querido. Repare bem: ele cai para a direita. Eu tinha 28 anos e sempre até então havia considerado o meu nariz, se não propriamente belo, pelo menos bastante decente, assim como todas as outras partes da minha pessoa. (PIRANDELLO, 2001[1926], p. 9)

Assim se inicia a história de Moscarda, personagem de Luigi Pirandello (1926) em seu livro *"Um, nenhum e cem mil"*. O comentário feito pela sua mulher inaugura uma narrativa cuja trajetória é marcada por interrogações. De um lado, sobre a situação do conhecimento sobre o seu corpo e a imagem de si e, de outro, as interrogações se estendem àquilo que seria a imagem dele para o outro, sobre o que ele era para o outro: "eu não sabia de nada, enquanto pensava ser um Moscarda de nariz reto, eu era para todo mundo o Moscarda de nariz torto" (*idem; ibidem*, p. 13). A história segue com inúmeras situações, em que, por exemplo, Moscarda parava para se olhar no espelho na tentativa de fazer um novo reconhecimento de si com aquele novo *traço* do nariz torto, ao mesmo tempo que fixava no seu pensamento a ideia de que não era para os outros aquilo que até agora, dentro de si, havia imaginado que fosse. Tais situações pareciam suspender a continuidade entre a imagem que se tem de si e a imagem que acredita que o outro tenha dele. O outro nessa situação, não só na narrativa de Moscarda, podemos assim dizer, se comporta *como um espelho*.

Se olhar pelo olhar do outro, imaginar que os outros viam nele alguém que não era o "eu" tal como o conhecia - alguém que só eles podiam conhecer olhando-o de fora - revela, em linhas claras, o espelho que é o outro. Ao se ver pelo olhar do outro, isto o leva a se olhar com estranheza à frente do espelho, tomando aquela imagem refletida como se fosse um estranho: "No entanto, se abrisse os olhos, eu o veria como a um outro? Quem era? Era eu? Mas também podia ser um outro!" (*idem; ibidem*, p. 29). Com efeito, o drama inicial de Moscarda reúne em torno da imagem no espelho uma série de fenômenos subjetivos, desde o reconhecimento da sua imagem no espelho até o nó em que a imagem de si se enlaça com os outros. Com isso, ele se lança numa aventura que está no porvir da narrativa, no qual o drama inicial da descoberta não só é ponto de partida, mas fio condutor do que se segue no desdobramento da história.

Apesar da experiência vivida por Moscarda ser radicalmente singular, a trama que envolve a imagem de si, como os outros me vêem, o que sou para outro, assim por diante, são questões que frequentemente escutamos, seja em nossos consultórios, nas esquinas, nas histórias e nos livros. Ou mesmo vivenciados, seja diante do espelho ou na relação com o outro, experiências corriqueiramente questionadas numa análise pessoal. O que há de emblemático no drama vivido pelo personagem é o de mostrar como há uma captura pela imagem, e que ela opera sob determinados índices, ou seja, *coordenadas* familiares, sexuais, profissionais, filiais, que o situam na norma ou na atipia, e a queda de uma certa imagem de si, experienciada no corpo, o deixa sem coordenadas e sob a questão do "que sou?".

De uma certa forma, a psicanálise sustentada por Jacques Lacan ocupou-se dessas questões, sob a rubrica do *eu ideal* e *Ideal do eu*.[1] Os ideais estão presentes na vida comandando essa posição do olhar: como me vejo, o que preciso ser para ser visto, de que lugar me vejo amável, etc. Nesta direção, destacamos aqui duas tentativas de definir o que são as identificações ideais, a primeira sendo a proposta pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek: "O 'eu ideal' designa a autoimagem idealizada do sujeito (...); [o] ideal do eu é a agência cujo olhar eu tento impressionar com minha imagem do eu, o grande Outro que me vigia e impele a dar o melhor de mim, o ideal que tento seguir e realizar" (ŽIŽEK, 2010, p. 99). Sob uma outra perspectiva, não tão divergente da primeira, é a definição proposta por Antônio Quinet: "O Ideal do eu é o ponto de onde eu me vejo amável. É por isso que o sujeito tenta se adequar aos significantes determinados pelo Outro pela via da identificação simbólica, e o eu tenta se moldar de acordo com o eu ideal, percebido como outro, através da identificação imaginária" (QUINET, 2012, p. 26).

Se essa é uma das formas de manifestação dos ideais na vida, tais identificações se ligam fundamentalmente à estrutura neurótica e aos momentos primordiais de constituição subjetiva. *Grosso modo*, o eu ideal está ligado ao tempo do estádio do espelho. Lacan parte de um fenômeno referente à criança pequena que ainda não fala, o *infans*, que põe em jogo a captura da criança pela imagem do espelho (que podemos substituir como sendo a imagem de outra criança), uma imagem fora de si que a toma como sendo ela mesma (sem distinção, como no mito de Narciso). Há um fascínio pela imagem, uma cativação, uma captura. Essa imagem, aquela do espelho, do semelhante, modelo bem-sucedido de si mesmo, é o eu ideal, formado pela imagem especular que dará unidade, uma organização ao seu eu (*moi*) - e vale

[1] Obs.: encontramos, através da literatura psicanalítica, diferentes formas de escrita para ambos os conceitos, como: Eu-ideal; Eu Ideal; e também, Ideal de Eu; Ideal do Eu; etc., que serão livremente utilizadas ao longo do texto, considerando que tais variações estão presentes em Lacan e seus comentadores, além de não comprometerem o entendimento teórico.

ressaltar que trata-se de uma imagem total, completa, antecipada ao controle efetivo dos movimentos do corpo. O eu ideal, portanto, é este modelo à imagem e semelhança do qual o eu se constitui, encarnado pelo outro na posição de eu ideal.

Se Sigmund Freud (2010[1917], p. 186) revolucionou ao situar a psicanálise enquanto uma das três duras afrontas infringidas ao narcisismo geral, o amor-próprio da humanidade, anunciando que o "eu não é o senhor da própria casa", Jacques Lacan (1901-1981) revolucionou ao instituir a ilusão na ideia de completude e totalidade do Eu, investigando as consequências da expressão do poeta Arthur Rimbaud (2006[1871]) em sua carta: "É falso dizer: "Eu penso". Devíamos dizer: "Pensam-me". Perdão pelo jogo de palavras. Eu é um outro*"*. O *eu é um outro*, para Lacan, assume o *status* do Eu em sua teoria psicanalítica, enquanto sede de alienação e inicialmente ligado ao momento de constituição psíquica que tem como disparador o estádio do espelho. O que podemos reter com relação a esse estádio é a função primária da imagem, alienante e imaginária, que escamoteia a falta e o despedaçamento originário do sujeito.

Acontece que, o que comanda a relação do sujeito com sua auto-imagem, antes mesmo de se reconhecer na imagem ideal, refere-se àquilo que no discurso antecede o sujeito, em anterioridade simbólica. Ou seja, há um campo simbólico, há um discurso que antecede a chegada da criança e marca um lugar para sua vinda, que a designa, entre outros, uma posição na linhagem (a estrutura de parentesco, por exemplo, Neto, Filho, Júnior) e as coordenadas sexuais (como por exemplo, na tradicional dicotomia anatômica entre "homem" e "mulher", assumidos enquanto significantes do discurso que enlaçam posturas específicas), cito Lacan: "pois ela que apareça hermafrodita, para ver só!" (LACAN, 1998[1960a], p. 659). Com isso temos que a montagem do eu ideal é sujeitada pelos significantes do grande Outro que já estavam lá. Esses significantes, como insígnias - significantes fora da cadeia - constituiriam o Ideal do eu, o Ideal do Outro. Esses significantes são determinantes para o sujeito, como etiquetas que determinam o "Tu és" (isto ou aquilo) e constituem o Ideal do eu para o sujeito. Vale ressaltar que o Ideal do eu tem um duplo desencadeamento: ao mesmo tempo que se trata de uma identificação ligada ao traço unário, se tratando de uma identificação simbólica e significante, ele possui um componente narcísico, ligado ao narcisismo secundário.

Portanto, temos a seguinte afirmação: no outro (semelhante) encontra-se o eu ideal, no qual se espelha sem nunca conseguir se igualar, pois ele, o eu ideal, é constituído pelos ideais do grande Outro, ou seja, pelos significantes do tecido discursivo que foram ditados e exigidos que assim o eu fosse (QUINET, 2012). Dito isto, destas identificações primordiais e captura pela imagem, Lacan tece duras críticas, como assinalamos a seguir, enfatizando o

caráter alienante, princípio do desconhecimento que se opera nas bases da estruturação psíquica. É sabido que o tema das identificações é de amplo alcance para o campo psicanalítico e que há diversos tipos de identificações debatidas no campo psicanalítico. Há por exemplo a identificação histérica, como proposto por Freud (1921) enquanto a identificação pela via do desejo (cuja referência clássica é a identificação entre as moças de um colégio de freiras); a identificação com o sintoma e as identificações sem mediação nas psicoses, como proposto por Jacques Lacan. Especificamente neste estudo, nos debruçamos sobre os aspectos concernentes às identificações ditas ideais, a saber, a identificação imaginária e simbólica, que tem como efeito a formação do eu ideal e ideal do eu, tal qual a proposta de Lacan a partir da designação freudiana destas noções[2].

Ao nos depararmos com o tema dos *ideais da pessoa*[3], temos uma dupla implicação: de um lado, operam pelas vias do recobrimento do sujeito do inconsciente pelo Outro no qual o sujeito se aliena (frequentemente no ensino de Lacan sendo relacionadas ao *desconhecimento*, ao *engano* e à *alienação*, cujo caminho de uma análise seria o da destituição subjetiva, em direção à *queda* dos ideais[4]); de outro, por serem relativos à momentos de constituição subjetiva, se ligam à estrutura neurótica de forma inexorável, sendo inclusive aquilo que no sujeito ergue os degraus da coletivização. Essa crítica aos ideais está presente ao longo de seu ensino até momentos posteriores como, por exemplo, vemos a seguir:

> [D]esde o início de meu ensino, os introduzo, a saber, que a imagem especular, a compreensão da imagem especular consiste nisto, do que estou espantado que ninguém tenha sonhado em glosar a função que lhe dou, a imagem especular é um erro. Ela não é simplesmente uma ilusão, um logro da Gestalt cativante cujo acento a agressividade tem marcado, ela é basicamente um erro, na medida em que o sujeito nela se *des-conhece*, se permitem a expressão, na medida em que a origem do eu (moi) e seu desconhecimento fundamental acham-se aqui reunidos na ortografia. E, na medida em que o sujeito se engana, ele acredita ter diante dele sua imagem. Se ele soubesse se ver, se ele soubesse, o que é a simples verdade, que só existem as

---

[2] Freud cunha estes termos em *Introdução ao Narcisismo* (1914), e em textos posteriores como em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e *Eu e o Isso* (1923). Jacques Lacan, por sua vez, desde o seu primeiro seminário, empreende esforços em retomar estes termos, inserindo-os em sua lógica dos três registros, a saber, imaginário, simbólico e real. Lacan (1957/1958), por exemplo, ressalta que ambos, o eu ideal e Ideal do eu, apesar de apresentarem sinonímias no tratamento freudiano, não são o mesmo: "O Ideal do eu não se propõe, é quase uma obviedade dizê-lo, como um eu ideal" (1957/1958, p. 300)

[3] Nos referimos aqui ao eu ideal e Ideal do eu enquanto *ideais da pessoa*, terminologia utilizada por Laplanche e Pontalis (2001, p. 224) ao referirem-se à idealização, processo psíquico pelo qual as atribuições do objeto, seu valor e qualidade, são levados ao ideal de perfeição. A identificação com o objeto idealizado implica na formação e enriquecimento das instâncias chamadas ideais da pessoa (eu ideal e ideal do eu). Este termo também foi usado por Lacan ao longo do seu texto "Observações ao relatório de Daniel Lagache" (1960).

[4] Como exemplo, a perspectiva de fim de análise tal qual a proposta em seu *Seminário 11*, em destituição subjetiva, há a destituição deste lugar em que o sujeito se vê como amável "como um eu ideal contemplado pelo ideal do eu" (DUNAND, 1997. p. 271), e isso acarretaria uma perda das referências fundamentais.

> relações mais deformadas, de alguma maneira identificáveis, entre seu lado direito e seu lado esquerdo, ele nem sonharia em identificar-se com a imagem do espelho. (LACAN, 1961/1962, p. 358)

Essa dimensão de *erro*, de *desconhecimento*, de *engano* presente na identificação com a imagem especular, ideal e exaltada, com a qual o sujeito se identifica enquanto "modelo bem-sucedido, por assim dizer, dele mesmo, com o qual se confunde e no qual se assegura de sua inteireza" (LACAN, 1956/1957, p. 301), está na gênese do esquema corporal (cuja referência é um outro na posição de eu ideal). É a identificação imaginária que está no fulcro da formação do o eu (*moi*), de forma que a estruturação da cognição do mundo estaria afetado por um componente narcísico, numa proposição radical em que a imagem do outro é a perspectiva mesma de apreensão dos objetos (SAFATLE, 2006, p. 34). Seria, então, na ilusão especular e no desconhecimento fundamental, que o eu ideal está situado, ou nas palavras de Colette Soler (2018) o "desconhecimento do não sabido que é o sujeito que fala" (SOLER, C. 2018, p. 22).

Lacan diz: *des-conhece*. No original *me-connais*: partindo de *méconnais* [desconhece] temos, seccionando a sílaba, o sentido de 'me conheço', cujo jogo de palavras se perde na tradução. Temos, então, sucessivamente: *méconnaitre, me-connaitre* - 'desconhecer', 'me conhecer'; *méconnait, me-connait* - 'desconhece', 'me conhece' (LACAN, 1998[1960b], p. 819). Sendo assim, o sujeito se des-conhece (*mé-connait*) na relação do espelho, ao tomar uma imagem outra como sendo a sua própria. O mesmo programa está presente no tratamento da identificação simbólica do ideal do eu, em sua dimensão alienante, como no trecho a seguir:

> Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade e vocês terão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, *aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu*. (LACAN, 1998[1960b], p. 822, *grifo nosso*)

Estes desenvolvimentos serão investigados em momentos ulteriores deste estudo, no entanto, o que podemos enfatizar é a tal dimensão de alienação, cuja questão Soler (2018) atribui a função de compensação às identificações ideais. Trata-se das identificações do estádio do espelho, cujo produto é o eu ideal, mas que haviam sido convocadas como *solução para a falta de unidade* - uma imagem organizadora à um corpo fragmentado; bem como as que passam pelo significante, como o ideal do eu, respondem à falta de *identidade* do sujeito (após o estádio do espelho, o sujeito sai munido de um eu ideal e, na saída do édipo, o sujeito sai munido de um ideal do eu).

Adicionalmente, na esteira da tratativa sobre os ideais, vale ressaltar que Jacques Lacan, desde o início de seu ensino, propõe ferrenhas críticas à uma análise que conduza a *reificação das identificações*, posicionando-se de maneira contundente aos desvios da psicanálise pelos pós-freudianos (FARIA, 2019; COUTINHO, 2000; SOLER, 2018; 2021; ROUDINESCO & PLON, 1998). É possível ainda sustentar que o psicanalista francês atribui à análise a tarefa de denunciar[5] as identificações, o que, nas palavras de Soler, poderia significar: "Denunciá-las é mais do que recenseá-las, é colocar em evidência seu fracasso à medida que são localizadas, ou seja, sua impotência em suturar a questão do 'que sou?'" (SOLER, 2018, p. 48). Com isso, retomamos as tensões no tratamento das identificações ideais: se a identificação é estruturante e também original, constitutiva, está nas bases da humanização, agente não só da constituição do Eu, mas também do sujeito e a aspiração ética da psicanálise ao expandir o universo da falta, aponta então não para um caminho de reificação das posições identificatórias, mas para uma destituição destas.

É neste mesmo período de seu ensino, o da década de 50, que encontramos os ideais enquanto integrantes de um funcionamento dentro de *modelos, esquemas e grafos*, nomeadamente por Lacan. Uma breve passagem sobre estes recursos dentro do ensino de Lacan e vemos os diferentes usos que a temática dos Ideais traduzem: seja no modelo óptico no *Seminário 1* (1953/1954) para dar um tratamento às questões do caso Dora (conforme será apreciado no capítulo 1), esquematizando os termos do tratamento analítico, o mesmo modelo que anos depois Lacan (1998[1960a]) situará, em um só texto, as operações dos Ideais no momento de constituição, sob a perspectiva do fim de análise, e situando o funcionamento das massas, o que recupera as considerações freudianas de *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Da mesma maneira, os ideais enquanto elemento da constituição da realidade, no esquema R, e os ideais ligados aos destinos do desejo, conforme encontramos no grafo do desejo. Há, nestas produções, as instâncias ideais grafadas em i(a), I e I(A) — respectivamente, eu ideal, ideal do Eu e Ideal do Outro — não de forma secundária, mas c*omo participante do funcionamento da estrutura em questão e dos fenômenos nos quais participam.*

---

[5] Aqui podemos incluir duas passagens nesta direção: "Os enunciados hegelianos, mesmo se nos limitarmos a sua letra, são sempre propícios a dizer Outra-coisa. Outra-coisa que corrige o lugar de síntese fantasmática, ao mesmo tempo em que conserva seus efeitos de *denunciar* as identificações em seus enganos." (LACAN, 1998[1960/64], p. 851, *grifo nosso*). E outra passagem que caminha nesse sentido: "Ora, e na via de um reforço do eu que a psicanálise de hoje pretende inscrever seus efeitos, por um contra-senso total em relação ao móvel pelo qual Freud fez o estudo do eu entrar em sua doutrina, isto é, a partir do narcisismo, e para *denunciar* nele a soma das identificações imaginárias do sujeito." (LACAN, 1998[1957], p. 456, *grifo nosso*)

Temos, portanto, por uma via, a tensão existente entre o imperativo da constituição psíquica e a dimensão alienante que está na base da temática dos ideais e, por outra, sua presença nos *modelos*, *esquemas* e *grafo do desejo* que, por sua vez, são recursos que implicam no empréstimo a outros campos, como por exemplo a física e a matemática. Interrogamos de saída se poderíamos tratá-las como vias distintas, ou se estas vias estariam conjugadas. Com isso, levantamos a questão de saber se o programa de Lacan sobre os ideais, a partir do recorte sob os eixos coextensivos a eles — ou seja, a função de desconhecimento, o ciclo alienante do desejo quando preso ao circuito imaginário e a constrição do sujeito nestas identificações — comparece ao exercício lacaniano de construção de modelos, esquemas e grafos. Tal recurso promoveria um afastamento do imaginário para alcançar o sujeito no qual a *práxis* analítica se ocupa? Os *modelos, esquemas e grafos*, dada a sua estrutura de escrita, resistiriam à aderência imaginária, à unidade, à compreensão totalizante? Isso posto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, que tem como objetivo a investigação das relações existentes entre o eu ideal [i(a)] e ideal do Eu [I] e as produções de Lacan elaboradas durante a década de 50, a fim de extrair possíveis respostas aos impasses presentes na práxis analítica, no tocante a estes temas. Para tal propósito, a pesquisa percorreu as seguintes vias:

No capítulo I, a proposta foi apresentar o ponto de partida das investigações de Lacan acerca do eu ideal e ideal do Eu, em suas considerações antes da entrada dos seminários, de forma a oferecer as bases ao leitor dos termos fundamentais que irão acompanhar os seus desenvolvimentos. Desta forma, temas como a função de desconhecimento conforme vinha sendo pensada neste período — o estádio do espelho, narcisismo, prematuração do nascimento no homem, os registros, dentre outros — são abordados quando relativos aos ideais. Neste mesmo capítulo, investigamos a construção do modelo óptico em suas etapas, cujas questões dos ideais estão neles situadas. É importante situar o leitor de que a estratégia de investigação a par e passo de tais construções não será observada nos demais esquemas deste estudo. Isso se dá pelo fato de que encontramos em cada etapa de construção do esquema óptico referências aos ideais, cujas elaborações são utilizadas nos demais esquemas.

No capítulo II, reunimos os esquemas L e Z, o esquema R e o grafo do desejo, de forma a trabalhar com as operações que os ideais participam na estrutura de cada um deles, destacando a função na constituição psíquica, a pertinência em salientar as funções de desconhecimento e as capturas imaginárias e simbólicas, sob diferentes perspectivas. Além disso, há um destaque acerca das questões clínicas que conseguimos situar nestes esquemas, e como as funções dos ideais aqui levantadas participam de sua construção.

No capítulo III, ampliamos o campo das discussões, inicialmente investigando o dissenso entre autores que se debruçam sobre este tema, principalmente quanto às matemáticas utilizadas por Lacan, as justificativas de emprego destas construções, o valor que elas assumem no seu ensino, assim por diante. Investigaremos ainda as articulações possíveis entre o ensino de Lacan, a conjuntura da época da década de 50 e os apoios a outras ciências. Além disso, o leitor encontrará, no terceiro capítulo, articulações internas aos seminários e escritos de Lacan, situando os esquemas e os ideais sob à luz de temas como os três registros, o descentramento do eu e o sujeito, de forma que pudéssemos compor uma tessitura de discussões capaz de responder à pergunta que guia este estudo.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO: O MODELO ÓPTICO

Tomamos como ponto de partida a vivência de Moscarda como destaque da complexidade que surgem em torno da imagem no espelho e dos efeitos subjetivos relativos à imagem. Sobre tais efeitos subjetivos, há um vasto alcance dentro de diversas culturas como, por exemplo, nos estudos de Otto Rank (2013) sobre "O Duplo". Rank (2013) ressalta uma série de crenças relacionadas à morte e até mesmo adivinhações futuras (*ibid.*, p. 110), como na Alemanha, quebrar um espelho representa um sinal de morte (*ibid*, p. 109); ou na França, a proibição de se olhar no espelho durante a Noite dos Reis (*ibid.*, p. 109); o autor considera ainda que "está em primeiro plano nessas ideias e crenças supersticiosas originárias do espelho, a morte e a desgraça" (*ibid.*, p. 108). Neste ponto podemos incluir o próprio Mito de Narciso, que apesar de suas diversas formas narrativas (BULFINCH, 2000), tem como centralidade a captura de Narciso pela sua própria imagem refletida.

De acordo com uma das versões do mito[6], Narciso fora amaldiçoado na condição de que um dia pudesse saber o que é o amor e não ser correspondido. Certo dia, fatigado da caça, se debruça sobre uma fonte de água e, no reflexo, vê a própria imagem refletida, então a toma como sendo de algum espírito que habitava aquelas águas. Essa imagem que toma-o, pelo menos à primeira vista, como sendo a imagem de outrem, faz com que Narciso prefigure o seu destino: "Apaixonou-se por si mesmo" (BULFINCH, 2000, p. 125). O estado de fascínio e contemplação por aquela imagem segue a impossibilidade de tê-la, afinal, ao tentar tocá-la, a imagem se desfigura. Afinal, Narciso esquece de se alimentar ou repousar, e a perda acentuada de energia e vitalidade o leva à morte.

Pretendemos, com isso, acenar para complexidade que reside nos fenômenos da imagem. Isso porque a imagem mesma reserva as possibilidades de consistir desde a ilusão de se tomar o próprio reflexo enquanto um outro, como no Mito de Narciso, e até se apresentar enquanto "eu" em uma inversão radical, enquanto "outro", na história de Moscarda. Há ainda as possibilidades de anamorfose[7] nas obras de artes, que incluem o uso de lentes especiais para a produção de uma imagem que leva em consideração a perspectiva do observador. Não obstante, é neste campo de centralidade dos fenômenos da imagem, bem como as suas

---

[6] Optamos por escolher o mito de Narciso e Eco (p. 123), conforme apresentada por Thomas Bulfinch (2000).

[7] Definição pelo dicionário de Oxford: representação de figura (objeto, cena etc.) de maneira que, quando observada frontalmente, parece distorcida ou mesmo irreconhecível, tornando-se legível quando vista de um determinado ângulo, a certa distância, ou ainda com o uso de lentes especiais ou de um espelho curvo. Disponível em: [https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/]

possibilidades de ilusão e miragem, que situamos a construção no esquema ópticos, em suas diversas aparições ao longo dos seminários e escritos de Jacques Lacan.

No modelo óptico, o psicanalista francês recorre ao campo da óptica para extrair desta disciplina o funcionamento da produção de imagens, para representar tal momento de constituição do Eu. Trata-se de um modelo fundamentado na disciplina da óptica geométrica, especificamente nos princípios que compõem a formação das imagens ópticas pela reflexão dos raios de luz em uma conjugação de espelhos.

1.1. Estádio do Espelho

Para abordarmos o alcance e funcionamento do modelo óptico aqui pretendido, de tal forma que possamos depreender a partir dele a construção das noções de eu ideal e Ideal de Eu, e a dimensão de desconhecimento que está no fulcro do eu (*moi*) e destas identificações, é preciso investigarmos, primeiramente, o que está em jogo nos desenvolvimentos lacanianos do *estádio do espelho*. De saída, já no seu primeiro Seminário está anunciado que o modelo óptico é um modelo surgido a partir do estádio do espelho (LACAN, 1953/1954, p. 103). Tal proposição se manterá até o seu escrito *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"* (1998[1960a]), onde retomará o modelo óptico para colocar "em funcionamento, na estrutura, as relações do Eu Ideal com o Ideal do Eu" (*idem*, 1998[1960a], p. 679). Tal afirmação será retomada posteriormente, apenas enfatizamos aqui a importância de remontarmos às origens do modelo para entendermos o seu funcionamento e as relações com os ideais. Cientes do amplo alcance e da densidade das considerações de Jacques Lacan sobre o estádio do espelho, que apresenta acréscimos e modificações ao longo do seu ensino, os nossos esforços estão em linha com os objetivos traçados para esta pesquisa. Com isso, esta seção visa oferecer esclarecimentos para as formulações sobre o funcionamento deste modelo óptico em 1960. Em outras palavras, o limiar deste estudo repousa sobre as coordenadas indicadas por Lacan (1998[1960a]), postas pelo trecho a seguir:

> O funcionamento desse modelo, de um lado, abarca a função de desconhecimento que nossa concepção de estádio espelho instaura como princípio da formação do Eu. Ele permite enunciá-la de uma forma que se pode dizer generalizada, ligando melhor à estrutura os efeitos da assunção da imagem especular, em que ela é eletivamente

> observada, do 6o ao 18o, baseando-os numa prematuração perceptiva inscrita numa discordância do desenvolvimento neurológico. (LACAN, 1998[1960a], p. 682)[8]

Portanto, para nos ocuparmos com os desenvolvimentos de Lacan em seu texto dos Escritos, devemos empreender um movimento *retroativo*, retornando às bases de sua construção, a fim de acompanhar e esclarecer aquilo que consta em seus desenvolvimentos posteriores. Abordaremos os principais desenvolvimentos de Lacan sobre o estádio do espelho, enfatizando a constituição do eu[9] e suas identificações que aqui nos concerne. Embora em seu texto *O estádio do espelho como formação da função do eu* (1949) condense em sucintas páginas grande parte das considerações sobre o espelho neste momento de seu ensino, as ideias presentes nele já eram amplamente discutidas em outros textos da época - tais como *Complexos Familiares (1938)*, *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) e *A agressividade em Psicanálise* (1948). Portanto, o que observamos na dissertação aqui presente é que no texto central sobre o estádio do espelho (1949), Lacan prescinde de explicações mais esclarecedoras, em partes porque já o havia feito em outras ocasiões, o que torna o texto de difícil compreensão quando trabalhado isoladamente.

Nesta seção, pretendemos oferecer um esclarecimento, bem como uma discussão, sobre aquilo que Lacan formula em 1960 sobre o funcionamento do *modelo óptico* a partir da concepção de seu *estádio do espelho* da década de 40. Temos os seguintes eixos: a) a função de desconhecimento do Eu na formação do Eu, b) os efeitos da assunção da imagem especular e c) a prematuração perceptiva. Contemplaremos estes eixos a partir do cotejamento entre os textos que abordam os desenvolvimentos sobre o "espelho" supracitados, para que, quando postos em conjunto, seja possível traçarmos uma compreensão com maior precisão e rigor sobre as noções.

Importante termos no horizonte que no ano de 1936, Lacan participa de um congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) em Marienbad a fim de realizar uma breve comunicação sobre o estádio do espelho. A sua fala foi interrompida por Ernest Jones, presidente desta Associação, e tal comunicação não fora publicada nos Anais do Congresso. Em 1949, dada sua comunicação para o Congresso Internacional de Zurique, Lacan retoma a exposição de 1936, sobre o estádio do espelho.

Ademais, se Lacan retorna a Freud para descartar as concepções vigentes de sua época de um Eu concebido enquanto unidade presente desde o nascimento, vemos em seus

---

[8] A função de desconhecimento referenciada por Lacan trata-se da "*fonction de méconnaissance*" (LACAN, In: *Écrits* , p. 675) e a formação do Eu refere-se ao *Moi*.

[9] Utilizaremos o termo "eu" enquanto uma noção geral, para nos referirmos tanto ao eu (*je*) quanto ao ego (*moi*), tema que será desenvolvido posteriormente.

primeiros escritos e seminários críticas à tal desfiguração da descoberta freudiana e à ênfase em um modelo de eu posto em tais desvios. Partindo de Freud, as investigações de Lacan sobre o Eu enquanto produto de uma operação e não como estando lá desde sempre, o leva a formular a sua concepção sobre o Estádio do Espelho. Com a sua teoria do estádio do espelho, como veremos, Lacan centraliza o Eu no circuito de identificações. Em linhas gerais, a forma do *Eu Ideal* remete às noções relativas ao tempo de *estádio do espelho*, acerca da constituição de um *eu* a partir de uma identificação; a constituição de um eu ideal introduz um segundo narcisismo, que marca a entrada na dialética social, no qual situará o seu *ideal do Eu* (LACAN, 1949).

1.1.1. *Observações sobre a criança pequena*

Para nos debruçarmos detidamente nas considerações sobre o estádio do espelho, devemos nos atentar com quais autores e campos adjacentes Lacan dialogava nesta época, fazendo uso extensivo de outras áreas do conhecimento para fazer a introdução sobre o estádio do espelho, como o recurso à etologia e à psicologia comportamental. É importante destacar que ao longo deste estudo, veremos que Lacan se apoia em diferentes campos em diferentes momentos de seu ensino. Se para a construção do modelo óptico, é evidente o apoio à óptica, à Gestalt e à etologia, vemos que posteriormente, para a construção dos demais esquemas e grafo, Lacan se apoia no estruturalismo linguístico e antropológico, na filosofia hegeliana, dentre outros.

De início, nos deteremos aos primeiros estudos sistemáticos sobre a relação da criança com o espelho e que participaram da elaboração de Lacan. Com isso, temos a pesquisa empreendida por Wallon (1934) em seus desenvolvimentos sobre a prova do espelho[10], bem como os estudos comportamentais de Charlotte Buhler[11] e Wolfgang Kohler[12] sobre as observações de crianças diante do espelho. Ao longo da seção tentaremos traçar outras correspondências entre as formulações de Lacan e o diálogo com esses autores.

Em linhas gerais, o aspecto comportamental que é eletivamente ressaltado por Lacan (1949) é o de que a criança de mais tenra idade, mesmo que ainda superada em inteligência

---

[10] O leitor encontrará uma explicação concisa sobre estudos de Wallon desde os primeiros periódicos publicados sobre o tema no livro de Bertrand Ogilvie (1988) "Lacan: a formação do conceito de sujeito".

[11] Referência às pesquisas de Charlotte Buhler sobre a psicologia do desenvolvimento, principalmente sobre o transitivismo infantil em seu texto "Formulações causalidade psíquica" (1998[1946], p. 181)

[12] Reside aqui um ponto importante. No texto de 1949 é apresentado apenas o sobrenome Kohler, para fazer alusão à experiência Aha-Erlebnis, relacionada ao ato de inteligência do bebê e aos estudos da Gestalt. Tal referência parece ser atribuída às pesquisas de Wolfgang Köhler. No entanto, em textos anteriores como o da Agressividade (1948) e o das Formulações (1946), Lacan faz alusões diretas à Elsa Köhler.

instrumental pelo chimpanzé, não obstante, “já reconhece sua imagem como tal no espelho” (LACAN, 1998[1949], p. 97). Esse reconhecimento, no entanto, se daria de forma diferente na criança e no animal. No caso do chimpanzé, por exemplo, o ato de inteligência se esgota, enquanto para a criança repercute numa série de gestos que se complexifica na medida em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu reflexo. Neste sentido, uma série de manifestações são produzidas no encontro do bebê com a sua imagem, que revela o teor de vivacidade que é experimentado pelo bebê. De acordo com Bertrand Ogilvie (1988), Lacan, diferentemente dos psicólogos que reconheceram inicialmente esse comportamento da criança, não se interessa pelo fato da criança reconhecer ou não sua imagem no espelho enquanto sua. O que é trazido à luz é o fato da criança se interessar, e continuar a se interessar, pela imagem, ou seja, o fato de que o funcionamento não se esgota, tampouco se desinteressa, mas sim que há o crescente interesse em explorar a experiência com a imagem.

Sobre essa série de gestos e condutas que se complexificam na criança[13], o que é enfatizado por Lacan é o fato de que o ato de inteligência aconteceria nos bebês a partir do 6o mês até o 18o mês, e que as repetições que a sucedem podem ser observadas num aspecto cativante do bebê que, quando diante do espelho, empreende esforços a fim de superar os seus entraves artificiais de apoio numa "azáfama jubilatória", na tentativa de buscar sua imagem no espelho, em busca de fixá-lo num aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1998[1949], p. 96). Esta seria então a marca da subjetividade que, para Lacan, esses sinais de jubilação e o ludismo, portanto, demonstram o fenômeno de reconhecimento que implica a subjetividade e caracterizam o encontro da criança com sua imagem (LACAN, 1998[1948], p. 114-115). Esse comportamento da criança diante do espelho, a assunção da imagem, acompanhada pela "azáfama jubilatória", quando contrastados com o comportamento do chimpanzé, revelam esse fenômeno específico da captação identificatória pela imagem no homem.

Com isso, podemos entender que Lacan produz uma teoria radicalmente nova quando comparada a tais estudos da psicologia que se refere. Mais ainda, “a experiência psicanalítica poderia oferecer uma leitura que integre a relação subjetiva a essas observações” (LACAN,

---

[13] Lacan atribui relevância às observações descritas por Baldwin. Um fato levantado por Ogilvie (1988, pp. 118) é o de que Lacan não faz referência alguma a Wallon no texto de 1949, e faz uma “falsa referência a Baldwin”. Frisamos aqui a nota complementar sobre este fato: “atribui a Baldwin uma periodização aproximativa que pertence, de fato, a Darwin.” e mais “ (...) pela falsa referência a Baldwin, ele passa por cima de Wallon, mas se refere ainda assim ao autor de *Origem das espécies* sublinhando implicitamente aquilo que Wallon não enfatizara: Baldwin, ativo popularizador da obra de Darwin na França, ressaltava principalmente seu interesse pelas “ciências morais” (psicologia, sociologia) e seu antifinalismo (OGILVIE, B. 1988, p. 106)

1998[1948], p. 114). O que podemos depreender sobre tal ênfase no comportamento da criança quando diante da sua imagem no espelho é, na verdade, a ênfase nas manifestações da própria criança, que encontra certa correspondência entre seus gestos e movimentos, entre aquilo que se passa no espelho e entre aquilo que ela realiza. Essa experimentação da criança é que parece ser a ênfase atribuída. Tal concepção é situada por Ogilvie (1988) quando nos diz "esta atividade interessa a Lacan menos por aquilo que ela *lhe* ensina, do que pelos efeitos que produz sobre a estruturação da própria criança" (OGILVIE, 1988, p. 109, *grifos nossos*). Ainda segundo o autor, o que de fato Lacan "se interessa pelo momento em que ela começa, quando a criança ainda não *sabe*, mas procura saber, e mais precisamente pelos *efeitos* produzidos nela pelo fato de se buscar numa imagem" (*Ibidem*, p. 109. *grifos nossos*). Esta posição, que situa a ênfase nos efeitos produzidos nela ao se procurar numa imagem, e menos pela atividade em si, difere daquilo que os psicólogos apreendem das observações da criança diante do espelho.

Com isso, o comportamento da criança diante da imagem no espelho é fonte de interrogações para Lacan. No entanto, entendemos o "espelho" aqui como um termo amplo o suficiente para que contemple comportamentos que correspondam tal qual o papel desempenhado pelo espelho. Tais comportamentos estão presentes, segundo Lacan, nas pesquisas de Buhler[14], observações estas que partem do comportamento da criança em suas brincadeiras, com os seus semelhantes, que a autora reconheceria enquanto o *transitivismo:* "sob a forma cativante de uma verdadeira captação pela imagem do outro" (LACAN, 1998[1946], p. 182). Estes comportamentos dominam significativamente um certo período da vida - apesar de nunca se eliminar por completo-, que marca "a fase primordial em que a criança adquire essa consciência de seu indivíduo que sua linguagem traduz, vocês sabem, na terceira pessoa antes de fazê-lo na primeira" (*ibidem*, p. 182).

Esta fase situaria na primeira infância, privilegiadamente entre os 6o mês e o 18o. Dentre as manifestações pelo transitivismo ressaltadas por Lacan (1948) estão: a criança que bate diz que bateram nela ao bater em outra criança, ou então, a criança que vê a outra cair e ela chora, e assim por diante. Confundem-se os momentos em que a criança se abstém de si e o momento que situa no outro e, mais uma vez, notamos a indiferenciação, ou então: "a experiência de si próprio na criança de tenra idade, na medida em que ela se refere a seu semelhante, desenvolve-se a partir de uma situação vivida como indiferenciada" (LACAN,

[14] A referência utilizada por Lacan corresponde ao seguinte escrito: Soziologischen psychologische studien uber das erste lebensjahr, Iena, Gustav Fischer, 1927. Neste escrito consta uma série de estudos sobre o comportamento da criança pequena, incluindo comportamentos sociais. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/214289

1998[1948], p. 115). Por isso, Lacan nos diz que não se trata de uma *Einfuhlung*, empatia, mas sim, se tratando de uma indiferenciação própria do transitivismo. Do mesmo modo, confundem-se os dois momentos em que o sujeito nega a si mesmo e acusa o outro, o que revela justamente a "estrutura paranóica do *eu*" (LACAN, 1998[1948], p. 117).

A correspondência que Lacan traça entre essa gama de atividades e a estrutura paranóica do *eu*, reenvia tais noções àquilo que designa como *conhecimento paranóico***.** Apesar de se tratar de um tema importante, principalmente neste período de Lacan desde a sua *Tese* de 1932, intitulada "*Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*", em que empreendeu esforços de estudos sobre a psicose, não pretendemos nos aprofundar nesta noção. De forma breve, Boni (2010) afirma que a noção de conhecimento paranóico e o estádio do espelho se dão: "ao que se refere sobre a concepção de conhecimento paranóico e o conceito de identificação é que tal operação se realiza por um objeto externo ao próprio sujeito, ou seja, sua imagem refletida no espelho" (BONI, 2010, p. 93). Acrescentamos a esta afirmação que, em seus estudos sobre as psicoses paranóicas, Lacan (1946) enfatiza que em suas observações, não conseguia situar com exatidão aquilo que era dito pela sua paciente, como datas e locais precisos. Ele designou esses dizeres como ilusões de memórias, objetivações imaginárias, intuições e ressentimentos convincentes enquanto relacionadas ao momento fecundo de delírio tomado em seu conjunto. A partir dessas observações, ele nos diz: "admiti que esses fenômenos se dão primitivamente como reminiscências, iterações, séries, jogos de espelho, sem que seu próprio dado possa ser situado pelo sujeito, no espaço e no tempo objetivos, de maneira mais exata do que ele consegue situar seus sonhos" (LACAN, 1998[1946], p. 185). Podemos depreender disso que há uma suspensão entre aquilo que se passa na exterioridade aos moldes da factualidade e das reações orgânicas e eventos externos, de forma que se aproxima, como ele nos diz, "de uma análise estrutural de um espaço e um tempo imaginários e de suas conexões" (*idem; bidem,* p. 185). Portanto, o conhecimento paranóico pode ser entendido como uma estrutura em conexão, em rede, cuja montagem nos revela conexões de um espaço-tempo imaginários.

Quando Lacan (1949) insere essas atividades da criança na esteira do conhecimento paranóico, ele situa justamente no sentido da pesquisa da criança um duplo apontamento: nos revela de um lado um dinamismo libidinal, mas também uma estrutura ontológica do mundo. Dito isto, retomando a estrutura paranóica do eu supracitada e a confusão dos dois momentos nega a si mesmo e acusa o outro, podemos situar que não há um reconhecimento da autoria da ação, porque tampouco haveria uma descontinuidade entre o eu e o outro. Uma outra manifestação que revela tal dinamismo é o ciúme primordial, amplamente citado por Lacan.

Mesmo em *Complexos familiares* (1938) quando dá um tratamento detido àquilo que situa como *Complexo Intrusivo* para o que seria a situação do irmão na estrutura familiar, Lacan já se refere ao ciúme primordial não só enquanto uma rivalidade, mas enquanto uma identificação (*ibidem*, p. 28). Destacado o seu papel na gênese da sociabilidade, o ciúme infantil manifesta-se muito primitivamente na vida da criança, e neste sentido Lacan ressalta uma observação de Santo Agostinho em que diz: "Vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e já contemplava, pálida, e com uma expressão amarga, seu irmão de leite" (SANTO AGOSTINHO apud LACAN, 1998[1948], p. 117). Em tal cena, nos sugere Lacan, há uma identificação posta na estrutura familiar que, inclusive, se dá pela semelhança de idade entre as crianças.

Na gama de identificações, que podemos considerar como fulcro do eu, situam-se uma série de possibilidades, que participam da constituição do eu. Ou então: "numa identificação com o outro que ela vive toda gama de reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor." (LACAN, 1998[1948], p.116). Sobre isso, Lacan (1938) apresenta uma cena em que uma criança que se oferece como espetáculo e uma outra que a acompanha com o olhar. Então, ele interroga:, "qual das duas é mais espectadora?" (*idem; ibidem*, 1938, p. 29); ou então: "Finalmente, a criança que se deleita com as provas da dominação que exerce e daquela que se compraz em se submeter a elas, perguntemo-nos: qual está mais escravizada?" (*idem; ibidem*, p. 29)

Tal relação com a imagem do semelhante, presente no momento de constituição, reserva uma cadeia de funcionamento que pode vir a se presentificar nas relações futuras com os semelhantes. O que nos atentamos é que, ao mesmo tempo em que tal disposição psíquica pode vir a ser problemática ao longo da vida do sujeito, gerando por exemplo sofrimento, esse momento se revela como fundamental quando se trata da constituição do eu. Seguimos com uma apreciação de como se dá essa unificação com a imagem do outro, bem como o seu porque, adiantamos que quando Lacan nos diz, retomando o poema de Rimbaud: "o eu é um outro" (1948). É também nesta frase que se situa a ambivalência entre "amor e ódio", na agressividade constituinte. Em outras palavras, podemos nos referir, numa inversão radical, porque a tensão agressiva reside na relação com o semelhante, cuja lógica Eidelsztein (2010) se refere enquanto pautada no "ou eu ou o outro", que, segundo ele, muito bem designa a expressão hegeliana "luta e morte por puro prestígio" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 36).

Neste sentido, no campo entre as relações do eu e o semelhante, Antônio Quinet (2013) nos diz que o que Freud revela "enquanto eu-ideal, modelo à imagem e à semelhança

do qual o eu se constitui, é encarnado pelo outro-ideal que o neurótico sempre encontra entre seus camaradas" (QUINET, 2013, p. 90). Apesar de ainda nesta seção apresentarmos acerca do que seria o eu ideal neste momento de seu ensino, podemos situá-lo como a primeira identificação que surge a partir da operação do estádio do espelho. Por isso, Quinet (2013) situa o eu ideal como essa identificação ao semelhante em sua imagem, que muito embora não se reduza a tal concepção, manifesta-se nas relações com o outro que é igual e rival. Por ora, nos interessa aproveitar a ênfase dada pelo autor para compor as afirmações de Eidelsztein (2010) supracitadas, isso porque o "eu e o outro entram numa luta pelo reconhecimento mútuo e recíproco; trata-se numa luta para ver quem tem mais prestígio do que o outro, e para tal é necessário que se reconheça no outro" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 10). Ainda segundo Quinet, esse outro, intruso mas apresentado como semelhante, é experimentado como aquele que invade o que é do eu, por exemplo competindo pelo mesmo lugar. Entra assim a luta e morte por puro prestígio, em que, segundo ele, "essa luta travada no âmbito do narcisismo em que um quer ser reconhecido como um eu (ego) pelo outro" (*idem; ibid*., p. 10).

O que foi dito até aqui revela a extensão dessa dimensão cativante da imagem de si e do outro - como Lacan nos diz, é indiferenciada-, registra que é neste outro que o sujeito se experimenta no princípio e que a imagem do outro tem valor cativante para o sujeito. Por isso o estádio do espelho pode ser compreendido como "este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com o outro" (OLGIVIE, 1988, p. 112). Com isso, como é observável no comportamento da criança, temos a notícia de que, como Lacan considera, "formaria assim um complexo virtual com a realidade que ele reduplica" (LACAN, 1998[1949], p. 96)

Inúmeras observações sustentam tal consideração, seja quando notamos que as interações entre eles é marcada por gestos de ações em que um acompanha o esforço imperfeito do gesto do outro, num certo mimetismo, e que se aplica em um outro plano, justamente àquele da captação especular, e que Lacan ressalta: "mais ainda, eu mesmo creio ter conseguido destacar que a criança, nessas ocasiões, antecipa no plano mental a conquista da unidade funcional do seu próprio corpo, ainda inacabado, nesse momento, no plano da motricidade voluntária**."** (LACAN, 1998[1948], p. 115). Ou então, nessa trama que a criança experimenta, tece-se, no plano psíquico, a operação de uma captação especular, que não está em conformidade com o real domínio do próprio corpo. Esta operação se insere naquilo que designamos como *estádio do espelho*.

1.1.2. *A prematuração do nascimento no homem e a função da imago*

Seguimos no esforço de sustentar as bases operantes presentes no estádio do espelho, bem como os seus termos fundamentais. Consideramos imprescindível acompanhar o movimento do pensamento de Lacan e a progressão do seu ensino que o levará à construção do primeiro modelo. Adicionalmente, observamos que essas modalidades essenciais, salvo certas mudanças de ênfase em seu ensino - como podemos ver no uso da noção de *imago*, que deixa de ter centralidade, por exemplo -, seguem conforme avança em seu ensino. Dito isto, um outro destaque é ao da referência designada por ele enquanto "prematuração do nascimento no homem" (LACAN, 1998[1946], p. 187).

Vejamos que tal designação, além de ser importante para compreendermos o que está em jogo no estádio do espelho, os efeitos da prematuração são condições facilitadoras e predisponentes para abertura dos campos de identificação do Édipo, dada a dependência absoluta do bebê humano aos cuidados de outrem, conforme veremos presentificado no esquema R. Trata-se da especificidade do período dos primeiros seis meses, que corresponde à falta de coordenação motora e equilibradora do bebê, à incompletude funcional, ao "atraso" do desenvolvimento do neuro-eixo e ao descontrole dos movimentos corporais, que, inclusive, obrigam que seu próprio alimento seja preparado. Além disso, Lacan refere-se juntamente a este "atraso" do desenvolvimento, uma a maturação precoce da percepção visual, que adquire seu valor de antecipação funcional. Em outras palavras:

> [H]á, de um lado, uma acentuada prevalência da estrutura visual no reconhecimento muito precoce na forma humana, e de outro, probabilidades de identificação com essa forma, que irá constituir no homem o "nó imaginário", que a psicanálise designou como narcisismo (LACAN, 1998[1946], p. 187).

Neste ponto, Eidelsztein (2018) designa que isso que Lacan denomina de "prematuração do nascimento", Freud designa como sendo *Hilflosigkeit*, o desamparo infantil, e Bolk denomina enquanto "fetalização"[15]. Justamente por esse fenômeno antecipatório, que o autor designa como sendo de *discordância temporal* - de atraso e de antecipação - oculta-se, por meio da identificação com a imagem unificada, o fato de que não se consegue dominar os

---

[15] Bolk fora citado pelo próprio Lacan (referência: 1998[1946], p. 187 e 1998[1949], p. 100) "A prematuração específica do homem": noção de inacabamento anatômico do sistema piramidal, resíduos humorais do organismo materno, falta de coordenação motora dos meses neonatais. Para Lacan, encontra esse dado reconhecido como tal "pelos embriologistas através do termo fetalização para determinar a prevalência dos chamados aparelhos superiores do neuroeixo e, em especial, desse córtex que as intervenções psicocirúrgicas nos levarão a conceber como o espelho intra-orgânico" (LACAN, 1998[1949], p. 100).

movimentos do próprio corpo. Ele nos diz: "a imagem do semelhante funciona como *imago* salvadora diante da impotência biológica" (EIDELSZTEIN, 2018, p. 36, *grifos nossos*)

Cabe-nos interrogar, aqui, como a *imago* é capaz de oferecer efeitos tais como estes formadores para a constituição psíquica. Para entender tal lógica, faremos uma breve apreciação do que entendemos enquanto *imago* neste momento de seu ensino. Por ora, neste momento de constituição do eu, Lacan situa a imagem do semelhante ou a imagem no espelho enquanto valor formativo do eu. Porque essa espécie de transição entre a experiência de um corpo fragmentado, ou então, de um corpo despedaçado (LACAN, 1948) para um corpo unificado se dá a partir da assunção da *imago do corpo próprio*[16]. Ou então, assunção de uma imagem de corpo unificado que organiza a experiência corporal. Tal assunção antecipa a maturação corporal, o domínio dos movimentos, a efetividade do controle corporal.

Christian Dunker (2013), neste sentido, nos esclarece:

> Lacan entende que se trataria neste momento da constituição do eu, podendo o espelho ser substituído pela imagem do semelhante que respondesse à imagem da criança, de forma sincronizada. O eu se formaria a partir de um conjunto original fragmentado de imagens. A própria realidade desintegrada da experiência infantil em termos cognitivos, motor e perceptivos encontra sua unificação a partir da imagem do semelhante. A este elemento organizador, Lacan, retomando uma expressão freudiana, dá o nome de imago. (DUNKER, 2013, p. 106)

Vale lembrar que a noção de imago neste período do ensino de Lacan possuía centralidade nas suas elaborações. Lacan (1938) se refere ao termo *imago* enquanto representação inconsciente, de acordo com a definição de Sigmund Freud. Essa definição de *imago* se aproxima da noção de formação de traço psíquico, aos moldes de uma organização do mundo cuja centralidade se dá em torno de inscrições subjetivas. Com isso, destacamos a relevância e extensão da imago para o curso das investigações de Lacan neste período, e encontramos nas linhas de Ogilvie (1988) um esclarecimento importante do valor atribuído à *imago*: "a imagem não é um instrumento: ela é esta *imago* na qual os latinos entendiam primeiramente a estátua, a imitação, o retrato do ancestral e depois o espectro, a aparição. O que vale dizer que ela está investida de desejo, mais do que de objetividade" (OGILVIE, 1988, p. 117). Por essa via, é importante situar que Lacan (1946), refere-se à causalidade psíquica como a identificação e a *imago* seria a forma que tem por finalidade realizar a identificação. Vejamos:

---

[16] A expressão "imagem do corpo próprio" tem a sua correspondência com as pesquisas de Jean Lhermitte (1998), neurologista francês, cujo livro, Lacan comenta: "reunía os achados de uma atenção retida durante muito tempo pela singularidade e autonomia da imago do corpo próprio". (LACAN, 1998[1946], p. 186)

> Funda-a uma forma de causalidade que é a própria causalidade psíquica - a identificação, que é um fenômeno irredutível - e a imago é a forma definível, no complexo espaço-temporal imaginário, que tem por função realizar a identificação resolutiva de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante" (LACAN, 1998[1946], p. 189).

Temos, portanto, a cadeia imago-identificação-relações do indivíduo com o seu semelhante. Junto a tais considerações, a noção de *Gestalt* vem a compor a discussão, ou, como Lacan nos diz "a Gestalttheorie e a fenomenologia também tem seu papel no dossiê dessa imagem" (LACAN, 1998[1946], p. 187). Essa noção de Gestalt, inclusive, irá acompanhar os desenvolvimentos sobre os dois narcisismos em seu *Seminário 1*, bem como a construção do Modelo Óptico. Portanto, desde já, esclarecemos que Ogilvie (1988) atribui o empréstimo à fenomenologia principalmente à obra de Merleau-Ponty e o conceito de Forma (Gestalt). Inclusive, são os *fenômenos da imagem* e suas possibilidades de efeitos de ilusão, que, inclusive, permitem a assunção da imago do corpo próprio, e que no homem produz sua especificidade. Portanto, enfatizamos em conjunto com Ogilvie (1988) que a "pregnância da imagem" é o destaque de Lacan em seu uso da Gestalt.

Com o que foi dito até aqui, ressaltamos que na relação com a prematuração do nascimento no homem, há uma especificidade quanto à discordância temporal, e acrescentamos que Lacan (1998[1946], p. 187) considera que tal prematuração sugere ainda uma acentuada prevalência da estrutura visual no reconhecimento muito precoce da forma humana. Ou então, de acordo com Lacan, o "atraso" no desenvolvimento é acompanhado pelo desenvolvimento precoce do aparelho visual no homem, em que a antecipa-se a percepção visual. Haveria, assim, disposição para uma identificação com essa forma humana. Vale ressaltar que Lacan utiliza a expressão "probabilidades de identificação com essa forma" (LACAN, 1998[1946], p. 187); isso porque àquilo que o sujeito se identifica, não está dado de forma determinada, o agenciamento é sempre probabilístico, ou então, é sempre uma possibilidade. Outrossim, a esse momento de assunção da imagem especular, ou seja, de identificação, que Lacan designa como sendo o *estádio do espelho* que Lacan.

1.1.3. *O estádio do espelho e a função de desconhecimento*

O que foi abordado até aqui neste estudo oferece as bases de compreensão para a concepção de estádio do espelho, que seguirá presente não só no funcionamento do modelo óptico, mas também no esquema L e Z, no esquema R e no grafo do desejo. Veremos, ao longo desta pesquisa, as consequências do estádio do espelho no complexo funcionamento do

psiquismo, mas destacamos conforme o nosso interesse, a dimensão fundamental de alienação e desconhecimento enfatizada por Lacan desde o início, dimensão inaugurada pelo estádio do espelho, reiterada no complexo de édipo, presente na fala e linguagem e nas vicissitudes do desejo. Em conformidade com a nossa hipótese, o eu ideal e ideal do eu, no funcionamento da estrutura, seriam agentes destas dimensões ao longo da vida dos sujeitos e isso seria colocado em evidência por Lacan em suas formalizações[17].

O ponto de partida da noção de estádio do espelho está em linha com as considerações de Freud (1914) sobre o narcisismo e a formação do eu. Para ele, o eu não está lá desde o começo, o eu *tem de ser desenvolvido*; para tanto, uma *nova ação psíquica* deve ser adicionada ao autoerotismo a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914, p. 186). Não pretendemos aqui explorar detidamente tais noções freudianas, tampouco o retorno que Lacan faz ao pensamento de Freud. Gostaríamos de situar, contudo, que as elaborações sobre o estádio do espelho resolvem, ao menos em parte, a questão psicanalítica de como se dá a constituição do eu. O estádio do espelho viria então para "elucidar este obscuro narcisismo primário" (OGILVIE, 1988, pp. 101), cujo processo, ao mesmo tempo em que tem como produto um eu-primordial, como veremos, introduz um segundo narcisismo - conforme as designações de Lacan nos textos preliminares aos seus seminários.

Sobre o estádio do espelho, Lacan nos diz:

> Basta entender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo imago. (LACAN, 1998[1949], p. 97)

Portanto, o que Lacan designa como estádio do espelho, é indispensável que o entendamos enquanto uma *identificação*. Indo mais além, o estádio do espelho "tem o interesse de manifestar o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica com a *Gestalt* visual de seu próprio corpo" (LACAN, 1998[1948], p. 116). Essa Gestalt visual de seu próprio corpo, ou então, essa *imago do corpo próprio* na qual o sujeito se identifica, se

---

[17] A partir deste momento da pesquisa, o leitor encontrará a palavra 'formalização' como substitutivo do conjunto dos termos modelos, esquemas, grafos. Primeiro, Lacan com frequência utiliza-se do termo esquema para se referir ao modelo óptico, o que faz destas designações apenas convenções; segundo, ao mesmo tempo que trabalharemos com os termos isoladamente -modelo óptico, esquema L e etc -, trabalharemos com o conjunto delas, sem contudo homogeneizá-las. Além de formalizações, o leitor encontrará termos como 'produções', 'esquemas', com a mesma designação. Com isso, não pretendemos esmiuçar detalhadamente o debate se seriam ou não formalizações - termo frequentemente referido ao matema, por exemplo - ou mesmo o que é formalizar, caminho no qual seria possível um desenvolvimento de uma outra pesquisa inteira a partir deste eixo.

transforma ao assumir, ela é nada menos do que uma unidade ideal, antecipatória em relação à descoordenação ainda muito profunda de sua própria motricidade, em tal prematuração fisiológica. É ainda a captação pela imago que dará as coordenadas do comportamento da criança com o seu semelhante, todo o estilo do seu comportamento, justamente porque a imagem antecipa e oferece as marcas do que posteriormente será adquirido (LACAN, 1998[1948]).

A relação entre *identificação* e *imago*, como dissemos alhures, é amplamente discutida por Lacan. Inclusive, porque na história do sujeito há uma seriação de *identificações ideais*, que revelam a função da imago (LACAN, 1998[1946], p. 179). No entanto, esse momento do *estádio do espelho* revela em sua função *um caso particular da função da imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade: do *Innenwelt* com o *Umwelt* (LACAN, 1998[1949], p. 100). De acordo com Christian Dunker esses dois termos são derivados dos estudos do biólogo estoniano Jakob Von Uexkull (DUNKER, 2013, p. 107). Em linhas gerais, Innenwelt refere-se à ideia de um espaço de vida, onde cada organismo capta, filtra ou antecipa apenas aquilo que já faz parte do seu ciclo funcional, enquanto Umwelt refere-se ao mundo compartilhado. Não obstante, há o que poderíamos designar como uma passagem, em que o *Innenwelt* se rompe e projeta para o *Umwelt* (LACAN, 1998[1949], p. 100). Neste sentido, Dunker (2013) considera que o surgimento do eu se dá no espaço em que há um fracasso na ligação ou sobreposição do Innenwelt e o Umwelt (DUNKER, 2013, p. 107). Tal transformação que decorre da identificação à *imago* é situada por Lacan nos seguintes termos:

> [a] assunção jubilatória da imagem especular pelo ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote de homem nesse estádio de *infans* parece-nos desde então manifestar numa situação exemplar a matriz simbólica em que o *[eu]* se precipita numa forma primordial, antes que ele se objetive na dialética das identificações com o outro e que a linguagem lhe restitua no universal sua função de sujeito (LACAN, 1998[1949], p. 97).

Neste sentido, Ogilvie (1988) nos convoca a atribuir o termo "precipita" à sua dimensão química. Ou então, "o sujeito é um tal precipitado que não preexiste a si mesmo" (OGILVIE, 1988, p. 113). Podemos depreender disso que o sujeito se precipita numa forma primordial, anterior mesmo à entrada na dialética social. Mais ainda, está presente aí a matriz simbólica, manifestada pela assunção *jubilatória* da imagem especular - que acompanha um ludismo, um regozijo típico do encontro do bebê com sua imagem no espelho - mesmo antes da entrada na dialética social. Essa *forma primordial*, Lacan chamará como "[*eu*]-ideal"

(1998[1949], p. 97). É interessante notar que este *eu* se trata do francês *je* e não do *moi,* conforme distinção a ser discutida adiante neste estudo, no entanto, conseguimos observar o ponto de partida que inaugura uma série de desenvolvimentos teóricos de Lacan neste período, com ênfase na constituição do sujeito e do eu e as suas distinções. Com isso, "o eu [*je*] se precipita numa forma ideal", designada enquanto *je*-ideal, o eu-ideal. Essa forma precipitada, essa forma primordial, esse [*eu*]-ideal, é, ao mesmo tempo em que antecede a sua determinação social, também inaugura o campo para as identificações secundárias (LACAN, 1998[1949], p. 97). Essa forma primordial, nos diz Lacan (1998[1949], p. 98) "situa a instância do eu numa linha de ficção"; numa *linha de ficção*, porque, de um lado, tal condição é dada ao indivíduo isolado, que marca uma trajetória inaugural de lançamentos que estão por vir na história do indivíduo, de outro, porque essa condição é a marca que acompanhará todo o devir do sujeito, na entrada na dialética da identificação com o outro. Há, portanto, uma discordância entre o eu e sua própria realidade dada pelo momento inauguração de constituição. Tal discordância, contudo, não se trata de uma condição a ser superada, mas uma condição insuperável. É o que Lacan quer dizer com a marca da "condição de [*eu*], sua discordância de sua própria realidade" (*idem, ibid.,* p. 98).

Isso porque, em partes, a forma primordial do corpo, a partir da assunção da *imago do corpo próprio*, forma que confere unidade e totalidade antecipatória, só lhe é dada como miragem, como *Gestalt*. Lhe é conferida de tal forma que comporta a ilusão, enquanto quimera, "numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída" (*idem, ibid.,* 1998[1949], p. 98). Antes de estabelecer uma relação entre sujeito e exterioridade, não se trata de estabelecer o primeiro enquanto efeito do segundo. Mas, no sentido de que o sujeito se percebe, num primeiro momento, apenas no exterior dele. Nisso há uma dupla implicação:

> [Em] que ao mesmo tempo em que marca a permanência mental do [*eu*], prefigura sua destinação alienante, prenhe de correspondências que unem o [*eu*] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumar, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação (LACAN, 1998[1949], p. 98).

Essas marcações são frequentes, enquanto "destinação alienante", até mesmo se referindo à forma primordial "ortopédica" (*idem, ibid.,* p. 100) e enquanto "armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental" (*idem, ibid.,* p. 100). Em outras palavras, a partir da captura da identificação especular do *estádio do espelho*, o sujeito é projetado em seu devir, podendo

participar das sínteses dialéticas, entretanto, com as marcas de sua prefiguração alienante. A operação do estádio do espelho marca a disposição do eu em sua pregnância do outro. Marca também a passagem de um corpo fragmentado para uma imagem unificada, oferecendo uma organização artificial do corpo, cujo processo culmina na formação do eu ideal.

Na esteira de tais fundamentos, está a *função do desconhecimento* que o *estádio do espelho* inaugura na formação do Eu. Já no início do texto de 1949 encontramos as coordenadas na qual situará a função do estádio do espelho: "experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia oriunda do *Cogito*" (LACAN, 1998[1949], p. 96). Segundo Ogilvie (1988), esta observação tem em vista a filosofia de Jean-Paul Sartre, "que continua presa aos limites da 'ilusão de autonomia', alimentada pelo eu com relação à consciência mesmo que ela coloque a ideia do nada no centro de suas reflexões" (OGILVIE, 1988, p. 107). Com isso, revela-se assim o esforço de Lacan em refutar as compreensões de um *eu* autônomo para a psicanálise.

Uma das dimensões - dentre as diversas que ressaltaremos durante este estudo - da função de desconhecimento [*fonction de méconnaissance*] o que está em jogo não é *saber* ou *não saber*, mas sim o *não querer saber nada disso*. Tal perspectiva remete às noções próprias de Freud (1925) e suas atribuições acerca do Eu a partir de sua segunda tópica. Para Lacan (1948), em sua apropriação das considerações freudianas deste período, que por sua vez se afasta da compreensão freudiana em sua metapsicologia e parte para compreensão mais orientada pela via *fenomenológica*, atribuindo ao *eu (moi)* a essência de *Verneinung*:

> Caracterizo essa instância aqui, não pela construção teórica que dela fornece Freud em sua metapsicologia, como sistema *percepção-consciência*, mas pela essência fenomenológica que ele reconheceu como sendo a sua essência mais constante na experiência, sob aspecto da *Verneinung* e cujos dados ele nos recomenda apreciar no índice mais geral de uma inversão precedente ao juízo. Em suma, designamos no *eu* o núcleo dado à consciência, mas opaco à reflexão, marcado por todas as ambiguidades que, da complacência à má fé, estruturam no sujeito humano a vivência passional; esse [*eu*] que, por confessar seu artificialismo à crítica existencial, opõe sua irredutível inércia de pretensões e desconhecimento à problemática concreta da realização do sujeito. (LACAN, 1998[1948], p. 111).

Essa apreciação nos leva aos desenvolvimentos de Freud no texto *A negação* (1925/2016), como quando no trabalho psicanalítico escutamos a seguinte afirmação: "O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe *não* é." E, logo, podemos escutar: portanto, é a mãe (FREUD, 1925/2016, p. 141). De forma breve, se deixamos de fora a essência

da metapsicologia freudiana no que concerne a negação[18], nos deparamos com o fato de que a negação demonstra que não há nenhum "não" vindo do inconsciente (e sim do ego) e que o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se expressa numa fórmula negativa (FREUD, 1925/2016). Fica claro assim a essência fenomenológica na qual Lacan se refere: a essência de desconhecimento, de pretensão. Em linhas claras, relembremos aqui a referência de Freud quando nos diz que não existiria prova mais contundente da bem-sucedida descoberta do inconsciente do que quando o analisando reage com a frase "Não foi isso que pensei" ou "Nisso eu não pensei (nunca)" (FREUD, 1925/2016, p. 146).

Portanto, o fenômeno do eu no sujeito é, desde a experiência freudiana, o fenômeno da *Verneinung.* Fenômeno típico de desconhecimento, ressaltando que "não se trata de um desmentido de pertencimento, mas de uma negação formal (...) sob a forma invertida em que insistimos, forma cuja expressão mais habitual - Não vá pensar que.... - já nos fornece essa relação profunda com o outro como tal" (LACAN, 1998[1946], p. 181). Sendo assim, esse momento inaugural de constituição tem caráter antecipatório, que dá as coordenadas para o devir do sujeito em sua dialética social, já marcado pela "linha de ficção", "destinação alienante", "mundo de sua fabricação".

1.2. O experimento do buquê invertido

> O cuidado que temos com a apresentação desse aparelho tem por finalidade dar consistência à montagem com que iremos completá-lo, para lhe permitir funcionar como modelo teórico. (LACAN, 1960, p. 680)

---

[18] Para Freud, uma determinada representação pode chegar até a consciência, sob a condição de que seu conteúdo lhe seja negado. A negação seria então uma maneira de tomar conhecimento do recalcamento, entretanto, não seria uma admissão do recalcado. Esse processo evidenciaria uma separação da função intelectual e o processo afetivo resultando assim numa espécie de admissão intelectual do recalcado, com manutenção essencial do recalcamento. A função intelectual do juízo teria duas decisões a tomar: ela deve atribuir ou desatribuir uma qualidade a uma coisa, e ela deve aceitar ou contestar a existência de uma representação na realidade. A primeira decisão diria respeito a definição se tal qualidade é boa ou má, útil ou nociva, e teria suas bases no quadro pulsional em que o Eu-prazer originário quer introjetar-se tudo o que é bom e jogar fora tudo o que é mau; a segunda decisão diz respeito ao julgamento da existência real de uma coisa representada, ou então, deve-se julgar se algo presente no Eu como representação também pode ser reencontrado na percepção (realidade) e essa ação estaria ligada ao Eu-real. Portanto, a função intelectual está assentada na dimensão pulsional, e diante disso o julgar seria a continuação (na medida que o pensar pode tornar novamente presente por meio da reprodução na representação de algo outrora percebido sem que o exterior ainda precise estar presente) objetivada daquilo que originalmente é realizado de acordo com o princípio de prazer: a inclusão ou expulsão no Eu. Os desdobramentos seriam, de um lado, a afirmação como substituto da união, pertence ao Eros e a negação, sucessora da expulsão, pertence à pulsão de destruição. No entanto, "o desempenho da função de julgamento só se torna possível pelo fato de que a criação do símbolo de negação permitiu ao pensar um primeiro grau de independência dos efeitos do recalcamento e, portanto, também da coerção do princípio de prazer." (FREUD, 1925/2016, p. 145 e 146). Vide: *Pulsões e suas vicissitudes* [1910] e *A negação* [1925]

Esta é a referência atribuída à "ilusão do buquê invertido", formalizada por Henri Bouasse (1866-1953) em *L'Optique et photométrie dites géometriques* (BOUASSE, 1934, APUD LACAN, 1960, p. 679). Jacques Lacan parte deste experimento para revelar as propriedades ópticas nas quais utilizará em seu modelo óptico, oferecendo o suporte de funcionamento ao qual fará acréscimos e modificações em suas construções posteriores. O psicanalista francês não deixa de considerar este empréstimo usual: "as ciências em gestação como a nossa frequentemente tomam emprestado modelos de outras ciências" (LACAN, 1953/1954, p. 103). Veremos no último capítulo deste estudo como tal afirmação realizada em seu primeiro seminário continua a se atualizar em seu pensamento, dado o empréstimo que faz das ciências adjuntas para empreender seu programa de formalizações.

Sobre o esquema óptico, Lacan afirma que seu emprego tem "valor de metáfora" (LACAN, 1953/1954, p. 108), um "valor analógico" (LACAN, 1960a, p. 679), "aparelho de pensar" (LACAN, 1953/1954, p. 110); "relação auxiliar" (*idem; ibid.*, p. 108). Ou então: "[s]ituemos, primeiramente, o aparelho um tanto complexo pelo qual, como é regra em casos similares, a analogia irá fundamentar o valor de uso como modelo" (LACAN, 1960a, p. 679). Apesar da ênfase de Lacan sobre o estatuto que o modelo assume em seu ensino, podemos interrogar se de fato o valor analógico pode vir a ser sustentado, conforme o faremos no último capítulo deste estudo.

De saída, encontramos no *Seminário 1* (1953/1954), o ponto de partida deste experimento, articulado enquanto uma primeira tentativa de introduzir a apresentação óptica do estádio do espelho, nomeado como *experimento do buquê invertido*: "um modelinho, sucedâneo do estádio do espelho" (LACAN, 1953/1954, p. 103). Já no início do capítulo da *Tópica do imaginário*, o psicanalista francês tece algumas considerações que situam a sua retomada do estádio do espelho e a sua relação com o experimento do buquê invertido, a saber, que "o estádio do espelho não é um momento do desenvolvimento, é um tempo de estruturação" (*ibidem*, p. 103), de forma que retira do estádio do espelho uma leitura estruturada em etapas desenvolvimentistas e que prevê um tempo cronológico, mas sim que opera sob um tempo lógico de estruturação. Além disso, o autor afirma: "o estádio do espelho, impossível de denegar, tem uma apresentação óptica - tampouco se pode negar isso. Será por acaso?" (*ibidem*, p. 103), constando assim que além de ser inegável que o estádio do espelho é um tempo de estruturação do psiquismo, ele possui uma apresentação óptica - cuja apresentação tem como ponto de partida o experimento do buquê invertido.

Este *experimento* explora as consequências das possibilidades da óptica para representar aquilo que o estádio do espelho revela em sua função de *narcisismo primário*, que

terá como efeito a assunção do eu ideal enquanto forma primordial, *Urbild* do eu. Este experimento não contempla ainda os desenvolvimentos do ideal do eu, e adiantamos que, para tanto, construiu o esquema seguinte, o *Esquema dos dois espelhos*. Com isso, seguiremos o seguinte percurso de apresentar componentes da disciplina da óptica conforme apontado por Lacan e o experimento do buquê invertido em 1953 e 1960, no que concerne ao entendimento do eu ideal e o funcionamento do experimento.

1.2.1. *A óptica*

O apoio de Lacan à disciplina da óptica se fundamenta, de acordo com ele, em certas características relativas à imagem. Não pretendemos, com isso, verificar se as considerações e usos de Lacan estão de acordo com as proposições do campo da física a qual ele toma empréstimo. O primeiro ponto de destaque que justificaria o uso da óptica repousa sobre a diversidade das *imagens ópticas* (LACAN, 1953/1954, p. 104). As imagens ópticas podem ser de dois tipos, as imagens reais e as imagens virtuais. As imagens reais são aquelas que se comportam como um objeto para aquele que a vê, dada a ilusão óptica. Essas imagens são produzidas prevalentemente em *espelhos côncavos* — por exemplo, os espelhos geralmente usados nos consultórios odontológicos —, mas é importante deixar claro que as imagens formadas variam a depender da posição do objeto em relação à superfície refletora. No caso das imagens virtuais, estas não se comportam como objetos, mas como imagens. Temos essa imagem no *espelho plano*, espelhos que encontramos, por exemplo, nas paredes dos banheiros[19].

Um segundo ponto de destaque é o da relevância ao fato de que há na disciplina da óptica uma série de fenômenos em que, à nível da experiência, o objetivo e o subjetivo não possuem designações delimitadas (LACAN, 1953/1954, p. 106). Ou então, aquilo que se revela para nós enquanto uma relação em que o objetivo e subjetivo não estão em campos cujas fronteiras estão bem delimitadas. Basta pensarmos no arco íris[20]: "Em si, ele é um fenômeno puramente subjetivo, na medida em que quando o avistamos no horizonte, ele não está lá de fato; no entanto, basta tirarmos uma foto com a máquina fotográfica, e registramos

[19] A importância desta diferenciação estabelecida por Lacan - tanto em termos de imagem real e espelho côncavo, quanto de imagem virtual e espelho plano - se dá porque tais aspectos estão presentes em sua articulação do modelo óptico. Vale notar que em seu empréstimo do *experimento do buquê invertido*, Lacan faz uso apenas da imagem real e do espelho côncavo; no entanto, no *esquema dos dois espelhos* (que será abordado na seção seguinte) Lacan adiciona o espelho plano e trabalha com a imagem virtual.

[20] Exemplo sugerido por Lacan (1953/1954, p. 106) mas podemos pensar em outros, como a "aurora boreal" ou o efeito "fata Morgana", que causa a impressão de que os barcos no horizonte estão voando sobre a superfície do mar.

de modo objetivo" (*idem; ibidem,* p. *106*). Por isso, segundo o autor, haveria a particularidade da "implicação simbólica na apreensão de certos fenômenos" (*Ibidem,* p. 106). Tais particularidades são importantes quando levamos em consideração a dimensão ressaltada por Lacan relativa à imagem, enquanto miragem, engodo e ilusão, quando em suas considerações acerca do estádio do espelho.

Seguindo adiante em nossos argumentos, Lacan (1953; 1960) refere-se ao recurso utilizado por Freud em dois textos, *A interpretação dos sonhos* (1900/2001)[21] e *Esboço de uma Psicanálise* (1938)[22], em que ao alçar as noções de localização psíquica e de aparelho psíquico, se distanciando de versões biologicistas e anatômicas da época[23], propõe: "seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções mentais como algo semelhante a um *microscópio* composto, um *aparelho fotográfico* ou algo desse tipo." (FREUD, 1900/2001, p. 516-17, *grifos nossos*). Sobre tais instrumentos da óptica e as considerações freudianas sobre o aparelho psíquico, temos os seguintes desenvolvimentos:

> …que a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem. No microscópio e no telescópio, como sabemos, estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho. (FREUD, 1900/2001, p. 517)

Portanto, a localização psíquica que aqui se refere, estaria alhures à apreensão pelo aparelho, ainda que estivesse em seu ponto interno, e participasse da produção das imagens.

---

[21] Em *Traumdeutung*, tal momento é derivado de uma série de considerações acerca do trabalho dos sonhos, principalmente naquilo que concerne a *transformação das representações em imagens sensoriais*. Lembremos do exemplo que Freud nos dá do pai que sonhou que seu filho morto estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e lhe sussurrou: "Pai, não vês que estou queimando?" (FREUD, 1900/2001 p. 492). Os desenvolvimentos que surgem a partir deste sonho são muitos, mas nos vale aqui lembrar de que tal sonho revela a característica psicológica no processo de sonhar: "um pensamento, geralmente um pensamento sobre algo desejado, objetiva-se no sonho, é representado como uma cena, ou, segundo nos parece, é vivenciado" (FREUD, 1900/2001 pp. 515). Sobre tal característica do trabalho do sonho, a ênfase é atribuída ao fato de seu conteúdo de representações transmutar-se de *pensamentos* em *imagens sensoriais* a que se dá crédito e que parecem ser vivenciadas. Com o disparador das ideias de Gustav Theodor Fechner de que "a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília" (*apud* Freud p. 516), Sigmund Freud articula a noção de *localização psíquica.* É justamente neste ponto que reside nossos interesses na *Traumdeutung* freudiana: a ideia de uma localização psíquica e, mais ainda, de um aparelho psíquico.

[22] Como dissemos anteriormente, em um outro momento de sua obra, Freud (1938/1975), em *Esboço para uma psicanálise,* volta a se referir ao aparelho psíquico em sua analogia ao aparelho óptico: "Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes - ou seja, que imaginamos como semelhante a um *telescópio*, *microscópio*, ou algo desse gênero." (ibid., p. 169). Em linhas gerais, tal afastamento da concepção anatômica de um aparelho psíquico, mas trazendo a ênfase no desencadeamento de outros traços ou camadas, como imagem, lembrança, notamos uma decorrente aproximação do que se trata de um lugar psíquico, o do campo da realidade psíquica.

[23] "Desprezarei por completo o fato de que o aparelho mental em que estamos aqui interessados também nos é conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica". (FREUD, 1900/2001, pp. 516-17).

Essa representação do aparelho psíquico, ou melhor, este "ensaio para reconstruir o aparelho psíquico" (LACAN, 1953/1954, p. 106) é empregado na tentativa de elucidar o agenciamento do mecanismo psíquico, decompondo-o e determinando a função de cada uma das suas partes; lembremos que Freud indica que os sistemas psíquicos poderiam ser representados tais quais as lentes do telescópio, que mantém entre si não só uma relação espacial, mas, "bastaria que uma ordem fixa fosse estabelecida pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação atravessar os sistemas numa dada sequência temporal" (FREUD, 1900/2001, p. 517).

Uma vez destacado o apoio de Lacan à disciplina da óptica e a autorização freudiana que justificaria o seu uso - aspectos que serão melhor trabalhados no último capítulo deste estudo -, passemos para o aprofundamento em seus esquemas ópticos, dadas as etapas de construção até o modelo óptico em sua versão final neste período de seu ensino.

1.2.2. *O experimento do buquê invertido e o seu funcionamento*

O Experimento do Buquê Invertido é introduzido no *Seminário 1* (1953/1954) e retorna em seu ensino no texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]), sendo que neste segundo momento de aparição os desenvolvimentos são mais sucintos - dedicando duas páginas apenas para recuperar o que havia explorado em um capítulo do seu primeiro seminário. Este experimento está nas bases do que virá a ser o modelo óptico, e podemos situar nele as questões relativas ao *narcisismo primário* e ao *eu ideal*.

A chave de leitura pelos três registros, o Imaginário, Simbólico e Real, presentes desde o começo do ensino de Lacan, devem ser considerados como essenciais no entendimento do buquê invertido, afinal, o psicanalista francês afirma que este experimento em seu uso no campo psicanalítico "nos permite ilustrar de uma forma particularmente simples o que resulta da intricação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica." (LACAN, 1953/1954, p. 108). Os elementos que compõem o experimento são: A) um olho, B) Um vaso C) Um buquê, D) Uma caixa oca de um lado E) Um espelho côncavo. Com estes elementos, o buquê estará na parte oca da caixa (para efeitos de entendimento, o buquê estaria de "cabeça para baixo", na parte oca da caixa). Sobre a caixa, estará o vaso, certificando de que estão no centro do espelho côncavo. A posição do olho é de grande importância nesta discussão, como veremos mais adiante. O olho bem

posicionado, veremos surgir no gargalo do vaso, o buquê e a imagem produzida no espelho será justamente a de um vaso e um buquê de flores.

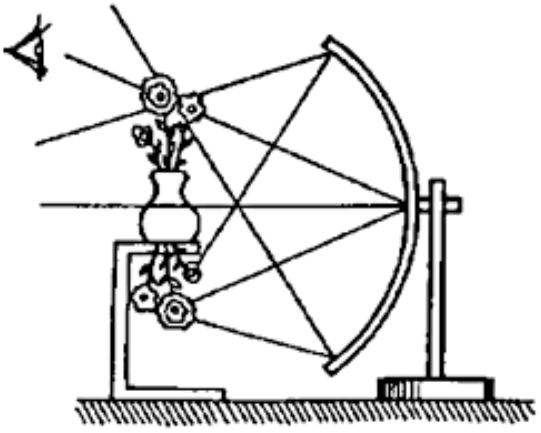

FIG. 1 - O experimento do buquê invertido conforme apresentado no *Seminário 1* (LACAN, 1953/1954, p. 107), no capítulo 'A tópica do imaginário'.

Para entender o funcionamento deste experimento, tal qual proposto por Lacan, que nos servirá para compreender os seus desenvolvimentos, precisaremos recuperar aquilo que Lacan (1953/1954) considera enquanto a hipótese estrutural fundamental da óptica. Tal hipótese revela que, para que haja óptica, é preciso que a todo ponto dado no espaço real, corresponda um ponto no outro espaço, que é imaginário. Ou então, de que a todo ponto dado no espaço real corresponda a um outro ponto num outro espaço. Este *outro espaço*, Lacan atribui enquanto sendo o imaginário. Observamos, na FIG. 1, o comportamento dos raios luminosos refletidos no espelho - nota-se por exemplo a simetria acima e abaixo da linha central - fazem formar uma imagem real, na medida em que os raios que partem do objeto real - vaso e buquê - convergem e se encontram num outro plano, o "plano luminoso" (*idem; ibid*., p. 105). A imagem formada no espelho côncavo será uma imagem invertida, que corresponde a um objeto para aquele olho que observa.

Lacan não esgota as condições do experimento para que possamos, por exemplo, reproduzi-lo em outra situação, não conseguimos situar as condições de luminosidade nem mesmo a fonte de luminosidade na produção do experimento - o que, em termos de óptica, poderia afetar a incidência dos raios luminosos no espelho. Outrossim, a condição que Lacan nos dá para que o efeito se produza, é a *posição do olho*, ou então, é a de que o olho esteja no campo dos raios que já vieram se cruzar no ponto correspondente. Respeitada essa condição, temos:

> Nesse momento, enquanto vocês não veem o buquê real, que está escondido, verão aparecer um buquê imaginário; como os seus olhos devem se deslocar linearmente no mesmo plano, vocês terão impressão de realidade, sem deixarem de sentir que alguma coisa é estranha, borrada, porque os raios não se cruzam muito bem. Quanto mais longe vocês estiverem, mais paralaxe agirá, e mais a ilusão será completa. (LACAN, 1953/1954, p. 108)

Com isso, entendemos que a posição do olho é o que garantirá ou não a paralaxe (o aparente deslocamento do objeto a partir da mudança de posição do observador), pois o deslocamento do olho muda o ponto de observação. O jogo de deslocamentos possíveis deste tal olho produz as condições da ilusão e isso nos orientará na direção de que este "aparelho de pensar" (*idem; ibid*., p. 110) possibilita uma maneabilidade que permite jogar de diversas formas de movimentos. Poderíamos, por vez, inverter as posições dos objetos reais - buquê e vaso - (como de fato o fará no esquema seguinte)[24]. Decompondo o esquema em suas partes elementares, para que possamos situar as relações que o vaso e o buquê de flores assumem, devemos recuperar as noções relativas ao domínio próprio do eu primitivo, *Ur-Ich* ou *Lust-Ich*, ao qual Lacan (1953/1954) faz referência. Tal como fora elaborado por Freud (1911; 1915; 1925)[25], o eu primitivo se constitui pela clivagem, pela distinção com o mundo exterior - o que está incluído dentro distingue-se do que é rejeitado pelos processos de exclusão e de projeção. Ou então, o estado primitivo da formação do eu: "concepção de continente e conteúdo". (LACAN, 1953/1954, p. 96)

Para entender tal atribuição do *Lust -Ich* ou Eu-prazer, lembremos o que Freud (1925) nos diz sobre os processos atinentes ao juízo de existência e juízo de atribuição. Em linhas gerais, a função do juízo (*Urteilfunktion*) é a de tomar decisões sendo elas a de atribuir ou desatribuir uma qualidade a algo. Atribuída a qualidade, ela pode ser boa ou má; de forma subsequente, ela deve aceitar ou contestar a existência de uma representação na realidade. Em outras palavras, a qualidade pode ter sido originalmente boa ou má, útil ou nociva; e a partir disso, designa a sua localização, se isto deve estar *em si* ou *fora de si*. Essas funções constituem, *respectivamente*, os interesses do *Lust-Ich* e do *Real-Ich.* De forma breve, o Eu-prazer originário quer, como Freud desenvolveu também em *Pulsões e suas vicissitudes* (1915), introjetar-se tudo o que é bom e jogar fora (*werfen*) tudo o que é mau. Em princípio, o que é mau, o que é alheio ao Eu e o que se encontra fora deles são idênticos e coincidentes (1925, p. 143). O Eu-Real se desenvolve a partir do Eu-Prazer original, e inclui a decisão

---

[24] Ele coloca a condição, contudo, de que se sejam respeitados os sinais -_- e +_+; ou seja, que possa se inverter as condições do experimento no próprio plano e não entre planos (lembremos do plano real e do plano luminoso) (LACAN, 1953/1954, p. 110).

[25] Freud desenvolve estas noções principalmente nestes três textos: Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911); Pulsões e suas vicissitudes (1915) e A negação (1925).

sobre a existência real de uma coisa representada. Não se trata aqui de saber se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu, mas se algo presente no Eu como representação pode também ser reencontrado na percepção (realidade): "Trata-se da questão de fora e dentro" (FREUD, 1925, p. 143 e 144). Neste retorno de Lacan a Freud, temos o seguinte:

> Quando Freud fala dos julgamentos da existência: Die Verneinung - ou bem é, ou não é. E é aí que a *imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é eu*. Bem, digamos que a imagem do corpo, se situarmos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores real. Aí está como nós podemos representar o sujeito anterior do eu, e o surgimento deste. (LACAN,1953/1954, p. 96, *grifo nosso*)

Sabemos do que corresponde este momento da assunção da imago do corpo próprio pelo sujeito: *o estádio do espelho*. Nesta direção, Estevão (2009) propõe esclarecimentos:

> Ou seja, do ponto de vista imaginário, o estádio do espelho e a construção de um eu corporal delimitam os limites de interno e externo, do eu e do outro. Uma parte da realidade pode ser entendida como não-eu ou fora de mim, enquanto outra parte da realidade, delimitada corporalmente, passa a ser eu. (ESTEVÃO, 2009, p. 128)

Temos, portanto, uma consequência do estádio do espelho para o psiquismo, relacionada à formação de um eu corporal imaginariamente fundado e a delimitação primordial do campo da realidade.

A partir destas apreciações, notamos que Jacques Lacan parece traçar uma aproximação entre o *Lust-Ich,* o eu-primitivo freudiano e o Eu-ideal, *a forma primordial do eu*. Lembremos que Lacan (1948) nos havia dito que o eu tem "essência de Verneinung", como citado anteriormente. No entanto, é particularmente interessante notar que, neste momento, Lacan parece aproximar o Eu-prazer àquilo que foi apontado por Freud (1923) em sua teoria enquanto o *eu-corporal*, afirmando que o eu é antes de tudo, um eu corporal, sendo o próprio eu uma projeção de superfície. Poderíamos aproximar esta compreensão de eu-corporal às atribuições de Lacan sobre o seu estádio do espelho e a formação do eu primordial - *imago* corporal. Nos interrogamos aqui se o *Lust-Ich* e o eu-corporal poderiam ser compreendidos enquanto equivalentes na teoria freudiana, ou se esta seria uma atribuição de Lacan em suas próprias formulações sobre o eu. Justamente sobre a equivalência ou não equivalência destas noções, nos posicionamos de acordo com Estevão (2009):

> Convém, talvez, não tomar como totalmente equivalentes o eu-corporal e o eu-prazer pois não há nada em Freud que diga que ambos são os mesmos. Não obstante, não há nada também que diga que são diferentes. O eu, antes de tudo, é um eu-corporal e, em introdução ao narcisismo, Freud deixa claro que o que diferencia o narcisismo do auto-erotismo é a constituição de um eu. Ora, no momento em que o

> eu surge, sua função chave é a que está colocada no texto: conseguir prazer e fugir do desprazer. Dessa forma, o eu-corporal, pelo menos no início, se confunde com o eu-prazer. Se essa equivalência dura o tempo todo, já é outra discussão (ESTEVÃO, 2009, p. 45)

Esta função chave do eu nos permite compreender o tratamento dado a Lacan no tocante às propriedades de continentes e conteúdo, de eu e não-eu, assim por diante, deste momento específico de estruturação, que é a formação do eu. Retornemos ao esquema: "Portanto, a imagem do corpo, se a situamos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores real; aí está como nós podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu e o surgimento deste (LACAN, 1953/1954, p. 110)[26]. Sendo assim: o buquê de flores são os instintos, desejos, tendências e o vaso, o próprio corpo. E o eu-ideal**,** no experimento, enquanto a imagem real formada no espelho esférico**.**

Neste momento, é possível traçar uma correspondência entre o que Lacan nos diz em alguns dos seus escritos[27] designou que na origem, há a Discórdia, ou então, há essa característica específica da *prematuração do nascimento do homem* (LACAN, 1998[1948], p. 100). É simplesmente uma realidade caótica, absoluta e original; não há o juízo de existência tal qual a *Verneinung* freudiana, não há qualidade, não há dentro e fora. Neste sentido, Estevão nos diz:

> [O] narcisismo a que se refere é o narcisismo primário, que para Lacan adquire o valor da imagem real do esquema óptico. A imagem real é aquela que passa pelo juízo de existência no sentido freudiano, produzindo sobre o sujeito sentido de realidade (ESTEVÃO, 2009, p. 126).

É apenas na assunção da imagem do corpo, com o estádio do espelho, em que permite situar o que é do eu e o que não é. É a partir do estádio do espelho, da identificação à imago do corpo próprio, que confere ao sujeito domínio imaginário do seu próprio corpo, prematuro em relação ao domínio real. O momento de Discórdia inicial, em que os instintos, as tendências, os desejos, são indefinidos e não qualificados (só o são, em absoluto), sofre a intervenção de um outro momento, esse que a imagem do corpo dá ao sujeito a sua forma primordial, que lhe permite situar o que é eu e não eu. Para Lacan:

> A *Urbild* dessa formação, embora alienante por sua função externalizadora, corresponde uma satisfação própria, que se prende à integração de uma desordem orgânica original, satisfação esta que convém conceber na dimensão de uma

---

[26] Vale ressaltar aqui que pode haver uma confusão relativa a este trecho. Na sua apresentação do experimento do buquê invertido, o que de fato se inverte é o buquê. O que parece ser a solução àquilo que seria a inversão do vaso, vaso então imaginário, está na proposta posterior em seu *esquema dos dois espelhos*.

[27] Ver mais em: estádio do espelho (1949) e agressividade (1948).

> deiscência vital constitutiva do homem, e que torna impensável a ideia de um meio que lhe seja previamente formado. (LACAN, J. 1998[1948], p. 118)

Podemos designar assim que o advento da *Urbild* do eu marca um momento de integração da desordem original. Sobre os desenvolvimentos de Lacan acerca do registro do imaginário, há uma primeira via de desenvolvimentos que encaminham para a questão do eu, das identificações imaginárias, e é sobre esta a via que estamos centrando os nossos esforços neste estudo. No entanto, há uma segunda via, que se encaminha aos aspectos concernentes à constituição da realidade e às psicoses. Por esta segunda via, podemos situar as questões relativas ao caso Dick, caso de Melanie Klein (1930) abordado por Lacan (1953/1954) em seu primeiro seminário, que é possível pensar nos registros com o enfoque da questão da constituição da realidade (EIDELSZTEIN, 2010, p. 31; FARIA, 2019, p. 14). Em linhas gerais, Dick é um menino de quatro anos que, apesar de se estar na linguagem, de dispor de certos elementos do campo simbólico, de inclusive brincar com ele, não apresenta o desejo de se fazer compreender, não procura se comunicar, emite sons sem significação. Para Lacan, essa criança está na linguagem, mas não fala: "É um sujeito que está mas não responde" (LACAN, 1953/1954, p. 116). Ainda, considera que a linguagem não envolveu o seu sistema imaginário, cujo registro é excessivamente curto, poucos objetos de interesse, sem produção do jogo livre[28]. Aqui reside uma importante contribuição acerca da teoria do imaginário neste momento de seu ensino, o jogo entre as inclusões de objetos reais no imaginário, ou de objetos imaginários no recinto real, como propõe no seu experimento do buquê invertido. Ou então:

> Jogo de transposição imaginária que se pode fazer a valorização progressiva dos objetos, no plano em que se chama comumente de afetivo, por uma multiplicação, um desdobramento em leque de todas as equações imaginárias, em que torna o homem entre os animais o único a ter um número de objetos quase infinitos a sua disposição - de objetos a terem valor de *Gestalt* no seu *Umwelt*, de objetos isolados de sua forma. (LACAN, 1953/1954, p. 114)

O jogo de transposição imaginária a que Lacan se refere é limitado em Dick, na medida em que a valorização progressiva dos objetos é impedida, porque, para a criança, "o real e imaginário são equivalentes" (*ibid*., p.117). Tais condições mudam a partir das

[28] Haveria ainda um caráter de uniformidade na realidade, "Olha Melanie Klein como olharia um móvel" (ibid., pp. 112). Lacan (1953/1954) acena para a limitação do domínio imaginário da criança, em que poucos objetos lhe são de interesse, como o trem e os botões da maçaneta, reduzidos a signos mínimos que o permitem distinguir o dentro e o fora, o conteúdo e o continente. O que não se produz é o jogo livre, a conjunção entre as diferentes formas imaginárias e reais dos objetos.

intervenções de Melanie Klein – amplamente trazidas por Lacan (1953/1954)[29] –, sob a ênfase nos efeitos produzidos ao oferecer a "célula palpitante de simbolismo" (*ibid.*, p. 117). Aproveitando tais considerações acerca do Caso Dick, encontramos referenciais para contemplar o experimento do buquê invertido. Lacan (1953; 1960a) atribui uma condição imprescindível ao funcionamento do experimento, o posicionamento do olho. Porque, quando tomamos o experimento óptico, "[p]ara que a ilusão se produza, uma condição precisa ser realizada: o olho deve estar no interior do cone." (LACAN, 1953/1954, p. 111). O "cone" é referenciado por Lacan em 1953, mas é em 1960 que integra à figura um lugar designado, conferindo delimitações ao cruzamento dos raios, como vemos na FIG. 2:

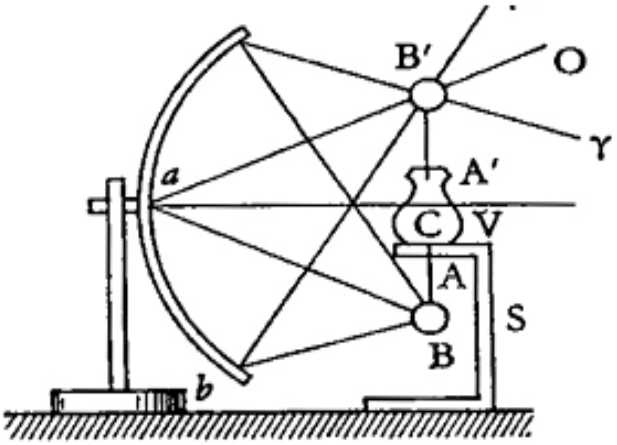

FIG. 2 - Experimento do buquê invertido apresentado por Lacan em seu texto Observações ao relatório de Daniel Lagache (LACAN, 1998[1960a], p. 680)

Lacan (1998[1960a]) nos diz, reafirmando as contribuições de 1953, mas agora adicionando à imagem o cruzamento dos raios:

> Contudo, é preciso ter em mente que a ilusão, para se produzir, exige que o olho se situe no interior do cone B', formado por uma geratriz que une cada um dos pontos da imagem B' ao contorno do espelho esférico, e que, sendo muito pequeno para cada um dos pontos da imagem o cone de raios convergentes apreendido pelo olho, daí resulta que a imagem será tão mais nitidamente situada em sua posição quanto maior for sua distância do olho, dando essa distância ao olho um campo maior para o deslocamento linear que, mais ainda do que a acomodação, lhe permite situar essa posição, desde que a imagem não vacile em demasia com o deslocamento. (LACAN, 1998[1960a], p. 680).

[29] introduzindo verbalizações designando a relação efetiva entre o pequeno *trem-criança* e o trem grande-*Papai trem*, nomeando um e outro, nomeando inclusive a relação continente e conteúdo. Lacan (1953/1954) afirma que Klein "chapou a simbolização do mito edipiano" (*ibid.*, p. 117), oferecendo uma palavra-chave (que já era dele), para organizar uma estrutura simbólica. Uma palavra significativa, uma palavra que diz da sua situação edípica, e que formula uma estrutura fundamental na lei da palavra (*ibid.*, p. 118 e 119).

Essas apreciações designam que o olho representa a situação do sujeito em relação ao seu lugar no mundo simbólico. A complexidade que abarca tal compreensão é a de que, na constituição da realidade, precisamos pensar na articulação entre os três registros, o imaginário, o simbólico e o real, e pensar na constituição da realidade, implicaria na situação do sujeito no mundo simbólico.

A partir do Caso Dick, utilizando categorias dos seus três registros, o psicanalista francês nos mostra como um sujeito que dispõe de todos os elementos da linguagem e "ainda assim a figura no seu conjunto está perturbada" (LACAN, 1953/1954, p. 105). Os efeitos das simbolizações de Melanie Klein operariam sobre o seu posicionamento no simbólico, cuja operação produziu mudanças subjetivas em Dick, abrindo a possibilidade de definir conteúdo e não conteúdo[30]. Com isso, Lacan é enfático em dar um tratamento não ao desenvolvimento do eu, mas como, o intrincamento dos três registros participa da constituição da realidade.

Sobre isso, vale ressaltar que, de acordo com Michele Roman Faria (2019): "[p]ara Lacan, a realidade não se reduz nem deve ser confundida com o real; a realidade é real, simbólica e imaginariamente constituída" (*idem; ibid.*, p. 09). O experimento do buquê invertido revela de forma clara este aspecto da constituição da realidade. Uma importante marcação que aproxima o experimento da experiência clínica é feita por Eidelsztein (2010), na medida em que considera que tal formalização neste aparato óptico permite uma aproximação daquilo que se passa na experiência analítica:

> Ademais, o fato de que a ilusão só se produza se o sujeito está em determinada posição, permite articular este aspecto da experiência com uma noção muito importante que se aplica à experiência analítica: a noção de cena. Entende-se que o sujeito da experiência analítica como posicionado em uma cena e não como caracterizado por essências ou substâncias. (EIDELSZTEIN, 2010, p. 38)

Sendo assim, neste experimento da óptica encontramos os três registros de Lacan em sua chave de leitura, a operação entre o espelho côncavo e a produção da imagem, bem como a articulação pela via analógica de operadores como o vaso e o buquê, para representar o que se passa neste momento do primeiro narcisismo. É interessante relembrar que aquilo que está "embaixo" da caixa, e portanto será acessível pelo observador apenas pela via de uma imagem real (onde situa-se o eu ideal), produzida no espelho côncavo, já deixa as marcas

---

[30] Lacan refere-se que os efeitos podem ser notados a partir de do surgimento de uma multiplicidade de objetos de seu interesse, que se substituem uns aos outros: "Percorre toda a uma sequência de equações que o fazem passar do intervalo entre os dois batentes da porta em que ia se refugiar como no escuro absoluto do continente total, a objetos que ele lhe substitui - a bacia d'agua por exemplo. (...) E depois da bacia, um radiador elétrico, assim por diante" (LACAN, 1953/1954, p. 118). O psicanalista destaca que o discurso de Melanie Klein "enxerta brutalmente" (*idem; ibid.,* p. 118) as primeiras simbolizações edipianas.

daquilo que podemos situar enquanto o objeto inacessível, dimensão de "inacessibilidade" que estará presente até os momentos posteriores de seus desenvolvimentos sobre o modelo óptico.

1.3. Esquema dos dois espelhos

O intuito em aprofundar sobre o funcionamento e as questões situadas no Experimento do buquê invertido é que ele oferece no aparato elementar que será desdobrado nos demais esquemas ópticos. Temos, desta forma, nos capítulos *Os dois narcisismos* e *Ideal do eu e eu Ideal* do primeiro seminário de Lacan (1953/1954) está proposto o que chama o *Esquema dos dois espelhos* (FIG. 3) e *Esquema dos dois espelhos simplificado* (FIG. 4), respectivamente. Atentemo-nos, de saída, que tal esquema é proposto no bojo das discussões acerca dos narcisismos e do Eu Ideal e do Ideal do Eu.

No retorno de Lacan ao texto de Freud (1914)[31], temos uma ênfase na concepção de que uma unidade comparável ao eu não existe na origem, não está presente desde o início, na qual haveria uma "nova ação psíquica" na qual o eu é constituído. Esta nova ação, este "algo de novo" que surge no desenvolvimento do psiquismo, para Lacan, seria a *forma*, situando a origem imaginária na constituição do eu. Nas palavras de Lacan:

> Os que estão um pouco habituados ao que eu trouxe verão que essa ideia confirma a utilidade da minha concepção do estádio do espelho. A Urbild que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale a dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária. A função do eu, escreve Freud, deve ter *eine neue psychiche... Gestalt*. No desenvolvimento do psiquismo, aparece algo de novo cuja função é dar forma ao narcisismo. Não será marcar a origem imaginária da função do eu? (LACAN, 1953/1954, p. 137)

Sobre essa função imaginária, destacamos duas atribuições de Lacan (1953/1954). A primeira, se refere "à relação do sujeito com as suas identificações formadoras" (*ibidem*, p. 138), e a segunda "à relação do sujeito ao real" (*ibidem,* p. 138), relação esta cujo atributo é ser ilusória. Na esteira destas compreensões, os desenvolvimentos freudianos sobre a libido

---

[31] O psicanalista francês recupera a elaboração da noção de narcisismo em Freud, eletivamente em seu escrito de 1914, Introdução ao narcisismo. Lacan, pela via de comentários de textos, revela certas dificuldades, problemas e impasses que, segundo ele, Freud não nos dissimula de modo algum: "ele não traz uma solução, mas abre uma série de questões, nas quais devemos tentar no inserir" (LACAN, 1953/1954, p. 143). Para nos atermos aos nossos objetivos, não daremos agora um tratamento a estes impasses abordados, tampouco promover o retorno à Freud para ampliarmos tais discussões. É interessante pontuar que alguns dos temas centrais que Lacan aborda são o desacordo entre Freud e Jung em torno do conceito de libido (*idem; ibid.,* p. 140), bem como a questão da constituição da realidade (*idem; ibid.*, p. 141).

sexual são retomados por Lacan, de forma que a sua noção do registro do imaginário é posta como chave de leitura para a noção da libido freudiana. Para Lacan, neste momento de seu ensino: "a pulsão libidinal está centrada na função do imaginário" (*idem; ibid.*, p. 144). E mais, o que move o seu funcionamento "[n]ão é a realidade do parceiro sexual, a particularidade de um indivíduo, mas algo que tem a maior relação com o que acabo de chamar o tipo, a saber, uma imagem" (*idem; ibid.,* p. 144). Seguiremos nestas apreciações para, mais à frente, situarmos a questão dos narcisismos e o esquema aqui posto.

Neste momento de seu ensino, Lacan recorre à etologia para compor os seus desenvolvimentos. É interessante pontuar que mesmo antes de seu primeiro Seminário, Lacan (1946) é muito claro ao dizer que buscará fundamentação em um campo alheio à causalidade psíquica, ou seja, no mundo animal: "Assim, falarei com os surdos levando-lhes fatos que penso interessarão a seu senso visível, sem que a seus olhos eles ao menos parecem contaminados pelo espírito ou pelo ser, ou seja, irei buscá-los no mundo animal" (*ibid.*, p. 189-190). Seja para produzir um maior alcance de suas ideias aos interlocutores de sua época, seja porque no mundo animal a imagem tem uma importante função - pelo menos para certas espécies[32]-, o fato é que Lacan toma empréstimo de estudos sobre o mundo animal para fundamentar suas colocações.

O comportamento das pombas e dos gafanhotos, por exemplo, é abordado sob a ênfase da prevalência da imagem na produção de uma série de comportamentos. Já presente nos seus desenvolvimentos do *estádio do espelho*, para introduzir a constituição do eu, o psicanalista francês faz uso da etologia para elucidar o valor da imagem tanto para a produção do comportamento animal, quanto para a sua participação na estruturação da subjetividade. Sobre isso, Dunker nos diz:

> [O] problema da distinção entre o ego enquanto uma instância psicológica ou gnoseológica é inicialmente solucionado pela descoberta do estádio do espelho (1936 - 1949). O desenvolvimento do ego é entendido então como decorrência das contingências etológicas do ser humano. (DUNKER, 2013, p. 106).

Tomemos o fato de que a fêmea do pombo, isolada do seu congênere, não ovula: o que revela que a maturação da suas gônadas tem como condição específica a visão do congênere – não interessando o sexo (LACAN, 1998[1949], p. 99). Lacan (1946) cita experimentos de

[32] Vale ressaltar que não se trata de qualquer animal. Lacan é enfático ao dizer que há fenômenos psíquicos que observamos neles, e que "nossa imago possa ser encontrada ali, pelo menos nos animais cujo Umwelt comporta, senão a sociedade, ao menos a agregação de seus semelhantes que apresentem em suas características específicas o traço que designamos com o nome de gregarismo" (*idem; ibid.*, p. 190)

Harrisson (1939, APUD LACAN, 1998[1946], p. 190) que revelam que a ovulação da pomba é determinada pela imagem do congênere, ou então, pela visão da forma específica do congênere. Portanto, a presença de uma ave de outro tipo não produziria tal efeito, tampouco o comportamento do outro animal entra em questão — trata-se do *fenômeno da imagem*. Curioso ainda é que, para que o fenômeno da ovulação seja desencadeada, é necessário que os animais estejam no campo de visão — odor ou som não são suficientes para tal encadeamento -, e, mais ainda: "a simples visão, pelo animal, de sua própria imagem no espelho basta para desencadear a ovulação em dois meses e meio" (LACAN, 1998[1946], p. 191). Temos com isso o destaque da importância do campo da visão e da imagem na etologia, que será utilizado por Lacan para tecer as teses sobre o imaginário e também sobre o eu ideal, justamente por se tratar dos fenômenos da imagem.

Um outro fato citado amplamente por Lacan (1946; 1949) a partir dos desenvolvimentos de Chauvin (1941) é a do comportamento de um certo grupo de gafanhotos. Em linhas gerais, observações dos comportamentos de duas variedades de gafanhoto, o tipo solitário e o tipo gregário - este último é observado no fenômeno da nuvem de gafanhotos -, revelam que o aparecimento do tipo gregário é determinado pela percepção, durante os primeiros períodos larvais, da forma característica dessa espécie. Portanto, dois indivíduos solitários, postos na companhia um do outro, evoluirão para o tipo gregário. A transição da forma solitária para a gregária, ou então, a ação da forma da imagem, a partir da sua maior ou menor exposição numa linhagem, acarreta diretamente no aumento ou redução do número de gregários. A *forma* estaria, assim, vinculada ao reconhecimento nestas espécies de animais, e Lacan não hesita em dar ênfase a tal relação.

Lembremos que tais condições de imagem são claras também no reflexo do bebê no espelho, bem como a imagem do outro, a imagem do semelhante, o transitivismo — ressaltando a teorização sobre o estágio do espelho supracitada.[33] A prevalência da imagem no mundo animal, ou em algumas espécies pelo menos, e no mundo humano, parece enfatizar a importância da função da imagem, a forma e a Gestalt.

Tais pesquisas do campo da etologia revelam, para Lacan, os argumentos para articular aquilo que trouxemos acima acerca da compreensão da libido e do imaginário. Vejamos:

---

[33] Lembremos que Lacan destaca que a autora refere-se que tal reação só se produz sob uma certa condição, qual seja, que a diferença entre os parceiros esteja abaixo de um certo limite, o qual, no início da fase estudada, não pode ultrapassar um ano (LACAN, 1953/1954, p. 182)

> Os etologistas demonstram, no funcionamento dos mecanismos de emparelhamento, a prevalência de uma imagem, que aparece sob a forma de um fenótipo transitório por modificações do aspecto exterior, e cuja aparição serve de sinal, de sinal construído, quer dizer, de gestalt, e agita os comportamentos da reprodução. A embreagem mecânica do instinto sexual é, pois, essencialmente cristalizada numa relação de imagens, numa relação - eu chego ao termo que vocês esperam - imaginária. Aí está o quadro no qual devemos articular as Libido-Triebe e as Ich-Triebe. A pulsão libidinal está centrada na função do imaginário (LACAN, 1953/1954, p. 144).

Estas compreensões situam as funções do imaginário enquanto agentes do funcionamento da libido, e estas atribuições repercutem diretamente no entendimento sobre o narcisismo primário e secundário. Nesta direção, Lacan (1953/1954) justifica a utilidade do Esquema dos dois espelhos, na medida em que seria "extremamente útil" (*idem; ibid.*, p. 170) na medida em que permite situar questões clínicas no tocante à função do imaginário e investimentos libidinais de que, em suas palavras: "a gente acaba não compreendendo mais, quando os manejamos, o que querem dizer" (*idem; ibid.,* p. 170). Buscaremos situar, a seguir, a questão dos dois narcisismos e os dois ideais, conforme as elaborações de Lacan neste esquema.

1.3.1. *Os dois narcisismos*

Uma vez situado o pensamento de Lacan, bem como seu empréstimo à etologia, chegamos à questão dos dois narcisismos orientados por essa discussão acerca da prevalência da imagem e a função do imaginário no mundo animal e no homem. Neste campo de discussão afirmamos, de saída, que há diferentes entendimentos ao que concerne os dois narcisismos, principalmente acerca do narcisismo primário.

Encontramos, por exemplo, pela perspectiva de Marie Hélène Brousse (1996), que a reação à forma, ou seja, à Gestalt, conforme Lacan aborda em estádio do espelho, só pode ser encontrada nos animais. Para a autora, não encontramos o primeiro narcisismo no ser falante[34], na medida em que no homem, só lidamos com o narcisismo secundário. Se um primeiro narcisismo introduz um segundo narcisismo, essa possibilidade não viria da imagem, mas da linguagem, uma vez que a imagem para o ser humano é sempre uma imagem relacionada com e regulada pela função simbólica. Por esta perspectiva, o primeiro narcisismo seria apenas encontrado no reino animal e jamais em um ser falante.

---

[34] A autora sugere uma distinção entre *seres vivos*, que incluiriam ambos humanos e animais, e *seres falantes*, que seria uma divisão dentro da espécie Homo Sapiens. (BROUSSE, Marie-Hèlene. *The Imaginary. Em: Reading seminars I and II: Lacan's return to Freud*, 1996, p. 122)

Por uma outra perspectiva, Eidelsztein (2010) questiona a possibilidade de conceber dois narcisismos, um animal e um humano, enquanto uma oposição de dois narcisismos. Para o autor, a dificuldade reside em tomar como iguais os registros imaginário e real no homem e no animal, na medida que, no animal não opera a ordem simbólica, então os demais registros já não poderiam ser equivalentes aos registros que operam no homem. O "narcisismo humano" (*ibid.*, p. 38), seria a relação do sujeito com a sua imagem, sempre intermediada pela função do Outro. Aqui, reside a crítica sobre a possibilidade de dois narcisismos, um humano e outro animal.

Dito isto, encontramos em ambas leituras a ênfase sobre a operação simbólica no narcisismo no homem. Entretanto, há uma divergência sobre o que seria um "narcisismo animal", enquanto o primeiro narcisismo. Uma interpretação possível para essa questão parte do entendimento de que, no homem, o primeiro narcisismo e a identificação produzida por ele surge a partir da forma e imagem do semelhante. Neste ponto, poderia se aproximar do funcionamento da sexualidade animal que, por sua vez, opera pela via da projeção da imagem, da forma corporal. Por essa via, podemos harmonizar a noção de primeiro narcisismo com o modelo da sexualidade animal, ao menos nos aspectos concernentes à função da imagem.

O problema reside na questão que, no homem, as funções sexuais se caracterizam por uma "desordem iminente" (LACAN, 1953/1954, p. 161). Nesta direção, encontramos dificuldade em pensar em uma perfeita adequação do imaginário no homem, tampouco descartar as vicissitudes da função da imagem mesmo em um primeiro narcisismo. A própria relação da imago com a alteridade constituinte, não seria ela mesma uma relação livre de impasses, como temos notícias pelas manifestações de agressividade. Sobre isso, Estêvão (2009) nos diz:

> Com o homem, isso se dá de outra maneira. A apreensão da imagem do objeto pode ou não ter correspondência com o objeto real e seus efeitos sobre a sexualidade podem ser os mais variados. Ora, sendo esses efeitos os mais variados, não se pode pensar em termos de adaptação (como tampouco se pode fazê-lo no que diz respeito ao fim ou final de análise). Há algo inadaptável no ser humano, ou seja, uma constante desarmonia entre o objeto real e o objeto imaginário (ESTEVÃO, 2009, p. 129)

A respeito desta constante desarmonia, da dificuldade de pensar em termos como adaptação, resgatamos as considerações de Lacan (1953/1954) sobre os dois narcisismos. Haveria um primeiro narcisismo, que se relaciona à *imagem corporal*, em que essa imagem "é

idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e dá sua forma ao seu *Umwelt*, na medida em que é homem e não cavalo" (LACAN, 1953/1954, p. 148). Compreendemos que o primeiro narcisismo, no estádio do espelho, proporciona uma primeira organização do conjunto da realidade, a passagem do *Innenwelt* ao *Umwelt* e é onde encontramos detidamente a diferença de funcionamento no homem e no animal. Segundo Lacan:

> Claro, esse funcionamento é inteiramente diferente no homem e no animal, que é adaptado a um *Umwelt* uniforme. Há nele certas correspondências preestabelecidas entre a sua estrutura imaginária, e o que lhe interessa no seu *Umwelt*, a saber, o que importa à perpetuação dos indivíduos, eles próprios função da perpetuação típica da espécie. (*idem*, *Ibidem*, p. 148).

No homem, portanto, não há nada de uniforme, não há correspondências preestabelecidas. Há inúmeras possibilidades de conjugação de imagens e a imago formadora pode ser projetada de diversas formas, incluindo o que Lacan refere-se como a "fonte imaginária do simbolismo" (*idem; ibid.*, p. 148), presente na relação específica, no sentimento, no senso (*Selbstgefuhl)* que o ser humano tem do seu próprio corpo.

As imagens no homem, portanto, deveriam passar por uma alienação fundamental, que é a imagem de si mesmo refletida: "é o Ur-Ich, eu primitivo, a forma original do Ich-Ideal bem como da relação com o outro" (LACAN, 1953/1954, p. 170). O Ur-Ich, como dissemos anteriormente, é o eu primitivo; o eu primitivo é a forma original do *Ich-Ideal* (ideal do Eu), ou seja, a forma original do Ideal do eu é o *Idealich*, o eu-ideal. Isso porque, o eu-ideal do primeiro narcisismo oferece as bases para um segundo narcisismo, que marca a entrada na dialética social, na relação com o outro e a sua identificação formadora, o ideal do eu.

Ou então:

> No homem, ao contrário, a reflexão no espelho se dá de uma forma noética original e introduz um segundo narcisismo. O seu *pattern* fundamental é imediatamente a relação com o outro (...) O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante. (*idem*, *ibidem,* p. 148)

Portanto a identificação narcísica desse segundo narcisismo é "a identificação ao outro que, no caso normal, permite situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral" (*idem; ibid.*, p. 149), ou seja, a "função de normalização libidinal" (*idem; ibid.,* p. 98) que o segundo narcisismo propõe. Recuperando aquelas aproximações de Lacan citadas anteriormente, a função libidinal pode ser entendida como situada no imaginário, e que opera no sentido de investimentos, de interesses, de desejos e etc. Por uma função de

"normalização" libidinal, podemos entender como um certo arranjo, conjuntura que ampliará e orientará o ser[35].

A diferença entre o eu ideal e ideal do eu, bem como a passagem de um ao outro pela chave de leitura dos narcisismos, poderia ser definida da seguinte forma: "A passagem de um a outro opõe o eu ideal enquanto formação imaginária, etologicamente fixada e o ideal do eu enquanto formação simbólica, dialeticamente constituída" (DUNKER, 2013, p. 109). Outrossim, neste momento do ensino de Lacan, o narcisismo primário, entendido como o estádio do espelho, é este momento de identificação à imago do corpo próprio, que irá conferir ao sujeito a sua forma total, designada como eu ideal. Esse momento de assunção da imagem introduz, de forma lógica, um segundo narcisismo, que situará o sujeito nas situações socialmente elaboradas, constituindo um lugar do *ser* no mundo. Essa relação é fundamental e deveremos guardar as relações estabelecidas para o entendimento do *Esquema dos dois espelhos*, como veremos a seguir.

1.3.2. *Esquema dos dois espelhos e o seu funcionamento*

Neste Esquema, Jacques Lacan (1953/1954) introduz um complemento ao experimento do buquê invertido, a fim de trazer à luz as atribuições relativas ao *narcisismo secundário* e a *relação com o outro*; além das questões que progressivamente vinham sido tematizadas por ele, sobre a relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo. Para tanto, propõe o uso de um outro espelho, o *espelho plano*, bem como alterações em elementos que já estavam presentes no experimento anterior.

Notemos, de saída, que Lacan o chama por vezes de *Esquema*, por vezes de *modelo*, e o fará sucessivamente. Seguiremos acompanhando as mudanças do experimento anterior (experimento do buquê invertido) para o esquema atual. Temos, com isso, os seguintes acréscimos e modificações: 1. ao contrário do *buquê invertido*, neste esquema, o que é invertido é o *vaso*, inclusive chega a chamar esse esquema de "vaso invertido" (LACAN, 1953/1954, p. 166); portanto, inverte-se a posição do vaso e do buquê. 2. A posição do olho muda: o olho, agora, está posicionado entre o espelho côncavo e o objeto (*idem; ibid.*, p. 168). 3) Adiciona-se um espelho plano, que introduz imagens virtuais a partir da reflexão do espelho plano.

---

[35] É nesse quadro de compreensões que Lacan refere-se ao "ser libidinal" (LACAN, 1953/1954, p. 148). Podemos pensar aos moldes da situação do eu em seu conjunto de investimentos na realidade, investimentos da sexualidade que operam pela via do imaginário.

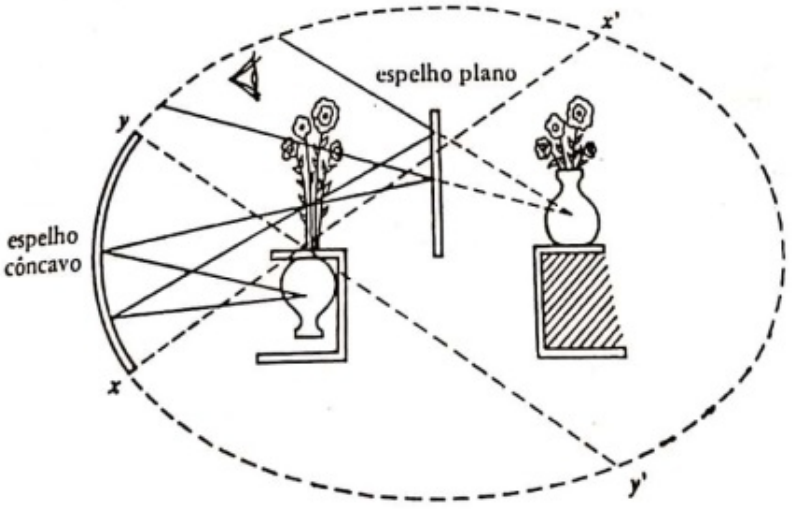

FIG. 3 Esquema dos dois espelhos, *Seminário 1* (1953/1954), p. 168.

Sendo assim, o vaso será invertido a partir da reflexão no espelho côncavo, formando a imagem real do buquê no vaso. Esta reflexão opera pelas vias de conferir unidade ao corpo, ou, ao menos, um *reflexo* da unidade do corpo. Sabemos que a partir do posicionamento do olho, a imagem poderá ser vista com maior ou menor nitidez, de forma que possa oferecer maior ou menor "sensação" de realidade. Seria preciso que o olho estivesse situado numa certa posição específica para que a "ilusão de real, de realidade" (LACAN, 1953/1954, p. 167) se produza. A partir destas diversas possibilidades de posicionamentos, Lacan afirma: "Sem dúvidas, segundo as diferentes posições do olho que olharia, poderíamos distinguir um certo número de casos que nos permitiriam talvez compreender as diferentes posições do sujeito em relação à realidade" (*idem; ibid.*). É neste quadro que o espelho plano é introduzido, pois ele contribui justamente para que a imagem do vaso invertido seja apreendida de forma que traduza a maior ilusão de realidade possível.

Desta forma, a mudança de posição do olho acontece simultaneamente ao acréscimo do espelho plano, de forma que o olho, que antes se posicionava frente ao espelho côncavo (vide FIG. 1), agora se encontra entre o espelho côncavo e o objeto, olhando para o espelho plano. Desta forma:

> Para que esse olho tenha exatamente a ilusão do vaso invertido, isto é, para que ele veja nas condições ótimas, tão boas como se estivesse no fundo da sala, é necessária e suficiente uma única coisa - que haja mais ou menos no meio da sala um espelho plano (*idem; ibidem*, p. 168)

Temos então que o olho não mais estará de frente ao espelho côncavo, ele estará de frente ao espelho plano. É interessante notar que neste momento, um outro esclarecimento é conferido àquilo que representa o olho: "Certo, um sujeito não é um olho, eu lhes disse. Mas esse modelo se aplica porque estamos no imaginário, onde o olho tem muita importância" (*ibid*., p. 167). Com isso lembramos da prevalência da função visual no bebê de mais tenra idade, ou até mesmo no comportamento do bebê frente ao espelho. Com as decorrências lógicas desta dupla modificação, o olho não mais verá a imagem real produzida no espelho côncavo, mas a imagem virtual da imagem real, produzida no espelho plano, o que implica de que não verá mais a imagem real de forma direta.

Um aspecto ressaltado por Lacan (1953/1954) acerca da diversidade das imagens ópticas, é o de que as imagens ópticas podem ser imagens reais e virtuais, e ainda há a possibilidade de conferir à uma imagem real, que se comporta como objeto, uma imagem virtual. Com isso, as imagens podem ser reais ou virtuais, mas também podem se confundirem, sem com isso serem concebidas como diferentes. Tais jogos de imagens são aproveitados por Lacan neste momento de seu ensino, e veremos o alcance de tais compreensões.

Lacan situará precisamente a questão dos dois narcisismos em sua representação óptica, ao passo em que o primeiro narcisismo estaria situado à nível da imagem real do esquema, "na medida em que permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados" (*ibid*., p. 169). Esse primeiro narcisismo se relaciona à imagem corporal, que confere unidade corporal ao sujeito. A introdução do segundo narcisismo marca a relação com o outro, o semelhante, em que, "o sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação outro, isto é, em relação ao seu Ich-Ideal" (*ibid.*, p. 169), o ideal do Eu.

Com isso vemos que o sujeito, ou o olho do esquema, vê o seu eu de forma reflexiva, de forma que o outro, o semelhante, confunde-se ao longo da vida com o ideal do Eu. É justamente isso que ele introduz neste *Esquema dos dois espelhos*: "Eu já lhes havia dado um primeiro elemento do esquema, hoje dou-lhes outro – a relação reflexiva com o outro" (*idem; ibid.*, p. 170). Lembremos que, até este momento, o Ideal do Eu não havia sido tematizado no experimento do buquê invertido, ou seja, para abordar a questão da relação simbólica, há a introdução de um espelho plano.

Com isso, nota-se uma passagem formal entre os esquemas, ao mesmo tempo em que representa justamente a passagem de um primeiro narcisismo para um segundo. Por isso:

> No esquema óptico de Bouasse, a imagem real não é uma imagem completa: o espelho côncavo refletirá sempre a imagem real, porém deformada e invertida – o que poderia ser uma ilustração do narcisismo primário. Com o acréscimo do espelho plano (esquema óptico de Lacan), obtém-se uma imagem unificada: o espelho plano reflete a imagem virtual e confere ao objeto uma Gestalt, uma imagem inteira, acabada ou ideal, desde que o sujeito esteja no ponto perfeito para encontrá-la. Ela corresponderia ao narcisismo secundário. (GRECO, 2011, p. 7)

A partir destas considerações, temos uma designação de que a imagem real no experimento do buquê é refletida de forma deformada e invertida e que a imagem só apresentaria a sua unificação completa e ideal a partir do acréscimo do espelho plano, de forma que correspondem ao narcisismo primário e secundário. Com estas compreensões, seguiremos para o esquema *simplificado* dos dois espelhos, na qual Lacan mantém a mesma estrutura deste esquema, adicionando e transformando alguns dos operadores postos.

1.3.3. *O esquema simplificado dos dois espelhos*

Da passagem do *Esquema dos dois espelhos* para o *Esquema simplificado dos dois espelhos*, encontramos as seguintes alterações: 1. Adiciona-se a linha *S------SV*, respectivamente *sujeito* e *sujeito virtual*; 2. Adiciona um fator de comando da inclinação do estádio do espelho e 3. Propõe aperfeiçoamento ao espelho plano (trocando-o por um vidro). Vale ressaltar que Eidelsztein (2010) nos informa que "simplificado" em francês, não somente nos quer dizer mais simples, mas também simbolizado (*ibid.*, p. 41). Desta forma, a estrutura mesma do espelho se mantém, adicionando-se à ele o eixo supracitado. Vejamos:

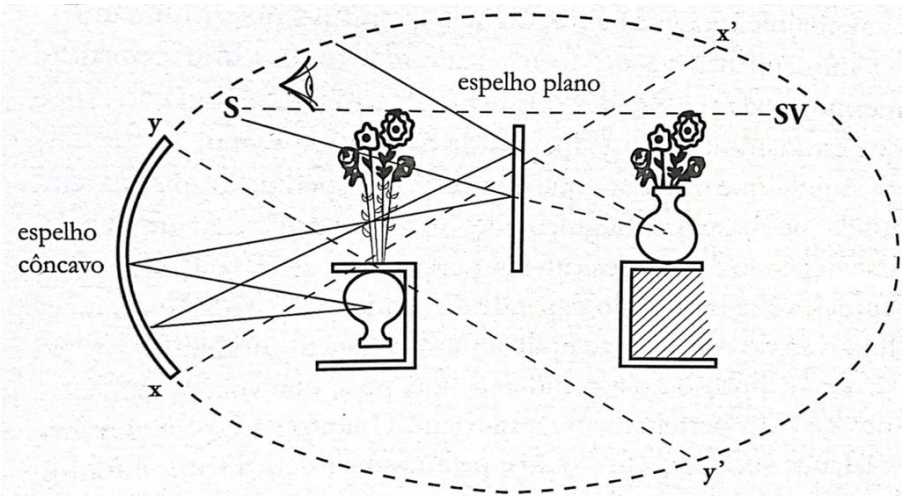

FIG 4. Esquema dos dois espelhos simplificado, (1953/1954, p. 185)

Com esta proposição de Lacan (1953/1954, p. 186) temos que o *S*, o sujeito, está situado na borda do espelho esférico e simetricamente está situado o *SV*. Se adotarmos o espelho plano enquanto eixo de divisão do esquema, à direita está situada uma dimensão virtual que se comportaria tal qual o sujeito à esquerda do esquema, que veria a imagem do objeto real. Na explicação do próprio Lacan:

> Mas sabemos que a visão de uma imagem no espelho plano é exatamente equivalente, para o sujeito, ao que seria a imagem do objeto real para um espectador que estivesse para além desse espelho, no lugar mesmo em que o sujeito vê sua imagem. Podemos, pois, substituir o sujeito por um sujeito virtual, SV, situado no interior do cone que delimita a possibilidade de ilusão, - é o campo x'y'. O aparelho que inventei mostra, pois que, se estivermos colocados num ponto muito próximo da imagem real, podemos não obstante vê-la, num espelho, no estado de imagem virtual. É o que se produz no homem. (LACAN, 1953/1954, p. 186).

É neste sentido que o sujeito veria o seu eu numa relação reflexiva. Sobre isso, Eidelsztein (2010) nos diz que "aqui Lacan simbolizou na letra S tudo aquilo que o olho representa, isto é, o sujeito mítico anterior à incidência do simbólico e com SV, o sujeito virtual, um sujeito capaz de ver a si mesmo, mas apenas a partir da posição em que o outro veria" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 41). Haveria, de acordo com o autor, um sujeito mítico e um sujeito virtual, no entanto, poderíamos contrapor tal posicionamento interrogando se, no caso do esquema, não se trataria de um recurso para demonstrar de qual o lugar que o sujeito vê sua imagem, a partir da reflexão de espelhos. É esta relação de exterioridade presente no momento da constituição em que vê-se inicialmente o eu, lá em outro lugar, no espelho ou no outro, enquanto miragem. Assim como Lacan (1953/1954) considera:

> Com efeito, o sujeito virtual, reflexo do olho mítico, quer dizer, o outro que somos lá onde vimos inicialmente nosso eu - fora de nós, na forma humana. Essa forma está fora de nós, não enquanto feita para captar um comportamento sexual, mas enquanto fundamentalmente ligada à impotência primitiva do ser humano. O ser humano não vê sua forma realizada, total, miragem de si mesmo, a não ser fora de si. (LACAN, 1953/1954, p. 186)

Como Lacan atribui enquanto "olho mítico" àquilo que está à esquerda do espelho plano, nos interrogamos aqui, no bojo desta discussão, se poderíamos o eu-ideal também enquanto "mítico". Isso porque, uma vez atribuída a imagem virtual à imagem real, só temos acesso à virtualidade da imagem. Essa busca pela imagem ideal, na virtualidade da imagem ao longo da vida, seria posta pelo Ideal do Eu, situado fora de si, no outro, no semelhante.

Neste momento, Lacan adiciona uma variável que irá oferecer as condições para que a imagem virtual possa de fato ser produzida com a nitidez para o SV, ao passo que a incidência

dos raios no espelho é de fundamental importância na constituição da imagem óptica. A inclinação do espelho plano, ele nos diz, participa da produção da imagem, na medida que será possível ver melhor ou pior a imagem:

> Quanto ao espectador virtual, que vocês, pela ficção do espelho, substituem a vocês mesmos para ver a imagem real, basta que o espelho plano esteja inclinado de um certo modo que fique no campo em que se vê muito mal. (...) Digamos que isso representa a difícil acomodação do imaginário no homem (*idem; ibid*., p. 187).

A inclinação do espelho, portanto, oferece as condições para a produção da imagem. A inclinação do espelho seria comandada pela voz do outro (LACAN, 1953/1954, p. 187); é importante pontuar que Lacan ainda não havia introduzido a concepção do Outro, como o faz em seu *Seminário 2*. Mas a dimensão da *voz* reenvia as considerações sobre o registro do simbólico enquanto articulador da função imaginária. Ao considerar que a inclinação do espelho é comandada pela voz do outro, ele nos diz: "Isso não existe ao nível do estádio do espelho, mas é em seguida realizado pela nossa relação com outrem em seu conjunto - a relação simbólica. A regulação imaginária depende do simbólico." (*idem; ibid.* p 187)

Em tais linhas está posto que o espelho plano e suas condições de inclinação são inseridos no esquema para abordar a trama que a operação simbólica produz a partir da entrada do sujeito no campo da relação com outro. Notemos as inúmeras condições que são dadas para que se configure tal produção de um SV: tanto a posição do olho quanto a inclinação do espelho, devem ser suficientes para que se possa ver nitidamente a sobreposição da imagem real pela imagem virtual. Posto isso, a ênfase atribuída é que "é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê" (*ibid.,* p. 187), ou então, o sujeito virtual do esquema. Desta forma, situamos na função simbólica e a estrutura imaginária enquanto condicionadas em termos de produção de imagem, numa implicação de correspondências fundamentais. Ou então:

> É a palavra, a função simbólica, que define maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre o Ideal-Ich e o Ich-Ideal, entre o Eu-ideal e o ideal de eu. O ideal de eu comanda o jogo das relações de que depende toda a relação com outros. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária. (*Idem, Ibidem*, p. 187)

Com isso, a distinção entre o eu ideal e o Ideal do Eu se dá justamente na medida em que o primeiro remete à estruturação imaginária, e o segundo, podemos dizer, uma estruturação simbólica das bases imaginárias, que marcam o jogo de relações com o outro.

Por mais que sejam concebidos enquanto diferentes, o *ideal do Eu* pressupõe o *Eu Ideal*, afinal é o segundo que oferece a possibilidade noética para que o primeiro se introduza. Mais ainda, o que se passa à direita do espelho plano, ou seja, a produção do sujeito virtual e da imagem virtual, implica na reflexão do sujeito e imagem real do espelho côncavo.

Para dar um tratamento a essa questão tanto dos ideais quanto da relação que se estabelece entre o que se passa à esquerda e à direita do esquema, Lacan propõe "um aperfeiçoamento a mais nesse aparelho" (*idem; ibid.*, p. 188). Esse aperfeiçoamento é utilizado, segundo ele, para nos mostrar que "o imaginário e real agem no mesmo nível" (*idem; ibid.*, p. 188).

O aperfeiçoamento ao qual ele se refere é a de imaginar a substituição do espelho plano por um *vidro*. Sabe-se que, pela propriedade dos vidros, eles permitem que os raios incidentes atravessem a sua superfície e consigamos ver o que está além dele; ao mesmo tempo, os vidros permitem certa reflexão dos raios, que se comporta, em partes, como um espelho plano. Vejamos a explicação de Lacan (1953/1954):

> Vocês veem no vidro e veem os objetos além. Trata-se justamente disso - uma coincidência entre certas imagens e o real. Os objetos reais, que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário. (*idem; ibidem*, p. 188).

Portanto, objetos reais e objetos imaginários estariam em lugares correlativos, ao passo em que a função libidinal, centrada no imaginário, opera pelas vias de investir e apreender a imagem do objeto real.

De acordo com Lacan (1953/1954), podemos entender enquanto investimento libidinal, o processo ao qual um objeto adentra o circuito do desejo e, no homem, imaginário é atravessado pelo simbólico, inclusive o próprio corpo, e por isso, na regulação imaginária é preciso uma intervenção da dimensão do simbólico. As relações simbólicas, neste momento de seu ensino, são as relações de *intercâmbio da lei*, que ao passo em que "só pode se encarnar pela troca verbal entre os seres humanos" (*idem; ibid.* p. 188). Ainda, só é possível conceber a posição na estruturação imaginária na medida em que se pensa no plano simbólico como guia. Ponto de central interesse para este estudo, na medida em que este guia ao nível do plano simbólico, da troca legal, ao nível da troca verbal, Lacan situa: "esse guia que comanda o sujeito é o ideal do eu" (*idem; ibid.* p. 188).

Por isso, o ideal do eu, ao mesmo tempo que depende de uma estruturação imaginária inaugural, situa o sujeito nas relações com o outro a partir da troca simbólica. Ao mesmo

tempo que ele é guia, ele também participa da estruturação do imaginário, daquilo que lhe herda do estádio do espelho. Então: "O ideal do eu é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária." (*idem; ibid.*, p. 189). Lembremos que ao se referir enquanto *sublimada*, é Freud em *Eu* e o *Isso* (1923) quem refere-se ao Ideal do Eu como herdeiro do complexo de Édipo, quando a criança abandona os pais como objetos de amor e elege ideais do eu substitutivos. Esta noção se aproximaria das considerações de Lacan ao atribuir ao narcisismo secundário a função de normalização libidinal, como abordado em outro momento deste estudo.

Ao situar o Ideal do Eu no nível da troca simbólica, temos a questão de saber que, segundo Lacan, "a troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si, ou seja, a palavra é que permite identificar o sujeito" (*Idem; ibid.*, p. 189). Sobre isso, Eidelsztein (2010) ressalta uma nota:

> [o] Ideal do eu não somente guia o sujeito no imaginário, mas também permite identificar o sujeito. Nesse sentido, "identificar" não é "identificar com" mas dar ou obter identidade, tal como funciona na carteira de identidade, ou quando se diz que identificamos alguém por meio da foto" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 43).

Portanto, o Ideal do eu se aproximaria de uma noção de identidade[36]. Apesar de traçar esta aproximação entre o Ideal do Eu e a ideia de identidade, o autor nos lembra que se trata de uma "pré-concepção"[37], dado que a teoria significante de Lacan nos dará a fórmula de que não há um significante que forneça a identidade ao sujeito, posto pelo sujeito barrado ($) (EIDELSZTEIN, 2010). Mas, como se trata de acompanharmos o desenvolvimento dos conceitos, trabalharemos com uma noção de Ideal do Eu, neste período de seu ensino, próximo à ideia de um agente que comanda as relações com o outro, e aproximando-o de uma noção de identidade.

Retomando a apresentação óptica de Lacan, podemos situar em seu aparelho o intermédio legal do plano simbólico, situando-o no esquema, cujas leis e condições são referidas ao posicionamento do olho e a inclinação do espelho espelho plano: ambos referidos

---

[36] Estas compreensões referem-se diretamente às elaborações de Lacan (1953/1954) acerca da troca simbólica e do intermédio da lei: "*O que é a ligação simbólica, é para colocar os pingos nos ii, que socialmente nós nos definimos por intermédio da lei. É da troca dos símbolos que nós situamos uns em relação aos outros nossos diferentes eus* - você é você, Mannoni e eu, Jacques Lacan, estamos numa certa relação simbólica que é complexa, segundo os diferentes planos em que nos colocamos, segundo estejamos juntos no comissariado de polícia, juntos nesta sala, juntos em viagem. A relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê" (LACAN, 1953/1954, p. 165, *grifos nossos*)

[37] Em suma, "essa pré-concepção também é encontrada em Freud, enquanto "identidade de percepção" e "identidade de pensamentos" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 43)

às operações do simbólico. Se estabelecermos uma linha divisória a partir do espelho plano, temos, à sua esquerda, 1) o que situamos como um primeiro narcisismo, com as bases dadas pelo experimento de Bouasse, que projetará a partir da reflexão no espelho côncavo, uma imagem real - que comporta-se como um objeto-; o buquê é revestido pelo vaso imaginário, tal qual a operação do estádio do espelho e a assunção de imagem corporal. No entanto, Lacan é enfático ao tratar dessa primeira constituição da imagem, de que de alguma forma a sentimos como inexata, turva; à sua direita, 2) vemos formar uma imagem virtual da imagem real, e temos por vez uma imagem completa, aperfeiçoada – nas condições ideais do esquema-; temos então um *Sujeito Virtual*, e uma imagem virtual do vaso e buquê de flores. Vemos um jogo de espelho e um jogo de imagens, que marca por exemplo, o acesso ao corpo num recorte imaginário e simbólico, ou mesmo as marcas de uma alienação fundamental, posto que a ilusão da imagem total corpo só nos é dada em exterioridade.

Sendo assim, temos em linhas claras que é na relação com o outro que o sujeito se constitui, que inclusive se vê refletido, ao mesmo tempo em que abre um campo de inúmeras possibilidades de arranjos. Se à direita do espelho o sujeito situa o seu ideal do eu como um ideal no outro, no semelhante, há a possibilidade de que o eu-ideal possa vir a se confundir com o ideal do eu. Isso porque, o "ideal do eu enquanto falante, pode vir a situar-se no mundo dos objetos a nível do eu-ideal" (LACAN, 1953/1954, p. 189). Para ele, neste momento de confusão, de sobreposição entre os ideais, o que se opera é uma *suspensão da regulação simbólica do aparelho*. Ou então, quando não há uma regulação simbólica do imaginário, faz-se coincidir ambos. Lacan nos remete ao dito popular "quando se está apaixonado, se está louco" (*Idem, Ibidem*), referindo-se aos efeitos do apaixonamento, mas também à formulações freudianas sobre o *Verliebtheit*. Na confusão do *eu ideal e ideal do eu*, poderíamos encontrar o que seria da ordem da tragédia, expressa na ligação mortal do suicídio de Werther:

> Vendo pela primeira vez Lotte, que ninava maternalmente uma criança (...) É uma imagem perfeitamente satisfatória, no plano analítico. Essa coincidência do objeto com a imagem fundamental para o herói de Goethe é o que desencadeia sua ligação mortal. É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu ao nível imaginário. (*idem, ibidem*)

A captação narcísica e a morte são trazidos no curso dos desenvolvimentos de Lacan diversas vezes, como em *Complexos familiares* (1938), quando situa que o mundo narcísico prescinde do outro enquanto alteridade radical- afinal, o outro é a imagem de si refletida. A confusão entre o eu ideal e ideal do Eu será desenvolvida detidamente no Esquema de 1960.

Portanto, aqui, Lacan parece antecipar o que dará um melhor tratamento no ano de 1960, inclusive, porque esse é o ponto de encerramento do capítulo *eu ideal e ideal do Eu*. Nota-se que, de fato, o que se passa à direita do espelho plano ainda é pouco explorado, e isso veremos melhor no capítulo seguinte.

1.3.4. *O desejo e o Esquema simplificado dos dois espelhos.*

Uma questão que está posta desde antes da entrada em seus seminários, já presente na questão da agressividade, do ciúme e nas considerações sobre o estádio do espelho é o tema do desejo, cuja designação Lacan (1953/1954) nos diz, retomando o tema hegeliano fundamental: "*o desejo do homem é o desejo do outro*" (*idem; ibid.*, p. 195). Encontramos as bases destes desenvolvimentos nas designações daquilo que Lacan chamou de "encruzilhada estrutural", num destaque à dimensão 'alienante' posta pelas marcas do estádio do espelho - tendo em vista as considerações sobre o transitivismo e no próprio exemplo de Lacan sobre a observação de Santo Agostinho sobre o ciúme primordial, citado anteriormente-. De acordo com Lacan, em *A Agressividade* (1948):

> Há nisso uma espécie de encruzilhada estrutural onde devemos acomodar nosso pensamento, para compreender a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos. Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena de si mesmo, eis a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu *eu*. Essa forma se cristalizará, com efeito, na tensão conflitiva interna ao sujeito, que determina o *despertar de seu desejo pelo objeto de desejo do outro* (LACAN, 1998[1948], p. 116, *grifo nosso*)

Essa condição primordial do desejo enquanto "desejo pelo objeto de desejo do outro", que Arantes (2012, p. 11) e Ogilvie (1988, p. 110) afirmam ser um uso da definição de Desejo por Kojève, e que não seria encontrada de fato na tese hegeliana[38]. Advertidos desde já por esta ressalva quanto ao "uso" de Lacan da tese hegeliana da *Fenomenologia do Espírito*, propomos enfatizar que o próprio desejo humano constitui-se sob o *signo da mediação*, ou então, ele é *desejo de fazer seu próprio desejo reconhecido*, conforme afirma Lacan em *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1998[1946]). E mais:

---

[38] O mesmo autor nos diz que "não é segredo para ninguém que o Hegel de Lacan não é de primeira mão" (OGILVIE, 1988, p. 11)". Vale lembrar, ainda, que Lacan acompanhara o percurso de Kojeve em seus seminários em 1933.

> Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido de que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que transparece em suas necessidades mais primitivas- como, por exemplo, no fato de que seu próprio alimento tem que ser preparado - e, encontramos em todo o desenvolvimento de sua satisfação, a partir do conflito mestre/senhor e do escravo, através de toda a dialética do trabalho. (LACAN, 1998[1946], p. 183)

Portanto, neste momento de seu ensino, Lacan propõe uma concepção de desejo "que situa o outro no coração do desejo, do comentário de Hegel" (OGILVIE, 1988, p. 112). Assim, a operação do estádio do espelho marca a disposição do eu em sua pregnância do outro e a este "outro", ainda minúsculo — dada a mudança de Lacan para "Outro" como veremos na próxima seção — , poderíamos pontuar que o homem não desejaria plenamente os objetos, mas sim um outro desejo, de um outro. Com efeito, nesta dinâmica, o reconhecimento do desejo está situado no coração da questão.

Como vimos anteriormente, a imagem real é uma imagem que fascina, na ausência mesma do objeto real que encontra o representante no imaginário, imagem esta que fascina e o captura. As marcas desta apreensão antecipada do domínio se revelam na *Urbild*:

> [o] primeiro modelo em que se marca o atraso, o descolamento do homem em relação à sua própria libido. Essa hiância faz com que haja uma diferença radical entre a satisfação de um desejo e a corrida em busca do acabamento do desejo - o desejo é essencialmente uma negatividade, introduzida num momento que não é especialmente original, mas que é crucial, de virada. O desejo é apreendido inicialmente no outro, e da maneira mais confusa. A relatividade do desejo humano em relação ao desejo do outro, nós a conhecemos em toda reação que há rivalidade, concorrência, e até em todo o desenvolvimento da civilização, inclusive nesta simpática e fundamental exploração do homem pelo homem" (LACAN, 1953/1954, p. 196)

Desta forma, o desejo é essencialmente uma negatividade, inicialmente apreendido através do outro. Além disso, está situada a função da mediação, do intermédio no tocante à questão do desejo: "O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo do seu semelhante" (*idem; ibid.* p. 196). Ao lembrarmos do aparelho óptico, em seu eixo imaginário de i(a) a i'(a), temos uma certa passagem que, de acordo com Lacan, é mobilizado pelas coordenadas do desejo, que operam na passagem em que o i(a) se liga ao aparente domínio do da imagem do outro, em i'(a). Esta dimensão está presente na seguinte afirmação de Lacan: "É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo" (*idem; ibid.* p. 196), e que podemos acrescentar, este seria um passo em direção ao aparente domínio da imagem do espelho, que só lhe é dado virtualmente, 'do outro lado'.

As consequências destas colocações são inúmeras. Ressaltamos, neste ponto, que o que se vê constituído, seja no outro, seja na própria imagem do espelho, tal domínio ideal, é nada menos do que aquilo que não é e que está de fato externo a si. Isso porque, o domínio é antecipatório, de forma que, logicamente posto, não há uma equivalência posta entre o domínio real e o domínio ideal do corpo. Nesta dialética entre o domínio real e o ideal, Lacan (1953/1954) situa a dimensão do corpo e do desejo: "O corpo como desejo despedaçado se procurando, e o corpo como ideal de si, se reprojetam do lado do sujeito como corpo despedaçado, enquanto vê o outro como corpo perfeito. Para o sujeito, um corpo despedaçado é uma imagem essencialmente desmembrável do seu corpo" (*idem; ibid.* p. 196). Mais ainda, é porque certas partes "da imagem real nunca poderão ser dadas na imagem virtual" (*idem; ibid.*, p. 210), é que há uma dimensão de corpo fragmentado sempre presente. Em outras palavras, certas faces da imagem real nunca poderão ser dadas na imagem virtual; ao passo que as partes da imagem real que nunca serão vistas - e que Lacan afirma como sendo os lugares em que o aparelho emperra, em que se bloqueia - ele situa como sendo o inconsciente (numa relação metafórica). (*Idem, Ibid.* p. 210)

Encontramos tal movimento entre o domínio real e ideal nos fenômenos do transitivismo, em que a sua ação e a do outro, para a criança, se equivalem. O sujeito, a partir da mediação da imagem do outro e a assunção jubilatória de sua imagem, assume o domínio em seu interior, ou então a imagem da forma do outro é assumida pelo sujeito, está situada em seu interior. Para Lacan (1953/1954):

> É num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Da mesma forma, tudo o que está então nele no estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído e confuso, o que se exprime no vagido da criança - é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo (*idem; ibid.*, p. 224)

Sobre esta dinâmica, portanto, atravessa a questão do reconhecimento do desejo, que reserva ainda uma relação temporal: "Antes que o desejo aprenda a se reconhecer, ele só é visto no outro" (*idem; ibid.*, p. 225). Vale ressaltar que o passo do reconhecimento é um momento lógico posterior, dado que no estado primordial o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado e alienado no outro. Quando Lacan retoma Santo Agostinho e o drama do ciúme primordial, tomamos o objeto do desejo para a criança, que é o seio, é para ela essencial. Neste sentido:

> A relação que existe entre o sujeito e o seu *Urbild*, o seu *Ideal-Ich*, por onde entra na função imaginária e aprende a se conhecer como forma, sempre pode bascular. Cada

> vez que o sujeito se apreende como forma e como eu, cada vez que se constitui no seu estatuto, na sua estatura, na sua estática, o seu desejo se projeta para fora. Donde se segue a impossibilidade de toda coexistência humana. (*Idem, ibid.* p. 225)

Situa-se aqui uma relação existente entre o sujeito e o eu ideal, que seria pela via da entrada da função imaginária e do 'conhecer-se'. Com efeito, a primordial noção da totalidade do corpo é vivida como encantadora, o primeiro impulso do desejo passa no sujeito pela mediação de uma forma que primeiro é vivida como projetada em seu exterior, no outro ou em seu próprio reflexo. Há, como vimos, um investimento libidinal, do ponto de vista do narcisismo, à imagens que, de forma singular, compõem a narrativa da história de seu desejo. Neste sentido, a história de seu investimento libidinal que engendra o circuito do desejo, não deixa de se ligar à relação imaginária primordial. Isso porque, a "relação imaginária primordial dá o quadro fundamental de todo erotismo possível" (LACAN, 1953/1954, p. 230)**.** A imagem do Eu Ideal, uma vez originária no momento de constituição, não deixa de retornar, uma vez que algo se passa à nível imaginário e cativa a imagem:

> Inversamente, cada vez que no fenômeno do outro, algo aparece que permite de novo ao sujeito re-projetar, re-completar, *nutrir*, como diz Freud em algum lugar, a imagem do *Ideal-Ich*, cada vez que se refaz de maneira analógica a assunção jubilatória do estádio do espelho, cada vez que o sujeito é cativado por um dos seus semelhantes, bem, o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado. (LACAN, 1953/1954, p. 226)

Bem, o passo dado é que o eu ideal reserva relações com a operação simbólica, e por isso que o retorno se dá pela via da linguagem. Lacan (1953/1954) trata da relação simbólica, na medida em que a incidência simbólica e as relações de linguagem provocam modificações no aparelho, que comanda os jogos de imagem do esquema, contando com as inclinações possíveis e fazendo surgir diferentes figuras de seu desejo. A condição de nascimento do homem, em estado de impotência e dependência, em que era dos gritos que dependia a sua comida, as palavras da linguagem lhe serviriam de apelo, que temos com isso que, muito precocemente, essa relação ao outro é, pelo sujeito, nomeada (LACAN, 1953/1954, p. 207). Trata-se, na relação simbólica, de que o sujeito é antes de mais nada, *falado*, na dependência do discurso do Outro que antecede a sua vinda mesma ao mundo – dimensão articulada de forma mais contundente no esquema R. Com isso, temos:

> Portanto, a dialética do eu ao outro é transcendida, colocada num plano superior, pela relação ao outro, pela simples função do sistema de linguagem, enquanto é mais ou menos idêntico, em todo o caso fundamentalmente ligado, que chamaremos a regra, melhor ainda, a lei (LACAN, 1953/1954, p. 208).

Uma vez transcendida a relação especular fundamental e elevada a um plano superior, como diz o psicanalista francês, tal dialética se liga à lei do simbólico - como trouxemos anteriormente o quadro em que a relação simbólica vem a regular a relação imaginária. Isso nos é de especial interesse, pois nos suscita a questão de como o eu ideal, enquanto produto imaginário de um momento de constituição, retorna ao longo da vida do sujeito. A chave para este retorno, podemos considerar, se dá na medida em que o eu ideal está fundamentalmente ligado ao desejo. Portanto:

> [o] desejo, alienado, é perpetuamente reintegrado de novo, reprojetando no exterior o *Ideal-Ich.* É assim que o desejo se verbaliza. Há aí um jogo de báscula entre duas relações invertidas. A relação especular do ego, que o sujeito assume e realiza, e a projeção, sempre pronta a ser renovada no *Ideal-Ich.* (*ibid.*, p. 229)

Isso porque, a primeira alienação do desejo está ligada a este fenômeno da relação ao outro especular, a este primeiro plano reflexivo. Quando a criança, em seu jogo com o outro do espelho, jogo este de fascínio, de valorização, vê manifestar-se no outro um atividade mais perfeita, mais dominada do que a sua, isto é, a sua forma ideal. É sobre isso que Lacan diz: "Esse primeiro objeto é, a partir de então, valorizado" (*Ibid.*, p. 232). Guardemos tais considerações sobre o eu ideal ser incessantemente renovado no plano imaginário da relação especular. Para entender o alcance destas colocações, temos o esquema simplificado dos dois espelhos, a seguir:

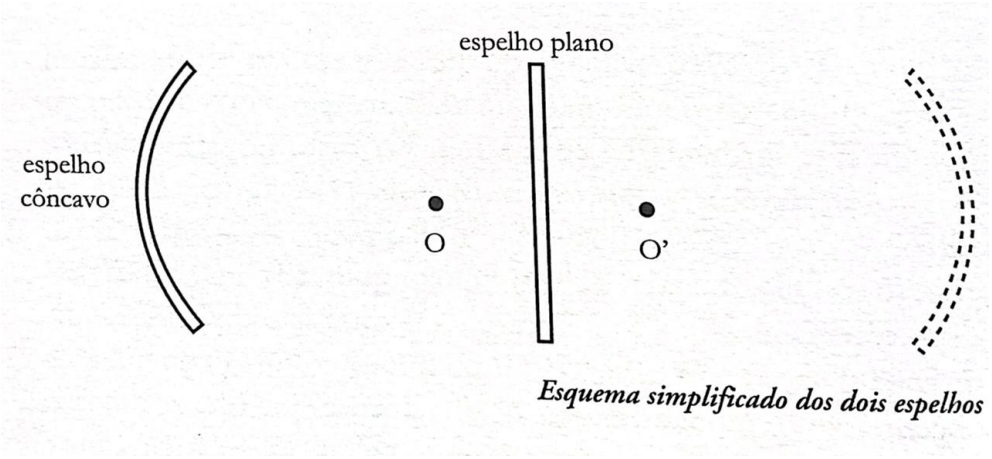

Fig. 5: Esquema simplificado dos dois espelhos (1953/1954)

Retomamos agora o dispositivo apresentado por Lacan, de forma a poder situar aquilo que Lacan define enquanto a relação imaginária. Neste dispositivo, Lacan (1953/1954) propõe um tratamento àquilo que seria a interiorização no sujeito da imagem real que se formou no

espelho côncavo. Neste ponto, Lacan chamará de O (*idem; ibid.*, p. 217). O sujeito vê essa imagem real como uma imagem virtual no espelho plano, designada como O'. Este eixo, O-O', deve ser o eixo de partida, nos diz Lacan (*idem; ibid.*, p. 218). A este eixo está relacionada a forma imaginária, especular, do Eu-Ideal, como nas palavras de Lacan: "Vocês já sabem que se trata do que se relaciona à constituição do *Ideal-Ich* e não do *Ich-Ideal* - em outras palavras, da origem fundamentalmente imaginária, especular, do eu" (*idem; ibid.*, p. 218). Ou então, Lacan diz da relação imaginária enquanto eu ideal e não enquanto o Ideal do Eu, que por sua vez, se liga fundamentalmente à relação simbólica.

Em sua breve retomada do Caso Dora, Lacan situa as questões do manejo da transferência imaginária. De saída, Lacan situa que, para Dora, em O' há para ela a Sra K. O desejo de Dora está em O' e em O' está a Sra K, desejo este ainda não reconhecido, preso no circuito O-O'. Para Lacan:

> Freud intervém no momento em que, no jogo de báscula, o desejo de Dora está em O', em que ela deseja a Sra K. Toda a história de Dora está nessa oscilação em que ela não sabe se não ama senão a si mesma, sua imagem exaltada na Sra K, ou se deseja a Sra K. Essa báscula não cessa e por isso ela não sai disso. (*idem; ibid.*, p. 243)

Sem adentrar na discussão acerca da crítica ao manejo de Freud[39], haveria de entrar, neste circuito, a função do reconhecimento, a função da palavra. O desejo de Dora deveria ser reconhecido e nomeado. É neste sentido que "A palavra é essa dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. É somente quando ele se formula, se nomeia diante do outro, que o desejo é reconhecido no sentido pelo do termo" (*ibid.*, p. 242). O alcance destas considerações reforça aquilo que Lacan considera enquanto ponto de partida o eixo da relação imaginária, melhor dizendo, a sede inicial é o outro, o semelhante.

Com isso não quer dizer que o mecanismo imaginário do eu ideal não esteja presente na economia da análise a na transferência, mas que isso parta do campo do analisante e não do analista, ou seja, que o analista não responda a partir do eixo imaginário com seu eu. Por exemplo, vale lembrar que Lacan (1953/1954) situa que na direção de tratamento de Dora, a captura do eu ideal e ideal do eu deve ser levada em consideração: "E é na medida em que ele reconquista o seu Ideal-Ich que Freud pode então tomar o seu lugar ao nível do Ich-Ideal" (LACAN, 1953/1954, p. 245). Haveria assim, uma ideia de progressão, que partiria do nível

---

[39] Lacan (1953/1954) retoma o caso Dora e o manejo de Freud levantando o questionamento, a saber, se a análise pudesse ser conduzida de forma correta, quais seriam os seus desdobramentos. A questão repousa em saber se ao invés de intervir pela posição em O', posição esta imaginária, colocar em jogo o próprio ego a fim de modelar e formar o de Dora, Freud tivesse acenado, mostrado, que era a Sra. K que ela amava.

imaginário ao simbólico, levando em consideração os lugares que o analisando vem a designar o analista (sem que com isso ele venha a responder desse lugar). As questões relativas ao eu ideal e ideal do eu na análise e na transferência são retomados por Lacan (1998[1960a]), conforme abordaremos a seguir.

1.4. Investigações dos ideais no Modelo Ótico de Lacan (1998[1960a])

A partir dos desenvolvimentos anteriores sobre os esquemas que estão no fulcro do modelo óptico de Jacques Lacan, nota-se que há a recorrente distinção entre os operadores eu-ideal e ideal do eu, em seu esforço de formalização. Anos depois de seu primeiro Seminário (1953/1954), observa-se o retorno do seu modelo no escrito *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]), em um momento diferente de seu percurso e, com isso, ocupando-se de novos desafios imanentes de seu ensino. Considera-se imprescindível, portanto, abordar qual o contexto que o modelo óptico está inserido nesta retomada, a fim de evidenciar qual quadro de questões clínicas e teóricas que os operadores eu-ideal e ideal se encontram. Muito embora não esteja no escopo deste estudo esgotar as compreensões e discussões presentes no texto em questão, pretendemos discorrer brevemente sobre alguns desdobramentos que Lacan empreende a partir do *Relatório de Daniel Lagache*, no tocante aos ideais em sua articulação no modelo.

O relatório ao qual Lacan (1998[1960a]) faz referência foi apresentado por Daniel Lagache, psiquiatra francês, no colóquio de Royallmont, em julho de 1958, intitulado *La psychanalyse et La structure de La personnalité*. O primeiro ponto a ser abordado tem como disparador da discussão o seguinte trecho: "o termo estrutura, que dará ao relatório de Daniel Lagache, sua palavra-chave" (LACAN, 1998[1960a], p. 653). Para entendermos o alcance de tal afirmação bem como de que forma se relaciona com o tema aqui dissertado, resgatamos as compreensões de Iannini (2012) acerca da questão da estrutura. Com isso, antes de entrarmos no emprego que Lacan faz das noções de Lagache, apresentamos um trecho-chave recuperado pelo autor em que Lagache (1961) apresenta duas concepções fundamentais de estrutura da personalidade:

> Duas concepções da estrutura pessoal se depreendem da personologia contemporânea. Para alguns, a estrutura da personalidade é um *conjunto hierarquizado de traços diretamente observáveis*; concepção estática, formal, classificação lógica de todos os componentes individuais, psicológicos ou somáticos. Segundo outra concepção, a estrutura pessoal é um *sistema de relações*

> *entre formações que não são diretamente observáveis*, mas às quais a observação de certas regularidades confere uma realidade conceitual no interior de um modelo teórico. É desta segunda concepção, analítica e dinâmica, que tratamos até agora. É dela que a personologia psicanalítica oferece o exemplo mais antigo e mais típico (LAGACHE, 1961 APUD IANNINI, 2012, p. 224)

A partir disto, Iannini (2012) nos indica que há uma antinomia entre uma primeira noção de estrutura que poderia ser considerada enquanto "uma estrutura aparente, ou mesmo, empiricamente apreensível" e uma segunda concepção enquanto "um sistema de relações entre formações que não são diretamente observáveis", ou então, são indiretamente aparentes. Com isso, ele nos indica o que seria o emprego de Lacan em relação àquilo que Lagache propõe, em vias personalistas, diz Iannini que:

> [r]eencontramos aqui um dualismo forma/conteúdo, de tipo kantiano. Lacan refuta esta antinomia e propõe uma estrutura, ou antes, uma *terceira modalidade de estrutura*, que não é nem organização inferencial de dados, nem esquema transcendental; uma espécie de "terceira margem do rio" (IANNINI, 2012, p. 224).

Lacan propõe uma terceira via, que não opera nem por um sistema de inferências, nem por um esquema transcendental kantiano[40] enquanto chave de leitura da estrutura. Nos autorizamos a acrescentar, ainda, que a estrutura a qual se refere Lacan não é uma forma, tampouco geométrica, mas sim dinâmica e significante. Mais ainda, nas palavras de Lacan, esta antinomia referenciada por Lagache, e salientada por Iannini, desconhece esse terceiro modo de estrutura, que vem a propor:

> Portanto, quando Daniel Lagache parte da escolha que nos propõe, entre uma estrutura como que aparente (que implicaria a crítica daquilo que o caráter descritivo comporta de natural) e uma estrutura que ele pode declarar distante da experiência (já que se trata do 'modelo teórico' que ele reconhece na metapsicologia analítica), essa antinomia desconhece um modo de estrutura que, por ser terceiro, não deve ser excluído, ou seja, os efeitos que a combinatória pura e simples do significante determina na realidade em que se produz (LACAN, 1998[1960a], p. 655).

Portanto, a estrutura aqui se apresenta como os efeitos de combinatória significante na realidade, ao mesmo tempo em que considera que a estrutura não como um modelo teórico, mas sim uma máquina que põe o sujeito em cena: "'a distância da experiência' da estrutura desaparece, já que opera nela não como modelo teórico, mas como a máquina original que nela põe em cena o sujeito" (LACAN, 1998[1960a], p. 655). Não obstante, Iannini (2012)

---

[40] Sobre o esquema transcendental kantiano, Alenka Zupančič (2000, p. 74) afirma que Kant compara a ideia transcendental ao esquema transcendental, no qual nenhum objeto, nem mesmo um objeto hipotético, é diretamente dado, e que permite que representemos outros objetos para nós mesmos apenas indiretamente, em seu sistema de unidade, sempre relacionados com a ideia representacional. Assim, a ideia transcendental diz respeito ao ato da representação, ou seja, seria a forma de representação, e não o seu conteúdo.

ressalta que podemos inclusive entrever o que seria uma definição lacaniana de estrutura em tal crítica que faz a Lagache. Parece relevante notar que, neste momento do ensino de Lacan, não temos uma noção clara do que seria um conceito de estrutura, mas sim seus *efeitos* de funcionamento como uma *máquina que põe em cena o sujeito*.

Na esteira da discussão acerca da estrutura, se insere a problemática atinente ao eu-ideal e ideal do eu. De forma breve, Lacan tece contundentes críticas em relação à apreciação dos ideais por parte de Lagache. A crítica repousa sobre o que Lacan considera ser o fundamento da tese pela qual o estudo se conduz, isto é, "seria de uma via personalista" (LACAN, 1998[1960a], p. 678), em que, nesse esforço em diferenciar o ideal do eu e o eu ideal como função ou como estrutura, Daniel Lagache percorre as vias daquilo que ""é diretamente observável" numa análise clínica" (*idem, ibid.*). Não entendemos com isso que poderíamos prescindir daquilo que se "observa" na clínica, mas justamente o equívoco de pensar numa estrutura que se assente naquilo que é aparente e no caráter descritivo - como dito anteriormente.

Junto a isso, lê-se o que poderia ser considerado um impasse, entre aquilo que tomamos enquanto fenômeno na clínica, ou então, nas manifestações clínicas do eu-ideal e ideal do eu e aquilo que se dá em seu funcionamento. Com isso, podemos compreender que Lacan declara insuficiente uma abordagem da estrutura pela via fenomenológica, acenando para a importância de recorrer à construção de uma metapsicologia, como no trecho seguinte:

> Pois não se sustentando em parte alguma no fenômeno, não é maior o risco de se confiar em miragens, já que se pode dizer que, ao menos, essas instâncias se dão como tais na vivência, sob um aspecto, o Ideal do Eu como modelo o Eu Ideal como aspiração, para não dizer antes como um sonho. É o caso de recorrer ao que a experimentação analítica nos permite construir de metapsicologia (LACAN, 1960a, p. 678)

Nessa passagem, Lacan refere-se aos ideais enquanto *instâncias* e que podemos considerar com reserva as formas pelas quais elas se apresentam na vivência. De todo modo, é interessante nos atentarmos àquilo que se refere enquanto o eu-ideal como aspiração - ou como almejo - e o ideal do eu como modelo – ou como padrão, referencial. É no cerne desta discussão que o psicanalista francês recorre, como ele nos diz, à uma *experimentação analítica*. Ou então, recupera o emprego do modelo óptico, desta vez anos depois de sua primeira exposição em 1953. A ênfase que atribuímos na relação que comporta os Ideais e o modelo óptico, repousa, de um lado, no que Lacan designa o modelo óptico enquanto põe "em funcionamento, na estrutura, as relações do Eu-Ideal com o Ideal do Eu" (*idem; ibid.*), e

de outro, como ele situa, no modelo, a estrutura de desconhecimento do Eu. Vejamos a seguinte passagem sobre o modelo:

> É que as ligações que ali irão aparecer, à maneira analógica, relacionam-se claramente, como veremos, com estruturas (intra-) subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico. Distinção cuja importância ensinamos para a construção do sujeito, a partir do momento em que é preciso pensarmos o sujeito como o sujeito em que isso pode falar, sem que ele nada saiba a respeito (e do qual até convém dizer que nada sabe a seu respeito enquanto fala). (LACAN, 1998[1960a], p. 681)

Com isso temos, mais uma vez, o valor analógico do modelo, contudo, aos moldes de que as ligações traçadas pelo modelo relacionam-se com estruturas intra-subjetivas. Tal funcionamento representa duplamente a relação com o outro e as incidências do imaginário e simbólico. Vale ressaltar que estes dois últimos aspectos representados já haviam sido outrora designados pelo psicanalista, na medida em que construiu os modelos anteriores, como já dito. Tal distinção entre a incidência do imaginário e do simbólico na construção do sujeito[41], apesar de não ser objeto central deste estudo, podemos ressaltar o aspecto de sua relevância no tocante aos ideais.

De forma breve, Lacan (1998[1960a]) nos diz que quando tomamos que o meio pelo qual a psicanálise opera é o da fala e do significante, e que portanto, pode-se situar que ela funciona no simbólico[42], e que com isso a psicanálise consiga assim conferir uma formulação do Eu constituído na incidência do imaginário. Contudo, como dissemos num momento anterior, o ideal do eu é uma formação simbólica - apesar de depender de uma estruturação imaginária anterior - e é no simbólico que ele se prende, como ele nos diz, "às coordenadas inconscientes do Eu" (ibid., p. 684). Temos portanto efeitos inconscientes que se estendem ao próprio Eu, ponto este ao qual veremos detidamente a seguir com o funcionamento do modelo óptico.

Nas seções seguintes estão presentes a composição do esquema óptico tal qual proposto em *Observações ao Relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]). Há duas figuras que serão abordadas sob os seguintes critérios: I) O modelo óptico, *Figura 1*, na qual Lacan põe em funcionamento as relações do Eu Ideal e Ideal do Eu, e na qual apresenta *novas*

---

[41] Lacan chega a se referir ao "lugar do sujeito numa elisão significante" (LACAN, 1998[1960a], p. 684), na medida em que, na fala, o sujeito aparece.

[42] Trecho completo: "O que nos retém é que uma psicanálise, que funciona no simbólico - o que não é contestável, caso seu processo seja de conquista do inconsciente, de advento da história e de reconstrução do significante, se não denegarmos simplesmente que seu meio seja da fala - que uma psicanálise seja capaz de reformular um Eu assim constituído em seu status imaginário" (LACAN, 1998[1960a], p. 683-684)

nomeações, *designações*, sem, contudo, alterar os lugares postos em funcionamento no modelo de 1953. II) Modelo de funcionamento de uma análise, *Figura 2*, uma proposta de modelo de como se dá uma análise; para tanto, propõe uma *mudança no posicionamento* de seus elementos.

1.4.1. *O modelo óptico e o seu funcionamento*

Após percorrermos o trajeto pelo *Experimento do buquê invertido* e os *Esquema dos dois espelhos*, seguimos para o *Modelo Óptico*[43]. Temos primeiramente o experimento do buquê invertido, em que situa a chave dos registros imaginário e simbólico em sua incidência na constituição da realidade, o eu ideal é enfatizado enquanto a estruturação imaginária, a forma primordial do eu, produto da operação do estádio do espelho. É aproximado ao *Lust-Ich* freudiano, enquanto função de juízo, de continente/conteúdo, eu e não eu. Numa primeira apreciação, Lacan atribui o vaso enquanto eu e as flores enquanto instintos, desejos. O eu ideal, contudo, não seria o vaso apenas, mas a imagem produzida no espelho côncavo a partir da inversão do buquê. Retoma o que havia dito anteriormente no estádio do espelho que quando Freud fala dos julgamentos da existência, *Die Verneinung*, "é ou não é", seria essa a função que a imagem do corpo dá ao sujeito, a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é eu. Neste momento de seu ensino, o eu-ideal aparece intimamente ligado à ideia de um eu primitivo, eu corporal. O Ideal do eu, por outro lado, não se apresenta grafado no experimento do buquê invertido, mas apenas acenado em conformidade àquilo que havia atribuído em seu estádio do espelho: enquanto um momento seguinte, um segundo narcisismo quando o sujeito entra na dialética social.

Com o esquema dos dois espelhos**,** trata-se de situar a função libidinal do eu enquanto centrada no imaginário, bem como, estabelecer a distinção entre o eu ideal e o Ideal do eu a partir da lógica dos dois narcisismos. O eu ideal, neste esquema, apresenta-se enquanto origem etológica, em que, no animal, o imaginário apresentaria uma bem-sucedida acomodação, enquanto no homem, seria marcada pela difícil acomodação. O eu ideal está ligado a um primeiro narcisismo, é estruturado no imaginário. O Ideal do Eu, aqui, pela primeira vez mais contemplado por Lacan, na medida em que se situa enquanto um segundo narcisismo, posto que o simbólico seria o campo da troca legal, da troca verbal, e que o ideal do eu seria esse lugar em que o eu vê o seu ser numa relação com outro, numa relação

[43] Lacan (1960) refere-se de diferentes formas ao modelo proposto, seja enquanto um esquema, inclusive enquanto um esquema "das relações do eu ideal com o Ideal do eu" (*ibid*., p. 679). Portanto, o emprego do termo "modelo óptico" (ibid., p. 679) é uma noção geral para referência neste estudo.

sublimada, enquanto o guia que comanda o jogo das relações com o outro, regulando as funções do imaginário.

No modelo óptico a seguir, o Ideal do Eu encontra-se grafado enquanto I e o eu ideal, não grafado mas referenciado, é designado como i(a), a imagem real do vaso e buquê refletida no espelho côncavo. Detemo-nos, agora, no dispositivo proposto na Fig. 6.

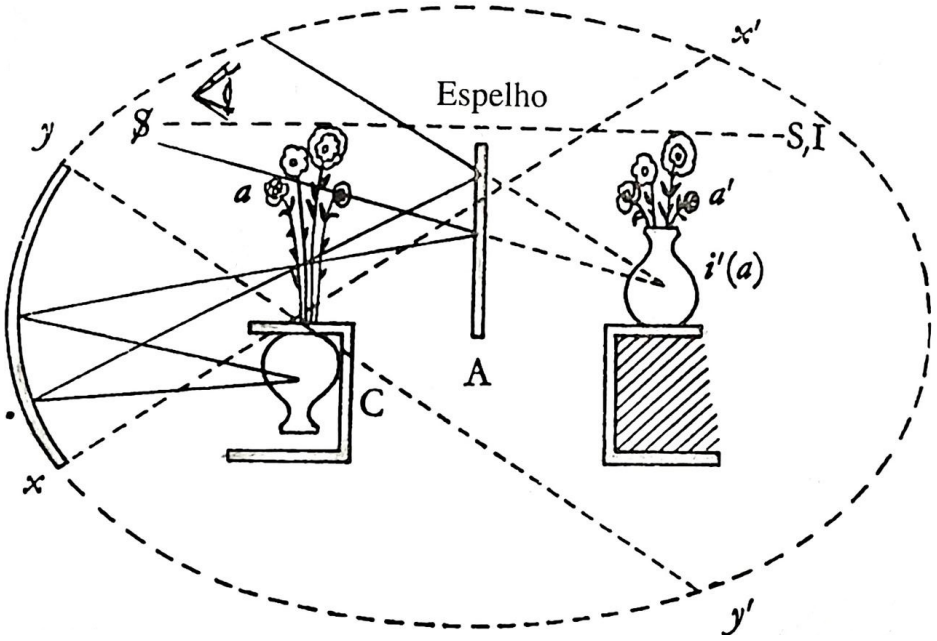

Fig. 6. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache, 1998[1960a], p. 681

Vejamos que o modelo mantém as mesmas bases do *Esquema dos dois espelhos* de 1953, no entanto, há alterações nas *conceitualizações* e nas *nominações* dos seus referenciais postos. São eles: 1) o eixo S-----SV de 1953 é alterado para o eixo $--------S, I de 1960, sendo I equivalente ao Ideal do Eu; 2) O espelho plano é referenciado enquanto A (Outro); 3) a letra C para designar o *caixa*; 4) *a* enquanto as flores do bouquet; 5) *a'* enquanto as flores virtuais produzidas pelo reflexo no espelho plano; 6) i'(*a*) enquanto a imagem virtual conferida pela reflexão no espelho plano da imagem real no espelho côncavo (imagem virtual da imagem real).

Vale ressaltar que Lacan (1998[1960a]), ao longo dos seus desenvolvimentos sobre tal modelo, constantemente refere-se ao i(*a*), o Eu Ideal, mas *não grafada*. Ela estaria situada, por assim dizer, na imagem produzida no espelho côncavo, ou então, o vaso invertido que vem a conter as o buquê de flores reais que formarão a imagem real, como vimos anteriormente. Para acompanhar os seus desenvolvimentos, "é preciso imaginar", ele nos diz, a seguinte operação:

> que o vaso está no interior da caixa e que sua imagem real vem a circundar com seu gargalo o buquê de flores já montado acima dele - qual desempenhará, para um olho eventual, o papel de suporte de acomodação que acabamos de indicar como necessário para que se produza ilusão, a ser doravante designada como a do vaso invertido (*idem, ibidem*, p. 681).

Essa operação foi abordada anteriormente, com o *Experimento do Buquê Invertido* e o *Esquema dos dois espelhos*, no procedimento sustentado pelas leis da óptica em que a reflexão no espelho côncavo do vaso no interior da caixa produz a sua imagem invertida, que virá a circundar as flores do bouquet. A imagem real produzida no espelho côncavo será reproduzida pela conjugação dos espelhos, no espelho plano A, e essa será a imagem na qual o observador (o olho) terá acesso, de acordo com a sua posição. Como segue Lacan:

> que um observador situado em algum lugar dentro do aparelho, digamos, entre as próprias flores, ou a bem da clareza da exposição, na borda do espelho esférico - de qualquer modo, fora do alcance para discernir a imagem real (razão pela qual ela é representada na figura 2) - busca realizar sua ilusão na imagem virtual que um espelho plano, situado em A, pode dar a imagem real, o que é concebível sem forçar as leis da óptica (*idem; ibid.*, p. 681).

Para que a ilusão se produza, o observador (o olho) deve estar situado na borda do espelho esférico. Atentemo-nos à questão de que a posição do observador implica na impossibilidade de discernir a imagem real, porque ele não tem acesso a essa imagem a não ser pela imagem virtual produzida no espelho plano A. Assim, *busca realizar sua ilusão na imagem virtual*, ou seja, encontrar-se nessa imagem virtual produzida no espelho plano. Por essa imagem virtual entendemos como i'(a), a imagem produzida no espelho plano a partir da reflexão da imagem do espelho côncavo, i(a). Lacan se refere ao *espaço virtual* gerado pelo espelho plano (à direita do espelho plano), campo das imagens virtuais, enquanto *espaço real* (ibid., p. 681). Ainda, bastará que o sujeito, $, veja essa imagem no espelho A para que sua própria imagem venha, no espaço real, situar-se no interior do cone que delimita a possibilidade de ilusão (campo x'y').

Devemos nos atentar que esse modelo, como dissemos anteriormente, abarca a função de desconhecimento própria do estádio do espelho como princípio da formação do Eu, bem como situando os efeitos da assunção da imagem pelo *infans*. Lacan não deixa de retomar a ênfase na função de desconhecimento: "No princípio das verdadeiras resistências com que se lida nos dédalos do que floresce de teórico sobre o Eu na psicanálise, existe a simples recusa a admitir que o Eu seja ali, por direito, aquilo que revela ser na experiência: uma função de

desconhecimento" (*idem; ibid.*, p. 675). Neste ponto de seu ensino, Lacan retorna à sua teoria do estádio do espelho, oferecendo novos elementos à sua concepção, elementos estes essenciais para a compreensão do modelo óptico.

A imagem virtual, em i'(*a*) só é possível de ser concebida a partir da reflexão pelo espelho plano, situado em A, ou então, situado no Outro. No entanto, evitamos a literalidade em afirmar que o espelho plano *é* o Outro, em outras palavras, tomamos o espelho plano *enquanto* o Outro; entendemos, portanto, que o *espelho plano está situado em A*. Traçaremos breves considerações acerca do campo do Outro em sua articulação no modelo óptico, dada a sua operação no estádio do espelho. Tal operação nos é relevante, afinal, o sujeito não teria um acesso direto ao i(a), ao seu e-ideal, pela imagem virtual i'(a) produzida pelo espelho plano. É interessante pontuar que Lacan ressalta que as relações de i(a) e i'(a) não devem ser entendidas em sua subordinação óptica - a imagem i'(a) é uma imagem virtual da imagem real i(a) -, "mas como sustentando uma subordinação imaginária análoga" (*ibidem*, p. 682),remetendo-nos à uma dupla inserção em i'(a) que carece ser explorada.

Podemos entender com isso, que a estruturação imaginária sustenta a relação i(a) e i'(a), de tal forma que o i(a) está no início, oferecendo as condições para a imagem virtual no espelho plano, permitindo que o i'(a) possa *acomodar* a sua imagem, i(a). Seguindo Lacan, temos que:

> Em i'(*a*), com efeito, não há somente o que o sujeito modelo espera dela, porém já uma forma do outro que sua pregnância, não menos do que o jogo das relações de imponência que aí se iniciam, introduz como um princípio de falso domínio e de alienação intrínseca, numa síntese que requer uma adequação bem diferente. Foi para representar as condições desta, em sua interioridade de princípio, que pusemos a ilusão da imagem i(a) no começo de nosso modelo. (*idem; ibid*., p. 682)

Desta maneira, conseguimos compreender i(a) numa interioridade de princípio, no começo do modelo e i'(a), enquanto uma dupla inserção. De um lado, enquanto aquilo que o sujeito espera dela, ou então, a imagem do outro em que o sujeito *busca realizar-se,* como dito acima, o que já revela a *forma do outro em sua pregnância*. A forma em sua pregnância é uma das leis da Gestalt, a pregnância da forma[44], entendida como a percepção da composição da imagem enquanto um todo, antes de aprofundar em seus elementos; ou então, a pregnância da forma influencia na possibilidade de leitura de uma composição, ou seja, o quão clara e fácil de ser interpretada ela é. O que leva Lacan a afirmar que: "Seja como for, a

[44] Ver mais em:
https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25461/tese%20santil.pdf?sequence=1&isAllowed=y

antinomia das imagens i(a) e i'(a), por se situar para o sujeito no imaginário, resolve-se num transitivismo constante. Assim se produz esse Eu-Ideal-Eu" (LACAN, 1998[1960a], p. 683).

Nesse sentido, Eidelsztein (2010), refere-se àquilo que Lacan fala sobre a *Verliebtheit* - lembremos aqui como Lacan (1953/1954) refere-se enquanto o fenômeno do apaixonamento, em que, o que se dá no modelo, é a suspensão da mediação simbólica no aparelho. Essa operação, para Eidelsztein, se revela na expressão Eu-Ideal-Eu, na conjunção dos ideais: "estabelecida essa continuidade, destaca-se a coincidência da função do Ideal simbólico com a do eu enquanto se refere ao desconhecimento do sujeito do inconsciente" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 45).

Um outro ponto que se insere nesta discussão sobre os ideais é o de que Lacan (1998[1960a]) afirma que, apesar de Freud em seu texto *Introdução ao Narcisismo* (1914) empregar os dois termos, *Idealich* e *Ich-Ideal*, fazendo uma "interversão" (ibid., p. 679) - que podemos ler enquanto inversão, alteração da ordem -, não conseguimos distinguir o emprego de cada um neste. Tal "interversão", Lacan ressalta que "mais deveria causar inquietação - posto que o uso do significante em Freud, ao que saibamos, não é nem um pouco viscoso" (*ibid*., p. 679). A nota sobre tal "interversão" acenaria para o que Lacan enfatiza enquanto Eu-Ideal-Eu, e é no i'(a), a imagem virtual, que o Eu Ideal pode vir a se presentificar.

A relação entre i(a) e i'(a) supõe uma operação lógica, em que, para haver i'(a), deve haver i(a), ou então, para que haja uma imagem especular conforme a reflexão no espelho plano, há de se haver primeiramente uma reflexão de inversão no espelho côncavo. Nos detendo um pouco mais em i(a), o Eu Ideal, Lacan nos diz que essa imagem decorre de uma *subjetivação*. Esse ponto será imprescindível para compreendermos os seus desenvolvimentos no modelo óptico e as suas considerações em conformidade ao que se daria na experiência analítica. Por ora, nos atentemos àquilo que Lacan refere-se à *subjetivação*:

> Se essa imagem decorre de uma subjetivação, com efeito, é primeiramente pelas vias da autocondução, figuradas no modelo pelo reflexo do espelho esférico (que podemos tomar, grosso modo, como representando numa imagem alguma função global do córtex). E o que o modelo também indica, pelo vaso oculto da caixa, é o pouco acesso que o sujeito tem à realidade desse corpo, perdida por ele em seu interior, no limite em que redobra de camadas coalescentes a seu invólucro, e vindo costurar-se neste em torno dos anéis orificiais, ele o imagina como uma luva que pode ser virada ao avesso. (LACAN, 1998[1960a], p. 683)

Portanto, temos com isso, que a "a ilusão da imagem i(a)", se dá, primeiro, pelas vias que Lacan designa como "autocondução", a partir do primeiro ponto de reflexão no espelho esférico. Há também um segundo ponto, depreendido pelo funcionamento do modelo, onde

dentro da caixa encontra-se o vaso *oculto*, e isso nos indica o pouco acesso (ou quase nenhum) que temos da realidade do corpo. Ou então, daquele vaso oculto no interior da caixa, só temos algum acesso, só temos notícias, pela reflexão *primeira* no espelho côncavo - e a reflexão que podemos dizer, *segunda*, no espelho plano produzindo i'(a).

Marc Darmon (1994, p. 94), sobre a citação referida acima, afirma que dentro da caixa encontraremos a realidade do corpo, ao qual o sujeito quase não tem acesso, imaginando-o, diz-nos Lacan, como uma luva, que pode ser virada do avesso, através dos "anéis orificiais" (ibid., p. 94). O espelho esférico pode representar o córtex, suas reflexões, as "vias de autocondução". Ainda, o autor considera que podemos evocar o *boneco cortical* estabelecido por Freud em O Ego e o Id (1923). Tal boneco cortical é designado a propósito do que Freud considera enquanto eu concebido como projeção de uma superfície. Ele nota ainda que tal projeção é dada de cabeça para baixo e, portanto, invertida. A partir da indicação de Darmon (1994), recuperamos tal passagem de Freud:

> O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície. Procurando uma analogia anatômica para ele, podemos identificá-lo com o "homúnculo do cérebro" dos anatomistas, que fica no córtex, de cabeça para baixo e com os calcanhares para cima, olha para trás e, como se sabe, tem no lado esquerdo a zona da linguagem. (FREUD, 1925, p. 23).

O *eu sobretudo corporal*, o *eu enquanto uma projeção de superfície*, e a *analogia anatômica* utilizada por Freud, em nossa compreensão, oferecem as bases para Lacan fundamentar a ideia de um eu inicial, i(*a*), que se trata, como sabemos, de uma inversão do vaso real, oculto. A partir disso, voltando ao esquema, temos, de um lado, o vaso embaixo e as flores em cima; numa operação que seria obtida como uma inversão proporcionada pelo córtex, a imagem do espelho côncavo é uma imagem invertida. A imagem do espelho côncavo é refletida pelo espelho plano A e é essa a imagem que o sujeito terá acesso. Ou então, o sujeito só poderá acessar a imagem i(a) a partir de i'(a), a sua imagem especular. Esse i'(a), conforme apontamos acima, só pode ser obtido a partir de uma operação de alienação no outro em sua pregnância. Neste sentido, Darmon afirma: "é neste ponto que se situa a captura narcisista do eu ideal (Ideal-lch)" (DARMON, 1994, p. 94).

Retomando, o que se dá mais além da imagem produzida no espelho côncavo é o de que há a dimensão expressa de uma realidade do corpo inapreensível. O alcance dessa compreensão vai além quando Lacan situa enquanto "função norteadora" as flores *a* do modelo – lembremos que em 1953 Lacan situa as flores enquanto os desejos, pulsões, instintos, em que, no processo de inversão do vaso, o *eu vem a conter as flores* -, tendo com o

eu a relação de conteúdo/continente. De acordo com Lacan: "[é] disso que acentuamos a função norteadora, representando-a pelas flores *a* de nosso modelo, ou seja, pelos próprios objetos em que se apoia a acomodação que permite ao sujeito perceber a imagem i(*a*)" (LACAN, 1998[1960a], p. 683)

Esta acomodação não é de forma nenhuma exata, há uma "pouca naturalidade implícita na influência de um gargalo, ainda por cima imaginário sobre os elementos" (*ibid*., p. 683), tampouco a possibilidade de uma "totalização ideal desse objeto" (*ibid*., p. 683), o *a*. Retomamos, neste ponto, as nossas considerações sobre o estádio do espelho, afastando-se de uma perspectiva desenvolvimentista que pudesse sugerir uma síntese que se encaminharia para uma "evolução das tendências" (*ibid*., p. 683), mas sob a perspectiva de que o estádio do espelho é revelador de uma "fragmentação das funções de relação" (*ibid*., p. 683).

1.4.2 - *O Outro e o espelho*

Para entendermos a função e o alcance do Eu ideal e do Ideal do Eu no esquema, voltaremos à questão do estádio do espelho, com a leitura posta pelos avanços teóricos de Lacan neste momento de seu ensino. As conceitualizações acerca do grande Outro, que se iniciam em seu segundo Seminário[45] , bem como os avanços em formalizações que trazem à centralidade do seu ensino o registro do simbólico (FARIA, 2019)[46], inscreve a noção de estádio do espelho em um novo estatuto. Primeiro, a dimensão conferida é a de que o Outro não está ausente nas relações outro, pois há a dimensão do Outro enquanto *o Outro do discurso*. Ou então: "Seria um erro acreditarmos que o Outro do discurso possa estar ausente de alguma distância tomada pelo sujeito em sua relação com o outro, que se opõe a ele como o pequeno outro, por ser o da díade imaginária" (1998[1960a], p. 685). Portanto, na díade imaginária eu-outro, está presente a dimensão simbólica. Com isso, Lacan (1998[1960a]) retorna ao *estádio do espelho* propondo:

> é que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava*. (LACAN, 1998[1960a], p. 685)

[45] A introdução de Lacan (1954/1955) ao Grande Outro pode ser encontrada no Seminário 2, especificamente no capítulo xix, intitulado *Introdução ao Grande Outro*.

[46] Michelle Roman Faria (2019) descreve o simbólico no centro das preocupações de Lacan, especialmente a partir do seu quarto seminário (1954/1955) e até o oitavo, sobre a Transferência (1960-61). Lembremos que o texto Observação sobre o relatório de Daniel Lagache está situado neste período descrito pela autora.

Desta forma, a cena principal dada pelo estádio do espelho, em que a criança se olha no espelho e se interessa progressivamente pela imagem, numa expressão jubilatória de contentamento, é reproduzida mas, sob o aporte de que há mais alguém na cena, que testemunha. A ênfase é nos processos da criança, afinal ela é quem *volta-se* para aquele que a segura, ela é quem *apela com o olhar*; mais ainda, é sob o seu ponto de vista que atribui a esse outro que a carrega o *papel de testemunho*, que *confirma o reconhecimento da imagem.* O termo "confirmá-lo", aqui, aparece ao nosso entendimento enquanto operando como *validação*, *sanção*.

A importante ressalva acentuada por Lacan é que, com isso, não devemos estabelecer uma relação que a presença seja estritamente uma ou outra pessoa: "Mas isso já não nos deve enganar no que concerne à estrutura da presença que é aqui evocada como terceiro: ela não deve nada à anedota do personagem que a encarna" (LACAN, 1998[1960a], p. 685). Neste sentido, Dunker (2011) considera que a reação da criança, ao se virar para ver quem está o segurando, introduz a experiência do tempo, confirmado pela experiência que o outro já estava lá. Esse seria o primeiro gesto simbólico de reconhecimento e comporta a dimensão de testemunho e apelo. Essa experiência temporal nos é clara quando Lacan (1998[1960a]) afirma:

> Não subsiste nela senão aquele ser cujo advento só é apreendido ao não ser mais. Tal como o encontra o tempo mais ambíguo da morfologia do verbo em francês, aquele que designa como imperfeito. *Ele estava lá* contém a mesma duplicidade em que fica suspenso *um instante depois, a bomba explodi*a, onde, na falta de contexto, não se pode deduzir se o acontecimento sucedeu ou não (*Idem, ibidem,* p. 685).

Esse circuito, como dissemos, é possível porque o Outro não está ausente no discurso e, nesta cena que expressa a mãe enquanto o Outro, Lacan nos diz: "Esse ser se coloca, no entanto, com a anterioridade de limite que o discurso lhe assegura, naquela reserva de atributos em que dizemos que o sujeito tem que forjar um lugar." (1998[1960a], p. 685). Sobre a questão dos "atributos", Lacan nos diz que o termo foi utilizado por Daniel Lagache, no contexto em que: "antes de existir em si, por si e para si, a criança existe para e por outrem; já é um pólo de expectativas, projetos e atributos" (LAGACHE *apud* LACAN, 1998[1960a], p. 659). Lacan, por sua vez, propõe uma revisão a esse termo, nas seguintes designações: "Um pólo de atributos, eis o que é o sujeito antes de seu nascimento (e talvez seja o acúmulo destes que irá claramente sufocar). De atributos, isto é, de significantes mais ou menos ligados num discurso" (LACAN, 1998[1960a], p. 659). Lacan nesse momento

introduz acerca do tema dos atributos, um movimento entre os entornos prévios que existem ao sujeito por-vir pela via significante precedentes à sua consistência.

Essa dimensão temporal está presente, na medida em que o que precede o sujeito, do ponto de vista lógico, são os significantes do discurso. Mais ainda, é neste discurso que antecipa sua existência à nível do *ser* que o sujeito tem que *forjar o seu lugar*. Com isso temos:

> Mas, por ora, não estará Daniel Lagache professando a mesma coisa que o que ensino, quando defino o inconsciente é estruturado como o discurso do Outro? Pois, para que Daniel Lagache possa, com base na existência "por e para outrem", senão a precedência ao menos uma precessão lógica, sua relação inteiramente futura com o círculo de semelhantes que a espera e que a destina ao lugar que ela ocupa nos projetos deles não é suficiente. É que, na dimensão imaginária que aí se manifesta, essa relação de existência é inversa, na medida em que o não nascido permanece basicamente fechado à visão dela. Mas o lugar em que a criança ocupa na linhagem segundo a convenção das relações de parentesco, o prenome, talvez, que já a identifica com o avô, os funcionários do registro civil e até o que nela denotará seu sexo, aí está algo que se preocupa muito pouco com o que ela é em si: pois ela que apareça hermafrodita, para ver só! (LACAN, 1998[1960a], p. 659)

Essa passagem nos interessa na medida em que o que está à disposição do sujeito, anterior mesmo ao seu nascimento, já o designa, e mesmo que de forma impessoal, sua existência é sustentada. Na dimensão simbólica e imaginária que compõe a relação com os semelhantes, temos um discurso posto na fala que oferece condições para que o sujeito forme a sua própria tessitura. Sobre essa dimensão simbólica e imaginária em sua incidência na formação do Eu, Marco Antônio Coutinho Jorge (2008) considera que:

> O estádio do espelho é, para Lacan, o momento inaugural de constituição do eu, no qual o infans, aquele que ainda não fala, prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção da própria imagem no espelho, percepção que é acompanhada do assentimento do outro que a reconhece como verdadeira. O eu é, assim, descrito por Lacan como essencialmente imaginário, embora sua constituição não prescinda do reconhecimento simbólico do Outro (JORGE, M. A., 2008, p. 45).

Esse momento de constituição do Eu nos ajuda a compreender aquilo que Lacan designa enquanto "a mola superior da subjetivação". Aqui, no modelo óptico, o Outro é designado enquanto o espelho plano A. Lacan (1998[1960a]) chega a se referir à "sínfise do código com o lugar do Outro" (pp.), ou então, *o Outro enquanto o lugar do código*. Ainda o Outro enquanto *a mola da fala*: "Sabemos que essa mola da fala (a mola superior da subjetivação), em nossa topologia, nós a designamos pelo Outro (A) e é a esse lugar que corresponde, em nosso modelo, o espaço real ao qual se superpõem as imagens virtuais "por trás do espelho" A" (*idem; ibid.,* p. 684). Seguiremos desenvolvendo tais pontos.

Eidelsztein (2010) aponta que a noção de mediação do Outro deve ser vinculada a alguns pontos. Porque antes de receber o reconhecimento do Outro, primeiramente, o sujeito deve elevar algum outro à condição de Outro, como refere-se à seguir: "como, por exemplo, em "Tu és minha mulher", onde o primeiro se eleva "uma" mulher à qualidade de "minha" mulher e logo se poderá receber dela o reconhecimento, sob forma de uma mensagem própria, de forma invertida" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 41). Entendemos com ressalva que não podemos tomar o lugar do Outro em vias personificadas, como se houvesse uma simples encarnação do Outro em personagens. O que podemos situar, por ora, é o outro enquanto um *lugar*, como nos diz Lacan, que concorre crucialmente na realização da subjetivação.

Vejamos que o I, o Ideal do Eu, está designado justamente nesse campo do espelho que Lacan se refere acima: no campo do simbólico, campo das imagens virtuais, "atrás do espelho".

1.4.3. *O lugar do simbólico*

Nos deteremos nessa seção às considerações de Lacan acerca do Ideal do Eu. Se estávamos na parte "debaixo" do modelo, acendemos agora para a parte "de cima". Vejamos, no modelo, que a linha *$-----S, I*, sugere que Ideal do Eu surge no lugar do simbólico, fora do campo imaginário da conjugação das imagens. Darmon (1994), neste sentido, contribui na medida em que considera que "[a]o colocá-lo ligeiramente para fora do campo imaginário ortogonal do espelho plano, dá ao I todo seu valor simbólico, pois é ao se observar, nesse ponto de fato invisível no espelho, que o sujeito pode obter o efeito da ilusão" (DARMON, 1994, p. 94). Fora do campo ortogonal seria o campo externo à reflexão dos raios de luz e do jogo de espelhos, e situado fora, o sujeito S pode ter o efeito de ilusão I.

Por sua vez, Eidelsztein (2010) nos diz que "pode-se ler com facilidade que a respeito do $ (sujeito barrado pela inexistência, na bateria do Outro, de um significante que o represente, que lhe dê a identidade simbólica), o Ideal do Eu ocupa esse lugar faltante no Outro e faz, do $, um S." (EIDELSZTEIN, 2010, p. 44) . Com isso, o Ideal do Eu apresenta-se, em sua dimensão simbólica na fala, enquanto aquilo que é almejado a fim de fazer frente à dimensão de incompletude, a partir dos significantes do Outro.

No momento primordial de constituição, de acordo com Lacan, o sujeito se comprazerá em encontrar no Outro as marcas da resposta que tiveram o poder de fazer do seu "grito um apelo" (LACAN, 1998[1960a], p. 686). Ou então, o sujeito procura no Outro as

respostas que possam recobrir os gritos, transformado-os em apelos, em demandas[47]. Por ora, o que tratamos é de que no momento constitutivo há o traçado que vai do *$---S, I*, de forma que se constitua uma trilha, a partir da divisão subjetiva, em uma busca pela miragem:

> Assim ficam circunscritas na realidade, pelo traço do significante, as marcas onde se inscreve a onipotência da resposta. Não é à toa que essas realidades são chamadas de insígnias. O termo, aqui, é nominativo. É a constelação dessas insígnias que constitui para o sujeito o Ideal de Eu; (*Idem, Ibidem*.)

Em outras palavras, o Ideal do Eu é constituído por uma constelação de insígnias, realidade marcada pela onipotência das respostas cavadas no campo do Outro. Entendemos que o Ideal do Eu é assim constituído para cada sujeito a partir dos significantes do Outro referentes às contingências históricas singulares de cada um. Portanto, as realidades que Lacan designa enquanto insígnias seriam as marcas do traço significante das respostas do Outro. A esse respeito, Darmon (1994) reúne importantes considerações:

> Este Outro, do qual vemos o papel de testemunha, na fase do espelho, é primitivamente esta "primeira potência", o suporte da "coisa"; de suas "insígnias", marcas ou traços significantes, constitui-se, dentro do cone, o Ideal do Eu (Ich-Ideal) em I, sobre o qual o sujeito se observa, para obter, "entre outros efeitos, aquela miragem do Eu Ideal (DARMON, 1994, p. 94)

Temos, portanto, naquela cena supracitada do estádio do em que o bebê se vira para reconhecer no olhar do Outro a legitimação de sua conquista, desempenha a função de testemunho. O que o autor ressalta é que o Outro também desempenha a função de primeiro suporte de suas insígnias, traços significantes, marcas, que irão constituir o Ideal do Eu. Quando ele nos diz que o sujeito se observa de I, de uma certa posição, ele obtém o efeito de acessar a miragem do Eu Ideal, basta tomarmos a posição do modelo. A miragem do Eu Ideal, no modelo, é justamente designada como i'(a), a imagem virtual.

Ainda, temos uma outra referência que Lacan (1998[1960a]) utiliza para inserir aquilo que se passaria no contexto de uma análise, mais precisamente, na transferência. Dessa forma, o momento de constituição está presente no modelo ótico, mas também podemos situar no modelo aquilo que se passa em termos da transferência, na medida em que ao longo da vida e na situação de análise as identificações se reeditam incessantemente, como veremos a seguir:

---

[47] Lacan chega a se referir à Coisa, *Das Ding*, que só se formalizará em seu Seminário 7. Aqui também há formulações complexas a respeito da tríade necessidade, demanda e desejo, que o mesmo fez em seu Seminário 5, e será abordada em um outro momento deste estudo.

> Nosso modelo mostra que é ao se situar nela como I que ele fita o espelho A, para obter, entre outros efeitos, a miragem do Eu Ideal. É justamente essa manobra do Outro que o neurótico efetua, para renovar incessantemente aqueles esboços de identificação na transferência selvagem que legitima nosso emprego do termo neuroses de transferência. (LACAN, 1998[1960a], p. 686)

Sobre essa manobra que o neurótico efetua no contexto da transferência, Lacan introduz então novas alterações no modelo óptico para dar um tratamento aos processos concernentes na análise, isto é, em situação de o Outro ser o analista, justamente "pelo fato de o sujeito fazer dele o lugar de sua fala" (*idem, ibidem,* p. 686). Com isso, não quer dizer que o valor analógico do modelo dê conta do que se passa inteiramente no processo de análise. Ou então: "Não está nisso, diremos por quê, toda a mola subjetiva do neurótico. Mas podemos tirar partido de nosso modelo para interrogá-lo sobre o que advém dessa manobra do Outro na própria psicanálise" (*Idem, ibidem,* p. 686). Com isso, as alterações introduzidas são: i) rotação de 90º no espelho A; ii) novas designações e posições de: $1, $2 e I

1.4.4. *Modelo que põe o funcionamento da análise*

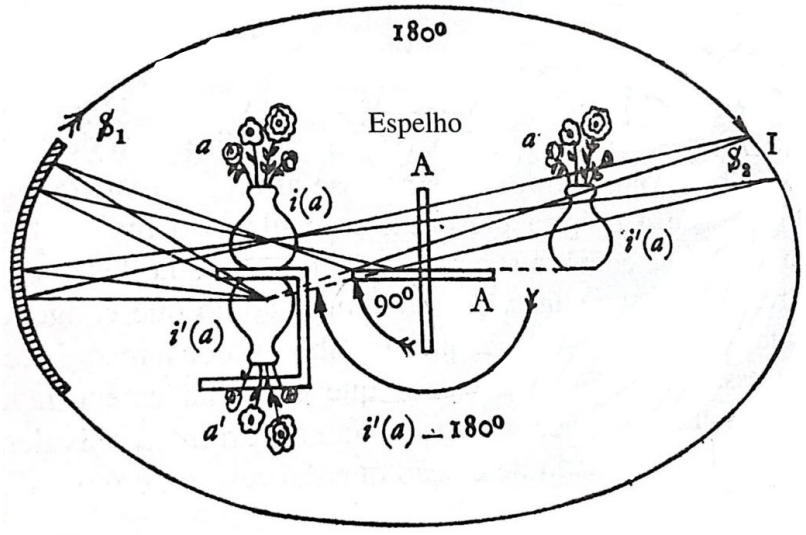

FIG. 7- Modelo apresentado em Observações ao relatório de Daniel Lagache (1998[1960a]), Escritos, p. 687

De saída, notemos que o I, na Figura 2, está localizado fora do circuito. De $1 parte uma seta, que propõe o deslocamento progressivo de seu lugar. Sobre esse deslocamento do sujeito temos uma explicação dada por Lacan (1998[1960a]) nos seguintes termos: "uma vez que a análise se sustenta no que o sujeito ganha por assumir como de sua lavra seu discurso inconsciente, seu trajeto se transpõe para o modelo numa translação $ para os significantes do

espaço “atrás do espelho” (LACAN, 1998[1960a], p. 686). Em outras palavras, na análise se opera por meio da fala e do discurso do inconsciente, e, assim, o sujeito se lança no trajeto que vai em direção ao espaço virtual e simbólico, campo significante e, portanto, campo do Outro. Acompanhamos esse movimento com a seta que nos indica o movimento progressivo até o outro lado do espelho.

Para dar um tratamento a este modelo da Figura 2, temos uma das considerações mais importantes sobre o Eu Ideal e Ideal do Eu. Ele nos diz que este modelo tem a função de “...dar uma imagem de como a relação com o espelho, isto é, de como a relação imaginária com o outro e a captura do Eu Ideal servem para arrastar o sujeito para o campo em que ele se hipostasia no Ideal do Eu” (LACAN, 1998[1960a], p. 686). Primeiro, temos a relação com o espelho, que Lacan equivale à relação imaginária com o outro. Temos, portanto, na relação imaginária com o outro, a captura do Eu Ideal. Segundo, a captura do Eu Ideal lança o sujeito para o Ideal do Eu. Mais ainda, o sujeito se hipostasia, ou então, podemos dizer, considera falsamente a ficção do Ideal como realidade.

Essa disposição que veicula o Eu Ideal e Ideal do Eu nos convoca a retomar as considerações de Lacan sobre o texto freudiano intitulado “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921). Não pretendemos esgotar o retorno de Lacan à este escrito de Freud, apenas enfatizar como tal relação se expressa na formação dos grupos. Tomemos então uma passagem do próprio texto *Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache* para compor a discussão aqui presente:

> Pois a questão que ele inaugura na Psicologia das massas e análise do eu é a de como um objeto, reduzido a sua realidade mais estúpida, porém colocado por um certo número de sujeitos numa relação de denominador comum, que confirma o que diremos de sua função de insígnia, é capaz de precipitar a identificação com o Eu ideal, inclusive no débil poder do infortúnio que no fundo ele revela ser. Será preciso lembrarmos para tornar inteligível a importância dessa questão, a figura do Fuhrer e os fenômenos coletivos que deram a esse texto seu peso de vidência no cerne da civilização? - Sim, sem dúvida, já que, por uma cômica inversão daquilo que Freud quis trazer de remédio para o mal-estar dela, foi na comunidade à qual ele legou o cuidado com este, que a síntese de um Eu forte se enunciou como palavra de ordem, no cerne de uma técnica em que o praticante se concebe como surtindo efeito por encarnar, ele mesmo, esse Ideal (*idem; ibid.*, p. 684)

Nos fenômenos coletivos, teríamos o objeto – aqui, podemos situar o Eu, mas também a função de insígnia, traço, que falamos anteriormente – situado por um certo número de pessoas numa relação de denominador comum. Podemos, com isso, dizer que o sujeito se identifica com seus semelhantes em seu eu ideal. Neste sentido, há também a identificação simbólica, em que a aprovação ou do amor de um líder pode vir a ter o estatuto de Outro na

formação do Ideal do eu. Este ponto sobre os fenômenos coletivos suscitou algumas questões, como por exemplo, haveria uma ordenação temporal em que primeiro há a captura em seu eu ideal e, do ponto de vista lógico, se opera a identificação no ideal do Eu? Ou então, por exemplo, as identificações presentes em grupos nazistas já implicariam na identificação com o líder, com o Führer? Podemos pensar que, apesar de se tratarem de operações e funções distintas, os ideais por vezes se realizam, como nos disse Lacan, num transitivismo Eu-Ideal-Eu.

Dando continuidade, retomamos que, sobre o contexto de análise, Lacan tece duras críticas ao que seria uma análise centrada no Eu forte, ou que surtisse efeitos nos quais o lugar do analista fosse o de responder a partir do lugar do Ideal. Vale lembrar que a ênfase de situar os Ideais num contexto de análise se daria na medida em que ela se sustenta naquilo que o sujeito mesmo assume em seu discurso inconsciente. No entanto, ao tomarmos a figura 2, os Ideais apresentariam uma importante função, porque o trajeto de $1 ---- $2 abre a possibilidade de, no percurso, acontecer o apagamento progressivo do Outro. Nas palavras de Lacan:

> Sem entrar num detalhe cujo recurso pareceria forçado, podemos dizer que, ao apagar progressivamente até uma posição a 90º de sua partida, o Outro, como espelho em A, pode levar o sujeito $1 a ocupar, por uma rotação quase dupla, a posição $2 em I, de onde ele só tinha um acesso virtual à ilusão do vaso invertido na figura. (LACAN, 1998[1960a], p. 687)

Com isso, a operação gradual de rotação de 90º do espelho A implica num apagamento progressivo do Outro. Com efeito, acontece o que podemos designar enquanto uma segunda rotação, em que o sujeito em $1 se desloca progressivamente a ocupar a posição $2 no lugar de I. Se no esquema, o $ estava localizado à esquerda do espelho A, ele teria acesso à ilusão de i'(*a*) pela imagem virtual produzida. Dito isto, o efeito do deslocamento de $1 a $2 produz: "nesse percurso, a ilusão está fadada a enfraquecer com a busca que ela guia: onde se confirma que os efeitos de despersonalização constatados na análise, sob como sinais de limite do que como sinais de travessia" (LACAN, 1998[1960a], p. 687)

A ênfase, portanto, está no enfraquecimento da ilusão ao longo do percurso da trajetória de dupla rotação. Lembremos que o circuito superior na FIG. 5 era *$----S,I* e na FIG. 6 é *$1 ---- $2 em I.* Neste ponto, nota-se que a passagem entre a FIG. 5 e 6, marca, de um lado, o atravessamento ou o trajeto do sujeito $ pelo campo do Outro, na qual temos à direita o sujeito $2 e não S, como na FIG 5. Ou então, o sujeito $1, ao tentar percorrer o trajeto em

busca do Ideal do Eu ($1--> I), tem como efeito gerado pelo deslocamento, aparecer $2 à direita do espelho plano A, e não mais o S. Seguindo essa direção, Lacan acrescenta:

> Pois o modelo demonstra ainda que quando o olho $ atinge a posição I, de onde percebe diretamente a ilusão do vaso invertido, nem por isso ele vê refazer-se no espelho A, agora horizontal, uma imagem virtual i'(a) do mesmo vaso, invertendo novamente, por assim dizer, a imagem real e se opondo a ela, assim como à árvore seu reflexo na água, morta ou viva, dá raízes de sonho (*idem; ibid*., p. 687)

Para entender a razão pela qual o $, ao atingir a posição I, consegue perceber diretamente a ilusão do vaso, é preciso tomarmos a FIG 6, e seccionarmos o jogo de espelhos em duas direções de acordo com o espelho plano. A primeira direção corresponderia a um *recorte vertical no espelho plano A*, em que as reflexões das imagens ópticas podem ser divididas em dois campos: o das imagens reais, à *esquerda*, e o das imagens virtuais à *direita*[48]. A segunda direção seria com a rotação do espelho plano em 90º, de forma que o *recorte seja horizontal*. Com essa perspectiva, temos a aparição de uma outra imagem i'(a), agora não mais à direita do espelho plano, mas "embaixo" (Lacan evoca o exemplo da árvore e o seu reflexo na água). O $2, conforme sua posição no modelo, consegue ver essa imagem virtual i' (a) diretamente. Logo, em I, o $2, percebe a ilusão do vaso invertido, ao mesmo tempo que seu reflexo i'(a), no espelho A horizontal.

É interessante pensar que a partir dessa centralidade dos Ideais em termos de análise tal qual proposto por esse modelo, Lacan (1998[1960a]) recupera as considerações de Michael Balint sobre a efusão narcísica no fim de análise, que faz crer que, ao fim de análise, o paciente poderia trocar seu eu pelo o do analista. "Arguiremos-lhe que não seja nada disso" (*ibid*., p. 688). Neste sentido, Lacan diz que pode até ser que a análise se interrompa neste ponto, mas isso não quer dizer que se trate de um fim de análise. Nesta direção, Darmon (1994) nos aponta dois aspectos do modelo. Ao mesmo tempo que "fornece uma representação (parcial) do trabalho analítico", nos indica, em conformidade com Lacan, "que o modelo encontra seu limite na impossibilidade de nos esclarecer a respeito da função simbólica do objeto a." (*ibid*., p. 95)

Chegamos, neste ponto, ao que seriam os limites do Modelo, e que Lacan enfatiza a aplicação do modelo no momento anterior do seu ensino (que percorremos anteriormente neste estudo), ao mesmo tempo em que acena para o porvir de sua aplicação. Ou então: "Isso quer dizer que nosso modelo destacou-se numa fase preliminar de nosso ensino em que nos

---

[48] Tal estratégia de descrição leva em consideração o referencial do leitor que olha frontalmente para o modelo da FIG 6

era preciso desentulhar o imaginário como demasiadamente valorizado na técnica. Já passamos desse ponto" (*ibid*., p. 688). Tal afirmação harmoniza com a ênfase realizada neste estudo sobre os momentos anteriores do uso modelo, em que Lacan centraliza os esforços em redimensionar a situação da função do imaginário e do eu na técnica analítica.

Para finalizar o percurso sobre os Ideais e o Modelo Óptico neste momento de seu ensino, faremos uma breve apreciação do que seria a situação do objeto *a* e os Ideais. Ressaltamos que Lacan designa o *a*, as flores reais do esquema, situado acima da caixa, enquanto "objeto do desejo*"* (ibid, p. 689). Este *a* se situa no ponto de partida do modelo, num momento anterior à reflexão dos espelhos. Lacan nos diz: "como objeto parcial, ele não é apenas parte ou peça desvinculada do dispositivo que aqui imagina o corpo, mas elemento da estrutura desde a origem e, por assim dizer, da distribuição das cartas da partida que se joga". (*ibid*, p. 689). Portanto, o *a* é designado enquanto elemento da estrutura que marca, no modelo e na constituição psíquica, um lugar de origem.

Dito isso, destacamos que este objeto *a* fornece uma imagem *a'*, a partir da reflexão dos espelhos. O *a'*, para Lacan, desempenharia a função do "padrão da troca, a moeda pelo qual o desejo do outro entra no circuito dos transitivismos do Eu Ideal" (*ibid.,* p. 689). Vale ressaltar que no tratamento que demos à questão do *desejo* e sua articulação com o outro no estádio do espelho, situamos a compreensão do *desejo enquanto o desejo do desejo do outro*[49]. Podemos considerar que Lacan, com o modelo óptico neste momento de seu ensino, articula a forma que o desejo do outro se insere na relação especular, em seu Eu Ideal. Neste sentido, Marco Antônio Coutinho Jorge (2008) refere-se à "aparências imaginárias" (JORGE, M. A., 2008, p. 140) do objeto *a*, grafada como i(a). Percorrido o caminho até aqui, quando Lacan afirma que, "já passamos desse ponto" - referindo-se ao emprego do modelo no momento anterior do seu ensino - compreendemos que tal marcação está no início das teorizações sobre *objeto a* que marcará o seu percurso nos anos subsequentes.

[49] Ver Capítulo I, estádio do espelho, página 27

2. SEGUNDO CAPÍTULO: OS ESQUEMAS L, Z, R & O GRAFO DO DESEJO

2.1. Os esquemas L e Z

Até aqui, vimos como Lacan em seu modelo óptico aborda a dimensão do Eu (Moi) enquanto uma construção imaginária e os ideais enquanto participantes desta economia subjetiva. Sendo o estádio do espelho um momento inaugural da constituição psíquica na qual a captura imaginária introduz um duplo apontamento, em que ao mesmo tempo em que introduz a matriz simbólica, ou seja, a força propulsora predisponente lança a criança rumo ao acesso ao simbólico, o estádio do espelho instaura a alienação do sujeito no imaginário com o advento do Eu. Sobre a o eu, Lacan afirma: "O eu de que falamos é absolutamente impossível de distinguir das captações imaginárias que o constituem da cabeça aos pés, tanto na sua gênese como no seu estatuto, tanto na sua função quanto na sua atualidade, por um outro e para um outro" (LACAN, 1998[1954], p. 374) e que a "única função homogênea da consciência reside na captura imaginária do eu (*moi*) por seu reflexo especular e na função de desconhecimento que permanece ligada a ela" (LACAN, 1998[1960/64], p. 832). Função de desconhecimento reiteradamente sustentada por Lacan.

Tal função tem um amplo alcance. Ela se liga ao desconhecimento do sujeito do desejo, pela relação imaginária que o sujeito tem com seu Eu, se liga à auto referência no outro, cujo Eu é feito a imagem e semelhança, alienação do sujeito no Eu marcada fundamentalmente pela relação da fala e linguagem na dialética subjetiva, como abordado no esquema L. A seguir, o leitor encontrará os desenvolvimentos acerca deste esquema, sob a ênfase dos ideais e da captura do sujeito nas formas alienantes constitutivas em tal dialética subjetiva.

Sobre o esquema óptico, Jacques Lacan afirmou: "Fundamentalmente, minha via é a discursiva" (LACAN, 1953/1954, p. 218). Em seguida a esta afirmação, ele adiciona que, de tempos em tempos, é necessário concentrar uma "fórmula didática" (*ibid.* p. 218) e uma "imagem de referência" (*ibid.* p. 218) para ligar certas formulações. Este foi um comentário relativo ao modelo óptico, no entanto, encontramos considerações semelhantes quando se trata do esquema L:

> Gostaria de propor-lhes hoje um pequeno esquema para ilustrar os problemas levantados pelo eu e o outro, pela linguagem e a fala. Esse esquema não seria um esquema se apresentasse uma solução. Não é nem sequer um modelo. É apenas uma maneira de fixar as ideias, que uma enfermidade de nosso espírito discursivo reclama (LACAN, 1954/1955, p. 329)

Se encontramos certa semelhança no posicionamento de Lacan sobre se tratarem de ilustrações para "fixar ideias", considerações que estariam na esteira de um certo didatismo, não podemos sustentar que esta é a sua posição única e geral. Vejamos a seguinte passagem referindo-se ao esquema L: "tudo o que é intuição está mais perto do imaginário do que do simbólico. Eliminar tão radicalmente quanto possível os elementos intuitivos é uma preocupação deveras atual do pensamento matemático." (LACAN, 1954/1955, p. 424). Não nos interessa aqui debater se e como o pensamento matemática de fato se preocupa em eliminar a intuição, mas acompanhar a sustentação na medida em que se a intuição está mais perto do imaginário e o pensamento matemática empreende esforços em retirar a intuição e portanto, retirar os elementos imaginários, reencontramos o nosso problema de pesquisa ao interrogar se o passo de Lacan em direção às matemáticas para propor modelos, esquemas, grafos, faria parte de um programa de retirar o imaginário da psicanálise e sua transmissão – tema a ser retomado e desenvolvido no último capítulo deste estudo.

Um outro argumento que se encaminha neste sentido, como apresenta o esquema aqui discutido:

> Ao fim destes anos de crítica, eis-nos, pois, armados de um certo número de termos e de esquemas. A espacialidade destes últimos não deve ser tomada no sentido intuitivo do termo "esquema", mas num outro sentido, perfeitamente legítimo, que é topológico - não se trata de localizações e sim de relações de lugares, interposição, por exemplo, ou sucessão, sequência. Nossa elaboração culmina num esquema a que podemos chamar *o* esquema, e que é o seguinte (LACAN, 1956/1957, p. 10)

Nesta passagem, Lacan aponta que se trata de uma estrutura topológica e não sob a perspectiva frequentemente associada com o termo esquema, ou seja, "uma imagem de referência", uma representação simplificada, assim por diante. Com essas considerações ulteriores, podemos inclusive questionar o termo 'didático' utilizado por ele, que encontra uma difícil compreensão quando entendida enquanto pedagógico, mas conseguimos harmonizar com a perspectiva de um esforço de transmissão por vias que resistissem à imaginarização – como as matemáticas.

Este esquema aparece nos Seminários I, II, III e IV, e tem sua estrutura modificada quando apresentado no texto, dos Escritos, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (1998[1958]), quando é chamado de esquema Z. Abordaremos ambas as estruturas enquanto sustentando o mesmo funcionamento, podendo chamá-lo de esquema L ou Z. Cientes de que não é a única posição sustentada dentre os autores que abordam o tema, como por exemplo Alfredo Eidelsztein (2018) que, por sua vez, afirma que não se pode

confundir o esquema L e o esquema Z. Para ele, o esquema Z corrige as noções que sustentam o esquema L, modificação necessária para a passagem ao esquema R, I e grafo do desejo[50]. Sem discordar com o psicanalista argentino, trataremos aqui com as concepções mais gerais dos esquemas, cuja diferença entre um e outro é a troca da posição do eu e o outro - a-a'. Entendemos que esta troca se justifica porque no campo das trocas imaginárias, é condição desta relação que o eu e o outro se confundam, ou então, que o 'eu é um outro', conforme sustenta Lacan. Sendo assim, passemos às considerações sobre o esquema aqui em questão.

2.1.1. *Das relações imaginárias e simbólicas: um traçado do L ao Z*

Vejamos o esquema tal qual apresentado nos Seminários 2, 3 e 4:

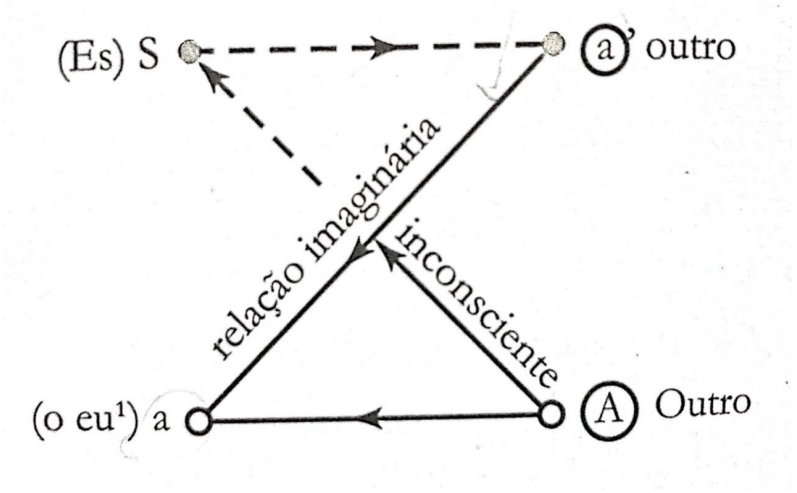

FIG. 8 - Esquema L, *Seminário 2*, 1954/1955, p. 330

O esquema tal qual em sua aparição em "*De uma questão preliminar*" (1998[1958]):

[50] Uma nota para resumir tal posição: "O esquema "L", que marca a passagem transcendente do uso dos modelos imaginários para os esquemas simbólicos, será extensamente empregado por Lacan nos *Seminário* 2, *Seminário* 3 e *Seminário* 4. Porém, a partir daí, será objeto de uma profunda crítica. Crítica, não de sua estrutura, mas das noções que escreve e de como as articula. Autocrítica profunda de Lacan que está na base da produção dos esquemas "Z", "R", e do grafo do desejo.

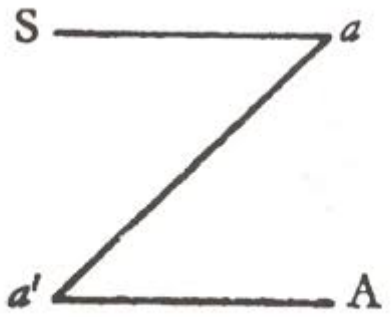

FIG. 9 - Esquema Z, 1998 [1958] p. 555

O *S* (*Es*) representa o sujeito "em sua inefável e estúpida existência; *a*, seus objetos; *a'* seu Eu, a saber: isto que se reflete na forma de seus objetos; e *A*, o lugar de onde se pode colocar a questão de sua existência" (LACAN, 1998[1958], p. 549, g*rifos nossos*). Estas são as designações de Lacan sobre os lugares no esquema e que abordaremos detidamente, a começar pelo sujeito. 'Inefável', como atribuída a existência que não se pode nomear, indizível, como afirma Joel Dor: "trata-se do sujeito preso às redes da linguagem e que não sabe o que diz. Mas, mesmo que o sujeito esteja em posição de S, não é neste lugar que ele apreende a si mesmo." (DOR, J. 1989, p. 124). Ou seja, o sujeito está posicionado em S, mas se vê em a: "Ele não se vê em S, se vê em *a* e é por isto que ele tem um eu. Pode acreditar que este eu seja ele, está todo mundo nesta, e não há meio de sair" (LACAN, 1954/1955, p. 330). Vimos que tal lógica está presente no modelo óptico, na medida em que o S se vê no jogo reflexivo das imagens no espelho. No caso do esquema L, essa dimensão é ampliada, agora relativa ao campo da fala e linguagem e efeitos de discurso, como veremos.

Em a, portanto, temos o moi, e em a' o outro. Sobre isso, Lacan enfatiza: "não é o outro coisa nenhuma, já que ele é essencialmente acoplado com o eu, numa relação sempre reflexiva, intercambiável - o *ego* é sempre *alter ego*" (LACAN, 1954/1955, p. 432). Esta forma do outro especular, do outro do plano reflexivo, tem uma relação estreita com o eu e, segundo Lacan, "ela pode ser superposta, e nós a escrevemos *a"*" (*idem; ibid.*, p. 330). Com isso, podemos intercambiar os lugares de *a-a'* na dinâmica intrínseca da dialética entre o outro e o semelhante. Em A, temos o Outro, que quando situa enquanto o lugar de onde é possível colocar a questão da existência, ele refere a questões sobre o sexo e a morte. Em A há a inscrição da chave fálica e é a partir deste lugar que o sujeito receberá sua mensagem invertida: o Outro é tido como campo inversor da mensagem do sujeito. O vetor AS, o

segmento de linha que vai de A para S é o eixo simbólico do esquema, e o vetor aa', o eixo imaginário.

Destes lugares dispostos no esquema, temos o eixo imaginário, a-a', o eixo da relação imaginária inaugurada no estádio do espelho. Sobre essa linha imaginária que vai de a-a', a da relação especular, dos objetos ao eu, recuperamos dizeres sobre o estádio do espelho:

> O que foi que tentei fazer entender com o estádio do espelho? Que aquilo que existe no homem de desvinculado, de despedaçado, de anárquico, estabelece sua relação com suas percepções no plano de uma tensão totalmente original. É a imagem de seu corpo que é o princípio de toda unidade que ele percebe nos objetos. Ora, desta própria imagem, ele só percebe a unidade do lado de fora, e de maneira antecipada. Devido a esta relação dupla que tem consigo mesmo, é sempre ao redor da sombra errante do seu próprio Eu que vão se estruturando todos os objetos de seu mundo (LACAN, 1954/1955, p. 196).

Temos, assim, o componente narcísico como a chave de percepção dos objetos. Tal operação de duplicação do eu, de acordo com Lacan, está presente quando uma pessoa se dirige a uma outra:

> [q]uando o sujeito fala com seus semelhantes, fala na linguagem comum, que considera os *eus* imaginários como coisas não unicamente *ex-sistentes*, porém reais. Por não saber o que se acha no campo em que o diálogo concreto se dá, ele lida com um certo número de personagens a', a''. Na medida em que o sujeito os põe em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala são também aqueles com quem se identifica. (LACAN, 1954/1955, p. 331)

Com isso temos que a fala é sempre mediada por este eixo imaginário a-a'. O salto dado por Lacan é o de que este eixo imaginário "corta" o eixo simbólico S-A, na medida em que, dada a mediação da linguagem, quando um sujeito S se dirige a A, ele jamais o atinge diretamente: existe, pois, um *entrecruzamento* dos vetores a'-a e A-S. Há uma implicação de descontinuidade, a partir do corte do eixo imaginário sobre a incidência do inconsciente, esta dimensão de interrupção está presente: "Nosso esquema figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seus desvios pelos dois eus, *a* e *a'* e suas relações imaginárias" (LACAN, 1998[1955a], p. 23). Temos, portanto, que esse esquema inscreve a relação do sujeito com o Outro (Seminário 3 e 4). O sujeito receberia do Outro sua própria mensagem, sob a forma de uma palavra inconsciente. Esta mensagem lhe é interditada, é por ele desconhecida, deformada, interceptada pela interposição da relação imaginária entre *a e a'*, entre o eu e o outro: "A relação imaginária, que é uma relação essencialmente alienada, interrompe, desacelera, inibe, inverte na maioria das vezes, desconhece profundamente a relação de palavra entre o sujeito e o Outro" (LACAN, 1956/1957, p. 10).

Para Lacan, este ponto de intersecção entre o vetor da incidência simbólica e imaginário existiria uma operação semelhante ao de uma válvula tríodo[51]. Esta ilustração vem a reforçar a dimensão de que o imaginário incide de forma a escandir e interromper o que passa entre os vetores. Com isso, conseguimos situar o alcance daquilo que se passa a nível do sujeito S, que está radicalmente separado do Outro pelo muro da linguagem. Temos, com isso, que de A-S está o eixo da "realização simbólica do sujeito" (LACAN, 1954/1955, p. 432) e que este eixo é cortado pelo eixo imaginário. Este segmento, Lacan diz, é o muro da linguagem: "o sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem" (*idem; ibid.*, p. 331). Assim, nos fenômenos de linguagem, o sujeito recebe as mensagens como vindas do outro, de forma invertida. Ou então:

> A partir de então, as necessidades da linguagem e as da comunicação inter-humana são fáceis de entender. Vocês conhecem estas mensagens que o sujeito emite sob forma que as estrutura, as gramaticaliza, como vindas do outro, sob forma invertida. Quando um sujeito diz para um outro *tu és meu mestre* ou *tu és minha mulher*, isto quer dizer exatamente o contrário. Isso passa por *A* e por *m*, e volta em seguida ao sujeito que é, de repente intronizado, por isso, na perigosa e problemática posição de esposo ou de discípulo. É desta maneira que se expressam as falas fundamentais (LACAN, 1954/1955, p. 435)

O sujeito se situa e se reconhece neste *tu és*. Em S, temos o *Es*, o sujeito analítico, ele mesmo não total, "É o sujeito não em sua totalidade, mas em sua abertura" (LACAN, 1954/1955, p. 330), nos diz Lacan. O que está posto é que quando sujeito fala com os seus semelhantes (vide esquema que liga S-a'), ele não fala do seu lugar de sujeito, mas de a. Neste ponto reside a fundamental alienação do sujeito na linguagem, a serviço do Eu, na medida em que o sujeito não sabe o que diz, por se ver em *a*. Para Lacan:

> Entre S e A, a fala fundamental que a análise deve revelar, temos a derivação do circuito imaginário, que resiste à passagem daquela. Os pólos imaginários do sujeito, *a* e *a'*, recobrem a relação dita especular, a do estádio do espelho. O sujeito, na corporeidade e na multiplicidade de seu organismo, em seu espedaçamento natural, que está em *a'*, se refere a essa unidade imaginária que é o eu, *a*, onde ele se conhece e se desconhece e que é aquilo de que ele fala - ele não sabe quem, já que não sabe tampouco quem nele fala (LACAN, 1998[1955a], p. 190)

Este ponto nos é fundamental, o de que o sujeito se conhece e se desconhece na unidade imaginária em *a*, que como sabemos está no fulcro da identificação imaginária do eu

[51] "imaginando que, no ponto de interseção entre a direção simbólica e a passagem pelo imaginário exista uma válvula tríodo. Suponhamos que uma corrente passe no circuito. Se houver vácuo, produzir-se-á do cátodo ao ânodo um bombardeamento eletrônico, graças ao que, a corrente passará. Além do ânodo e do cátodo há um terceiro modo, transversal. Vocês podem fazer passar aí a corrente positivando, de maneira que os elétrons sejam conduzidos ao ânodo, ou bem, negativando, detendo de chofre o processo - o que emana do negativo se encontra repelido pelo negativo que vocês interpõe" (*ibid*., p. 434).

ideal. Vemos, portanto, reiterada a dimensão de alienação e de desconhecimento do sujeito. Um outro ponto de destaque é na desconjunção dada entre o *Es* e o *moi*. O recurso linguístico que havia sido iniciado nos textos como o do estádio do espelho de 1949, ao propor a separação do *Je* e *moi*, retorna em seu segundo seminário e gostaríamos de fazer uma digressão possível para destacar tal ponto. Em nota de tradução, temos a seguinte frase: "le je n'est pas le moi", ou então, *o eu, não sou eu*. Esta é a mesma lógica presente em um trecho extraído do francês "je est un autre (...) le sujet est décentré par rapport à l'individu"[52] (LACAN, 1954/1955, p. 08). Ou seja, na expressão "eu, eu sou outro", articula a diferença na língua francesa para distinguir o sujeito do inconsciente, o que ele designa como *Je*, diferente do *moi*, construção imaginária por excelência.

É preciso situar aqui que os primeiros desenvolvimentos de Lacan sobre o sujeito do inconsciente que designa o pronome francês *(Je)* para distingui-lo de *Moi* (eu), ou ego[53] - utilizado por ele antes mesmo do início de seus seminários, como no texto de 1949. Tal estratégia propõe jogo de palavras que convoca ao leitor escandir as funções e designações do *Je* e do *Moi,* na medida em que o sujeito do inconsciente não coincide com o ego[54]. Mais ainda, segundo Pacheco:

> [c]om este recurso, Lacan propõe uma subversão em relação às leituras mais comuns da obra freudiana vigentes na ortodoxia psicanalítica da época, sobretudo no que se refere às concepções de eu baseadas numa distinção simplista e ingênua entre as categorias sujeito/objeto, interno/externo; ilusão/realidade, etc. (PACHECO, 2012, p. 150).

Tal subversão ressaltada pela autora é revelada numa forma estilística, que convoca ao leitor a acompanhar a complexidade das suas proposições. Destacamos que o esquema L evidencia essa operação da captura do sujeito pelo eu, na medida em que os situa em posições radicalmente diferentes - o eu e o sujeito -, o esquema poderia ser lido como uma chave de mostração de tal operação de alienação. De acordo com Joel Dor, o sujeito do desejo, ocultado na ordem do discurso, irá identificar-se cada vez mais com os diferentes representantes em seu discurso, os lugares-tenentes, por meio da objetificação imaginária do

---

[52] Retirado do original (In: http://staferla.free.fr/S2/S2%20LE%20MOI.pdf)

[53] Este emprego se refere, como consta nas *Notas à edição brasileira,* à estratégia adotada pela tradução para distinguir o uso do *moi* e do *je* franceses: *je*, sujeito do inconsciente, [eu] e *moi*, como eu. Lacan inicia o texto em questão anunciando que a concepção do estádio do espelho é trazida a fim de oferecer esclarecimentos que ela fornece sobre a função do [*eu*] na experiência que dele nos dá a psicanálise. So*lução esta análoga à versão brasileira do Seminário 2 de Lacan (ver ali as "Notas do tradutor"1954-55, p. 408)*

[54] Apesar de não serem coincidentes, a constituição do eu e a constituição do sujeito possuem uma relação de tal forma que será abordada mais à frente neste estudo, a partir da apreciação da afirmação: "Wo es war, soll ich werden" (1933/2010)

sujeito: “Ele entra, assim, num desconhecimento total daquilo que ele é do ponto de vista de seu desejo” (DOR, J. 1989, p. 121). Nessa direção, esta seria uma forma de abordar a dimensão de alienação do sujeito:

> Os múltiplos "lugar-tenentes" nos quais o sujeito se perde tendem a condensar-se numa representação imaginária que se tornará a única que o sujeito poderá doravante oferecer a si mesmo, a única através da qual lhe será dado apreender-se. Esta objetivação imaginária em relação a si mesmo é o Moi (Eu, mim). Da mesma forma, dizer que o *Moi se prend pour le Je* (O Mim se toma pelo Eu) é aproximar-se da captação imaginária onde o fala-ser assujeita-se cada vez mais e mais (*idem; ibid.*, p. 122)

Para explorarmos um pouco mais as consequências desta captação imaginária onde há o assujeitamento do falasser[55], é importante retomar o tema dos ideais no funcionamento deste esquema. Podemos situar no eixo da relação imaginária e especular o eu ideal enquanto podendo ocupar um dos pólos do esquema, aa’. A rigor, ao pensar na ação captante da imagem total do semelhante posta pela função de reflexo na dinâmica do narcisismo, presente na relação com o outro, esse outro que é mais um “outro-reflexo (...) esse outro que é para nós muito semelhante na medida em que ele nos dá a nossa própria imagem, em que nos capta pela aparência, em que nos fornece a projeção de nossa totalidade” (LACAN, 1955/1956, p. 173), a função da captura da imagem desliza de um pólo ao outro, de a’a. Este argumento aqui defendido entraria em discordância com o posicionamento de Eidelsztein (2018). Vejamos o seu argumento:

> Por que que não está representado o real no esquema “L”? *Primeiro*: recordemos que embora o *modelo óptico* articule o real, o simbólico e o imaginário, não se figura, não se inscreve nele a imagem real, aquela que Lacan, alguns anos depois, escreverá *i(a)*. *Segundo*: Lacan apresenta seu esquema “L” na lição 19 do *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*, e é bem aí que se encontra uma definição do real a qual deve ser usada para responder a essa pergunta. O real caracterizado por Lacan, enquanto aquilo que não fala, o real não fala, porque sempre retorna no *mesmo* lugar, ou seja, não há nenhum tipo de alteridade a seu nível: a alteridade, o radicalmente outro, é simbólico. *No esquema “L”, o real não se apresenta, porque não fala e o esquema “L” é o esquema “fala e linguagem” e, portanto, da alteridade, do outro.* (EIDELSZTEIN, 2018, p. 55-56)

Do nosso ponto de vista, o esquema L utiliza-se dos mesmos pólos presentes no esquema óptico. Por exemplo, tomemos o espelho plano A e a partição em dois hemisférios, de um lado a ou i(a), do outro i’(a), imagem real e virtual, respectivamente. O S e o A

[55] O termo “fala-ser” aparece no ensino de Lacan apenas em um momento posterior para se referir às relações do sujeito entre o significante, corpo e gozo. Ver mais em: “O Esquecimento da Ontologia e as Tendências Metafísicas do Lacanismo Contemporâneo” (DUNKER, 2017).

(espelho plano) também estão grafados. Consideramos, assim, que o esquema L é o esquema do buquê invertido, reduzido a seus elementos fundamentais (DUNKER, 2013). Apesar de Lacan grafar apenas o i(a) no esquema anos depois, no texto *Observações ao Relatório de Daniel Lagache*, ele já havia sinalizado ao longo dos seminários onde estava o i(a), a imagem real no espelho côncavo e o *a* enquanto o corpo. Aquilo que fica de fora da captura especular, que Lacan introduz (1998[1960a]), e dá um lugar privilegiado em seu ensino a partir da noção de objeto a em seu *seminário 11*, não está sendo tematizada desta forma nos primeiros anos de ensino de Lacan. O i(a), sustentamos, tem as dimensões de suporte corporal, a Urbild do eu em seu caráter inacabado, revestimento totalizante e ilusório, modelo bem sucedido dele mesmo, assim por diante e que se realiza no eixo imaginário aa'.

Uma vez situado neste eixo, podemos destacar o seu funcionamento no esquema. Centrando os nossos esforços sobre o esquema L em suas primeiras aparições, o sujeito, posicionado em S, primeiro vetoriza em direção ao a', para depois vetorizar para o a (*moi*). Tal operação destaca a perspectiva posta pelo estádio do espelho, em que a imagem de si é conquistada primeiro passando pela imagem de um outro (do espelho ou semelhante), tomando enquanto sua. É uma imagem externa, que vem de fora, conforme destacado por Lacan. Se o sujeito se vê em a, ele passa através de seu suporte que é o outro, em outras palavras, a relação entre o S e o a é sempre mediada pelo a'. Seria essa a dimensão posta pela linha de ficção enfatizada por Lacan:

> A relação que o sujeito mantém consigo mesmo é, pois, sempre mediada por uma linha de ficção: o eixo aa'. A relação de S à a (eu/Moí) está, portanto, na dependência de a' e, inversamente, a relação que o sujeito mantém com o outro, (a'), seu semelhante, está na dependência de a. Pode-se falar, pois, de uma dialética da identificação de si com o outro e do outro a si. [..] É assim que se compreende a referência a Hegel, feita por Lacan, a propósito do eu: "Em outras palavras, a dialética que sustenta nossa experiência, situando-se no nível o mais envolvente da eficácia do sujeito, obriga-nos a compreender o eu (Moi), de um extremo ao outro, no movimento de alienação progressiva onde se constitui a consciência de si na fenomenologia de Hegel" (LACAN, 1998[1954], p. 374 APUD DOR, 1989, p. 124)

Sobre a dialética, Dunker (2013) considera que a dialética hegeliana é uma das mais contundentes influências teóricas deste período do ensino de Lacan, marcando a dialética relativa ao desejo, a temporalidade do sujeito e a noção de estrutura. Para Zafiropoulos (2018), o esquema L mostra justamente o modo como se articula a dialética entre os registros do simbólico e o do imaginário, constitutiva das trocas do sujeito e consequentemente, com efeitos para compreender o que teria lugar em uma análise. As duas modalidades, imaginário e simbólico, estariam em constante tensão, implicando em mútuas imbricações, importantes

para formalizar a relação do sujeito com a linguagem. A relação simbólica entre o sujeito e o Outro estaria bloqueada pelo eixo imaginário, entre o eu e o outro. O muro da linguagem formado neste intrincamento implicaria que o sujeito recebe do Outro sua mensagem invertida e fragmentada.

Podemos assim considerar que o sujeito apreende a si mesmo a partir da mediação, constrangido pelo eixo imaginário. No curso de uma análise, Lacan (1955/1956), afirma que o analista deve estar em algum lugar em A, nesse esquema da fala do sujeito. Se ele entrar na economia na relação imaginária da resistência, se ele se comportar como um "espelho vivo", ele estaria falando a partir de *a'* e, com isso, é no sujeito que ele se verá (LACAN, 1998[1955a], p. 190). Em suma, que o analista não se identifique com o sujeito, de tal forma a evitar participar dos mecanismos imaginários. Ou, como dirá Lacan, trata-se "de ser bastante morto para não ser pego na relação imaginária, no interior da qual ele é sempre solicitado a intervir" (*ibid*., p. 190). Se a fala fundamental se passa entre S e A, seria este o eixo no qual a análise deveria revelar, num progressivo desmonte da petrificação imaginária e a migração progressiva da imagem do sujeito, que se via em *a-a'*, para o S. A análise, como proposta do esquema L, consiste em um deslocamento progressivo das relações com o eu para além do muro da linguagem, com os Outros (LACAN, 1954/1955).

Na esteira destas considerações, quando pensamos na questão da palavra plena (verdadeira) e da palavra vazia, Lacan nos diz: "A análise, diz Lacan, deve visar à passagem de uma palavra verdadeira que una o sujeito a um outro sujeito, do outro lado do muro da linguagem. É a relação última do sujeito a um verdadeiro Outro, ao Outro que dá a resposta que não se espera, que define o ponto terminal da análise" (LACAN, 1954/1955, p. 288). A palavra vazia estaria atrelada a vertente imaginária, posta pelos termos do eixo aa'. A palavra plena inclui a operação do deslocamento progressivo para além do muro da linguagem. Isso se dá porque o imaginário se presentifica na fala (DUNKER, 2013; EIDELSZTEIN, 2010), que, de uma forma breve, pode ser sustentada nos seguintes moldes:

> Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem, é feita para remetermos de volta ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo o que quisermos, inclusive pensarmos que ele é um objeto, ou seja, que ele não sabe o que diz. Quando fazemos uso da linguagem, nossa relação com o outro funciona o tempo todo nesta ambiguidade. Em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo. E é justamente nisso que se passa a experiência analítica (LACAN, 1954/1955, p. 331)

Isso porque a linguagem é encarnada numa língua constituída de imagens escolhidas, imagens do semelhante e, neste sentido, a experiência imaginária vai além da relação posta pelo estádio do espelho. Ela está também presente na função da linguagem, no lastro da língua. Reside justamente neste ponto aquilo que seria um obstáculo ao progresso da realização do sujeito na ordem simbólica, afinal, o imaginário detém e interfere na mediação simbólica. Para encerrar as apreciações acerca do esquema, destacamos o argumento de Lacan quanto a crítica aos pós-freudianos, neste caso pela incompreensão do aporte freudiano da genitalização, que reiteradamente se vê presente ao abordar os modelos, esquemas e grafos, como a seguir:

> A relação especular com o outro, pela qual efetivamente quisemos, a princípio, restituir à teoria do narcisismo, crucial em Freud, sua posição dominante na função do eu, só pode reduzir a subordinação efetiva toda a ação da fantasia trazida à luz pela experiência psicanalítica, ao se interpor, como exprime o esquema, entre esse aquém do Sujeito e esse para-além do Outro em que de fato se insere a fala [...]. Foi por haverem confundido esses dois pares que os legatários de uma práxis e de um ensino [...] puderam divinizar a quimera do amor dito genital, a ponto de lhe atribuir certa oblatividade, de onde saíram tantos descaminhos terapêuticos (LACAN, 1998[1955c], p. 58)

No terceiro capítulo retomaremos os argumentos que se verificam neste sentido das críticas lacanianas. Por ora, destacamos os esquemas aqui em questão para adentrarmos no próximo passo deste estudo, o esquema R. O esquema Z, tal qual construído no texto de *Uma questão preliminar* (1998[1958]), está presente na estrutura interna do esquema R, conforme veremos a seguir.

2.2. O esquema R

Passando pelo modelo óptico, o esquema L e Z, chegamos ao esquema R. Encontramos os passos de construção deste esquema principalmente em seu quinto seminário, chegando a sua versão final no texto dos Escritos, "*De uma questão preliminar*" (1998[1958]). Destacamos aqui duas temáticas que são privilegiadas neste esquema: o complexo de Édipo e o cerne, o complexo de castração, bem como a noção de realidade, cuja letra R designa a palavra "realidade" (ESTÊVÃO, 2021, p. 93). O esquema, por sua vez, aborda o processo edípico em suas determinações sobre o campo da realidade psíquica. Tal noção de realidade parte da crítica à psiquiatria kantiana[56] (DUNKER, 1996), de forma a

[56] Dunker propõe o termo "kantismo psiquiátrico" para se referir à incorporação psiquiátricas das faculdades mentais kantianas e sua extrema vinculação com a consequente redução do sujeito ao sujeito do conhecimento.

mostrar como os elementos da linguagem estruturam a realidade. Nos atendo ao nosso recorte de pesquisa, pretendemos destacar o aporte de Lacan às identificações engendradas neste processo e as suas consequências.

Contudo, antes de explorarmos o esquema R tal qual a sua proposta final, consideramos importante percorrer o que Lacan designa como os três tempos do Édipo, para destacar a inscrição das identificações neste processo. Vale destacar que, ao longo do Seminário 5 (1957/1958), Lacan propõe diferentes aportes para designar aquilo que considera como os três tempos do Édipo. É um tema de vasta complexidade, que aqui pretendemos tratá-lo como se ligando aos tempos de identificação e aos ideais. Consideramos importante passar pelos três tempos do édipo desta forma, pois será importante também no tratamento do grafo do desejo. Aqui apresentamos em linhas gerais, sem um esgotamento exaustivo destes tempos, mas para situar as identificações neles.

2.2.1. *Os três tempos do Édipo*

Antes de adentrarmos em nossas considerações sobre os tempos em questão, algumas advertências devem ser postas. Trataremos aqui sob os termos pai e mãe, não pelos riscos de uma via personalista, que poderia remeter ao drama do Édipo à um drama exclusivo das relações entre a mãe, o pai e a criança. Como vimos durante o estádio do espelho, há um efeito da prematuração do nascimento no homem e essa condição de dependência absoluta do bebê aos cuidados de alguém, que o cuide, o alimente, o higienize, para que possa sobreviver. Com isso, não necessariamente há de ser a mãe biológica, mas alguém que ocupe a função materna para o bebê; há alguém que porte a função simbólica de Outro. O pai, na perspectiva do ensino de Lacan, não necessariamente precisa ser *alguém*, tampouco precisa estar presente no seio da família para que opere enquanto função. O pai é um nome (o Nome-do-Pai), significante que opera como interdição e Lei. Esse *Nome* pode ou não faltar, e isso não está relacionado à presença do pai na realidade. Uma forma de sintetizar o que isso quer dizer é a

---

Noções como interpretação e percepção pela via kantiana são termos importantes nesta perspectiva. Todos os sintomas clássicos (principalmente tendo em vista a tradição alemã) são referidos a estas faculdades mentais e a este funcionamento ideal. Alguns exemplos, ressalta Dunker, seria a de que a sensação se degenera em ilusão, a imaginação na imaginação mórbida, o pensamento e o juízo se comprometem no delírio, etc. Haveria, assim, dois pontos problemáticos nesta perspectiva: o primeiro é a dificuldade de entender a história singular do indivíduo, uma vez que as faculdades mentais, enquanto figuras transcendentais, não possuem história nem desenvolvimento. Em consequência disso haveria um segundo ponto, o de que não haveria lugar para a instância do desejo (reduzido à vontade), nesta teoria. Com isso, as faculdades mentais estariam rentes ao imobilismo, desconsiderando a gênese e a constituição singular no sujeito. O texto de 1958 e a elaboração do esquema R se enquadram em abordagens críticas à essa perspectiva.

seguinte: o Édipo em Lacan não é uma teoria de como funcionam as relações entre a criança e seus cuidadores, a saber, é uma teoria de "como se criam e se inscrevem os elementos que levam a uma estrutura psíquica" (ESTÊVÃO, 2021, p. 79). Mesma ideia presente na leitura do Édipo enquanto o romance familiar do neurótico (DUNKER, 2014). Com Lacan, devemos situar o Édipo na base da nossa relação com a cultura (LACAN, 1957/1958, p. 180) e as inúmeras consequências que isso inscreve.

Uma outra ressalva que deve ser assumida é a de que não tratam de tempos cronológicos, pressupostos em fases do desenvolvimento, concepção comum inclusive no campo da psicologia. O tratamento de Lacan ao Édipo, dizemos, é o de tempo lógico, não hierárquico mas com uma relação entre si de que, cada momento produz seus efeitos estruturantes específicos e introduzindo a possibilidade de um momento subsequente. A trama edípica, assim, em cada um de seus tempos, inclui o circuito identificatório e a fixação às formas de relação com o Outro e às diferentes modalidades de negação, a saber, psicose, perversão e neurose. Mas, por estarmos trabalhando com as noções de eu ideal e ideal do eu tal qual a sua conformação na estrutura neurótica, as diferentes estruturas clínicas não serão abordadas.

Consideramos que, para trabalharmos com o esquema R e o alcance dos ideais neste esquema, é preciso esboçar, em elementos mínimos, o que está posto nos três tempos do Édipo. A começar pelo primeiro tempo. Como falamos anteriormente, no início, a criança está em posição de assujeitamento absoluto em relação aos cuidados de outrem. Neste estado de pura dependência, *grosso modo,* progressivamente o seu choro é interpretado por aquele de quem é cuidado, traduzindo como fome, sede, sono, etc. Podemos aqui recuperar o que Lacan (1998[1960a]) expõe alhures, ao dizer que o sujeito se comprazerá em encontrar no Outro as marcas de resposta que tiveram o poder de fazer "do seu grito um apelo" (*ibid*., p. 686), trazendo a dimensão da onipotência da resposta do Outro. Tais interpretações das necessidades, podemos colocar assim, é aos poucos cravada na modalidade da relação entre o bebê e aquele que está situado como Outro. Este Outro ocupa o lugar de onipotência, aquele capaz de oferecer tudo à criança, de suprir todas as suas necessidades. Neste processo, a mãe, assim, se constitui como objeto primordial para o sujeito (LACAN, 1957/1958).

O que se opera, nesse sentido, não é a relação da criança com a mãe, mas a relação da criança com o *desejo da mãe*, ou então, "É um desejo de desejo" (*ibid*., p. 205). Vale lembrar que tal operação havia sido tematizada por Lacan ainda em seus textos preliminares aos seminários, ao tratar da criança e a sua relação com o outro, como desejo de desejo. Aqui, já com a sua noção de Outro, Lacan fundamenta o desejo do Outro. A relação aqui, não é dual,

mas há um terceiro elemento, nomeado como falo. Temos assim uma dupla posição: Lacan designa o *falo como o objeto de desejo da mãe* e a *criança tendo o desejo de ser o objeto de desejo da mãe*, ou seja, *to be or not to be* o falo (1957/1958, p. 193).

O primeiro tempo do Édipo pode ser considerado como correlativo ao tempo do estádio do espelho (ESTÊVÃO, 2021), cujo processo resulta na constituição do Eu primário, corporal, e portanto do eu ideal. Veremos detalhadamente estas operações, ao tratarmos do esquema R. Ainda como introdução ao tema, destacamos que esta experiência oferece ao sujeito uma realidade virtual, a primeira experiência de realidade do sujeito e que abre as possibilidade da construção da realidade humana (LACAN, 1957/1958, p. 206). Nas coordenadas imaginárias, o falo enquanto suposto objeto de desejo da mãe e a criança buscando ser esse objeto de desejo da mãe. Nessa operação de busca, a criança refere-se à autoimagem idealizada, o eu ideal, como coordenada fálica e imaginária posta neste tempo e, neste processo, esboça-se a primeira experiência de realidade, de eu e não eu, do *Inwelt* e *Unwelt*, exposto desde o começo por Lacan.

Esta primeira inscrição de realidade é cravada pelo imaginário, na tríade criança-mãe-falo, em que o último termo, para Lacan, "é o eixo de toda dialética subjetiva" (LACAN, 1957/1958, p. 206). A dialética presente neste primeiro momento refere-se às idas e vindas da mãe, a uma mãe que pode ou não estar presente: "que é chamada quando está ausente, que é repelida para ser chamada novamente" (*ibid*., p. 189). Uma mãe que vai e vem é um desejo que deseja algo que está para além do bebê, e isso introduz um segundo tempo lógico, que tende a seguir nesta questão motriz, a saber, sobre o que deseja a mãe.

Neste primeiro momento em que a criança busca ser o falo, há uma identificação ao falo, imaginário neste primeiro tempo, concomitantemente à construção de um Eu ligado a uma imagem corporal e uma identificação imaginária posta pelo eu ideal. Haveria uma suposta complementariedade entre o eu e o Outro, ilusão de completude efeitos do processo identificatório (ESTÊVÃO, 2021). Vale ressaltar -como veremos adiante- que, é a identificação imaginária com o eu ideal e a cristalização do eu que situam o falo em sua posição e introduz um segundo tempo do édipo.

Essa triangulação, falo, criança, mãe então, introduz o segundo tempo do Édipo, em que o pai intervém efetivamente no discurso da mãe. Efetivamente porque, segundo Lacan, se no primeiro tempo o pai está velado na relação, no segundo, ele aparece menos velado, mediado no discurso da mãe. O pai pode ser entendido como o elemento no Outro que aponta para onde está o desejo (ESTÊVÃO, 2021). O pai, neste segundo tempo, *é* o falo, e se opera

um deslocamento do Outro materno para o Outro paterno[57]. O pai, neste sentido, opera enquanto interditor em uma dupla mensagem: "não te deitarás com tua mãe"; "não reintegrarás teu produto" (LACAN, 1957/1958, p. 209). A criança, assim, é profundamente abalada em sua posição é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela interdição paterna que o circuito não se fecha completamente apenas em torno da criança, e ela não se fecha como sendo pura e simplesmente o objeto do desejo da mãe. Com isso: "A criança é desalojada da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se" (LACAN, 1957/1958, p. 210). O segundo tempo introduz o terceiro, na medida em que o terceiro tempo comporta a identificação com o pai e "o título de propriedade virtual que o pai *tem*" (*ibid.*, p. 210, *grifo nosso*).

No terceiro tempo, o pai não entra como aquele que é, mas sim, "o pai entra em jogo como aquele que tem" (*ibid.* p. 211) o falo. Ou seja, a criança localiza o Pai não como o falo, como *detentor* do falo. De acordo com Estêvão: "Isso é importante pois desvincula o falo do Outro. Ter o falo significa ter acesso a ele, gerando a construção sobre como obtê-lo". Neste ponto opera a identificação secundária, cujo vetor é o falo, com o qual o sujeito pode servir-se mais tarde: "ele realmente carrega o título de posse no bolso" (LACAN, 1957/1958, p. 212). É neste ponto que se situa o Ideal do eu. Sobre essa busca de ser o detentor do falo, ainda com Ivan: "A busca de ser o detentor do falo instaura ainda uma escala fálica, uma espécie de régua: ou estou na base dessa régua (sou uma porcaria, uma droga, uma merda) ou estou no alto (sem mim nada funciona, sou o que resolve tudo, o que dá conta do que os outros não dão)". Isso toca diretamente nas funções que o Ideal do eu assume para o sujeito, conforme o exposto na construção do esquema R.

Feita estas breves introduções sobre os tempos do Édipo e como as identificações ideais comparecem nestes termos, passemos para a abordagem do esquema R, a partir de um percurso que propõe a escansão deste esquema em outros pequenos esquemas.

2. 2. 2. *O esquema R e o seu funcionamento*

---

[57] No esquema proposto no francês 22 Janvier 1958, p. 112 S.5, o A está na posição de M. Mudança em relação ao seguinte esquema, em que o A está na posição de P. Isso deixa claro a ideia de um deslocamento do Outro, ou ao menos a dimensão de um significante paterno, NP no Outro. A noção de Outro barrado fica mais claro no grafo do desejo e não encontramos tal compreensão de Lacan relativo ao esquema R. OBS: não seria de se estranhar o A no lugar de M. Isso porque, a mãe ocupa o lugar de Outro primordial, mas ao fim do édipo, o P é aquele significante de A. No grafo do desejo, há essa ideia ao pensar nos primeiros dois andares, em que o A liga o primeiro e o segundo. No terceiro andar, está barrado.

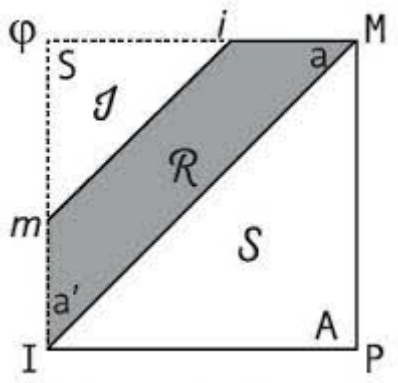

FIG. 10 - O esquema R, fonte: LACAN, 1998[1958], p. 559

φ = falo imaginário, objeto suposto de desejo da mãe

M= mãe

P = pai

I = Ideal do eu (lugar da criança)

m= moi; Urbild especular do eu

i = eu ideal

O φ refere-se ao falo imaginário, o objeto suposto de desejo da mãe. O M é a mãe, enquanto objeto primordial para a criança, e aqui, como dissemos, estamos nos referindo ao *termo*, posição, lugar, cerne da função materna. Em P temos o Pai, que podemos sem prejuízos dizer o Nome-do Pai, que progressivamente vai aparecendo nos tempos do Édipo em sua função de interdição e será, ao final, o vetor primordial da identificação secundária. I, Ideal de Eu, é justamente o produto do terceiro tempo do Édipo e que destacaremos ao longo desta seção. O m, o moi, é o eu, e o i é a imagem idealizada, o eu ideal, ambos produtos do estádio do espelho. Há ainda as três letras grafadas em itálico, o R, realidade, o S, simbólico, e o I, imaginário, os três registros propostos por Lacan. Neste esquema, podemos, assim como faz Lacan (1957/1958), escandi-lo em pequenos esquemas, a saber: o triângulo imaginário, φ-m-i, o triângulo simbólico, M-I-P, e o quadrilátero i-m-M-C. Seria justamente sobre essa sobreposição de esquemas que se trata o esquema R, ou como diz Lacan: "Essa pequena edificação de esquemas, uns por cima dos outros, esses pequenos dançarinos que montam uns com as pernas sobre os ombros do outro, é disso mesmo que se trata" (LACAN, 1957/1958, p. 235).

Partiremos do quadrilátero i-m-M-C, pois este esquema trata da sobreposição de dois triângulos, o Imaginário e o Simbólico, formando um quadrilátero ao centro, R, o campo da

realidade. Deste quadrilátero podemos extrair as consequências tanto da triangulação imaginária quanto da inscrição que possibilita a entrada no triângulo simbólico. De saída, como falamos, há a relação da criança com um outro termo, a mãe (objeto primordial que tem para ele valor libidinal, fonte das primeiras simbolizações) e a constituição da primeira relação de realidade, primeira forma que a criança funda os contatos com o mundo, dependente das relações do desejo (LACAN, 1957/1958). No quadrilátero, temos então, primordialmente, M-C e, não por acaso, paralelamente se faz surgir i-m, o eu ideal e o eu. Os termos aparecem sob as linhas paralelas:

> O estádio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de sua urbild. Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe. Grosso modo, é disso mesmo que se trata. A criança conquista ai o ponto de apoio dessa coisa no limite da realidade que se apresenta para ela de maneira perceptiva, mas que, por outro lado, podemos chamar de uma imagem, no sentido de que a imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura uma certa libido do sujeito, um certo instinto graças ao qual, com efeito, um certo número de referenciais, de pontos psicanalíticos no mundo, permite ao ser vivo ir organizando mais ou menos suas condutas (LACAN, 1957/1958, p. 233)

Portanto, paralelamente ao eixo M-C, vemos surgir, no esquema, o eixo i-m, produtos do estádio do espelho. O que destacamos aqui é o que esta experiência oferece em termos de construção possível da realidade humana. Ou como diz Lacan: "O privilégio dessa experiência está em oferecer ao sujeito uma realidade virtual, irrealizada captada como tal, a ser conquistada. Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí" (*ibid*., p. 234). Há uma prevalência de imagens, a imagem do corpo e a imagem daqueles diante do espelho e o eu ideal e o estádio do espelho, o m-i, confere a possibilidade do falo se situar em seu lugar como tal. Isso porque, ao tomarmos o falo como objeto imaginário que a criança tem de se identificar para satisfazer o desejo da mãe (LACAN, 1957/1958, p. 234) vê a sua possibilidade de se situar como tal e a assumir os deslocamentos nos tempos subsequentes depende dessa cristalização do eu. Ou seja, é a cristalização do eu no estádio do espelho que oferece a estruturação imaginária para que o falo se posicione como tal, como esse objeto que falta para a totalização do corpo. A identificação virtual e ideal do sujeito com o falo, como objeto do desejo da mãe, situa-se no ápice do primeiro triângulo da relação com a mãe: "Ele se situa ali virtualmente, ao mesmo tempo sempre possível e sempre ameaçado, tão ameaçado que será efetivamente destruído pela intervenção do puro princípio simbólico representado pelo Nome-do-pai" (*ibid*., p. 235).

Com isso temos um duplo desdobramento, de um lado, a experiência da realidade produz, sob a forma da imagem do corpo, um elemento ilusório e enganador como fundamento essencial do referenciamento do sujeito em relação à realidade; por outro, a imagem que essa experiência oferece à criança dá-lhe a possibilidade de realizar, numa direção contrária, suas primeiras identificações do eu, entrando num outro campo (*ibid*., p. 234). Nesta direção, a conquista progressiva do psiquismo levaria ao afastamento do imaginário no sentido ao simbólico.

Para situar este deslocamento, que passa do campo privilegiadamente imaginário para o campo das possibilidades simbólicas, vejamos o seguinte esquema:

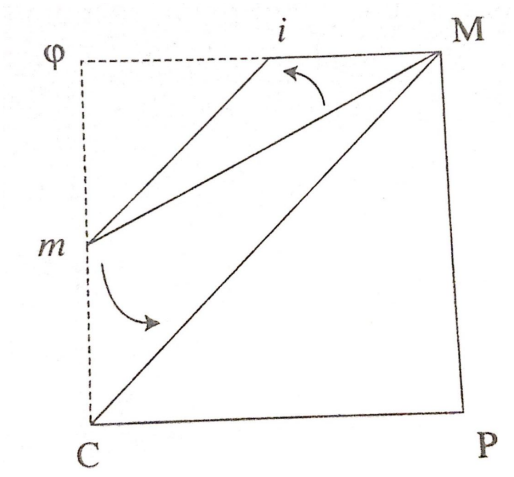

FIG. 11 - O esquema R, versão 2, LACAN, 1957/1958, p. 234

Para acessar o alcance desse deslocamento, devemos supor como faz Lacan (1957/1958, p. 231) um eixo das abcissas, cujo pólo é o M enquanto o vetor da realidade; não obstante, enquanto o campo das primeiras experiências da realidade, devemos supor ainda o eixo das ordenadas, cujo pólo é o P, marca do eixo do símbolo. Desta forma, a conquista progressiva em direção ao eixo das ordenadas marcaria o afastamento do domínio imaginário e direção ao domínio simbólico. Vejamos os passos de Lacan (1957/1958):

1. M-i-m: é o campo da experiência da realidade, cujo pólo é a mãe, M.
2. M-m-C: triângulo homólogo e inverso ao anterior, é designado enquanto o campo do sujeito e é o campo das identificações sucessivas do eu/moi em direção a C (LACAN, (1998[1958]), p. 558). Há a partida em m, que permite que a criança se identifique, em que a forma primária do eu (urbild) é o primeiro domínio do eu que a criança realiza sua experiência, em relação ao pólo M. De acordo com Lacan (1957/1958, p. 234), a

criança entra no trapézio m-i-M-C, na medida em que a criança se identifica com elementos multiplicados de significantes (e de imagens) na realidade.

3. m----C: é o vetor de identificações sucessivas em que *a própria criança assume o papel de uma série de significantes*, e que Lacan afirma: "leia-se, aqui hieróglifos" (1957/1958, p. 235), que remete à representações a serem decodificadas, e que segundo ele escandem a sua realidade em um montante de referências, marcando a realidade composta de significantes.
4. Em C, há o limite da série de identificações, chegando à formação do Ideal do eu e que Lacan (1957/1958) afirma que é com isso que o sujeito se depara ao ir em direção ao simbólico. Com isso, temos que há como ponto de partida o referenciamento imaginário (pré-formado na relação da criança com o seu corpo, com sua forma primordial e imagem idealizada de si), para enveredar-se numa série de identificações significantes no sentido do simbólico e oposto ao imaginário (LACAN, 1957/1958). Neste sentido, ele nos diz: "Se a identificação do Ideal do eu se faz no nível paterno, é precisamente porque, nesse nível, o desapego é maior no que concerne à relação imaginária do que no nível da relação com a mãe" (*ibid*., p. 235)

O alcance da transformação de C para I, será abordado posteriormente. Podemos adiantar, contudo, que o Ideal do eu neste momento de seu ensino provém de uma identificação tardia, ligada à relação terceira no Édipo, cujo desfecho propõe uma transformação subjetiva (LACAN, 1957/1958, p. 301). Transformação subjetiva porque, em seu desfecho, há a introdução do Ideal do eu no interior de uma certa estrutura, e que passa a ser então constituinte do próprio sujeito. É interessante pontuar que Lacan (1957/1958, p. 236) ressalta que haveria certos casos de numa fase, fazer um movimento de aproximação da identificação de seu eu (moi) com o falo. Ou seja, ao invés de progressivamente o sujeito caminhar em direção às identificações significantes e simbólicas, ele caminha na outra direção, seguindo em direção a i-M, com a imagem do próprio corpo, ou seja imaginário puro ligado ao pólo materno[58]. Por outro lado, seguindo a direção m-C, o eu é reconhecido enquanto um *elemento significante*, e não mais um elemento imaginário em sua relação com a mãe. Lacan (1957/1958) afirma que em m-C se produziriam as identificações sucessivas que Freud articula, e que são objeto de sua teoria do eu. O destaque, aí, é que o eu se compõe de uma série de identificações com um objeto que está além da mãe, o pai, de forma a constituir

[58] Um caso situado por Lacan (1957/1958) enquanto a identificação em i, seria a de Gide, enquanto perversão.

o núcleo da identificação máxima, resultado do Édipo. A seguir, veremos como o Ideal do eu vem a constituir-se em C.

2. 2. 3. *O triângulo imaginário, o triângulo simbólico e o passo das identificações*

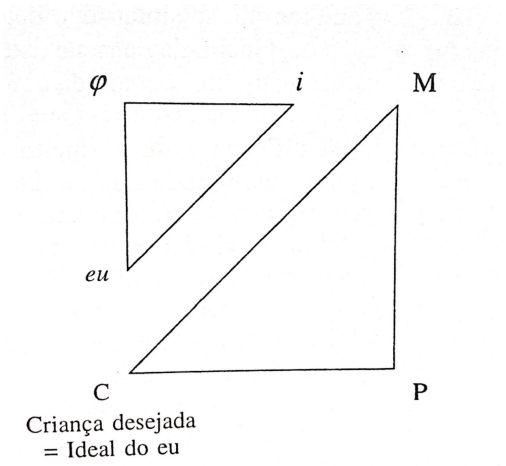

FIG. 12 - O esquema R, versão 3 (LACAN, 1957/1958, p. 267)

Como se trata de uma edificação de esquemas, deixemos claro que, o triângulo imaginário composto por falo imaginário-i-eu, pontilhados, tem a sua base oferecida pela relação do eu com a imagem especular. Neste sentido, haveria três *imagens* que assumem papéis de guia a partir dos pólos φ, i e eu; o triângulo simbólico, por sua vez, é composto por três elementos fundamentais do complexo de Édipo, essência da metáfora paterna, como *significantes* encontrados em cada vértice do triângulo (LACAN, 1957/1958). De acordo com Lacan, há uma relação entre o ternário simbólico e o que apresentou-se como ternário imaginário, e essa relação está para além do que trouxemos anteriormente sobre a relação paralela entre os eixos m-i e C-M. Além desta, haveria uma relação de *simetria* e *ligação* de o*rdem metafórica* entre o Pai e o Falo (LACAN, 1957/1958, p. 189), isso porque, em linhas gerais, a posição do significante paterno funda o falo no plano simbólico. A posição do pai na ordem simbólica media a inscrição do desejo da mãe para além, o desejo de Outra coisa, e que tem consequências para o psiquismo, como as dissidências do desejo da mãe e o desalojamento da criança.

Uma outra forma de ler esta estrutura é dada pelas operações de identificação, sendo realizado em três tempos, e que podemos resumi-la da seguinte forma, de acordo com as indicações de Lacan (1957/1958, p. 308-309):

1. Há a criança, em sua primeira relação com o objeto primordial, objeto por excelência

(a mãe). Uma outra forma de leitura é afirmar que no começo há o sujeito e um outro termo, que tem para ele um valor libidinal (a mãe).

2. Há um terceiro termo (o pai), que entra como elemento diferenciador e de concorrência; é o que a criança retém do vai e vem da relação dele com o objeto (a mãe), cujo resultado Lacan designa como sendo o falo (também designado como fator comum resultante). Eis que a criança vê se assumir a posição simétrica à do pai (quando pensamos no esquema R, vemos C-P).
3. No ponto em que a criança ocupa, ele pode revestir-se de insígnias de P, o termo em que entrou em rivalidade e, ali situado, ele vem a se constituir sob uma nova forma designada como I (vide esquema), o Ideal do eu. Lacan (1957/1958) afirma que algo se preserva dessa passagem, de forma que o que acontece é uma troca: o que foi objeto da relação libidinal transforma-se em outra coisa, é transformado numa função significante para o sujeito, e o desejo deste passa para um outro plano, o plano do desejo estabelecido com o terceiro termo. Nessa operação, esse outro desejo vem substituir o desejo inicial, que é recalcado e sair dele transformado em sua base.

Com este terceiro tempo da identificação extraímos duas consequências: o Ideal do eu vem a constituir-se em C, revestindo-se de *insígnias* daquele que entrou em rivalidade (o pai) e há uma transformação do desejo, ligando o Ideal do eu a uma certa vicissitude do desejo. Sobre o primeiro ponto, o que acontece no final do Édipo é que a criança assume as insígnias do pai que Lacan define enquanto um termo especial designado a significantes que não estão empregados numa cadeia significante (LACAN, 1957/1958, p. 306). O Ideal do eu trata-se de uma identificação diferente da identificação do eu, já que é uma identificação significante, às insígnias do pai. Este é um dos motivos que Lacan afirma: "O Ideal do eu não se propõe, é quase uma obviedade dizê-lo, como um eu ideal" (*idem; ibid.*, p. 300).

Sobre o segundo ponto, é importante lembrarmos de alguns aspectos para entendermos como o Ideal do eu se liga aos destinos do desejo. Primeiro que o desejo está instalado numa relação com a cadeia significante e está articulada às relações de demanda e frustração: "os homens lidam com o mundo do significante, são os significantes que constituem o desfiladeiro por onde é preciso que passe seu desejo" (*ibid*., p. 309). No caso do drama edípico, a vicissitude do desejo tem ligação direta com a formação do Ideal do eu, na medida em que o desejo se transforma quando o sujeito assume as insígnias do pai. Isso porque, o desejo precisou passar por esse sistema para se fazer reconhecer e é profundamente modificado por ele, tanto em sua entrada quanto em sua saída. Vejamos:

> Isso se produz na identificação com o objeto do desejo, no caso da menina se identificar com o pai. Esse pai que ela desejou, e que lhe recusou o desejo de sua demanda, surge em seu lugar. A formação do Ideal do eu tem, portanto, um *caráter metafórico*, e tal como na metáfora, o que resulta disso é a modificação de um desejo que nada tem a ver com o desejo que está em pauta na constituição do objeto, um desejo que está em outro lugar, aquele que havia ligado a menina a sua mãe (LACAN, 1957/1958, p. 313, *grifo nosso)*

Essa troca, como expressa nos tempos de identificação, em que a criança de certa forma "transforma-se no pai", ou então, reveste-se de significantes insígnias paternas, implica em uma transformação no desejo, o recalque do desejo edipiano e o desejo que surge, transformado. A ligação entre o desejo recusado e o objeto, portanto, estaria no ponto de partida da constituição desse objeto como um certo significante, que assume um lugar substituto do sujeito, como metáfora (LACAN, 1957/1958, p. 313). Por metáfora, aqui, vamos entender a partir de uma definição posta em seu próprio seminário, em que diz: "uma metáfora é um significante que surge no lugar de outro significante" (*ibid*., p. 180). Em outras palavras, a metáfora enquanto a função significante de substituição por outro significante e que, podemos incluir o cruzamento da barra de significação[59].

O desejo da mãe, não obstante, se liga ao lugar da criança desejada e trata-se deste mesmo desejo que seria substituído pela formação do Ideal do eu. Com isso colocamos a questão de pensar que Ideal do eu é uma formação que vem nesse lugar significante da criança desejada, que, por sua vez, é um significante que constitui primordialmente o sujeito em seu ser (*ibid.,* p. 271). Em C há o signo da criança desejada, o lugar da criança desejada está diretamente ligado ao desejo da mãe, que falamos inicialmente enquanto ligado ao tempo do estádio do espelho: uma mãe que vai-e-vem, um desejo em que se há acesso e não há, que está presente, mas é vedado; com isso, temos que a imagem ideal (i), imagem especular, assumida porque há nela uma suposição de que, nas palavras de Lacan (1957/1958) ela é um "modelo bem-sucedido" (*ibid*., p. 301) dele mesmo. Nesta operação está presente essa relação do *desejo*, desejo de Outra-coisa, desejo de Outro. Vejamos a passagem de Lacan:

> Nessa relação de miragem pela qual o ser primordial lê ou antecipa a satisfação de seus desejos nos movimentos esboçados pelo outro, nessa adaptação dual da imagem à imagem que é feita em todas as relações inter-animais, como conceber que possa ser lido, como que num espelho, tal como se exprimem as Escrituras Sagradas, o que o sujeito deseja de Outro? (LACAN, 1957/1958, p. 188)

---

[59] Apesar de grandes avanços acerca da metáfora serem concebidos em seu texto "*Função do campo da fala e linguagem*" (1998[1953]), nos deteremos a esta concepção de metáfora a partir de suas contribuições sobre a metáfora paterna que, grosso modo, há uma substituição de um significante paterno pelo desejo da materno.

O que se lê no espelho, mesmo que como uma miragem, advém como pressuposta resposta à interrogação: o que o sujeito deseja de Outro? E mais: "O valor da atividade jubilatória da criança no espelho é satisfazer o desejo do Outro, almejando iludir esse desejo" (*ibid*., p. 233). Portanto, teríamos uma dupla busca daquilo que a criança busca ler no espelho: o que o sujeito deseja de Outro e como satisfazer esse desejo do Outro. Uma vez que a mãe é esse primeiro objeto simbolizado, sua presença e ausência se tornarão para o sujeito, "o signo do desejo ao qual se agarrará o desejo dele próprio, uma vez que fará ou não dele não apenas uma criança satisfeita ou insatisfeita, mas uma criança desejada ou não desejada" (*ibid*., p. 267). Ou, como segue Lacan: "a expressão criança desejada corresponde à constituição da mãe como sede do desejo, e à toda dialética da relação do filho com o desejo da mãe" (*ibid*., p. 268). Isso que se passa à nível da própria imagem, o sujeito se depara com a duplicidade do desejo materno em relação à ele como filho desejado, que é também simbólico, experimentando-se na relação com a autoimagem. A expressão 'criança desejada' é pivô, diz Lacan (1957/1958), e que é preciso que o eu se aproxime disso de alguma maneira para que se constitua o Ideal do eu.

Temos, portanto, que esse lugar da criança desejada é subtraído para que possa ser transformado no Ideal do eu. Daí pensar em recuperar este lugar perdido, daquilo que compõe as marcas de que outrora pôde localizar-se na dialética do desejo. É claro que este lugar significante em C reserva relações com a partida, que é a imagem em i. Relembramos aqui uma passagem de Lacan sobre o lugar de *wanted* ou *unwanted*, lugar marcado na anterioridade simbólica no discurso do Outro, dependente de a criança, antes de seu nascimento, ter vindo a ser desejada ou não:

> Para ter acesso a esse ponto, situado para além da redução dos ideais da pessoa, é como o objeto *a* do desejo, como aquilo que ele foi para o Outro em sua ereção de vivente, como o *wanted* ou o *unwanted* de sua vinda ao mundo, que o sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja… É esse o tipo de verdade que, com a invenção da análise, Freud trouxe à luz (LACAN, 1998[1960a], p. 689)

A partir de tais considerações, podemos harmonizar com a leitura de Estêvão (2021) sobre o Eu Ideal e Ideal do Eu em sua dimensão de *temporalidade*, que apesar de se referir à apreensão freudiana, consideramos que tais ideias estão também presentes em Lacan. De acordo com Estêvão (2021), ao final do Édipo, tanto o menino como a menina estão às voltas com a mesma cena: perderam o narcisismo e sua suposta felicidade, e criaram um mito que diz por que não os têm mais. Por conseguinte, a passagem pelo Édipo levaria à concepção de um tempo mítico do passado, em que foram felizes e amparados. Esta seria a primeira

dimensão de temporalidade: o eu ideal. A pergunta que regeria essa temporalidade seria de que a criança deve *ser* para ter de volta a felicidade perdida. Podemos adicionar à ideia do autor, que a própria noção de *criança desejada* presentifica tal ideia. Como vimos, o C é constituído pela relação com a autoimagem, o eu ideal, modelo bem sucedido dele mesmo que será o pivô da identificação imaginária. Este C, este lugar da criança desejada é perdido, subtraído, como mostra o esquema. Continuando com o autor, com essa identificação, há a tomada do outro como modelo do que se deve ser, moldando o Eu e tendo que lidar com as exigências sociais e culturais. Com o final do Édipo, a criança deve abrir mão de seu desejo amoroso e sexual para no futuro ter um objeto sexual e de amor - tal é a lógica enquanto desdobramento pela leitura freudiana. O que nos permite considerar que a transformação do desejo materno como proposto por Lacan seria uma aproximação possível de tal operação, que também desligaria o desejo ligado a C. Essa promessa futura de felicidade, mítica futura, será o Ideal do Eu, como uma forma de responder à pergunta de onde a criança conseguiria a felicidade de volta, respondida com uma ilusão de felicidade.

Com tal afirmação, podemos recuperar a frase de Lacan: "Sejam quais forem as modificações que intervém em seu ambiente e seu meio, o que é adquirido como Ideal do eu permanece, no sujeito, exatamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos - Seu Ideal do eu pertence, é algo adquirido" (LACAN, 1957/1958, p. 301); podemos atribuir alguns desdobramentos destas considerações: como afirmamos anteriormente, na identificação secundária, o vetor é o falo, e o sujeito constrói as formas de como obtê-lo, de ter acesso a ele, ou seja, identificando-se com o pai ele pode ter o falo e servir-se dele futuramente; sob uma outra perspectiva, o Ideal do eu carrega, embora recalcado, o desejo materno ligado ao lugar da criança desejada. Ou seja, assim como na expressão de *exilado*, impedido de usufruir de sua posse, do seu lugar de criança desejada, carrega as marcas do que outrora foi, no entanto impedido de retornar a esta posição.

Reagindo à lógica temporal do passado e presente do Édipo, temos o seguinte: no passado, o narcisismo primário, a felicidade perdida e o Eu Ideal; no futuro, o narcisismo secundário, a felicidade e o Ideal de Eu (ESTÊVÃO, 2021)[60]. Com isso, afirmamos com o autor:

[60] E mais: O narcisismo secundário, proposto por Freud para dar conta do problema do luto nas relações de objeto, não se trata de um investimento da pulsão sexual no Eu, mas no futuro idealizado, Ideal de Eu. É o retorno da libido retirada de um objeto que volta a investir no projeto futuro, de encontro com o objeto "perdido" (ESTÊVÃO, 2021, p. 58)

> O quadro acima evidencia uma armadilha: a ilusão de plenitude, de felicidade e completude localiza constantemente a pessoa na busca de algo que não vai conseguir, sofrendo por uma felicidade impossível. A montagem edípica é um modo de lidar com a angústia do desamparo e da existência, mas precipita o sujeito em uma ilusão que amplia seu sofrimento culminando, além do sofrimento social e natural, no sofrimento psíquico, seja ele neurótico, psicótico ou perverso (ibid., p. 58)

Podemos acrescentar que as montagens do eu ideal e ideal do eu, ao mesmo tempo que carregam essa função e esse lugar de felicidade, seja perdida, seja a promessa, dá mostras de sofrimento. Por exemplo, no registro do eu ideal, afirma Lacan (1957/1958, p. 301), conseguimos situar as amostras clínicas, quando há alusão aos medos dos ataques narcísicos ao próprio corpo, que é atingido quando falamos da necessidade de reafirmação narcísica. O Ideal do eu, por sua vez, interviria em funções que muitas vezes são depressivas ou até agressivas em relação ao sujeito, próxima à ideia freudiana de que as depressões estariam no registro de uma relação conflitiva entre o eu e o Ideal do eu. Estas seriam possibilidades clínicas de como o eu ideal e o Ideal do eu se situam nos moldes do sofrimento na clínica. Há ainda uma outra consequência da assunção do Ideal do eu, como veremos na próxima seção: a relação com os significantes de feminilidade e virilidade.

2.3. A assunção do Ideal do eu

Para Lacan (1957/1958), o Édipo gira em torno de três pólos: 1) em relação ao supereu (pai), 2) em relação à realidade (mãe) e 3) em relação ao Ideal do eu (criança). O pólo do Ideal do eu se liga à *genitalização*, na medida em que a *assunção* do sexo pelo sujeito passa pela via da *identificação* ao sexo, a partir da superação da condição edipiana, que culmina na genitalização se tornar *um elemento do Ideal do eu.* Nas palavras do psicanalista francês:

> Há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. Encontramo-nos aí, no nível em que o Édipo está diretamente ligado à função do Ideal do eu - ele não tem outro sentido" (LACAN, 1957/1958, p. 171).

Neste ponto, o que nos interessa para o nosso estudo é a abordagem de *homem* e *mulher* enquanto significantes do discurso, discursos que enlaçam posturas específicas nomeadamente enquanto *feminilidade* e *virilidade*, modelos culturais, submetidos à história e

as mudanças discursivas que designam cada uma destas posições na sociedade. Acerca deste ponto, Colete Soler (2018), aborda que tanto o Édipo para Freud quanto a metáfora paterna para Lacan[61], obtém a solução para a questão da identidade sexual passando pelo processo de identificação; como diz a psicanalista trata-se de "...um semblante governando a pantomima dos sexos com seu alcance inevitavelmente social" (ibid., p. 49). Essa dimensão da identidade sexual reenvia atribuições não só às posições sociais de homem e mulher, mas ao lugar mesmo da criança antes de seu nascimento, no discurso dos pais, se se deseja ter um menino ou uma menina, na trama da anterioridade simbólica.

Apesar de Lacan tratar diferentes saídas ao drama do Édipo, para o menino e a menina, herança da tradição freudiana de abordagem, ou mesmo de se referir à *genitalização*, em nossa de leitura de Lacan, ele não está se referindo aos termos macho e fêmea, à anatomia do pênis e vagina e os destinos conformistas que isso teria. Pelo contrário, ele afirma que a genitalização, ao ser assumida, se torna um *elemento* do Ideal do Eu e, se o Ideal do eu é uma identificação significante, a genitalização também o seria.

De certo, na identificação paterna no nível do Ideal do eu o sujeito assume insígnias transformativas, mas isso se relaciona mais à busca pelo reconhecimento do desejo pelas vias significantes, do que por uma via fisiológica ou anatômica. Como Lacan (1957/1958) afirma: "Se é possível haver identificações, se o sujeito chega, em sua vivência, a conferir esse ou aquele sentido ao que lhe é dado por sua fisiologia humana particular, isso se estrutura sempre nessa relação triádica constituída no nível do significante" (*ibid*., p. 268). Por conseguinte, se trataria de uma apreensão significante. Soler (2018), nesse sentido, ressalta que seria uma apreensão simbólica do real do sexo, como sabemos que Lacan o fará em seu Seminário 20 (1972-1973) e as fórmulas da sexuação. Neste momento do ensino de Lacan, portanto, estamos lidando com identificações significantes do momento de constituição, a saída do Édipo, que projetam na vida do sujeito: "Tudo isso se projeta nas relações do jovem sujeito com seu objeto. Estas, por conseguinte, serão comandadas a partir do ponto da identificação em que o sujeito se reveste de insígnias daquele com quem se identificou, e que desempenham nele o papel e a função do Ideal do eu" (LACAN, 1957/1958, p. 308). É interessante notar que essas insígnias, independente do que se passa no ambiente, há uma modificação na estrutura e uma inscrição em que se permanece justamente como nos

[61] A posição da autora é a seguinte a respeito das diferenças entre Freud e Lacan: "Daí a primeira ideia de Freud com seu Édipo das famílias, a saber, que é possível ajustar ao sexo anatômico e legal por um jogo de identificações ditas edipianas, às imagens ideais do pai e da mãe como modelos do homem e da mulher. Nessa veia, Lacan, de início, seguiu Freud. Pude dizer que a metáfora paterna não era uma subversão do Édipo, embora, desde o início, ao substituir a identificação com o falo pelas identificações com o pai e com a mãe como figuras sociais e familiares, ela deslocava muito as linhas" (SOLER, 2018, p.49).

referimos anteriormente, como a pátria que o exilado carrega na sola do seu sapato, na medida em que o que é adquirido na identificação simbólica permanece e comanda a relação do sujeito com os objetos.

Uma outra dimensão para isso seria que a intrasubjetividade e a intersubjetividade não podem ser separadas, dada a ênfase inclusive posta por este momento do ensino de Lacan: a intersubjetividade (SAFATLE, 2006). Não se trataria, com isso, de uma relação entre o sujeito e os objetos, mas algo no sujeito que para ele é *a mais*, como uma intersubjetividade no interior do sujeito (LACAN, 1957/1958). O Ideal do eu como herdeiro do Édipo, participaria no interior do sujeito como uma reprodução, de ordem significante, do mesmo estilo de relações que existem entre os sujeitos, como na intersubjetividade:

> É com essa intersubjetividade no interior da pessoa viva que lidamos na análise. É no seio dessa intersubjetividade que devemos formar uma ideia do que é a função do Ideal do eu. Vocês não a encontrarão, essa função, num dicionário, ninguém lhes dará para ela uma resposta unívoca, vocês só encontrarão enormes embaraços (LACAN, 1957/1958, p. 302)

Essa ideia se relaciona com a proposta mítica, como a narrativa que se presentifica quando o sujeito fala sobre seus pais ou das pessoas que participaram ativamente no começo de sua vida. Sabemos que ele não está falando literalmente de seus pais, ou como se estivéssemos lidando com o que *de fato* sucedeu, mas sim, com o campo da realidade psíquica, daquilo que em seu psiquismo e da subjetividade se inscrevem. Na próxima seção, veremos como os termos dos ideais aparecem no grafo do desejo e de qual forma as significativas modificações que surgem dialogam com as propostas deste estudo.

2.4. O grafo do desejo

Chegamos à última das formalizações trabalhadas neste estudo, que particularmente reserva um amplo alcance e reúnem diversas noções psicanalíticas que estabelecem relações específicas entre si. Termos ausentes nos esquemas anteriores são articulados no grafo, tais como gozo, fantasia ($\$\lozenge a$), demanda ($\$\lozenge D$), assim como as identificações e ideais retornam na base do esquema, finalizando o fio condutor das aparições nos esquemas neste momento de seu ensino (década de 50). Com o grafo do desejo conseguimos situar tanto os processos que encontramos dentro da análise, quanto os processos de constituição subjetiva, incluindo as

operações do estádio do espelho e complexo de Édipo[62], permitindo que possamos situar neste esquema um grande número de articulações. Há ainda uma sugestão de outro alcance de uso deste esquema, aquele de situar as perspectivas e impasses na construção de caso clínico, tal como realizado por pesquisas atuais em psicanálise, se apresentando como importante instrumento clínico[63].

Esta formalização é construída ao longo de três principais momentos de seu ensino, a saber, o Seminário 5, 6 e o texto "Subversão do desejo e a dialética do desejo no inconsciente freudiano" (1998[1960b]), compreendidos entre 1957 e 1960. Dada a extensão e alcance deste esquema, foi preciso circunscrevê-lo em suas construções que nos permitam situar o problema de pesquisa aqui proposto. Para tanto, concentramos nossos esforços em investigar as questões relativas à construção do Grafo 2, a partir do recurso empreendido por Lacan (1998[1960b]) na divisão em Grafo 1, 2, 3 e o grafo completo (que serão apresentados à seguir). As diversas dimensões do grafo, contudo, não são aqui entendidas como sucessões temporais, que implicaria numa extração de ordem: primeiro um, depois o outro. Aqui assumimos enquanto diferentes momentos, posições, referenciais que o sujeito assume na estrutura neurótica, cuja temporalidade lógica subverte uma leitura estratificada de ordenação.

A posição assumida como estratégia de recorte será, portanto, a de deslizamentos entre os planos do grafo, nos atendo ao primeiro andar. Está situado neste primeiro plano do grafo as identificações imaginárias e simbólicas do eu ideal e ideal do eu. É possível verificar que Lacan repensa a constituição das identificações a partir do traço unário - *einziger Zug*, expressão freudiana-, situando a operação da incidência significante que *aliena* o sujeito na identificação primeira que tem como efeito duplo a formação do Ideal do eu e a imagem que se fixa no eu ideal.

2.3.1. *Grafo 1*

---

[62] Vale lembrar que o grafo do desejo começou a ser construído no Seminário 5 (1957/1958), "As formações do inconsciente", concomitantemente às elaborações do Esquema R. A mesma operação do complexo de Édipo e os seus tempos pôde ser trabalhada em ambos os esquemas, sendo que no grafo do desejo, os três tempos do Édipo são abordados pela chave de leitura da *mensagem*, como por exemplo, relativo ao segundo tempo do Édipo: o Pai intervém a título de mensagem para a mãe, enunciando uma proibição, um não que se transmite no nível em que a criança recebe a mensagem esperada da mãe. Um Édipo construído pela via da mensagem permite a Lacan construir os primeiros passos do grafo do desejo.

[63] Um exemplo de uma pesquisa que utiliza o grafo do desejo para situar um certo número de questões clínicas é a dissertação de mestrado intitulada "Vê se me desimbaça": Do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua (BARROS, 2009).

O ponto de partida que tomamos em nossas construções é a do primeiro grafo em seu aparecimento no texto *Subversão do sujeito* (1998[1960b]). Com isso, temos a seguinte conformação:

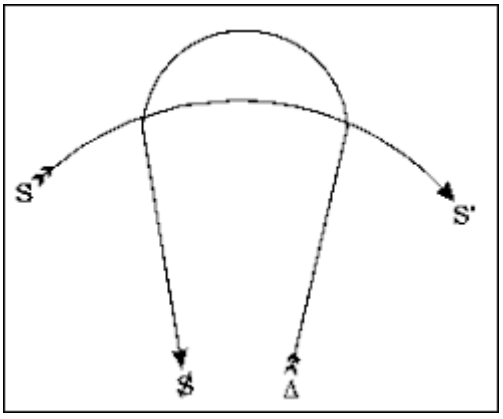

FIG. 13 - Grafo do desejo 1, LACAN, 1998[1960b], p. 819

Sendo S--S' a cadeia significante (em deslizamento), enquanto o *delta* como sendo a realidade do corpo orgânico, esquema etológico (LACAN, 1998[1960b], p. 820). Neste grafo, vemos o traçado da operação do ponto de estofo, seria o vetor delta-$ que esquematiza a operação do estofo da cadeia significante materializada por SS', sendo o vetor delta-$ o vetor dos significados, sendo o ponto de estofo uma ilustração do princípio de ligação entre o significante e o significado no processo de linguagem (DOR, 1989). Há um sentido retroativo no grafo, impresso pelo vetor delta-$, marcando que o efeito de sentido só se dá à posteriori, enlaçando a dimensão temporal com o termo retroação [*Nachtraglichkeit*], na qual o que vem num tempo futuro retroage sobre o que estava antes, no passado. Nesta direção, Eidelsztein (2017) afirma que o ponto de basta ou o ponto de estofo é o ponto no qual o significante detém o deslizamento da significação, de forma que opera aos moldes que tem o ponto na frase. Com Lacan (1998[1960b]) temos que o *ponto de capiton*, pode ser entendido enquanto "o ponto pelo qual o sujeito para o deslizamento antes indefinido da significação" (LACAN, 1998[1960b], p. 820).

Estas operações implicam em dois eixos incidentes em todo o grafo do desejo: o eixo sincrônico, enquanto o corte, e o eixo diacrônico, o do deslizamento da cadeia (EIDELSZTEIN, 2017; PACHECO, 2012; DARMON, 1994). A incidência destes eixos, de acordo com Lacan: "Desse ponto de basta, encontrem a função diacrônica na frase, na medida em que ela só fecha sua significação com seu último termo, sendo cada termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo"

(LACAN, 1998[1960b], p. 820). Ainda, estas dimensões sincrônica e diacrônica reservam relações com os dois processos primários indicados por Freud (1900), o da metáfora e a metonímia, respectivamente, para trabalhar com a ideia dos efeitos de substituição e combinação do significante nestas dimensões aos moldes de como aparecem no discurso (*Idem*, 1998[1960b], p. 814). Essa estrutura inicial do grafo, que inclui a regência de um tempo lógico em retroação, é a estrutura que delineia a construção do grafo do desejo.

Esse efeito de significação é uma marca na entrada na linguagem, que imprime a marca significante, como na seguinte passagem:

> Mas a estrutura sincrônica ela é mais oculta, e é ela que nos leva à origem. É a metáfora como aquilo em que se constitui a atribuição primária, aquela que promulga "o cachorro faz miau e o gato faz au au" com que a criança, em um só golpe, desvincula a coisa de seu grito, eleva o signo à função significante e eleva a realidade à sofística da significação e, através do desprezo pela verossimilhança, descortina a diversidade das objetivações a serem verificadas de uma mesma coisa. (LACAN, 1998[1960b], p. 820)

De acordo com Safatle (2006), é importante reter desta passagem a operação da linguagem a partir deste desprezo pela verossimilhança, ou seja, enquanto abstração daquilo que se apresenta como experiência imediata. Em suas palavras:

> Nesse sentido, a metáfora coloca o poder de abstração da linguagem mediante a negação da referência, ou, ainda, da anulação da faticidade da referência. "Ao jogar com o significante", dirá Lacan (1956/1957), "o homem coloca seu mundo em questão a todo instante, isto até sua raiz". (SAFATLE, 2006, p. 50)[64].

Adicionalmente, podemos incluir a dimensão ressaltada por Pacheco (2012), ao afirmar que a criança não precisa saber a priori o significado das palavras antes de entrar na linguagem, dada a distinção entre signo, enquanto aquilo que representa algo para alguém, e o significante, como sendo o que representa um sujeito para outro significante (*ibid*, p. 179). Com a autora, isso depende de um ato psíquico, de topar ou não o jogo significante e, uma vez que se topa - se tratando da estrutura neurótica -, ela nos diz: "É assim que, no grafo, o sujeito se transpõe de sua extremidade para sua partida. Ao topar a partida, o sujeito tem que

---

[64] Safatle (2006) indica que o exemplo do gato e do cachorro é proveniente dos desenvolvimentos de Jakobson, sendo através dele que Lacan funda suas conclusões sobre a função negativa da metáfora. Para Jakobson, a criança é capaz de desconectar o sujeito e o predicado, oferecendo a possibilidade de servir-se de uma estrutura proposicional do julgamento para negar o que se apresenta como realidade imediata - dada a descoberta da função de predicação. O autor relaciona o trabalho do negativo e a metáfora, como por exemplo no caso do cão e seu grito, fora negada a função e presença naturalizada, indicando inclusive as articulações de Lacan entre simbolização e pulsão de morte.

se haver com a mensagem que se afirma num jogo retroativo (*aprés-coup*).” (PACHECO, 2012, p. 180).

Uma vez o sujeito transportado para as bases do segundo grafo, precisamos voltar alguns passos para situar uma outra dimensão fundamental, a tríade necessidade, demanda e desejo, apreensão necessária para introduzir as diferentes posições que o sujeito assume nos planos do grafo. Em linhas gerais, o que assistimos é o movimento que esboça uma espécie de transformações assumidas a partir da entrada na linguagem, cujo efeito de saída vemos que sujeito sai dividido, e com isso podemos considerar as mostras do efeito negativizante da linguagem, que impõe simultaneamente a falta e o impulso de se lançar à cadeia significante. Podemos situar que em delta encontramos a criança anteriormente à efetiva entrada na linguagem (o que não significa que ela de alguma não esteja nela, pois ela já falada antes de falar, como vimos acerca da anterioridade simbólica), o “pedaço de carne”, que no circuito tem os seus *gritos transformados em apelo* (LACAN, 1998[1960a]), ou seja, aquilo que está no campo da necessidade sofre interpretações e significações do Outro primordial (como a mãe ou aquele que se presta aos cuidados do bebê), interpretando o seu choro como fome, ou como sono ou como desconforto. Esta espécie de enxertos interpretativos deixam uma marca, aquela de que, uma vez atendida a necessidade - exemplo, alimentá-lo, pô-lo para dormir, etc…-, instaura também o circuito da demanda, demanda esta de satisfação que vai além da sua necessidade. Em outras palavras, o lançamento do corpo orgânico, situado pelo vetor retrógrado do grafo, passa pelo desfiladeiro do significante, pelo campo do Outro (A), progressivamente deslizando de uma satisfação da necessidade, para uma satisfação da demanda, na relação que se constitui entre o sujeito e o Outro.

Sabemos que como se trata de uma relação atravessada pelo significante, há a impossibilidade de encontrar na realidade o objeto de sua satisfação, por isso e para sempre o desejo está vinculado à falta, que desliza metonimicamente. Neste sentido, Lacan diz:

> *O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade:* essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessiade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia). Margem que, embora sendo linear, deixa transparecer sua vertigem, por mais que seja coberta pelo pisoteio de elefante do capricho do Outro. (LACAN, 1998[1960b], p. 828, *grifo nosso*)

Portanto, não mais falamos de corpo orgânico, mas corpo que passa pelo desfiladeiro dos significante e pelo “pisoteio de elefante do capricho do Outro”, de forma que o traçado da necessidade é revestido pelo circuito da demanda, cujo desejo se rasga neste circuito. O

desejo se lança metonimicamente, à busca de um objeto para sempre perdido e jamais reintroduzido: o desejo está sempre em movimento. Com isso, temos que a relação do sujeito com o desejo é marcada pela dimensão da falta, cuja operação inclui as bases do momento edípico, como vimos, em que, a partir da inscrição da falta, o desejo pode assumir-se metonimicamente.

Isto posto, a entrada no segundo grafo implica em um importante alcance, que é o da relação entre o sujeito e o Outro. Passamos, portanto, para o segundo grafo com as seguintes considerações:

> Pois aí se vê que a insciência que o homem tem de seu desejo é menos insciência a partir da qual ele deseja. E é a isso que corresponde nossa formulação de que o *inconsciente é discurso do Outro*, onde se deve entender o 'de' no sentido do 'de' latino (determinação objetiva). Mas acrescentando também que *o desejo do homem é o desejo do Outro*, onde o 'de' fornece a determinação chamada pelos gramáticos 'subjetiva', ou seja, é como Outro que ele deseja. (LACAN, 1998[1960b], p. 829, *grifo nossos*)

Sobre isso, Pacheco (2012) afirma que o grafo do desejo é um esforço de formalizar sincronicamente estas duas determinações: 'o inconsciente é o discurso do Outro' e 'o desejo é o desejo do Outro'; estas determinações estariam nas bases de uma teoria do sujeito em psicanálise. Isso porque, de um lado temos a determinação objetiva quando tomamos as leis de linguagem (universal e constituinte) e de outro temos a determinação subjetiva que se articula à posição do sujeito e a dialética do desejo. Tal dimensão implica que uma concepção de sujeito em psicanálise, ainda de acordo com a autora, não pode ser pensada sem a temporalidade lógica, na medida em que o sujeito assume a um só tempo a dimensão de insuficiência e antecipação, determinado e determinante, e que só tem acesso ao seu ato psíquico fundante no momento em que este já estiver perdido, à posteri [*Nachtraglich*].

2.3.2. *O grafo: primeiro andar*

Como dissemos, no grafo 2 o sujeito $ é transportado para a origem do trajeto do vetor retrógrado:

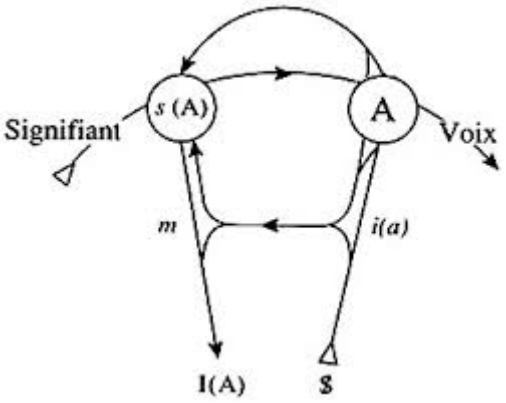

FIG. 14 - O grafo do desejo 2, em: LACAN, 1998[1960b]

Temos em A o lugar do "tesouro dos significantes" (LACAN, 1998[1960b], p. 820) ou o "lugar do Outro" (*ibid*., p. 821) - com a ênfase aqui repousa no *lugar*. Em s(A), é atribuído o momento, uma escansão chamada de *pontuação*, onde a significação se constitui como produto. Este circuito A - s(A), deve ser imaginado como um círculo, tendo o primeiro como um "oco de recepção" e o outro como "brocagem de saída" (*idem, ibidem*, p. 821), reenviando ao esquema uma dimensão não bidimensional, produzindo um circuito expresso pelos vetores que saem e voltam entre os pólos. Trata-se de um circuito que não se fecha, a não ser na própria escansão, em algum ponto de s(A). Com isso, ao mesmo tempo que temos a "submissão do sujeito ao significante" (*ibidem*, p. 821), ou seja, ele só se constitui a partir da cadeia significante, ele só se constitui ao "subtrair-se dela e a descompletá-la essencialmente por ter, ao mesmo tempo, que se contar ali e desempenhar uma função apenas de falta" (*ibidem*, p. 821).

Seguindo o circuito de $, vejamos que ele se depara com a imagem do outro, a imagem do espelho, imagem do semelhante que ele encontra a sua própria (i(a) - m). Esta é a identificação imaginária, nos moldes que desenvolvemos nos capítulos anteriores, do estádio do espelho. Essa operação se inscreve na linha imaginária que vai de i(a) à *m*. Vejamos que no ponto em que se encontra i(a), há uma bifurcação no trajeto do sujeito, que segue em direção ao A, desembocando em I(A). Por isso, este primeiro plano do grafo é crucial para entender que a primeira identificação é, na realidade, segunda, porque o surgimento do sujeito $ é condicionado à entrada na cadeia significante. É uma vez situado a partir da posição simbólica que ele pode identificar-se em i(a). Isso inclusive constitui uma mudança significativa em relação à concepção das identificações aos moldes do que fora desenvolvido por Lacan até então.

Vejamos que de i(a) partem dois vetores e, aproximando o olhar para o que parte em direção a s(A), podemos situar que a captura imaginária se manifesta na linguagem, e é deste lugar que o sujeito recebe a sua mensagem s (A) sob a forma invertida. O imaginário, aqui, não se reduz à imagem, mas inclui os *efeitos do significado* na linguagem - dimensão já introduzida desde o esquema L. Seria também deste lugar que o sujeito recebe a confirmação do Outro, que atesta, legítima e testemunha a imagem jubilatória do corpo próprio. O segundo vetor que parte de i(a) segue a I(A), e esta relação, para abordarmos, precisaremos traçar certas correspondências. Dito isto, o circuito imaginário está submetido à cadeia significante, ao simbólico, basta visualizarmos o vetor que parte de A para i(a). Sobre esta "dupla articulação" da constituição imaginária:

> Esse processo imaginário, que da imagem especular vai até a constituição do eu, no caminho da subjetivação pelo significante, é expresso em nosso grafo pelo vetor i(a)-m., de sentido único, mas duplamente articulado, uma primeira vez como circuito em $-I(A), uma segunda vez como retorno, s(A)-A. O que mostra que o eu só se completa ao ser articulado não como [Eu] do discurso, mas como metonímia de sua significação. (LACAN, 1998[1960b], p. 824)

Novamente, vemos reforçada a ideia de que o eu não é anterior ao significante, mas sim, que ele surge como um efeito deste. A identificação imaginária em i(a) é sustentada pela mesma lógica, sendo I(A) a primeira identificação simbólica do sujeito. A estruturação do Ideal do eu deve ser pensada em relação à potência do Outro, cujo "dito primeiro decreta, legifera, sentenciam, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade" (*Idem; ibid.*, p. 822). O termo *insígnia*, presente em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]) e também em seu quinto seminário, como dito anteriormente, retorna em *Subversão do sujeito* (1998[1960b]) para sustentar a sua noção do traço unário a partir do qual surgirá a identificação que forma o Ideal do eu:

> Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade e vocês terão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu. (*Idem; ibid.*, p. 822)

A identificação primária, portanto, estabelece a marca da relação com o Outro, possibilitando a formação do ideal do eu. O traço unário estaria assim no cerne do ideal do eu, cuja noção será definida e elaborada por Lacan apenas em seu nono seminário, *A identificação* (1961-62), fazendo neste momento de seu ensino apenas uma indicação a ele.

No entanto, o que podemos contribuir acerca do traço unário é de que ele é situado como um significante (insígnia) desta onipotência do Outro, conforme as seguintes indicações:

> Lacan trará o traço unário como o núcleo do ideal de eu. O que seria o traço unário? Nascido no campo do desejo, o campo do Outro, ele se coloca no cruzamento entre o significante unário e o prazer, ou seja, aquilo que do Outro me posiciona, concede um lugar de ocupação, suporta identificação simbólica e o que é do campo das pulsões, o prazer enquanto homeostase libidinal. Ao identificar-se com o olhar do outro, do pai, ou da mãe no espelho, o sujeito vê aparecer seu eu ideal, mola para o seu ideal de eu. Ou seja, nessa imagem confirmada por seus pais, de um eu ideal, nessa possibilidade de existência, nessa imagem reconhecida pelo outro será possível delinear um ideal de eu que tem o intuito de satisfazer o desejo do Outro, eternamente insatisfeito, furado, faltante. (SALFATIS, 2015, p. 82)

Podemos adicionar a estes desenvolvimentos a questão de que o traço unário é um traço distintivo, da diferença radical e absoluta, marca da divisão do sujeito a partir da perda do objeto. Neste sentido, Rinaldi (c2014) afirma que o traço unário é como uma cifra, a marca primeira de surgimento do sujeito a partir do significante, de forma que todo significante tem o traço como suporte. Com o autor: "Ao transformar o *único* freudiano em *unário*, Lacan introduz sua concepção de *um*, fundamento da diferença que demarca o conceito de identificação pela via simbólica, afastando-se da ideia de unificação que perpassa as identificações imaginárias" (*idem; ibid.*, p. 2). Há, com isso, uma diferença entre o Um no traço unário e na identificação, conforme a seguir:

> É importante distinguir, portanto, o *Um* do traço unário e o *Um* da unificação e do Ideal, tanto no que diz respeito à identidade do eu, quanto ao encarnar a figura do líder, tal como Freud o apresenta quando se refere à formação de grupos, à igreja e ao exército. O que caracteriza o líder é justamente o fato de ocupar para os membros do grupo simultaneamente o lugar de ideal do eu e o lugar de objeto. Esta superposição de lugares tem, para Freud, efeito hipnótico. Nos termos de Lacan o Um do ideal soldaria o significante (enquanto ideal de eu) e o objeto de gozo, o que daria ao sujeito a ilusão da unidade, apagando a dimensão da perda (*ibid*., p. 3)

Essa ilusão de unidade e apagamento da dimensão da perda, da falta, se vê presente na constituição do Ideal do eu. Essa relação entre a diferença e o acomodamento narcísico pode ser melhor entendida quando tomamos a questão de que Lacan aproxima a função do traço unário aos termos designados por Freud (1921) sobre o que ele designou enquanto 'o narcisismo das pequenas diferenças'. De acordo com Rinaldi (c2014) seria então a partir de uma pequena diferença - diferença está incomparável e absoluta - que se constitui o Ideal do eu. Num efeito paradoxal, a marca que traz a diferença absoluta e a inscrição da falta introduz a identificação capaz de oferecer a função de preenchimento e das coordenadas ilusórias para a satisfação do desejo do Outro. Tais perspectivas se harmonizam com aspecto abordado por

Soler (2018), ao enfatizar que estas identificações tem uma função de responder à falta de unidade, chegando a considerar que "O grafo do desejo escreve como o sujeito produzido pelo efeito de linguagem tenta dissolver sua indeterminação identificando-se" (*idem; ibid.*, p. 47).

Nesta direção, de acordo com Pacheco (2012), tomando como base as elaborações de Lacan em seu sexto seminário, ressalta que diante do primeiro encontro com o desejo do Outro - sob a forma do enigmático e obscuro *Che vuoi?* — o sujeito está sem recursos, de forma a engendrar uma experiência na qual o sujeito tem que se defender. Está implicada nessa relação o aparecimento do superego em sua vertente do imperativo contido no ideal do eu — adicionamos aqui a dimensão do "o que *devo* ser" contido nas coordenadas do ideal — e com isto temos: "É a relação imaginária que permite ao sujeito remediar a posição indefensável em relação ao desejo do Outro: por um lado, o sujeito se defenderá - como já vimos - com seu eu; por outro, com sua fantasia" (PACHECO, 2012, p. 181).

Uma outra conotação empreendida ao grafo é ressaltada por Colette Soler (2018), ao afirmar que desta estrutura primordial deste andar do grafo, mesmo que em seguida seja sobredeterminada pelos diversos efeitos da cadeia significante, podemos apreender dessa estrutura uma grande parte dos fenômenos sociais, especificamente da atualidade. Isso porque, segundo ela:

> Porque o Outro, este Outro que determina todo valor das imagens e sobre os ideais, não é somente o Outro familial, é também o Outro do discurso social do qual cada sujeito recebe em parte sua própria mensagem que é fator de "normalização", isto é, de unificação de condutas, tanto quanto as primeiras demandas maternas (SOLER, 2018, p. 56).

É no campo do Outro, aqui articulado enquanto tesouro dos significantes, que o ideal do eu é esculpido, na medida em que persegue como possibilidade de encaixe em modelos que poderiam ser extraídos a fim de alcançar uma certa posição em relação ao Outro. Podemos aqui introduzir a afirmação de Lacan feita em seu *Seminário 11*: "O ponto do ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, como visto pelo outro – o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual para eles satisfatória do ponto de vista do amor (...) colocado em algum lugar do Outro, de onde o Outro me vê, na forma que me agrada ser visto." (Lacan, 1964/2008, p.259). Tal proposição dos ideais enquanto *ponto* deve ser ressaltada, dimensão já posta deste o texto *Observações ao relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]) na tratativa sobre o modelo óptico, ao trazer a dimensão do ideal do eu enquanto alvo no qual o sujeito dispara a fim de se ver de uma determinada forma.

O I(A) ocupa o ponto culminante do sujeito no vetor retrógrado do primeiro grafo, que vai da sua extremidade para a partida, ou seja, que transporta-se da saída para o início. Lacan chama isso de "efeito de retroversão": "Efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era, como antes, e só se enuncia: "ele terá sido", no futuro anterior" (*ibid*., p.823). Neste efeito, Lacan ressalta: "Aqui se insere a ambiguidade de desconhecer-se [*meconnaitre*] essencial ao conhecer-me [*me connaitre*]. Pois tudo de que o sujeito pode se assegurar, nessa retrovisão, é de vir a seu encontro com a imagem, esta, antecipada, que ele tem de si mesmo em seu espelho." (*ibid*., p. 823). O processo de *conhecer-me*, que as identificações conferem um lugar, um lugar ao corpo, um lugar ao desejo, um lugar no discurso, é também um *desconhecer-me*, dada a função alienante das identificações ideais. Um desconhecer-me de um corpo fragmentado, de uma falta radical.

Retrovisão[65], "olhar para trás", como no recurso de um motorista em um veículo em movimento fazendo uso do espelho retrovisor para ver o que está na pista atrás dele, o sujeito em I(A) pode se assegurar em encontrar i(a). Coloca Lacan, que o eu ideal "[é] essa imagem que se fixa,..., desde o ponto que o sujeito se detém como ideal do eu. O eu, a partir daí, é função de domínio, jogo de imponência, rivalidade constituída**.**" (LACAN, 1998[1960b], p. 823). E com isso reservam os paradigmas das relações de hostilidade, no tocante a imagem narcísica, transformando-se no confronto com o semelhante, no escoadouro da íntima agressividade. Como um contraponto a esta leitura, Eidelsztein (2017) afirma que essa estrutura temporal empreendida no futuro do pretérito e o efeito de *retroversão*[66]pelo qual o sujeito passa, é um indicativo à estrutura mesma do processo de constituição do sujeito. O autor afirma que, a rigor, não há sujeito antes da identificação primária, uma vez que neste estado anterior o sujeito não seria distinguível de qualquer outro. É neste sentido que considera:

> A palavra que Lacan utiliza é "retroversão", que é uma verdadeira descoberta da língua, porque "retroversão" já supõe algo "retrô", é um ir para trás com a estrutura da versão. E o que é versão? A maneira de apresentar ou interpretar um fato ou séries de fatos e, além disso, a manobra efetuada durante o parto para que favoreça a expulsão do bebê. Uma das acepções mais fortes que tem a palavra é: posição invertida do útero. Não há dúvidas de que Lacan propõe que o nascimento do sujeito é pela via de uma versão: o dito primeiro. O sujeito surge por uma versão, que produz retroação o tempo "anterior", o do *fading*. (EIDELSZTEIN, 2017, p. 106)

---

[65] No original no francês o termo utilizado é "Rétrovisée" (Écrits, p. 808) termo utilizado enquanto "visão traseira".

[66] Frase em francês: "Effet de rétroversion par quoi le sujet à chaque étape devient ce qu'il était comme d'avant et ne s'annonce : il aura été, - qu'au futur antérieur". (Écrits, p. 808)

Em outras palavras, essa estrutura temporal o futuro inscreve um momento no passado, de forma que a realização da identificação primária do ideal do eu oferece a marca significante capaz de retroagir no tempo anterior, onde não há a marca distintiva do traço unário. Continuando com as elaborações do autor, ele aponta uma proposta de releitura ao ideal do Outro, o ideal do eu: tal fórmula I(A) implica que lêssemos este "I" não mais como a primeira letra da palavra Ideal, mas como o número 1 dos números romanos, enquanto o Um do Outro, "I[1] de (A)" (*ibid.*, p. 101). Isso porque, ao tomar um significante do Outro e isolá-lo, o faz representar o Um, oferecendo ao Outro a onipotência, com a qual acredita-se que está investido quem encarna o lugar do Outro,de forma que se o I(A) é um significante do Outro, o ideal simbólico poderia ser lido Um de (A). Essa concepção envia à ideia de duplicidade, do sujeito $ entre significantes, em constante deslizamento, de forma que o ideal operaria de forma a oferecer ao sujeito a possibilidade do Um, em contraste com a sua divisão subjetiva.

Indo mais além, Eidelsztein (2017) afirma que trabalhar com a noção de ideal do eu enquanto ideal do Outro permite que situemos as seguintes articulações propostas pelo autor:

> Por que tem um status tão forte a noção de alienação no ensino de Lacan? Porque o sujeito se identifica justamente com o um do Outro, e o problema é que isso dá uma identidade muito paradoxal, uma identidade alienante, porque pertence ao Outro ("Alio", de "alienação", em latim significa "outro"). Observem que a identificação primária, assim entendida, está fundada na lógica de alienação; a identificação primária diz que não à noção de identidade consigo mesma. Efeito estrutural do significante. (EIDELSZTEIN, 2017, p. 103)

O tema da alienação, do desconhecimento, vem atravessando todo este estudo e, apesar de explorarmos outros alcances deste tema em nosso último capítulo, há uma relevância em articular a lógica alienante dos ideais tal qual conseguimos extrair no grafo do desejo. Para tanto, recuperamos uma forma de abordar o tema da alienação, tal qual o exposto por Lacan (1998[1960/64]) em *Posição do inconsciente*. Uma vez que o sujeito não é causa de si mesmo, mas sim sua causa é o significante, de forma que "O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhuma sujeito no real." (LACAN, 1998[1960/64], p. 849) e que, por sua vez, temos que o lugar do significante é o campo do Outro. É nesta estrutura, portanto, inaugurada pela divisão do sujeito pela ordem da linguagem que se instaura uma outra condição fundamental, a da alienação do sujeito na e pela linguagem. Lacan (1998[1960/64]) destaca que a alienação é própria ao sujeito:

> Portanto, não é o fato de essa operação se iniciar no Outro que a faz qualificar de alienação. Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significante só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo (...) A alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa (*idem; ibid.*, p. 855)

A alienação reside portanto na divisão subjetiva instaurada no sujeito dado o efeito da linguagem. Essa operação que traz à luz as incidências do significante e o sujeito, pode ser destacada, como na operação do *Witz*, o dito espirituoso expresso por Freud e retomado por Lacan da seguinte forma:

> Conferir essa prioridade ao significante em relação ao sujeito é, para nós, levar em conta a experiência que Freud nos descortinou, a de que o significante joga e ganha, por assim dizer, antes que o sujeito constate isso, a ponto de, no jogo do Witz, do chiste, por exemplo, ele surpreender o sujeito. Com seu *flash*, o que ele ilumina é a divisão entre o sujeito e ele mesmo. Mas o fato de se revelar não deve mascarar para nós que essa divisão não provém de outra coisa senão do mesmo jogo, o jogo dos significantes ... dos significantes, e não dos signos (LACAN, 1998[1960/64], p. 854)

Tal estatuto do sujeito em desvanecimento, cujo significante joga e ganha - revelando que a divisão provém do jogo significante -, quando retornamos ao grafo do desejo, temos o sujeito dividido em $ se depara com a insígnia da onipotência do Outro em I(A), significantes com esta função fundamental e com a imagem do outro em i(a), os pontos ideais. Em ambas as identificações, a função, conforme demarcado por Lacan, é o desconhecimento, cujas bases estão na alienação que provém da divisão subjetiva. O sujeito, conforme o circuito do grafo 2, tenderá ao aprisionamento vetorizado pelo I(A), no circuito da demanda e que, conforme a indicação de Lacan, não é apenas alienação porque provém do Outro, mas porque ele porque ele opera justamente onde há a divisão do sujeito, oferecendo um vetor significante capaz de responder a demanda do Outro e satisfazê-lo. O traçado deixado pelo vetor do ideal do eu é o *desconhecimento*, aos moldes que conforme o sujeito se lança ao traçado com a promessa do *conhecer-se*, ele só se vê cada vez mais no desconhecimento, desconhecimento no outro pela via imaginária, e no Outro, pela via simbólica, que comanda a primeira. Por isso, o andar superior do grafo, expresso pelo grafo 3 no texto Subversão do sujeito (1960b), propõe o lançamento do sujeito para o mais além das identificações e do circuito alienante que o fundamenta.

3. TERCEIRO CAPÍTULO: OS ESQUEMAS, OS IDEAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS

3.1. Uma passagem pelos modelos, esquemas e grafo

Reservamos para este último capítulo, uma apreciação sobre o que chamamos de esquemas, formalizações e construções de Lacan. O estudo sobre estes modelos, esquemas e grafos impôs a esta pesquisa articular o campo psicanalítico às influências de outras disciplinas, seja porque tais recursos foram construídos a partir dos apoios a outros campos adjacentes, seja porque os empréstimos feitos por Lacan produzem efeitos sobre esta conexão que estabelecemos entre os ideais e os esquemas - conforme tentamos sustentar. Com isso surgem uma série de obstáculos, reveladores da complexidade que pertence ao tema: há um extenso debate frente às diferentes leituras e posicionamentos sobre as origens, estruturas/classificações e justificativas de tais formalizações (dentre muitas outras). Se, em parte, isso se justificaria pela ausência de maiores explicações de Lacan sobre tais recursos - deixando aos seus leitores a tarefa árdua da interpretação sobre o sentido de suas formalizações -, a presença deste debate pode ser lida como uma aquiescência ao esforço deste estudo em propor uma centralidade à discussão de tais recursos.

No tocante à estrutura e classificação, não há consenso sobre qual a matemática empregada em cada um deles e se seria possível verificar neles uma estrutura topológica. Para Eidelsztein (2018), apenas o grafo do desejo seria "indubitavelmente" topológico, sendo abordado desde a topologia algébrica ou abstrata, e a teoria matemática dos grafos e redes. Para o autor, o esquema L haveria sido construído a partir do domínio das estruturas de grupo e de grafos, enquanto os esquemas Z, R e I apresentariam variações dentre eles, apresentando topologias de superfície. O esquema óptico, por sua vez, teria uma estrutura analógica e não topológica. Sobre este último, Darmon (1994) afirma que, quando levamos em consideração o que é dito sobre o modelo óptico por Lacan, haveria uma ação topológica neste modelo, quando reenviamos ao material formal o conteúdo dos textos ou seminários de Lacan, de forma que trabalharia com espaços multidimensionais[67]. Quando tomamos a posição de Miller

[67] É importante marcar que Marc Darmon enfatiza o recurso de Lacan à topologia no modelo óptico quando em seu *Seminário 10* concebe o objeto *a* não especularizável. Este seria um "aperfeiçoamento topológico do esquema ótico" (DARMON,1994, p. 96) e ele não faria "mais do que sublinhar uma estrutura topológica que já estava ali" (*ibid.*, p. 91). Se, por um lado, considera que Freud fazia uso de esquemas "achatadamente euclidianos" (*ibid.*, p. 90), Lacan havia se esforçado em não cair no risco de fazer simplificações.

(1966) nas notas finais dos Escritos de Lacan (1998[1966]), indica que se tratariam de geometrizações euclidianas e apenas isso, enquanto em um momento posterior, Miller (1996) indica o grafo e o esquema Z são combinatórios, sustentando inclusive que a topologia não é isolável no ensino de Lacan - podendo ser sentida desde os primórdios de seu ensino.[68]

Sendo assim, não seria possível atribuir a todos uma mesma rubrica topológica. Um outro campo de extenso debate refere-se ao que podemos designar enquanto função das formalizações: se seriam elas ilustrativas, metafóricas ou a estrutura mesmo em questão. Para Paulo Rona (2012), uma coisa seria utilizar as ciências físicas como fez Freud, e as matemáticas, como fez Lacan, para proporcionar esquemas, aproximações descritivas ou elucidativas quanto aos fenômenos em estudo; seria diferente poder afirmar, como faz Lacan, que a topologia é a estrutura em questão. O autor, ao longo de seus desenvolvimentos, procura estudar os fundamentos que sustentariam esta segunda afirmação. Posição diferente da de Victor Korman (2004 APUD RONA, 2012), por exemplo, que sustenta que a topologia *ilustraria* a estruturação subjetiva do sujeito, dada a possibilidade topológica de evidenciar a estrutura, enquanto outros acenam que a topologia seria a própria estrutura, dado o seu isomorfismo ao significante, cujas bases estão na teoria dos conjuntos. Há inúmeros argumentos que se encaminhariam por uma via ou por outra, variando de posicionamentos que situariam algumas formalizações enquanto metafóricas e outras não-metafóricas[69].

Um outro debate que orbita esta temática toca diretamente na discussão do lugar que estas estruturas teriam em relação à práxis psicanalítica. Podemos, por exemplo, tomar a posição de Joel Dor (1989), ao afirmar:

> Na mesma perspectiva de esclarecimento, certas fórmulas simbólicas e algumas figuras gráficas foram introduzidas. Essas escritas e outras representações esquemáticas, acrescentadas aos algoritmos de Lacan, não devem de forma alguma fazer com que se presuma alguns "matemas" em dificuldade de parto, ou então algum processo de formalização em curso. Quando muito, tratava-se de recorrer a alguns expedientes arbitrários que podiam "metaforizar" economicamente argumentos teóricos que, por vezes, pareciam demasiado abstratos. (DOR, 1989, p. 08)

Se referindo aos esquemas aqui trabalhados, o autor, portanto, as considera como representações esquemáticas, figuras gráficas com valor de esclarecimento a temas complexos e abstratos. Essa posição de *não devem de forma alguma* indicar uma tentativa de Lacan na esteira de formalizar ou de apresentar alguma relação com o matema (cujo aparecimento é em

---

[68] Para saber mais, ver em: Miller, Matemas I (1994)

[69] Para saber mais, ler Paulo Rona: O significante, o conjunto e o número: A topologia na psicanálise de Jacques Lacan (2012).

momentos ulteriores de seu ensino) parece apressada em relação ao valor que estas estruturas assumem em seu ensino. No entanto, esta é uma leitura não presente apenas nos argumento de Dor (1989), mas poderíamos também incluir os argumentos de Miller (1966), contundente em afirmar, inclusive como advertência aos leitores e psicanalistas, de que estas produções - estas que trabalhamos aqui - têm papel *didático*. Para ele, se tratariam de geometrizações intuitivas, na qual há uma ocultação do simbólico - referindo-se à afirmação de Lacan que o modelo óptico em 1960 não comporta a estrutura do objeto a simbólico - ao se perder na imagem intuitiva e, não obstante, mantém em sua estrutura uma relação de analogia[70].

Assumimos que se Lacan tivesse a intenção de promover um didatismo ou um valor pedagógico, ou até mesmo, tentar metaforizar temas psicanalíticos por serem abstratos demais, tal afirmação se afastaria diametralmente da própria proposta de interrogar o inconsciente (nos termos que o mesmo o faz)[71] e que se houve uma direção de tornar inteligível a complexidade dos processos subjetivos, haveria de ampliar o debate e não estreitá-lo sob este eixo. Nesta direção, esta posição em relação ao recurso de didático é fortemente criticada por Glynos e Stavrakakis (2001), ao considerarem que quanto ao *estilo*, Lacan não tinha a menor preocupação em ser didático, dado ao estilo barroco e às (inúmeras) referências não nomeadas mas utilizadas, e que, pelo contrário, este seria um exercício de transmissão em paralelo ético com o exercício da clínica, que implica no deslocamento da mestria (a que algum didatismo remeteria). Posição que se harmonizaria com a de Eidelsztein (2018, p. 159), ao afirmar que os modelos, esquemas e grafos são produções que se aproximam progressivamente, tanto em sua estrutura quanto em sua enunciação, do núcleo peculiar da práxis analítica. Segundo esta perspectiva, a estrutura dos modelos, esquemas e grafos se aproximaria cada vez mais da estrutura do sujeito com o qual a psicanálise opera.

Dito isto, esta querela de posicionamentos não poderia ser resumida, se não com o efeito de introduzir o extenso debate que permeia o tema das construções de Lacan neste período de seu ensino. Cientes da complexidade do tema e, portanto, também dos limites internos à pesquisa, nas seções subsequentes destacaremos referências reiteradamente feitas

---

[70] No entanto, vale ressaltar que considerações posteriores de Miller, como em Matemas I, reconsidera a posição por exemplo do esquema L e R no ensino de Lacan, chegando a afirmar que é impossível separar a topologia do ensino de Lacan, dada que esta dimensão está presente desde sempre em seu ensino.

[71] Esta questão de interrogar o inconsciente se revela como na seguinte passagem de Lacan (1998[1960b], p. 810): "Temos certa dificuldade de tornar inteligível, num meio que se envaidece do mais incrível ilogismo, o que comporta interrogar o inconsciente tal como o fazemos, isto é, até que ele dê uma resposta que não seja da ordem do êxtase nem do abatimento, mas, antes, que se "diga por quê". Se conduzimos o sujeito a algum lugar, é a uma decifração que já pressupõe no inconsciente essa espécie de lógica em que se reconhece, por exemplo, uma voz interrogativa, e até o encaminhamento de uma argumentação".

por Lacan quando construía estes esquemas. Esperamos conseguir abordar neste capítulo, os pontos de convergência possíveis entre as formalizações e os ideais. O primeiro passo conferido neste sentido é o de investigar o modelo óptico sob a perspectiva do seu apoio à física óptica e os esquemas L, R e grafo do desejo em seu apoio ao estruturalismo linguístico e antropológico. Depois, colocar os esquemas à luz da conjuntura teórica da época, que toca nos argumentos de transmissibilidade e rigor à práxis psicanalítica, para seguirmos então à subversão conferida no tocante à distinção entre o eu e o sujeito. Por fim, uma vez sustentado que há um passo do psicanalista francês em direção à outras disciplinas para construir as suas formalizações, e que tal passo repousa sobre a tensão entre psicanálise e ciência, bem como os efeitos que esta tensão possibilitaria para o campo psicanalítico.

3.1.1. *Perspectivas sobre o modelo óptico*

À guisa de destrinchar o uso do modelo óptico no ensino de Lacan, abordaremos a designação feita ao esquema, a saber, que o seu emprego tem "valor de metáfora" (LACAN, 1953/1954, p. 108), um "valor analógico" (LACAN, 1998[1960a], p. 679), "aparelho de pensar" (LACAN, 1953/1954, p. 110), uma "relação auxiliar" (ibid., p. 108), tendo como ponto de partida o modelo de Henri Bouasse que, segundo ele, não seria um sistema, mas uma imagem de referência[72]. Falamos anteriormente que o passo de Lacan em direção à óptica repousa sobre o que ele afirma ser a autorização freudiana a realizar relações auxiliares[73]. De saída, consideramos importante destacar que, ao fazer uso da óptica para designar suas elaborações acerca do aparelho psíquico, é Freud quem afirma:

> Não vejo necessidade de me desculpar pelas imperfeições desta ou de qualquer imagem semelhante. Essas *analogias* visam apenas a nos assistir em nossa tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento psíquico, dissecando essa função e atribuindo suas operações singulares aos diversos componentes do aparelho. Ao que me consta, não se fez até hoje a experiência de utilizar esse método de dissecação com o fito de investigar a maneira como se compõe o instrumento mental e não vejo nele mal algum. (FREUD, 1900/2001, pp 517, *grifo nosso*)

---

[72] Trecho completo retirado do Seminário original em francês: "qui n'a pas la prétention d'être un système, mais seulement une image de référence" (In: Lacan J., Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud. Paris, Seuil, 1975, p. 187).

[73] Lembremos aqui do comentário de Lacan sobre aparelho fotográfico enquanto uma possibilidade de analogia a um aparelho subjetivo: "O aparelho fotográfico não seria um aparelho subjetivo, inteiramente construído com a ajuda de um x e de um y, que habitam o domínio da linguagem?" (LACAN, 1953/1954, p. 106).

Freud (1900/2001) refere-se enquanto analogia, que tem seu valor justamente enquanto uma tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento da vida mental e também enquanto relações auxiliares que facilitem tornar tangível a abordagem do desconhecido (ibid., p.517). Este esquema está situado no primeiro seminário de Lacan, momento em que o seu retorno à Freud implica em uma leitura direta e detalhada dos escritos freudianos[74]. Sabemos que Freud, à sua época, ao mesmo tempo em que dialogava com outras áreas do saber, outras ciências para suas elaborações, fizera ele mesmo certos recursos formais ao longo de seus desenvolvimentos - como o esquema do "ovo" na elaboração da segunda tópica em o "Eu e o Isso"(1923), em Psicologia das massas e análise do eu, a vetorização da relação do eu e ideal do eu, a constituição dos traços mnêmicos em Interpretação dos sonhos, dentre outros[75].

Autores destacam o apoio às ciências fisicalistas por parte de Freud, como o passo necessário para que a psicanálise pudesse ser considerada uma ciência, ao subscrevê-la no paradigma das ciências naturais (Bairrão e Affonso, 2021, Assoun, 1983, Orquiza e Monzani 2015; Simanke 2009). Inclusive, o texto que Lacan toma enquanto base da justificativa do seu apoio à óptica, *A interpretação dos sonhos*, é um texto que inclui pressupostos do fisicalismo que constituíam o paradigma das ciências da natureza da época (Milner, 1996; Birman, 1994)

A respeito disso, Simanke (2003) afirma que em Freud, os fenômenos patológicos são lidos a partir de um emprego metafórico de um vocabulário das ciências da natureza - no entanto, podemos pensar ainda outros usos metafóricos, como a referência à metáfora teatral, a "outra cena", em Psicologia das massas (1921), como o sujeito enquanto uma célula no organismo vivo, dentre outras. Além disso, o uso da metáfora integra um amplo debate dentro da produção do conhecimento científico e epistemológico, e nem sempre encontra posições consonantes dentre os diversos autores que se debruçam sobre o tema. Não pretendemos adentrar a este debate, mas apenas elencar alguns posicionamentos. Por exemplo, na visão de Spencer (1992), as metáforas utilizadas na Psicanálise não podem se equivaler exatamente àquelas utilizadas na Física, uma vez que as metáforas no campo psicanalítico não produziriam modelos e predições testáveis, capazes de alterar o modelo criado - o contrário do campo da física. Para Max Black (1966), há diferentes tipos de metáforas; uma delas é o

---

[74] Nos capítulos da tópica do imaginário, por exemplo, Lacan cita Freud diretamente principalmente nos textos A interpretação do sonho, Introdução ao narcisismo, num exercício estratégicos de comentários de textos.

[75] Marc Darmon (1994) inclusive cita modelos utilizados por Freud que, segundo ele, são possíveis de comparar ao esquema óptico. O autor se refere: "ao olho surrealista cortado pela lâmina do recalcamento que surge na carta a Groddeck" (p. 90), e também "aquele olho errante de um esquema rabiscado num manuscrito endereçado a Fliess, representando o trabalho de análise" (p. 90). Ver mais em: *Ensaios sobre a topologia lacaniana* Marc Darmon, 1994

que destaca enquanto sendo uma metáfora forte, na qual, no campo científico, o acesso ao fenômeno seria mais bem representado pelos termos metafóricos, como no caso de um fenômeno que é impossível de ser reduzido à observação. Um argumento que acenaria à falta de rigor do uso de metáforas no campo científico é o de Gaston Bachelard (1996), quando faz críticas à metáfora enquanto obstáculo epistemológico para o campo científico, enfatizando que o espírito científico deve lutar sempre contra imagens, analogias e metáforas, dado que as metáforas induziriam ao empirismo, uma vez que as imagens seduziriam a razão e corre o risco de que uma imagem particular se torne um esquema geral.

Teríamos uma grande dificuldade, ou sequer uma impossibilidade em sustentar se o uso que Lacan faz do modelo é metafórico ou não metafórico. Há um extenso debate sobre isso no campo psicanalítico, não só relativo ao modelo óptico estritamente, mas se todo o recurso de Lacan às matemáticas seria ou não metafórico ou alegórico (Rona, 2012). Cientes dos limites deste estudo, não podemos fazer outra coisa senão indicar como um desdobramento possível de pesquisa, verificar qual seria o estatuto deste uso no modelo óptico de Lacan. Uma indicação, e apenas isto, seria conforme os estudos de Max Black (1966) acerca das designações sobre *modelos* e suas relações com a produção de conhecimento. Um modelo operacionalizado por ele é o *modelo analógico*. Em linhas gerais, o modelo analógico se apoiaria no uso da analogia e na metáfora para reproduzir certo funcionamento, estrutura, processo, através de um deslizamento de um campo para outro, de um sistema para outro. Estabelecido um sistema de isomorfismo, estabelecem-se correspondências entre um campo e outro, e por isso seria possível traçar hipóteses em um determinado campo como se fosse o outro. Por exemplo, Lacan toma a operação do estádio do espelho e o engendramento dos ideais como se fosse regulado pelos princípios da física no modelo óptico. Haveria uma comparação entre os campos - espelho plano/o Outro, o olho/o Sujeito, a imagem real/o eu ideal, assim por diante… - e as leis que regulam o jogo de reflexos poderiam ser análogas ao jogo reflexivo no momento de constituição. A tensão entre estes diferentes domínios são assim utilizados para formular acerca do aparelho psíquico e seu funcionamento tal qual o campo psicanalítico propõe.

Vale ressaltar ainda que, quando Lacan se refere à óptica, ele nos diz: "...ciência engraçada que se esforça para produzir com aparelhos a coisa singular que se chama imagens, à diferença das outras ciências, que introduzem na natureza um recorte, uma dissecção, uma anatomia" (LACAN, 1953/1954, p. 105). Destaca-se assim, ao menos em seu posicionamento, uma justificativa adicional ao apoio no campo da óptica: o da recusa em

propor uma via puramente anatômica e biologicista, com uma margem possível para o campo da subjetividade.

Ademais, no primeiro capítulo deste estudo, verificamos a ênfase de Lacan em sustentar certos efeitos ilusórios e enganadores das imagens a partir dos índices da física óptica. Se, por um lado, consideramos que o apoio à óptica para produzir o modelo respalda na tensão entre psicanálise e ciência, de outro, consideramos que é a partir da formalização inicial do modelo óptico que Lacan avança progressivamente sobre outros esquemas com apoios a outros campos da ciência, ele é fundamental para destacar e enfatizar a alienação fundamental ancorada na constituição primordial.

3.1.2. *Perspectivas sobre os esquemas L, R e grafo do desejo*

Como vimos ao longo deste estudo, é a partir do apoio à ciência óptica, à etologia e à Gestalt que Lacan constrói o seu esquema óptico (como apresentado no primeiro capítulo deste trabalho). Há um empréstimo direto de um modelo interno ao campo da Física Óptica, empréstimo que não se vê mantido nos demais esquemas e grafo. Por sua vez, os esquemas L, R e grafo do desejo foram concebidos a partir de elaborações das ciências matemáticas. Nos interessamos aqui, menos no esclarecimento do uso da matemática por Lacan, e mais sobre um *fato*, a saber, o que na medida em que avança em suas teses sobre a linguagem, sobre o significante e a função simbólica, o encontro com o estruturalismo permitiu a Lacan construir tais teses (FARIA, 2019) e formalizar tais esquemas, posto que o encontro com o estruturalismo ofereceria as bases para a incursão das matemáticas por Lacan (MILNER, 1996; GLYNOS e STAVRAKAKIS, 2001; RONA, 2012). Dentre os diversos argumentos que se encaminham neste sentido, tomaremos como guia Paulo Rona (2012) e o seu profícuo trabalho, intitulado *O significante, o conjunto e o número*. Ao longo do livro, o autor reúne importantes argumentos de teóricos que buscam fundamentar o emprego da topologia por parte de Lacan. Neste ponto, recolhemos do seus desenvolvimentos a referência aos estudos de Victor Korman (2004), que sustenta que a relação entre topologia e psicanálise seria pela via da linguística, uma vez que esta reuniria princípios topológicos, como os aspectos das diferenças de lugares, aspectos qualitativos do espaço como contiguidade, separação, vizinhança e fronteiras. A partir de tais fundamentos topológicos presentes na linguística -

citando inclusive o exemplo da folha de papel[76] -, Korman sustentaria que a linguística tenha levado Lacan à topologia (KORMAN APUD RONA, 2012).

Se o encontro de Lacan com o estruturalismo linguístico de Saussure e Jakobson permitiu o avanço sobre as teses sobre a linguagem, a partir da subversão do signo linguístico S/s, que irão levá-lo a formular que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem* (Lacan, 1959/1960/1991), tal encontro possibilitou também um encaminhamento epistemológico, de busca de modelos de formalização desta incidência da linguagem. Há com isso um extenso debate sobre o encontro de Lacan com o estruturalismo que repousa desde as vantagens que o estruturalismo ofertaria à psicanálise no tocante à psicanálise, desde a noção de estrutura empreendida neles e a partir deles com base na relação da teoria de grupos e na teoria significante e ainda que este apoio estaria na esteira de ofertar à psicanálise um lugar dentre as ciências (RONA, 2012). Alguns destes argumentos serão desenvolvidos na última seção deste estudo, mas, por ora, destacamos com base em Lacan e em comentadores, que a relação em causa nos esquemas e grafo são mais do que localizações (ou do esquema enquanto uma simplificação, como nos disse Lacan sobre o esquema L), mas sim uma estrutura que incluem relações entre as partes.

Ao tomarmos o esquema R, depreende-se que há uma coleção de imagens e significantes (dados os triângulos imaginários e simbólicos) que, colocados em uma determinada relação, indicam uma lógica e uma estrutura do Édipo. Os elementos fundamentais do Édipo, como o Nome-do-Pai, o Desejo Materno, o Ideal do eu, o eu ideal e o falo, pressupõe uma *relação de causa entre eles*, por exemplo, o Ideal do eu só pode se conformar à estrutura se o significante do Nome-do-Pai estiverem inscritos da estrutura - e por isso, podemos falar de Ideal do eu na neurose e não na psicose. Há um movimento do sujeito no esquema, conforme Lacan afirma, que é como morto que ele entra, mas é como vivo que joga (LACAN, 1998[1958]); ou seja, o sujeito não é isso ou aquilo, mas ele se lança no traçado do esquema ora se revestindo da imagem do eu ideal, ora se revestindo de significantes da insígnia fálica, por exemplo. O mesmo pode ser dito em relação ao desejo, que o desejo materno não é estanque, ele inclusive sofre uma subtração que dará lugar aos significantes do Ideal do eu, como substituto metafórico - sendo assim um pleonasmo - do desejo primordial. A partir do manejo do esquema é possível articular diferentes relações de causalidade e temporalidade entre os diferentes termos inscritos.

---

[76] Saussure (1916) faz uso da folha de papel, em que um lado estaria o significante e no outro significado, de forma que ao furar a folha não haveria como cortar um sem cortar o outro, dada a estrutura de ambos.

No tocante ao apoio ao estruturalismo, há o argumento que o triângulo simbólico, P-M-I seria uma leitura linguística do complexo de Édipo (DUNKER, 2013). Neste sentido, como de acordo com Estêvão (2021), pela perspectiva da concepção estruturalista, a ideia do Édipo lacaniano é "tirá-lo" do campo imaginário e trabalhar com suas matrizes simbólicas, reduzindo-o a funções psíquicas e isolando seus elementos mínimos em uma fórmula com aspecto matemático. Este seria um movimento constante no ensino de Lacan, de acordo com o autor, com o objetivo de formalizar a teoria psicanalítica para, ao invés de operar sobre o conteúdo, operar a partir de tais fórmulas.

Ainda, tais possibilidades puderam ser abertas a Lacan pelo apoio ao estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, sob influência da concepção de mitema, definida de forma simples como elemento nuclear e imutável em torno do qual se constituem os mitos (ESTÊVÃO, 2021). A partir disso, Lacan propõe os matemas, ou seja, o isolamento da inscrição em elementos mínimos, o que permitiu assim a universalização do Édipo: variando dentro das diversas culturas, respeitando-se a matriz de operação mental (*ibidem*). Vale destacar que para Dunker (2013), além de podermos extrair diferentes acepções de estrutura dentro do ensino de Lacan, por exemplo a estrutura do inconsciente, formalizada a partir de um modelo linguístico cujo produto é a "lógica do significante", ou a estrutura do ato da fala, a partir do esquema L, a estrutura do discurso, no Seminário XVII, dentre outros (DUNKER, 1996, p. 118). Por conseguinte, o autor afirma que a noção de estrutura seria progressivamente absorvida pela de matema de modo que o paradigma linguístico seria substituído pelo lógico.

Ao acompanhar os passos de Lacan na construção do grafo do desejo, admitimos que ele tem ainda mais uma expressão de um movimento do que quando tratamos exclusivamente do esquema R. Em partes, a questão do porquê poderia ser respondida de forma a pensar que os problemas que Lacan tentava responder quando alçou o grafo não eram os mesmos que nos esquemas, talvez pela topologia ali implicada, poderíamos dizer que o esquema R seria uma conformação sincrônica de elementos de um determinado momento da constituição psíquica neurótica. Apesar de implicar em um movimento temporal e antinômico e até mesmo causal dentre os significantes ali presentes, ainda assim se trata de um recorte de um momento de estruturação, que se revela basal no devir do sujeito ali implicado. É claro que seu uso pode ser pensado em outros momentos, como por exemplo, numa perspectiva de análise, conforme cai do sujeito as coordenadas fundamentais que traçam o quadrângulo da realidade, o eu (moi), o eu ideal e o Ideal do eu, em destituição subjetiva, podemos empreender que haveria

uma queda nas referências primordiais do sujeito, e daí hipotetizar sobre os efeitos desta queda na constituição da realidade psíquica.

Com o grafo do desejo, revela-se ali uma bateria que está presente no momento de constituição, como pela chave de leitura do complexo de Édipo, mas introduz um movimento incessante, em que por exemplo o status do desejo aparece no deslizamento metonímico da demanda a um outro significante. Pode-se pensar ainda que o grafo revela uma cadência temporal do sujeito na entrada em análise e no sentido que assume a partir dos diferentes momentos de uma análise. Se no primeiro andar do grafo podemos pensar no sujeito às voltas com o circuito da demanda, os demais andares do grafo comportam a dimensão do real, da fantasia, da questão fundamental do "*Che Vuoi?*", questões endereçadas numa entrada em análise.

Podemos a partir de agora inferir uma hipótese que atravessa todo este estudo. Um olhar aproximado sobre os esquemas e grafo nos permite verificar que há uma sobredeterminação significante em jogo, que oferece aos esquemas uma perspectiva estrutural. Poderíamos apreender diversas estruturas a partir dele - como o Édipo, por exemplo -, ou mesmo o que poderia ser o recorte longitudinal sobre todos eles, o da estrutura neurótica. Por estrutura, tomamos como referência as compreensões de Dunker (2013), ao afirmar que "A estrutura é uma hipótese acerca da forma como o sujeito se engendra em relação à linguagem." (ibid., p.143) Sabemos que, para conformar-se à estrutura neurótica, leva-se em conta o campo predisponente, ou seja, da rede significante e desejante que o antecede (como mostrado no grafo do desejo e modelo óptico), o estádio do espelho (presente transversalmente em todas as formalizações) e o complexo de édipo (como no R e grafo) - e é claro, de forma irreflexível-, há a escolha insondável do sujeito. Nesta direção, concordamos com os argumentos de Dunker (2013) ao afirmar que em Lacan a estrutura impõe um "desconhecimento" inaugural do sujeito. Uma perspectiva estrutural em Lacan, portanto:

> [C]entrará força na substituição do imperialismo historiográfico por um sobredeterminismo totalizante. Assim, a clássica ideia de que o passado determina o presente e este determina o futuro, a partir de leis que cabe à ciência decifrar, dá lugar à ideia de que o acontecimento já está prefigurado pela estrutura em que se inclui. A estrutura é atemporalidade sobredeterminante e como tal não possui história, ela é trans-histórica, nela domina a absoluta necessidade lógica. A condição para que isto se dê é que a estrutura esteja fora do tempo. (ibid., p. 143)

Nesta perspectiva, a estrutura seria entendida não como ente, mas como método, de forma que é dedutível não pela observação, mas pela escuta (DUNKER, 2013). A partir das influências do estruturalismo no pensamento de Lacan, incidindo diretamente sobre a noção

mesma de estrutura, é possível depreender que os sujeitos tenderiam a reviver ou repetir num outro tempo as determinações estruturais, que se atualizam aos moldes significantes a partir das posições ocupadas no interior da linguagem e do universo simbólico[77]. No seminário sobre *A carta roubada*, por exemplo, Lacan (1998[1955a]) traz a seguinte afirmação: "Se o que Freud descobriu e redescobre em um abrupto sempre crescente tem um sentido é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, em seus destinos, em suas recusas em suas cegueiras, em seus sucessos e em suas sortes" (LACAN, 1998[1955a], p. 30). A sobredeterminação significante seria então o fundamento da lógica estrutural, e a estrutura poderia ser assim definida "por meio da articulação significante enquanto tal" (LACAN, 1998[1960a]., p. 655). Se, de um lado, os significantes (o conteúdo) que colhemos numa análise são singulares, ou seja, dizem respeito a um sujeito e não a outro, o significante assume posições radicalmente singulares, cujos efeitos interpretativos não poderiam ser generalizáveis[78], assumimos, com Lacan, que o significante obedece a certas lógicas de estrutura, estas sim passíveis de serem generalizáveis.

Quando tomamos esta concepção estrutural para pensar os ideais, temos o estádio do espelho e o complexo de édipo enquanto momentos da constituição psíquica que marcam a estrutura fundamental do sujeito. As heranças que o sujeito carrega ao atravessar esses momentos são o eu ideal e o ideal do eu, que se ligam às imagens, aos significantes e aos desejos extraviados em um tempo anterior. Novamente, aquilo que se conforma como Ideal do eu para um, não é o mesmo do que para outro, e mesmo o eu ideal, para que haja a captura imaginária há de se reservar certas relações com a imagem original do sujeito; ou então, é porque os significantes possuem certa relação com a estrutura que o inclui, é que certos significantes e não outros capturam o sujeito em determinado circuito identificatório.

Por outro lado e ao mesmo tempo, de acordo com Freud, (1914) do ideal do eu parte um importante caminho para a compreensão do fundamento da psicologia coletiva, porque o

---

[77] De acordo com Christian Dunker (2013), uma outra influência importante no pensamento de Lacan neste período de seu ensino, que incidiria sobre a própria noção de estrutura em Lacan, é a dialética hegeliana via Kojève. Se trata de uma influência presente desde as primeiras elaborações sobre o *desejo*, e que se mantém até meados dos anos 1960 - sendo abandonada a partir do momento em que empreende a crítica da intersubjetividade como paradigma da estruturação da clínica, de acordo com autores (Safatle, 2006). Essa dupla incidência, estruturalismo e dialética, incidiriam diretamente na noção de *estrutura*, que pode ser entendida enquanto um conjunto de relações formais e imutáveis, e *dialética*, entendida como um processo cujo cerne é a contradição - segundo a influência kojevèana - enquanto termos inconciliáveis reunidos por Lacan (Dunker, 2013, p. 113).

[78] Um exemplo disso encontramos na análise de Christian Dunker (2013) sobre o Caso Hans. O significante de Hans é o "cavalo" e é porque "cavalo" possui certa relação com a estrutura que o inclui, que tem os efeitos desencadeadores de fobia. Aquilo que é supostamente acidental se transforma assim em uma necessidade de estrutura, como se houvesse um lugar 'prescrito' de antemão e onde o significante particular é capturado. Por exemplo, Hans desenvolve uma fobia a cavalos, "cavalo" só funciona como significante porque há um lugar na estrutura, o lugar paterno, que sustenta sua eficácia (ver mais em Dunker, 2013).

ideal, além de sua parte individual teria também a sua parte social, comum[79]. Podemos atribuir que esta mesma posição seria sustentada por Lacan, na medida em que o ideal do eu, para se constituir, "pesca" significantes do tecido discursivo que antecede a chegada do sujeito, em conformidade com as suas teses sobre o simbólico. Nas palavras de Soler: "Lacan o diz lindamente: o sujeito que fala é um sujeito "apparolé", é um sujeito apalavrado com o discurso no qual ele se aloja. A ordem do discurso precedendo-os, os sujeitos falam a linguagem e a língua de seu tempo" (2018, p. 28)

Os sujeitos falam a linguagem e a língua do seu tempo e certos significantes dos discursos e exigências sociais compõem aquilo que forma o ideal do eu para o sujeito - como por exemplo, as posturas que enlaçam os significantes da feminilidade e masculinidade numa determinada época-, se ligando portanto ao componente histórico da subjetividade de um tempo. No entanto, por se ligar à estrutura, obedece às mesmas leis que situam a sua forma de ação e funcionamento como transhistórica e fora do tempo. Portanto, na relação que há entre o funcionamento da estrutura significante e a forma e ação dos ideais podemos introduzir neste um ponto um destaque que será posteriormente aprofundado, a da questão da condição fundamental da alienação do sujeito na e pela linguagem, instaurada pela divisão do sujeito pela ordem significante. Reservemos estas considerações, mas guardando a dimensão de um duplo movimento, em que ao mesmo tempo que se instaura a fissura, a barra, o corte inaugural da divisão, partem-se os movimentos que tentam costurar e suturar a divisão infligida (aspectos que desenvolveremos nas seções subsequentes). Assim, quando extraímos esta *lógica* de funcionamento dos ideais pela *perspectiva estrutural* conforme exposto no modelo óptico, esquema L, esquema R e grafo do desejo, poderíamos extrair consequências para se pensar as capturas identificatórias nas massas e mesmo na transferência, a partir dos processos de subjetivação em operação na clínica[80] .

---

[79] Temos com Freud: "Do ideal do eu [...] parte um importante caminho para a compreensão da psicologia coletiva. Este ideal, além de sua parte individual, tem também sua parte social, que é o ideal comum de uma família, de uma classe ou de uma nação" (FREUD, 1914/1969, p. 119). A psicologia social é entendida como o estudo "do indivíduo como membro de uma linhagem, de um povo, de uma casta, de um estamento, de uma instituição ou como participante de uma multidão organizada em forma de massa durante certo tempo e para determinado fim" (ibid, p. 68)

[80] Podemos lembrar, por exemplo, o passo fundamental de Freud (1921) de inaugurar as teses de que o coletivo e o individual obedecem às mesmas leis, ou seja, apesar de serem campos não idênticos, seriam ordenados pelas mesmas forças que constituíram o indivíduo (Soler, 2018; Goldemberg, 2021). Um exemplo disso seria a aplicação mesma das condições propostas por Freud em Psicologia das Massas e análise do eu na leitura de Lacan em seu modelo óptico de 1960, mesmo modelo utilizado para pensar o curso de uma análise e para se pensar nos riscos coletivizantes. Quando falamos reiteradamente que há uma alienação constituinte do sujeito, que se liga fundamentalmente à estrutura neurótica, tal disposição se vê atualizada, seja a partir das petrificações imaginárias ou das normas fálicas ideais as quais se baliza.

Quando se trata em colocar em evidência o aporte estrutural dos esquemas, destacamos ainda um outro argumento reiterado por autores a partir das indicações lacanianas, a saber, a de que os esquemas revelam a estrutura quaternária, fundamental quando se trata de abordar a relação do sujeito na linguagem (Darmon, 1994; Eidelsztein, 2018; Domiciano, 2021;). Antes de adentrar em tal temática, algumas observações são importantes de serem salientadas. Não pretendemos sobrepor os campos do estruturalismo antropológico e a psicanálise em suas compreensões acerca da estrutura. A própria condição posta à psicanálise pela sua categoria de sujeito já seria o real obstáculo em empreender leituras capazes de estabelecer uma homogeneidade entre os campos. A nossa perspectiva assumida aqui reside em destacar certos pontos de apoio ao estruturalismo antropológico, bem como o de entender Lévi-Strauss enquanto estando na vanguarda de incorporar a matemática às preocupações históricas e antropológicas imanentes de seu campo.

3.1.2.1. Os esquemas e o estruturalismo: a estrutura quaternária

Ao longo do ensino de Lacan, vemos inúmeras referências à uma estrutura quaternária, se repetindo inclusive em seus esquemas[81]. Enfatizamos uma destas referências: "Uma estrutura quadripartite, desde o inconsciente, é *sempre* exigível na construção de uma ordenação subjetiva. O que é satisfeito por nossos esquemas didáticos" (LACAN, 1998[1963], p. 785, *grifo nossos*). Com frequência neste período de seu ensino, a estrutura quaternária em Lacan é referenciada como sendo a base da estruturação neurótica relativa à dinâmica edípica -sendo o quarto termo designado como a *morte*[82]. O ponto que podemos reter aqui é o da contundente afirmação de Lacan sobre a estrutura quaternária dos esquemas,

---

[81] Dentre as referências, podemos recuperar os seus dizeres sobre o esquema R: "0 £ do questionamento do sujeito em sua existência ter uma estrutura combinatória que não convém confundir com seu aspecto espacial. Nessas condições, é realmente o próprio significante que deve articular-se no Outro, e especialmente em sua topologia de quaternário." (LACAN, 1998[1958], p. 557)

[82] Tal afirmação pode ser sustentada a partir dos seguintes fragmentos: "Tudo isso desemboca no quatuor mítico. Ele é reintegrável na história do sujeito e desconhecê-lo é desconhecer o elemento dinâmico mais importante da própria análise. Estamos aqui apenas destacando-o. Qual é esse quarto elemento? Pois bem, vou designá-lo hoje dizendo que é a morte. Pode-se perfeitamente conceber a morte como elemento mediador." (LACAN, 1953/1954, p. 42). Uma outra passagem que segue nesta direção é a seguinte: "Existe no neurótico uma situação quatuor (quaternária) que se renova o tempo todo, mas que não existe num único plano" (LACAN, 1953). E mais: "Mas é propriamente a teoria do símbolo, retomada da faceta de curiosidade em que ela se oferece no que podemos chamar de período paleontológico da análise, e sob o registro de uma pretensa "psicologia das profundezas", que a análise deve reintroduzir sua função universal. Nenhum estudo será mais adequado a isso que o dos números inteiros, sobre cuja origem não empírica lhe é impossível meditar demais. E, sem chegar aos exercícios fecundos da moderna teoria dos conjuntos, ele encontrará matéria suficiente para fundamentar sua prática simplesmente aprendendo, como se empenha em ensinar o signatário destas linhas, a contar corretamente até quatro (isto é, a integrar a função da morte na relação ternária do Édipo)". (LACAN, 1998[1955a],p. 363-364)

não apenas dos que aqui trabalhamos, mas podemos incluir a estrutura quaternária do esquema de *Kant com Sade* (1998[1963]), as quatro letras gregas da carta roubada, os quatro discursos, assim por diante.

Partiremos dos argumentos que relacionam a formalização quaternária à noção de estrutura, a partir das referências à Bourbaki nas matemáticas e em Lévi-Strauss na etnologia realizada por Eidelsztein (2018). Primeiramente, o autor retoma a indicação de Lacan em seu *Seminário 14: A lógica do fantasma*, em que se refere ao artigo de Marc Barbut " Acerca do sentido da palavra estrutura em matemáticas". Eidelsztein relembra que neste artigo, o matemático propõe o *grupo de Klein* - com estrutura quaternária - enquanto *representante do uso da noção de estrutura* em matemáticas. O funcionamento do grupo de Klein, em linhas muito gerais, se aplicaria à permutação de quatro elementos quaisquer, escolhidos a esmo, entre os quais são definidas operações. Tal apreensão implicaria na noção de estrutura, ou seja, estrutura enquanto um conjunto de elementos aleatórios entre os quais se definem operações (EIDELSZTEIN, 2010, p. 58). Ainda com Eidelsztein, o psicanalista argentino afirma que Marc Barbut indica a presença de tal estrutura em diversos campos, desde a geometria, a psicologia experimental e em etnologia, como por exemplo em Lévi-Strauss.

Feito o aporte à estrutura quaternária presente no grupo de Klein, temos um segundo passo proposto pelo autor: o de que Lacan ressalta que a noção de estrutura se pauta na proposta de estrutura de Lévi-Strauss[83], e que há semelhanças entre as formalizações quaternárias em psicanálise e as estruturas quaternárias no estruturalismo. Um exemplo destas estruturas é a o esquema quadripartite montado por Lévi Strauss em *Estruturas elementares de Parentesco* (1949/1982) para abordar a organização social dos Gilyak a partir da situação dentre os clãs da proibição dos casamentos[84]. Vale ressaltar que além de indicar a semelhança entre o esquema L e os esquemas lévi-straussianos, o autor indica o uso quaterno na linguística. Retornando aos argumentos que ligam a estrutura quaternária aos desenvolvimentos de Lévi-Strauss, há um argumento mais radical ainda, a saber, de que a estrutura quaternária teria sido importada do estruturalismo antropológico, a partir da fórmula canônica do mito (DOMICIANO, 2021). Para sustentar tal articulação, tomemos as considerações de Domiciano (2021). Em linhas gerais, tal modelo antropológico construído

---

[83] Conforme Eidelsztein: "Justamente Lacan toma Lévi-Strauss, quando se dedica ao desenvolvimento da noção de estrutura no já aqui citado "Observação ao relatório de Daniel Lagache". Ali, diz: "Como nós mesmos fazemos do termo estrutura um emprego que cremos poder pautar no de Claude Lévi-Strauss (...)" (p. 654)" (EIDELSZTEIN, 2010, p. 60)

[84] Ver: Lévi Strauss, estruturas elementares de parentesco, p. 343. Disponível em: https://classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/lc3a9vi-strauss-claude-as-estruturas-elementares-do-parentesco.pdf

em 1955 apresenta um sistema quaternário na qual se equacionam dois pares antinômicos, em que há em seu núcleo uma contradição insolúvel, cujo mito é construído para dar uma expressão significante. Para entender tal modelo construído a partir da análise mítica, o mito, numa perspectiva lévi-straussiana, seria uma tentativa, da ordem da fala, de responder a um enigma. Ou seja, uma questão que carece de tratamento discursivo, constitui um centro articulador da narrativa mítica, com a perspectiva em que se coincidam duas faces, a histórica e a estrutural. Ao propor pela operação metodológica pressuposta pela análise estrutural, Lévi-Strauss recortará o mito, como um todo, da narrativa que é contada[85] e a narrativa passa a ser uma versão do mito, e o mito entendido como a totalidade das versões produzidas. Vale ressaltar que nessa perspectiva, há a delimitação do mito como um fenômeno de linguagem, e passível portanto de decomposição em unidades de constitutivas mínimas que formariam um sistema, e que tal acepção diferenciaria os mitos de outros fenômenos narrativos. O que se extrai é justamente a noção de estrutura, enquanto um modelo de articulação lógico que seria apreendido das múltiplas transformações, ou seja: "o escrito lévi-straussiano traz a noção de estrutura intimamente relacionada à tendência na qual os fenômenos realizam e transmutam, antecipando a leitura da estrutura como t*ransformações coordenadas de um conjunto de variantes." (*DOMICIANO*,* p. 127). Temos então um duplo apontamento: a produção do mito regulada por uma matriz simbólica universal e uma questão fundadora na qual os mitos se articulam.

Tomando as particularidades formais do discurso mítico, a análise estrutural ficaria marcada por uma articulação sincrônica e a perspectiva diacrônica das relações. O segundo enquanto sendo o movimento da narrativa de uma versão como sendo o desenrolar diacrônico, e o segundo princípio formal como sendo os elementos que aparecem sincronicamente nos diferentes momentos da narrativa. Nesta lógica, inclusive, que o mitema se insere, enquanto elementos comuns extraídos de diferentes versões, que se articulariam em relações de contraposição, vizinhança etc com outros mitemas distintos que aparecem diacronicamente. Esta decomposição e composição, que poderia ser trabalhada como uma partitura musical[86], dá as bases da leitura estrutural dos mitos.

Com isso, a fórmula canônica dos mitos, possui uma construção lógica que é a de que todo mito pode ser reduzido a uma relação canônica do tipo: Fx (a) :: Fy (b) :: Fx (b) : Fa-1

---

[85] Vale ressaltar que tal perspectiva é encontrada em A estrutura dos mitos, em que a empreitada pelos mitos ou por sua análise estrutural deu-se poucos anos depois de As estruturas elementares de parentesco, a sua tese de doutoramento (Domiciano, 2021).

[86] Para saber mais, ver em: Domiciano, J. A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica, Curitiba: CRV, 2021, p. 134

(y) (DOMICIANO, 2021 apud STRAUSS, L., 1955, p. 245-246)[87]. Tal formulação reserva em seu último termo uma dupla torção, ou seja, há uma inversão entre termo e função, e negativação desta última. Negativação esta que reenvia à dimensão de interminável, pois sempre haverá uma quantidade interminável de narrativas, e sempre renovadas incessantemente, como um núcleo irredutível sob a forma de negativação. Ou então a propriedade da não completude, de sua constante mutação. Nesta perspectiva, não se trata de uma visão histórico-geográfica, mas uma fórmula canônica capaz de possibilitar o acesso a esse modo universal de organização, entre a estrutura e a historicidade irredutível. Ou então:

> Lévi Strauss compreende a estrutura como apreensível do conjunto de suas realizações em fatos imediatos. A multiplicidade de fenômenos que correspondem aos diversos meios nas quais eles se encontram são essenciais, portanto, para a determinação de uma estrutura. Em outros termos, se a noção de estrutura permite um valor preditivo, não o é nas particularidades de sua efetivação, mas na regularidade de sua transformação, da emergência de múltiplas variantes de um dado fenômeno. (Domiciano, 2021, p. 154).

Essa dimensão da regularidade, de predição e da inclusão das múltiplas variantes de um dado fenômeno pode ser aproximada aos argumentos da estrutura enquanto passível de ser generalizada. Ao nos depararmos com a acepção mítica dentro do ensino de Lacan, é pertinente fazermos uma breve digressão sobre alguns desses momentos. Quando em seu Seminário 4 (1956/57), Lacan aproxima a noção de mito à estruturação, para a criança, da sexualidade infantil. Ele nos diz:

> O mito tem, no seu conjunto, um caráter de ficção. Mas esta ficção apresenta uma estabilidade que não a torna de modo algum maleável às modificações que lhe podem ser trazidas, ou, mais exatamente, que implica que toda modificação implica por sua vez, por essa razão, uma outra, sugerindo invariavelmente a noção de uma estrutura. Por outro lado, essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito. (LACAN, 1956/57, p. 258)

Ou seja, diante do impossível do sexo, há atividade mítica. Lacan chega a se referir, nesta mesma passagem, à formalização que isola nos mitos elementos ou unidades cujo funcionamento é estrutural, não idênticos, mas comparáveis: os mitemas como unidades de construção mítica (LACAN, 1956/1957, p. 260). Estabelecendo hipóteses estruturais, Lacan

---

[87] Domiciano (2021) propõe a seguinte leitura: "a um conjunto de elementos *a* constituído pela função *x* associado por oposição a um conjunto, *b* função de *y* opõem-se outros dois conjuntos" (ibid., p. 141), conjuntos equivalentes, mas não simétricos, que trazem além das trocas entre *a, b, x,y,* uma situação definida pela inversão de termos e relações a partir do a-> a-1.

propõe a comparação de mitos, levando em consideração, por exemplo, as estruturas de gerações e elementos que aparecem sincronicamente (como no mito de Édipo, em que se considera a linhagem desde Laios, até a aparição de Jocasta). O que sustentaria, assim, seria uma estrutura elementar a qual o mito obedeceria em sua lógica formal:

> Continuando uma experiência numa série de mitos, colocados à prova dessa decomposição para ver como funciona a recomposição, percebe-se uma surpreendente unidade entre os mitos aparentemente mais distantes, sob a condição de se abstrair toda analogia aparente. Dizer, por exemplo, que um incesto e um assassinato são coisas equivalentes, isso não nos virá à mente, mas a comparação de dois mitos, ou de dois estágios do mito, pode fazer com que isso apareça. (...) Tudo repousa na operação de transformação, já regulada por um certo número de hipóteses estruturais sobre a maneira de se tratar o mito (Lacan, 1956/1957, p. 261)

Aqui a perspectiva estrutural de Lacan aparece como em consonância com Lévi-Strauss, com a subversão do sujeito posta pelo campo psicanalítico, o mito é "tentativa de dar forma épica ao que se opera na estrutura" (LACAN, 1974, p. 55). Isso nos dá a dimensão de que é importante ler cada mito indagando-lhe o real, o impossível que ele mitifica. Dito isto, retornando aos argumentos de Domiciano (2021), essa leitura estrutural daria o passo a uma matematização própria do fenômeno mítico, construção do modelo da fórmula canônica do mito. A fórmula canônica do mito, nas palavras do autor: "representa a primeira tentativa de análise estrutural do fenômeno mítico apresentado por Lévi-Strauss, ou seja, sua primeira incursão no campo de um modelo lógico-matemático, nos moldes de uma combinação algébrica, que formaliza uma estrutura preexistente a toda narrativa mítica" (DOMICIANO, 2021p. 140).

Na leitura de Domiciano (2021, p. 209), o modelo algébrico, aberto a derivações topológicas da fórmula canônica do mito, serviria de meta-modelo para uma série de outros esquemas propostos por Lacan para a formalização da experiência analítica, de forma que tal fórmula respondia aos anseios do projeto lacaniano de uma formalização em psicanálise estruturada na linguagem e no sujeito. De um modo geral, a partir da sua leitura do encontro entre Freud, Lacan e Lévi-Strauss, o mito se apresenta como o modo de agenciamento de posições que estruturam o que há de mais contingente na forma como o neurótico apreende e representa sua vivência (*idem, ibidem*). A um exemplo da estrutura quaternária proposta pelo esquema L, o autor questiona se não há um aspecto contingente, ou então, indagar se não há aí uma necessidade na teorização de Lacan de que o esquema se constitua assim. A questão repousaria sobre a estrutura duplicante do imaginário sobre o simbólico: se a equivalência de registros distintos e assimétricos da experiência não seria o mote do meta-modelo da

formulação da estrutura do mito sobre o conjunto da formalização lacaniana, como se tal modelo respondesse pela própria tensão entre uma ordem antropológica e uma histórica. Em suas palavras:

> No que concerne à relação com Lévi-Strauss, vimos como o modelo da fórmula canônica permitiu a Lacan, antes de conceber um instrumento de análise discursiva, operar um recorte da preeminência da lógica significante na qual um sujeito se insere. No interior de um enigma fundamental, equacionado pelo mito, a fórmula mítica permitiria apreender como as hiâncias fundamentais expressas em suas contradições insolúveis - condição de emergência do sujeito para Lacan - são sustentadas pela particularidade de um quarto termo especial, este que abarca o princípio da diferença e da articulação em cadeia dos significantes que guiam um destino. (DOMICIANO, 2021, p. 244)

Sem propor um sobreposição entre os campos, conforme dito acima, interrogamos se as formalizações construídas por Lacan de alguma forma incluíssem tais prerrogativas enlaçadas no campo antropológico lévi-straussiano, como a preocupação com o quarto termo, elemento desestabilizador e indissociável, ou mesmo a possibilidade preditiva capaz universalizar a partir de um método estrutural, como coordenadas em movimento. Sobre isso, podemos nos voltar especificamente às formalizações no campo psicanalítico e interrogá-lo como tais conformações estruturais poderiam se transformar, seja na assunção de novas conformações estruturais ou em transformações nas estruturas, levando em consideração o que seria capaz de incidir diretamente na estrutura[88].

Retomando a nossa preocupação de pesquisa, os ideais, uma vez que participam dessas conformações estruturais e ocupando uma posição radical na estrutura, quais efeitos a "queda" dos ideais no curso de uma análise incidiriam sobre a estrutura? Por exemplo, o I no esquema R sustenta o quadrilátero da realidade e a perda destes significantes fundamentais provocariam, aos moldes da aposta de Lacan, uma experiência de perda da realidade? Ou mesmo no modelo óptico, como Lacan já propôs (1998[1960a]), ao se lançar ao lugar de I na experiência de análise, há uma mudança radical na estrutura do esquema e uma transformação capaz de provocar uma mudança na estrutura fundada pelo estádio do espelho. Nesta

[88] Estas questões devem estar situadas no exercício lacaniano de formalizar neste período de seu ensino, com a preocupação da apreensão da estrutura particularmente ligada à incidência da linguagem. Como provocações que surgiram ao longo deste estudo, cabe a pergunta de saber se haveria a possibilidade de alguma mudança na conformação da estrutura a partir das modificações na subjetividade de seu tempo. Por exemplo, falar em declínio da função paterna (do Nome-do-Pai, como sustentam autores) ou da incidência do capitalismo seria capaz de produzir uma nova conformação edípica que não aquela estruturada aos moldes do esquema R? Haveria surgido alguma variante capaz de alterar tal conformação? Apostamos que essa discussão é importante para não ensurdecer possibilidades de refinamentos e mudanças na práxis, porque assim como um desconhecido texto escrito por Freud, caso fosse "descoberto" nos dias de hoje poderia retroagir sob toda uma perspectiva da psicanálise, a preocupação em interrogar o que é preditivo e universal é, em nossa aposta, também um compromisso com o exercício da práxis psicanalítica.

perspectiva, haveria mudanças na estrutura, transformações por exemplo geradas a partir da análise, o que retiraria uma apreensão estática da abordagem das formalizações.

3.2. Os esquemas à luz da conjuntura da época

Sob a ênfase das interrogações que nos orientam neste estudo, traçaremos breves considerações sobre o pensamento de Jacques Lacan neste período de seu ensino, a saber, de 1953 a meados de 1960, onde estão concentradas as construções desta série de formalizações. Com isso, alguns desafios se impõem. Por se tratar de um recorte que comporta anos do ensino de Lacan, seja pela via dos seus Seminários, seja pela via dos seus Escritos, acompanhar as mudanças do pensamento do autor ou mesmo circunscrever os diferentes problemas que estão presentes ao longo deste período de ensino, se torna uma tarefa árdua e de difícil alcance. Por conseguinte, centraremos os nossos esforços em levantar os principais temas e impasses que tocam justamente nos possíveis pontos de (des)encontros entre os ideais e as construções neste período de seu ensino.

Podemos iniciar este trajeto com o posicionamento de Michele Roman Faria (2019) acerca da importância que Jacques Lacan dá à transmissão sustentada por esquemas, grafos e matemas. De acordo com a autora, nos dois primeiros seminários de Lacan há a retomada da teoria freudiana do narcisismo justamente para mostrar a função ilusória, totalizante e imaginária do eu. Estariam concentradas, no começo de seu ensino, reflexões sobre o imaginário, tanto em seu papel na formação do eu, no estádio do espelho, bem como a alienação fundante de sua estrutura. Mais do que isso: as reflexões acerca do imaginário seriam um "ponto de apoio para sua contundente crítica aos desvios da Psicanálise para um modelo adaptativo de remodelagem do eu" (FARIA, 2019, pp. 13-14). Com efeito, a transmissão sustentada por tais vias estaria na esteira de reduzir o "perigo de ilusão de toda compreensão" (LACAN, 1958-59/2002, p. 36. *apud* Faria, p. 14), como efeitos de uma psicanálise centrada no eu.

Em torno deste argumento de que haveria um esforço de Lacan em situar a psicanálise para fora da perspectiva de um centramento no eu, Marco Antônio Coutinho Jorge (2000), refere-se a impasses relativos à difusão da Psicanálise após a época de Freud, que levantaram a disputa teórica em torno da constituição do eu. Para o autor, o retorno de Jacques Lacan, principalmente em seus estudos da década de 50, pode ser referenciado a esta disputa. Em linhas gerais, os fatores que levaram à "desfiguração do pensamento freudiano" (p. 18) seriam

principalmente a medicalização e a psicologização da teoria e prática psicanalíticas. A crítica à questão da restrição do exercício da psicanálise aos médicos[89], de acordo com o autor, "foi rechaçada pelos analistas pós-freudianos, o que fez com que, híbrida da medicina e da psicologia, a psicanálise se convertesse, em todo o mundo, numa terapêutica adaptacionista, normativizante e se inscrevesse doravante no quadro da psicologia geral." (pp. 18). Além disso, a própria conferência de Lacan intitulada "O simbólico, o imaginário e o real", para introduzir o tema dos seus três registros, se inscrevia em um cenário político, cujo objetivo era o de fazer da SFP (Sociedade Freudiana de Psicanálise) enfrentar a corrente adaptacionista da psicanálise norte-americana, pois, neste momento, a obra freudiana havia caído em um esquecimento acentuado, em detrimento de leituras revisionistas pelos autores pós-freudianos.

Este aporte nos interessa neste estudo, porque tal crítica de Lacan se estende fortemente até 1960 (Roudinesco & Plon, 1998), na qual os desvios dos pós-freudianos teriam transformado a psicanálise em um processo adaptativo e de ortopedia social. Haveria assim, dentre os pós-freudianos, diferentes leituras principalmente relativas às considerações da segunda tópica freudiana (eu/isso/supereu), com efeito, diferentes leituras relativas à posição do *eu* no campo psicanalítico[90]. São elas: a) A *Ego Psychology* e o *anna freudismo*, vertente que destaca um eu concebido como um pólo de defesa ou de adaptação à realidade; b) a *Self Psychology* e o *kleinismo*, que inclui o eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto (organização feita por Roudinesco e Plon). Podemos introduzir esta discussão, tomando como base algumas proposições da Ego-psychology[91], sendo uma das principais correntes do freudismo norte-americano, foi fundamentada na ideia de uma suposta integração do homem na sociedade, criticada por Lacan como uma imitação servil dos ideais do *American way of life*, visando a adaptação pragmática do sujeito em uma comunidade. Além de se propor como uma via que protagoniza o eu, em detrimento do inconsciente e do sujeito, propõe uma psicanálise mais próxima à psiquiatria, perpassadas por um imperativo da felicidade e saúde, contrárias às perspectivas do mal-estar da cultura e à psicanálise como a

---

[89] Sugerimos ao leitor que se reporte ao escrito *Carta a Lowenstein*, que discorre detidamente sobre a cisão da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e da instituição da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). O texto que prefecaia essa carta é contundente e pertinente a este estudo. Disponível em: Carta a Rudolph Loewenstein de 14 de julho de 1953: https://revistalacuna.com/2016/05/22/carta-de-jacques-lacan-a-rudolph-loewenstein/

[90] Vale ressaltar que na passagem da primeira tópica (consciente, pré-consciente e inconsciente) para a segunda tópica (1923), o eu foi então situado enquanto uma instância psíquica, se tornando, em grande parte, inconsciente.

[91] Representada por Rudolph Loewenstein, Ernst Kris, Erik Erikson, David Rapaport (1911-1960) e Heinz Hartmann. Se trata de uma vertente que surge em meados de 1939, ganhando força após a Segunda Guerra mundial, e possui inúmeras vertentes. (Roudinesco e Plon, 1998)

peste subversiva[92] (Roudinesco & Plon, 1998). Uma outra transformação nesta vertente seria a de que, na análise, o terapeuta do ego deve ocupar o lugar do eu "forte" com o qual o paciente quer se parecer a fim de conquistar a autonomia do eu.

Nesta direção, Soler (2018, p. 25) afirma que Lacan passou anos enfrentando a urgência de explicar que o eu não é Um, e que ele é ao menos dois, ou seja, há ele e o inconsciente, os significantes pelos quais ele se faz representar. Tal urgência devia ao que havia se tornado a psicanálise após a guerra, pela importação de Anna Freud do cognitivismo, uma hipótese cognitivista, situando no primeiro plano de seu trabalho a consideração desse eu como dotado de aparelho do conhecimento disjuntos da libido e, portanto, autônomo. Zafiropoulos (2018), por sua vez, afirma que o retorno de Lacan a Freud poderia ser analisado como um movimento determinado pela volta, pelo retorno do que, até ele, fora deixado de lado pelos herdeiros de Freud.

Nesta direção, encontramos um contundente argumento de Lacan (1960) sobre a temática da práxis analítica pela via da subversão do sujeito, como vemos a seguir:

> O que nos qualifica para proceder por essa via é, evidentemente, nossa experiência dessa práxis. O que nos determinou a isso, como atestarão os que nos seguem, foi uma carência da teoria, reforçada por um abuso em sua transmissão, os quais, por não deixarem de ser perigosos para a própria práxis, resultam, tanto um quanto o outro, numa ausência total de status científico. Formular a questão das condições mínimas exigíveis para tal status não era, talvez, um ponto de partida desonesto. Constatou-se que ele leva longe. (LACAN, 1998[1960b], p. 808)

Há um destaque aos perigos dos abusos de transmissão, juntamente com a carência da teoria. É neste mesmo texto, que interroga inclusive sobre as condições mínimas exigíveis para o status científico da psicanálise, que Lacan desenvolverá de forma conclusiva o grafo do desejo. Sustentamos que tais críticas de Lacan estão presentes nos principais textos em que elabora os *modelos*, *esquemas* e *grafos*, o que nos retorna à interrogação se tal posição crítica influenciou de alguma forma o recurso de Lacan às formalizações. Por exemplo, o eu-autônomo é tematizado, tanto em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998[1960a]), na esteira das críticas à uma análise que privilegie o fenômeno em detrimento da estrutura. Um movimento semelhante está presente em *Subversão do sujeito* (1998[1960b]), ao afirmar que o estádio do espelho é um ponto estratégico organizado em objeção ao favorecimento dado na "teoria do pretenso *eu autônomo* cuja restauração

[92] Em relação à contradição entre as interpretações européias e norte-americanas (contradição entre um imperativo de felicidade e saúde e o mal-estar), que o kleinismo, o lacanismo e o freudismo (vienense e alemão) não puderam implantar-se como tais nos Estados Unidos. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 170)

acadêmica justificava o proposto contra-senso de seu reforço, num tratamento desde então desviado para um sucesso adaptativo" (LACAN, 1998[1960b], p. 823). Não obstante, em seu primeiro Seminário (1953/1954), propõe contundentes críticas à análise das resistências, como uma concepção teórica do eu influenciando fortemente o campo transferencial desta formação. Neste seminário, inclusive, levanta a questão: "o eu, o que é?" (LACAN, 1953/1954, p. 127). Questão de amplo alcance, que situou a psicanálise num campo de desvios, equívocos e fonte de mal-entendidos entre os próprios psicanalistas.

Há ainda um outro argumento que dialoga com a seção anterior deste capítulo, a saber, o de que o apoio ao estruturalismo linguístico e estrutural participaria desta lógica de ressituar a psicanálise para fora de tais desvios. Nesse sentido, consideramos pertinente os argumentos de Domiciano, que sintetiza pertinentes argumentos tomando de saída o movimento de "retorno a Freud" a partir de trechos extraídos principalmente do contundente texto "*Função e campo da fala e linguagem*" (1998[1953]). Nas palavras de Domiciano:

> Retorno não apenas ao urgente estudo da "história de seus conceitos e à reflexão sobre seus fundamentos subjetivos" (Ibidem, p. 242), mas um empreendimento que visa demonstrar que "esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala" (Ibidem, p. 247). O sentido do retorno a Freud, portanto, procede de um primeiro reconhecimento de que "quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente" (Ibidem, p. 248), ou seja, de que a "psicanálise deve ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito, linguagem onde este está aprisionado e torturado" (SIII: 1955-56,p. 276). Tal retorno implica ainda em um encaminhamento de método, de busca por modelos de formalização desta incidência da linguagem, que aí desempenhem um papel de auxílio à teoria e técnicas analíticas. Eis a posição em que a linguística e a antropologia estrutural de Lévi-Strauss encontram o pensamento de Lacan. (DOMICIANO, 2021, p. 182)

Incluímos então mais um argumento relativo ao movimento da década 50 por Lacan, em seu retorno à teoria e técnica freudiana, a saber, o apoio ao estruturalismo, em uma busca de modelos de formalização para a psicanálise. Um último argumento, que acenamos para introduzir a próxima seção, refere-se ao argumento de Coutinho (2000), ao afirmar que o empenho de Lacan desde o seu primeiro seminário a estabelecer distinções entre o eu e o sujeito, que só pode ser feita pela distinção entre o imaginário (eu/*moi*) e o simbólico (sujeito), distinção esta que, por não ter sido feita anteriormente, levou a psicanálise a ser confundida gradualmente com uma psicologia do eu. Tal posição se harmoniza com as teses de Michele Roman Faria (2021) que a partir de tais preocupações de Lacan com o rumo da psicanálise e os seus desvios: "Lacan contará com seus três como sistema de referências a partir do qual tais desvios poderiam ser esclarecidos" (FARIA, 2021, p. 09). Tal posicionamento levaria inclusive à crítica ao imaginário, relativo ao manejo imaginário e

alienante das análises que tomam o eu como fundamento. Destacamos, por fim, a afirmação de Lacan que parece sustentar tais posições que aproximam a tese dos registros e os desvios da psicanálise: "Essa postulação da autonomia do simbólico", em suas palavras, "permite nos libertar de seus equívocos a teoria e prática da associação livre em psicanálise (LACAN, 1998[1955a], p. 56).

3.3. Os esquemas à luz dos registros

Abordaremos agora as formalizações sob o enfoque dos seus três registros, o Imaginário, Simbólico e Real, fundamentos os quais se ligam inexoravelmente os ideais, por se tratarem de identificações imaginárias e simbólicas. Sobre o registro e as formalizações, Lacan se refere que no modelo óptico há a "juntura entre o imaginário e o simbólico" (DUNKER, 2013, p. 109) para a constituição da realidade, enquanto no esquema L reflete as incidências do imaginário e simbólico na constituição da fala e linguagem, no esquema R, o quadrilátero central, i-M-I-m, surge a partir das coordenadas dos vetores imaginários e simbólicos circunscreve o campo da realidade; e o grafo do desejo (no primeiro andar), as incidências do simbólico e do imaginário no sujeito, enquanto o imaginário aparece não se reduzindo à imagem (perspectiva assumida desde o esquema L, com a apreensão da palavra plena e palavra vazia), mas inclui os efeitos do significado na linguagem.

Ao tomarmos este momento do ensino de Lacan, sustentamos a posição de que há uma subordinação do imaginário ao simbólico, e não uma uma abordagem orientada pela autonomia dos registros - como prevê nos anos subsequentes com a expressão máxima do nó borromeano. Com isso não estamos sustentando que haveria uma hierarquia dos registros, mas sim uma de que o imaginário é comandado e orientado pelo campo do simbólico. Alguns exemplos que sustentam essa afirmação é a de que no esquema dos dois espelhos, há o pressuposto de que tudo depende da *posição* do sujeito no simbólico, posição esta que autoriza ou não a constituição imaginária do corpo, bem como a constituição de certos modos de edificação do campo da realidade - como na relação posta entre o Ideal do eu e o eu ideal. Um outro argumento que se encaminha neste sentido é o de que o imaginário do espelho estaria subordinado à cadeia significante, sustentado pela presença do Outro no espelho como fator predisponente do reconhecimento da imagem pela criança. Além disso, quando tomamos a situação analítica, há o contraste reiteradamente sustentado por Lacan: o da consistência imaginária do eu em contraste com a divisão própria do sujeito do significante, e seria pelas vias do simbólico, do significante, que uma análise pode operar.

Essa posição é sustentada por Soler (2021), inclusive em relação aos esquemas, quando diz que os esquemas L, R e o grafo desdobrariam, visualizariam e topologizariam o postulado de uma imagem serva, uma imagem à serviço de uma soberania do simbólico. Com a autora, tal movimento, sentido desde o texto "Função e campo da fala e linguagem" (1998[1953]), Lacan subordinou o imaginário do espelho ao simbólico da linguagem, bem como o significado subordinado ao significante[93]. Quando tomamos as diferentes incidências dos registros, temos por exemplo o argumento de Coutinho Jorge (2000), que afirma que o campo do imaginário pode ser reconhecido como o campo da univocidade, do sentido único, enquanto o simbólico é o campo dos significantes e da multiplicidade de sentidos - da significação como efeito da cadeia significante. Tais propriedades destacadas pelo autor podem ser depreendidas no grafo do desejo, em que há um sentido no campo do simbólico, distinto deste fechamento de sentido imaginário[94]. Isso porque, quando tomamos a "retroação" [*Nachtraglichkeit*], o sentido está intimamente ligado a uma dimensão de temporalidade, no efeito do sentido em que o que advém depois é capaz de ressignificar o que estava antes. Ou seja, sentidos que vem a partir da relação na cadeia significante. O sentido é efeito de encadeamento de significantes, a produzir significado ou significação; uma vez que se adentra no campo do simbólico o sujeito tem os recursos necessários para produzir os efeitos imaginários de sentido (daí o lugar do sentido em uma análise, o de que seria para a abertura de sentidos e não o fechamento de significações).

Uma vez sustentada algumas das diferentes perspectivas de incidências dos registros do imaginário e simbólico, retornamos à questão de pensar na articulação dos registros e das formalizações. Para traçar tais conexões, recorremos às considerações de Faria (2019). Primeiramente, a autora propõe um certo recorte no ensino de Lacan a partir de quais registros estão mais em evidência em um determinado período. Assim, o imaginário estaria em evidência nos seus primeiros seminários, enquanto o registro do simbólico estaria no centro das preocupações de Lacan a partir do quarto seminário (*A relação de objeto,* 1954/1955) até o oitavo (*A transferência,* 1960/1961). Neste sentido, até o texto da *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960), nosso ponto de chegada do percurso sobre as formalizações, apontam para a exploração do imaginário e do simbólico. O modelo óptico,

---

[93] Soler (2021) destaca que há com isso uma certa desatualização da noção de narcisismo. Isso se justificaria pelo fato de que as mudanças empreendidas a partir da autonomia dos registros, como o faz a partir do nó borromeu, seria preciso retornar às teses do narcisismo concentradas até 1965, sob a perspectiva, assim da autonomia do imaginário em relação ao simbólico, reeviando assim novas dimensões à noção de narcisismo.

[94] Tal aspecto reenvia considerações à identificação imaginária, cujo fundamento é a totalização, um engano por excelência, cujo fulcro tomemos a imagem totalizada do corpo contrastável com a fragmentação posta pelas pulsões parciais

portanto, haveria sido construído para pensar o imaginário (FARIA, 2019; DUNKER, 2013), assim como esquema L (ao menos as suas primeiras elaborações até o segundo seminário), enquanto o esquema R, partes do esquema L e o grafo do desejo para pensar o simbólico.

Com a autora, as reflexões de Lacan sobre o simbólico o conduziram a trazer à luz a experiência psicanalítica como uma experiência que tem nas bases a função simbólica, num tratamento pela via da linguagem. Faria destaca que, depois de ter abordado a teoria do estádio do espelho, o papel do eu e do narcisismo para esclarecer o lugar do imaginário na constituição do sujeito, o psicanalista francês destacará a importância do simbólico na constituição do sujeito, marcando a função do desejo inconsciente e sua relação com a estrutura de linguagem que o define. Para tanto, é na teoria freudiana do Complexo de Édipo que encontraria as bases para esta investigação, valendo-se de conceitos como metáfora e significante para sustentar a estrutura simbólica. Progressivamente no ensino de Lacan, os temas relacionados ao real começam a ganhar destaque no ensino de Lacan, ao abordar conceitos como gozo, fantasia, angústia e pulsão. A preocupação com o real estaria no cerne do seu ensino a partir do Seminário 9, *A identificação* (1961-62) se estendendo até o vigésimo seminário, *Mais, ainda* (1972-73).

É interessante pensar, a partir da marcação temporal da autora, que seria a partir de 1961 que Lacan coloca em evidência o registro do real[95], é também o período que se encerra a construção dos modelos, esquemas e grafos, e passa fazer uso da topologia dos toros, por exemplo. Acrescentamos a estes argumentos que após a construção do grafo do desejo em *Subversão do sujeito*, Lacan se encaminha a escrever seu seminário 7, a começar pela retomada do termo Das Ding, o real enquanto aquilo que padece do significante, em seu retorno ao texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Ainda, em *Observações ao relatório de Daniel Lagache*, texto também de 1960, Lacan situa a 'entrada no real'. Temos com isso, no final do percurso pelas formalizações, certos apontamentos em direção ao real.

Não obstante, o período do ensino de Lacan que coloca majoritariamente em evidência o real, é marcado pelo apoio às ciências matemáticas, como a lógica e a topologia (Faria, 2019). Veremos que o encontro de Lacan com as matemáticas não advém necessariamente deste momento de seu ensino, afinal, os esquemas e grafos são recursos matemáticos

[95] Vale ressaltar que o real já tinha lugar no ensino de Lacan desde anos anteriores, como a marca do resto, do impossível de simbolizar, o inapreensível pela linguagem, mas a preocupação principal deste período posterior do seu ensino: "será o de mostrar que o que escapa à linguagem tem uma função lógica; que o que não pode ser simbolizado não deve ser reduzido a um resto que ficaria simplesmente fora do alcance da linguagem, mas que esse resto tem função de causa da própria estrutura que a linguagem empresta ao inconsciente" (FARIA, 2019, p. 20)

construídos a partir do contato de Lacan com o estruturalismo. Tal passagem ao registro do real apresentou os limites para abordá-los pela via da linguística estruturalista, conforme considera Faria (2019):

> Na mesma medida em que o real começa a atrair um interesse maior de Lacan, a linguística - que não pode tratar do real senão como objeto externo a seu próprio campo - perderá seu papel central como ciência de apoio para os próximos passos da investigação lacaniana. Afinal, como tratar, pela linguística, daquilo que se apresenta do lado do que a linguagem não é capaz de nomear? (FARIA, 2019, p. 19)

Apesar de Lacan não haver abandonado por completo a linguística em seu ensino, a autora destaca que o estruturalismo linguístico apresentaria um limite em relação a como abordar o real na estrutura simbólica[96]. Sob esta perspectiva, os limites da linguagem são trazidos à luz progressivamente, como na própria operação de identificação, em que passa a ter como efeito um resto, nomeadamente enquanto o objeto *a*. O estatuto desse resto instaura na ordem da linguagem uma estrutura que possui o real como causa, sendo ele tanto limite quanto uma função naquilo que a linguagem estrutura (e na estrutura da linguagem). A autora propõe ainda conexões entre as aparições anteriores do objeto *a* no ensino de Lacan, como encontramos na seguinte nota de rodapé:

> É importante lembrar que embora o conceito só apareça como tal a partir do Seminário 9 (1961-62) - com complexas articulações à topologia, à lógica e ao real - a fórmula da fantasia já era escrita $<>a desde os anos 50 e conceitos ligados ao imaginário como o eu, o outro e o ideal do eu já eram notados a, a' e i(a) desde os primeiros seminários (FARIA, 2019, p. 46)

Tais considerações situam assim o limiar do objeto *a* na temática das identificações ideais, articulação que encontramos enquanto o *a* grafado no modelo óptico desde o primeiro seminário, enquanto o corpo (anterior à reflexão especular), base do que encontramos no i(*a*). Ou mesmo articulação inclusive introduzida por Lacan (1998[1960a]), como abordado no capítulo I, quando afirma que o modelo enfrenta problemas quando se trata de abordar o objeto *a* simbólico. Esta poderia ser uma hipótese a ser sustentada, a saber, a de que a passagem das formalizações aos moldes dos modelos, esquemas e grafos para passar a uma topologia e à lógica, deva ao real e a insuficiência desses esquemas em incluir tal dimensão

---

[96] Este limite da linguística pode ser evidenciado no final do seminário sobre a transferência (1960-61), relativo às duas possibilidades distintas de leitura do matema S(A/). De um lado, há a leitura por um viés da linguística, enquanto "significante da falta do Outro", de outro, a leitura do matema como "falta do significante no Outro", que indicaria o lugar do real como limite da significação, e seria o problema a ser abordado pela matemática.

em sua estrutura, já que a topologia e a lógica seria um recurso mais apropriado para situar a incidência do real como causalidade psíquica.

Não reconhecemos enquanto um abandono dos esquemas aos moldes das construções durante os anos 50, sendo capaz de estabelecer um corte entre o antes e o depois em seu ensino. O que sustenta tal afirmação, por exemplo, é o fato de Lacan retomar tais esquemas, impondo ou não transformações, em momentos ulteriores de seu ensino. Além disso, considerar esta série de produções como secundárias quando comparadas por exemplo às formalizações tóricas é desconsiderar que há um movimento inaugurado desde os primórdios de seu ensino que situa a tentativa formalizar como pertencente à psicanálise, ou talvez que o exercício mesmo de formalizar seja efeito do próprio curso de descobertas, obstáculos, ou mesmo efeitos do exercício da psicanálise.

Retomando a questão dos registros e as formalizações, reconhecemos valiosos argumentos em Alain Badiou (2013) quando nos lembra que Jacques Lacan propôs uma definição do real: "o real é o impasse da formalização" (BADIOU, 2013, p. 28) e mais, o "real é o ponto impossível da formalização" (*Idem, Ibid.* p. 30). Ele nos dá um exemplo da aritmética elementar, como quando adicionamos, multiplicamos, contamos, estamos no interior da formalização matemática regulada por regras. Dentro da formalização e das regulações, há o cálculo, cujo resultado é convencionalmente um número. Basta pensarmos que quando calculamos a partir de números, obtemos um número, ou seja, se adicionamos números, obtemos números como resultado. Isso supõe evidentemente que seja qual for o cálculo finito, sempre encontramos um número, e que exige que não exista um último número. Badiou assinala assim, que há nisso que é *in-finito*:

> Algo - a série dos números - não tem fim. Mas esse infinito, que funciona de maneira oculta no interior do próprio cálculo finito, esse infinito não é um número, porque na aritmética não há número infinito, isso não existe. Logo, o real da aritmética finita exige que se admita uma infinidade subjacente que funda o real do cálculo ainda que como impasse de qualquer resultado possível desse mesmo cálculo, que só pode produzir números finitos. (BADIOU, 2013, p. 29-30)

É nesse sentido que o leva a afirmar, concordando com Lacan, que o real dos números finitos da aritmética elementar é um infinito subjacente, inacessível a essa formalização e é o seu impasse. O infinito oculto é a condição do cálculo, mas ao mesmo tempo não pode ser calculado e portanto não pode comparecer na formalização dentro da qual o cálculo opera, e o número, seja como for, será um resultado finito. Por isso, continuando com Badiou:

> Isso quer dizer que aquilo que a formalização torna possível - a saber, no nosso exemplo, calcular a partir de números - só é possível pela existência implicitamente assumida daquilo que *não pode* se inscrever nesse tipo de possibilidade. Trata-se, portanto, de um "ponto de pensamento" que, embora condenado a permanecer inacessível para as operações que a formalização torna possíveis, não deixa de ser a condição última da própria formalização. (*Idem, Ibid.* p. 30)

Essa operação é lógica e apresenta uma certa paradoxalidade, como aquilo que permanece inacessível sendo a condição para a formalização. Mas Badiou (2013) dá um passo além, a saber, o de que o real não seria atingido *através* do uso da formalização - tanto porque é o próprio impasse dela -, mas sim quando se explora, quando se investiga aquilo que é impossível para essa determinada formalização. Com isso, não se trata de uma impossibilidade geral, mas do ponto, do eixo preciso que é o impossível daquela e não de outra formalização.

A partir dessas considerações de Badiou, nos autorizamos a pensar detidamente nas formalizações que aqui investigamos. Podemos interrogar, por exemplo, qual o impossível da formalização do modelo óptico. Será o corpo fragmentado? Será o inapreensível pela captura da imagem, aquilo que o jogo de reflexos do espelho não pode acessar, como aquilo que a apreensão da imagem do espelho deixa de fora, o resto? Será o menos phi que Lacan adiciona em seu *Seminário 10*? Ou no esquema L, seria o real aquilo que a linguagem e a fala deixa de fora? Aquilo que resiste, que fura o muro da linguagem? Ou mesmo no esquema R, seria uma mostra disso que estamos falando quando Lacan retorna, 10 anos depois do escrito, para adicionar uma nota de rodapé colocando o real ali mesmo numa estrutura topológica?

São inúmeras questões que surgem a partir de tais propostas do filósofo francês. Retornando aos seus argumentos, ele extrai duas conclusões, duas consequências. Uma primeira é a de que:

> (...) só há conquista do real ali onde há uma formalização - pois, se o real é o impasse da formalização, é preciso que haja uma formalização. Logo, não há esperança de conquistar o real fora da existência de uma formalização, de um arranjo, de uma forma. O real supõe que tenha sido pensada e construída a forma aparente daquilo de que um determinado real é o real oculto (2013, p. 34)

Nesta perspectiva, ao propor o real como o impasse da formalização, é possível inverter a lógica, e afirmar uma importância ao passo da formalização, pois ela se liga fundamentalmente ao real. Por uma outra perspectiva, poderíamos interrogar se o passo de Lacan em formalizar poderia ter produzido um efeito de preocupar-se com os impasses dele, e com isso, o real - tanto que nos anos subsequentes, após a década de 60, há ênfase sobre o

registro do real em seu ensino. Retornando aos argumentos de Badiou, temos uma segunda conclusão:

> (...) a afirmação do real como impasse dessa formalização vai ser em parte a destruição dessa formalização. Ou, digamos, sua divisão. E tudo vai começar por uma afirmação inaceitável do ponto de vista da própria formalização, que prescreve o que é possível, a saber, *a afirmação de que o impossível existe*. (2013, p. 34)

Na mesma linha de argumentos que estamos traçando, haveríamos de interrogar se o que faz Lacan passar da ênfase em esquemas e passar a outras estruturas de formalizações, como nos argumentos de Faria (2019), seria a de que, ao tentar positivar o que existe - por exemplo os termos elementares do Édipo e suas articulações -, revela-se a negatividade que ali estava oculta. Há ainda um outro argumento que é tributário de tais considerações, a saber, o de que "não há um recobrimento total do real pelo simbólico: toda formalização esbarra em um limite" (IANNINI, 2007). Poderíamos levantar a questão de se o modelo de formalização pretendido neste período de seu ensino não haveria esbarrado em tais limites, produzindo efeitos disparados de um movimento que o faria caminhar em direção à novas construções, novos apoios que pudessem incluir tais limites encontrados (encontrando limites e impasses novos).

3.4. Os esquemas à luz do sujeito e do eu

Com o percurso trilhado até o momento, as questões relativas ao eu e o sujeito com frequência atravessam as temáticas abordadas, impondo a este estudo um esforço em destacar a função de recobrimento da divisão do sujeito aos moldes das operações realizadas pelas identificações ideais. Consideramos que há, senão uma dificuldade, uma impossibilidade em definir o estatuto do *sujeito* ($), por incluir o problema lógico do impasse de uma definição conceitual, de uma definição propositiva do que seria um conceito de sujeito, dada a sua condição de indefinição por excelência, ou seja, dessecencializado, evanescente, cujo aparecimento remete a quando o discurso claudica. Este estatuto demarca a psicanálise enquanto uma "experiência da linguagem habitada por um sujeito" (LACAN, 1955/1956, p. 276), porque o sujeito comporta um lugar na estrutura significante, na medida em que o significante mesmo por ser definido enquanto: "Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é o que representa o sujeito para outro significante." (LACAN, 1998[1960b], p. 833). Sendo assim, o sujeito é representado pela cadeia significante articulada, que o significante impõe uma suposição de sujeito: S1/$-> S2. Representar,

portanto, não é nem definir, nem identificar, nem qualificar. Nesta direção, conforme aponta Soler (2018), a estrutura da linguagem impõe um esquartejamento do sujeito entre os significantes, fendendo o sujeito e o condenando a oscilar entre a petrificação e o sentido.

O movimento de fundar o sujeito subvertido no qual a psicanálise se ocupa pode ser sentido desde os seus primeiros seminários, com frequência a partir do tensionamento entre o estatuto do eu e o estatuto do sujeito do inconsciente. Um exemplo disso é o recurso linguístico utilizado por Lacan, a partir da diferença da língua francesa entre o *Je* e o *moi* em seu segundo seminário — momento de construção do esquema L. Outro exemplo refere-se ao retorno à fórmula freudiana:

> Há dois sentidos a dar à frase de Freud - Wo es war, soll ich werden. Este Es, tomem-no como sendo a letra S. Ele está aí, ele está sempre aí. É o sujeito. Ele se conhece ou não se conhece. Isto nem sequer é o mais importante - ele está ou não está com a palavra. No fim da análise, ele é quem deve estar com a palavra e entrar em relação com os verdadeiros Outros. Ali onde o S estava, tem de estar o Ich. (LACAN, 1954-55, p. 334).

Podemos expandir o alcance de tal passagem a partir dos esquemas, no sentido de que neles estão grafados o sujeito [S ou $], as identificações ideais [i(a), I, I(A)] e o eu, moi [a]. Quando tomamos a afirmação de Lacan, que ele se conhece ou não se conhece, podemos relembrar das designações de Lacan enquanto diz que o sujeito se desconhece (*méconnait*) ao se conhecer (*me connait)* - conforme permite a homofonia no francês e conforme dito em outro lugar -, e que está na função de desconhecimento (*fonction de méconnaissance)* do sujeito posto pelo estádio do espelho e a assunção de i(a). Seria, então, na ilusão especular e no desconhecimento fundamental que o eu ideal está situado, como nas palavras de Soler (2018) no diz que "É preciso dar seu peso a este termo: o sujeito, aquele suposto ao significante, não pode senão se desconhecer em sua imagem, nas imagens constitutivas do seu eu (ibid., p. 44).

Sobre ele estar ou não com a palavra, podemos incluir a dimensão presente no esquema L, de que o sujeito se vê em *a* e portanto não entrando em relação com Outro. Em ambas as dimensões, sobre o desconhecimento e a palavra, poderia esperar-se de uma análise uma "queda" do eu imaginário (moi), de suas referências, de sua forma alienada para que o sujeito possa ocupar o lugar da fala. Podemos ainda incluir, como afirma Soler (2018), que há um movimento a partir do retorno de Lacan ao Eu na técnica analítica, de sugerir que não se acede ao sujeito senão afastando o imaginário do eu. Lacan reiteradamente retoma esta

frase[97], com frequência traduzido como "Là où c'était, il me faut advenir" (LACAN, 1998[1966], pp. 427, 528, 816, 879), ou então, “Lá onde o isso estava, o eu deve advir”[98]. Em Subversão do sujeito, Lacan retoma essa frase, afirmando:

> É por essa via que se cumpre o imperativo que Freud leva ao sublime da sentenciosidade pré-socrática: Wo es War, soll Ich Werden…. “Lá onde isso era, estava no instante exato, lá onde isso era, estava um pouquinho, entre a extinção que ainda brilha e a eclosão que tropeça, [Eu] posso vir a sê-lo, por desaparecer de meu dito. Enunciação que se denuncia, enunciado que renuncia a si mesmo, ignorância que se dissipa, oportunidade que se perde, que resta aqui senão o vestígio do que é realmente preciso que exista para cair do ser? (LACAN, 1998[1960b], p. 816)

Esta passagem reenvia atributos às searas entre o dizer e o dito, entre a enunciação e o enunciado, em que os primeiros atravessam, atropelam os segundos. A mesma lógica estaria presente no Seminário 6, em que o sujeito poderia vir a ocupar o lugar do Ich, no sentido de que o sujeito ocupe o lugar da fala, do enunciado, e não mais o Ich. Pois, na máxima freudiana, este "soll Ich werden, este deve ser este 'devo-Eu advir' é o sujeito de um advir, de um dever que lhe é proposto" (p. 401). Com isso retornamos às nossas interrogações de pesquisa, a de que a *constituição psíquica é alienante*, aos moldes da proposta lacaniana, por uma dupla via, a simbólica que se passa entre o sujeito e o Outro - alienação ao Outro - e a imaginária, que se passa entre o sujeito e o eu, não estando em campos estanques, mas participando de um mesmo processo de alienação, que situa o sujeito no desconhecimento (de onde se vê e de onde fala).

Sobre a constituição alienante, podemos incluir ainda os argumentos de Joel Dor (introdução) quando afirma que o significante do Nome-do-pai inaugura a alienação do desejo na linguagem, de forma que inaugura o acesso à dimensão simbólica, afastando a criança de seu assujeitamento imaginário à mãe, conferindo-lhe o status de sujeito desejante. Acontece que tal aquisição só vem às custas de uma nova alienação: tão logo advém como desejante, o sujeito fala-ser (*parlêtre*) torna-se cativo da linguagem na qual ele se perde como tal, por não ser representado a não ser graças a significantes substitutivos, que impõem ao objeto do desejo a qualidade de objeto metonímico. Na neurose, a metáfora do NP funciona como algo que aliena o sujeito na dimensão da linguagem ao instituir uma estrutura de divisão subjetiva (*spaltung*) - e o advento do inconsciente pela ordem significante. Nas palavras do autor:

---

[97] Inclusive, estamos aqui tomando uma formulação parcial desta frase, que ganha diferentes interpretações e elementos a partir do avanço de Lacan em seu curso de ensino.

[98] Encontramos ainda outras traduções, como: “Lá onde era o isso, o [eu] deve ser” (LACAN, 1998[1955b], 427), ou “Lá onde isso foi, ali devo advir” (LACAN, 1998[1957], p. 528), ou “É aquele a que Freud os convida, sob o apelo do Wo Es war, soll Ich werden, que retraduzo, mais uma vez, para acentuá-lo aqui: lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir” (1998[1965], p. 878) - para articular a dimensão do sujeito dividido entre verdade e saber.

> A relação do sujeito com seu próprio discurso sustenta-se, portanto, em um efeito singular: o sujeito só está ali *presentificado* ao preço de mostrar-se *ausente* em seu ser. Além desta relação acusar mais uma vez a estrutura de divisão do sujeito, ela evidencia que o sujeito, tão logo acede à linguagem, perde-se nesta mesma linguagem que o causou. Não somente *o sujeito não é causa da linguagem, mas é causado por ela*. O que quer dizer que o sujeito que advém pela linguagem só se insere nela como um efeito; um efeito de linguagem que o faz existir para logo a seguir eclipsá-lo *na autenticidade de seu ser*. Lacan designa este eclipse como sendo o *fading do sujeito*, que impõe que ele só apreenda a si mesmo, através de sua linguagem, como uma representação, uma máscara que o aliena dissimulando-o para si mesmo. Essa alienação do sujeito em seu próprio discurso é, precisamente, a *refenda do sujeito*. (ibid., p. 107)

O autor destaca que há uma refenda do sujeito da enunciação com o sujeito do enunciado, manifestando a impossível coincidência dos dois registros da subjetividade separados pela divisão do sujeito (*Spaltung*). Ou seja, o sujeito só está presente no discurso na medida em que está representado, engajando-se no discurso em um procedimento de semblante, um discurso de semblante, conforme Dor, em relação à verdade de seu desejo. Essa alienação na linguagem e ao Outro, aberta pela divisão do sujeito pelo significante, consideramos que é coextensiva à dimensão alienante presente nas identificações ideais. Retornando ao autor:

> De fato, a divisão do sujeito constitui uma brecha aberta a todos os engodos. Engodo cuja origem situa-se no fato dos enunciados que o sujeito articula sobre si mesmo sustentarem uma verdadeira mistificação na qual ele se aliena em pleno registro imaginário. Dito de outra forma, o acesso ao simbólico, que permite ao sujeito libertar-se da dimensão imaginária onde se encontra inicialmente inserido, só o salva desta captura para em seguida, melhor precipitá-lo ali. (DOR, 1989, p. 121)

Essa passagem expressa uma leitura da captura dos registros cujos agentes conseguimos harmonizar com as identificações aqui abordadas. Adicionalmente, podemos recuperar os argumentos de Soler (2018) ao atribuir a função de compensação às identificações ideais. A identificação imaginária do estádio do espelho, cujo produto é o eu ideal, seriam convocadas como solução para a falta de unidade, da totalidade do corpo - uma imagem organizadora à um corpo fragmentado; as identificações que passam pelo significante, como o Ideal do eu, respondem à falta de identidade do sujeito (após o estádio do espelho o sujeito sai munido de um eu ideal e, na saída do édipo, o sujeito sai munido de um ideal do eu). Esta lógica expressa no momento de constituição psíquica continua a operar:

> Na falta de saber o que visa o desejo, o objeto que ele almeja, convocam-se as imagens e os ideais, ou seja, as identificações imaginárias do eu ideal, isto é, o eu concebido como amável e as identificações simbólicas do I(A), que Freud nomeou de ideal do eu. Elas são escritas sobre o grafo e tem função de véu. O que dá forças a

> essas imagens e ideais é que são propícios a satisfazer a demanda de amor. Dá-se, portanto, ares de sexo, ares de homem, parada viril e ares de mulher, mascarada feminina, para ser o que falta ao Outro. (SOLER, 2018, p. 66)

As identificações imaginárias e simbólicas dos ideais teriam então essa função de véu, que visam responder seja à indeterminação significante imposta pela sua divisão subjetiva, seja à falta do Outro. A autora sustenta ainda que há o que podemos designar de identidade de alienação, identidade que toma empréstimo traços do Outro. Essa identidade poderia ser chamada também de identidade social ou discursiva, aquela atribuída, na medida em que o discurso apresenta, para cada um, uma espécie de espelho identitário do qual ele não pode sair e que é constituído por uma constelação de significantes, os do sexo, idade, origem, religião, instrução e profissão, etc. Tal perspectiva incide sobre a relação que teria a identificação, a identidade e o laço social, na medida em que no laço social cada indivíduo é sempre identificado sob índices identitários, ou seja, identificados pelo Outro (Soler, p. 30)**.** Seria sob esta lógica que incluiremos os ideais e seus agenciamentos, enquanto identidade de alienação (em oposição ao que seria a identidade de separação, uma identidade que não passa pela identificação).

3.5. Ideais, ciência e psicanálise

Nesta seção, abordaremos as questões relativas ao tema de pesquisa aqui presente, a saber, os ideais e as formalizações de Lacan, no tocante à relação entre psicanálise e ciência. Se trata de uma relação de amplo alcance, que comporta diferentes posições epistemológicas. De saída, podemos notar que não há homogeneidade nas formas de abordagens de Lacan no tocante à ciência neste período de seu ensino. Por exemplo, temos no texto *Função e campo*, momento em que Lacan dá início às construções do seu esquema óptico em seu primeiro seminário, a seguinte afirmação:

> A psicanálise desempenhou um papel na direção da subjetividade moderna, e não pode sustentá-lo sem ordená-lo pelo movimento que na ciência o elucida. É esse o problema dos fundamentos que devem assegurar a nossa disciplina seu lugar nas ciências: problema de formalização, na verdade muito mal introduzido (1998[1953], p. 285).

Com isso temos o anúncio de um tensionamento entre a ciência e a psicanálise, cujo problema de formalização deve ser introduzido. O que é possível notar, contudo, é o que é

designado enquanto ciência assume diferentes perspectivas em seu ensino, alçando desde preocupações sobre a cientificidade da psicanálise até duras críticas à certos títulos de ciência, o que nos permite afirmar que não há uma mesma e única posição em relação à ciência que possa ser sustentada transversalmente em seu ensino[99]. Por exemplo, no texto *Subversão do sujeito e a dialética do ser*, Lacan (1998[1960b]) tece duras críticas à ciência que se assina sob a rubrica da psicologia como incluindo a psicanálise, em que ele diz "O que recusamos" (ibid., p. 809) afirmando que "Seu critério é a unidade do sujeito, que existe com base nos pressupostos desse tipo de psicologia" (ibid. p. 809) de forma que "Precisamente porque iremos demonstrar que a função do sujeito, tal como a instaura a experiência freudiana, desqualifica na raiz o que sob esse título só faz, não importa a forma de que se revistam as suas premissas, perpetuar um contexto acadêmico" (ibid., p. 809). Com estes exemplos, temos referências ao termo "ciência" designando implicações heterogêneas. Com isso temos que, ao mesmo tempo em que há uma preocupação com o lugar da psicanálise nas ciências, há um movimento de problematizar os aspectos epistemológicos das ciências que afastam as teses do inconsciente de seus campos.

Tal cenário pode ser ainda mais complexificado quando tomamos os apontamentos de Iannini (2007), ao expor dificuldades mesmas de definir o que é ciência e o que não é, enquanto critérios de demarcação de campos, quanto a dificuldade de definir o que é psicanálise, como a divergência radical entre correntes tão distintas que recebem o nome de psicanálise (por exemplo as psicanálises winnicotiana, kleiniana, lacaniana, etc). Cientes do amplo alcance desta temática, propomos uma discussão local, a começar pela tensão estabelecida entre psicanálise e ciência na direção de que ambos se encontram no estruturalismo, tendo como solo comum as matemáticas e que seria capaz assim de conceder à psicanálise uma vaga no rol das ciências (Rona, 2012). Enquanto estruturalismo, neste sentido, temos que a linguística estrutural assumiu a vanguarda do projeto de matematização linguagem, promovendo uma revisão epistemológica do estatuto de cientificidade no conjunto das ciências humanas, e a antropologia de Lévi-Strauss, dado o seu empreendimento em extrair da linguística um uso para o seu campo, e estes são campos fundamentais de apoio de Lacan, como falamos anteriormente.

---

[99] É importante ressaltar que, nos atendo ao recorte proposto neste estudo, diversas articulações que são desenvolvidas por Lacan em momentos ulteriores de seu ensino são deixadas de fora. Por exemplo, o texto "A ciência e a verdade", datado de 1965, costuma ser referência para abordar este tipo de debate. Com isso, uma ressalva deve ser apontada: não nos propomos aqui a enveredar este estudo para um esgotamento deste debate. Trata-se de uma abertura e um convite à reflexão acerca das formalizações e ideais (como veremos à frente), cujo tema da ciência se vê presente, desde o empréstimo de teses de ciências adjacentes para construir as suas formalizações, seja pela possibilidade da formalização oferecer um caminho interno à psicanálise para os problemas impostos pela transmissibilidade.

Esta afirmação condensa importantes argumentos que vemos enfatizados de forma clara por Lacan em *Função e campo da fala e linguagem* (1998[1953]). Neste texto, Lacan articula o estruturalismo, a formalização e a ciência, temas importantes aqui destacados. As afirmações podem ser notadas na seguinte cadência de argumentos: "A linguística pode servir-nos como guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes" (LACAN, 1998[1953], p. 286), referindo-se às mudanças que as ciências conjecturais vinham tomando no cenário da ciência, e que trataremos a seguir. E continua, aproximando as descobertas da linguística com as descobertas freudianas: "A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do *fonema*, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica" (*ibid*. p. 286), afirma Lacan em uma referência ao *Fort-da* freudiano. As descobertas e teses da linguística permitiram um passo em direção à formalização, na medida em que:

> É a redução de todas as línguas do grupo de um número pequeníssimo dessas oposições fonêmicas, dando início a uma formalização igualmente rigorosa de seus mais elevados morfemas, coloca a nosso alcance uma abordagem estrita de nosso campo (...) Cabe a nós com ela nos aparelharmos para encontrar aí nossas incidências, como já faz, por estar numa linha paralela, a etnografia, decifrando os mitos segundo a sincronia dos mitemas (LACAN, 1998[1953], p. 286).

Declarando assim o seu aparelhamento à linguística, não deixa de incluir a antropologia estruturalista lévi-straussiana às suas declarações de importância para a psicanálise: "Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?" (*ibid*. p. 286). A ênfase nestas elaborações permite-nos que avancemos à questão que situa a ciência no cerne desta discussão.

Este movimento do estruturalismo linguístico e antropológico está inserido em um cenário de dicotomia entre as ciências, a saber, as ciências naturais e as ciências humanas. De acordo com Simanke (2002) o dualismo metodológico que viria a opor as ciências naturais e as ciências humanas teve origem dentre os neo-kantianos alemães e que produziu reorganizações e reflexões epistemológicas ao longo do século XX. A especificidade metodológica das humanidades fora condensada na oposição entre explicação e compreensão,

em uma dicotomia epistemológica, na qual nas ciências do homem a compreensão seria privilegiada, enquanto nas ciências naturais, se buscaria menos a compreensão do que a explicação[100]. Sobre isso:

> Assim, por exemplo, o estruturalismo linguístico e antropológico francês dos anos 1940-1950 propunha-se, de modo geral, a ultrapassar a alternativa entre explicação e compreensão, dotando as ciências sociais de estratégias de análise, teorização e formalização comparáveis em rigor às das ciências da natureza, mas assumindo plenamente a fratura ontológica entre os dois domínios e, praticamente, erigindo-a em dogma (SIMANKE, 2002, p. 223)

Neste cenário de oposição entre ciências naturais e ciências humanas, o estruturalismo surgia então com a promessa de superar o dualismo metodológico entre ciências naturais e humanas sem ter que adotar uma postura naturalista ou hermenêutica (Bairrão e Affonso, 2021). É possível observar que essa discussão em relação à dicotomia das ciências estava presente em Lacan no início dos anos 50, como em *Função e campo da fala e linguagem* (1998[1953]). Neste texto Lacan discute as relações entre as ciências naturais e as ciências conjecturais (as ciências humanas), recusando a oposição herdada do século XIX. O que conseguimos verificar em Lacan é uma discordância em relação a uma divisão hierárquica das ciências, dada que as ciências naturais, por apresentarem uma relação mais direta com as matemáticas, receberia mais legitimidade em relação às ciências humanas:

> Pois a *exatidão se distingue da verdade* e *a conjectura não impede o rigor*. E se a ciência experimental herda das matemáticas sua exatidão, nem por isso sua relação com a natureza é menos problemática (...). Pois a ciência experimental não se define tanto pela quantidade a que efetivamente se aplica, mas pela medida que introduz no real. (LACAN, 1998[1953], p. 287-288, *grifos nossos*)

Sobre esse passo de Lacan em direção às matemáticas, nos apoiamos nos argumentos de Paulo Rona (2012), ao destacar que uma das direções assumidas pelos autores que tradicionalmente se debruçam sobre o tema apontam para um efeito de transmissibilidade do saber advindo da experiência. A linguagem matemática - de acordo com uma de suas vertentes -, pode ser considerada uma linguagem puramente simbólica, na medida em que a literalidade implica na não necessidade de remeter a qualquer realidade e por isso não tem necessidade de sentido. Nesta direção, a propriedade matemática de literalizar o objeto implica na dimensão de operar pela via de letras designando propriedades. Este fundamento ofereceria a vantagem de permitir uma formalização que evitasse problemas relativos à fala,

[100] De acordo com Bairrão e Affonso (2021), isso implicaria para as ciências humanas sustentar um método da compreensão (hermenêutica), tomando como base parâmetros ausentes das análises dos fenômenos naturais, como o autoconhecimento, o entendimento, a historicidade.

tais como as falsas conexões e os mal-entendidos. Temos com isso um conjunto de argumentos que sustentariam que a formalização matemática seria o "paradigma da completa transmissibilidade" (RONA, 2012, p. 5), justificando assim o uso da matemática por Lacan.

Um exemplo desta posição é a de Glynos e Stavrakakis (2001), afirmando que, de acordo com Lacan, a matemática ocupa um *locus* privilegiado nos limites da linguagem. Segundo esse ponto de vista, a matemática é essencialmente desprovida de significado "A formalização matemática de significação é o oposto de significado… Em nosso tempo, filósofos da matemática dizem 'não significa coisa nenhuma' no tocante à matemática, mesmo quando são matemáticos como Russell" (LACAN, 1998, p. 93 apud GLYNOS & STAVRAKAKIS, 2001, p. 122). Nesta direção, as formalizações poderiam suscitar diferentes interpretações a partir dos diferentes campos semânticos que se encontrem. Esta seria uma das posições assumidas quando analisados os usos que Lacan faz da matemática, bem como as justificativas de tais usos, introduzindo um extenso ramo de pesquisas e estudos que investigam o uso e a posição das matemáticas no ensino de Lacan[101]. O essencial que podemos reter é que o passo de Lacan em direção às matemáticas possui uma das chaves de leitura enquanto relativo aos termos de transmissibilidade e de linguagem.

Acerca dos argumentos que reúnem matemática, psicanálise e estruturalismo, os autores consideram que a tese "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" é a chave de leitura que conecta a topologia e a psicanálise, a partir do termo estrutura - termo que, por sua vez, havia sido elaborado pelo estudo da linguística (GLYNOS & STAVRAKAKIS, 2001, p. 127). Com isso podemos retornar à questão do apoio necessário ao passo de Lacan em direção às matemáticas viria de sua apropriação do estruturalismo linguístico, a partir da subversão, ao situar o sujeito ali onde não estava, no âmago das suas apropriações destes outros campos. De acordo com Paulo Rona (2012), isso ofertaria duas vantagens aqui a serem destacadas:

> É sob esse prisma que Lacan adotou o estruturalismo, subvertendo-o, ao mesmo tempo, pela própria introdução da categoria de sujeito ali onde não estava. O estruturalismo também propunha, tendo o homem como objeto, a redução das qualidades sensíveis, prestando-se, portanto, ao ensejo de re-incluir o sujeito no reino da ciência, já que a destituição das qualidades é sua condição de possibilidade (passo cartesiano). Adicionalmente, o estruturalismo lhe oferecia uma segunda vantagem, a possibilidade de matematização que, adequadamente considerada, parecia suprir as necessidades de que Lacan carecia para conceder à psicanálise um lugar junto à ciência moderna. A matematização, na psicanálise de Lacan, como no estruturalismo, entenda-se, não implica na quantificação ou na mensuração, senão na possibilidade de literalização, passo realizado pelo estruturalismo com sucesso e rigor. (RONA, 2012, p. 39)

[101] Ver mais em: Paulo Rona (2012), Granon-Lafont (1985 e 1990), Dor (1991), Darmon (1994).

Esta mesma indicação quanto ao rigor, aqui destacado por Rona, é encontrado em Lacan (1998[1953]), como falamos alhures. As relações entre psicanálise e ciência estão presentes desde Freud, e comporta uma discussão ainda mais ampla. De acordo com Milner (1996), esta relação entre psicanálise e ciência estão presentes em Freud na medida em que almejava inscrever a psicanálise no quadro já existente das disciplinas científicas, de forma a erigir um "ideal de ciência"; Já para Lacan, há uma contestação do estatuto de uma "ciência ideal" para a psicanálise, e de afastar a posição de "Ideal de ciência" para a psicanálise[102]. Tais termos *ciência ideal* e *ideal da ciência* estariam em paralelo às noções de eu ideal e ideal do eu, conforme as teses psicanalíticas. Para o autor, Freud, para sustentar a psicanálise em seu tempo cuja conjuntura era dominada pelo idealismo filosófico, tivera que se basear no cientificismo do ideal da ciência. Portanto, haveria em Freud um cientificismo, que seria apenas um assentimento conferido ao *ideal da ciência*[103]. Já Lacan, numa conjuntura em que as instituições psicanalíticas haviam se deixado dominar pelo cientificismo da ciência ideal, pretendeu detectar na própria psicanálise os fundamentos epistemológicos de seus métodos e princípios (MILNER, 1996).

O *Ideal da ciência*, por um lado, seria este ponto ideal, modelo no qual a psicanálise deveria pertencer; a *ciência ideal*, por outro, encarnaria de maneira variável o ideal de ciência, em uma determinação imaginária. Este par, assim como no eu ideal e ideal do eu, respeitariam uma lógica de disjunção-conjunção, como uma analogia estrutural: esta analogia está presente em um artigo na revista *Cahiers pour l'Analyse*, no texto *Position de la Généalogie des sciences*. Em linhas gerais, o artigo manifesta a crítica à unicidade das ciências, à uma concepção de Ciência das ciências em voga, em prol de uma concepção que inclua a pluralidade que reside no campo. O Ideal seria este ponto impossível a partir do qual a

[102] Milner propõe um longo percurso em sustentar que há um *doutrinal da ciência*, que se diferenciaria do *ideal de ciência*, e a adesão estruturalista de Lacan seria capaz de abraçar o doutrinal da ciência. Ver em: Milner, Jean-Claude. A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia. Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996

[103] Milner destaca que Freud, neste sentido, retoma a fisionomia da ciência ideal de outros, a seus olhos mais qualificados que ele próprio. Nota de rodapé: "Um dado entre outros: Freud co-assinara em 1911 um manifesto que reclamava a criação de uma sociedade onde seria desenvolvida e difundida uma filosofia positivista. Dentre os signatários, encontramos os nomes de E. Mach, D. Hilbert, F. Klein, A. Einstein. A indicação é dupla: o fato de que Freud tenha dado sua assinatura diz algo sobre suas posições era um momento em que publicava a terceira edição da Traumdeutung, acabava de fundar a Internacional e a Zentralblatt für Psychoanalyse; ademais, quando conhecemos as filtragens que acompanham de hábito esse gênero de operação, o fato de que o nome de Freud tenha sido aceito, até mesmo solicitado, permite também medir seu sucesso social junto ao meio positivista de língua alemã. Ver sobre esse ponto a importante introdução histórica dada por A. Soulez à coletânea Manifeste du cercle de Vienne et autres écrits, Paris, PUF, 1985, p.32." Para Bairrão e Affonso (2021) Freud estaria convencido de que a única opção da psicanálise ser considerada uma ciência seria subscrevendo no paradigma das ciências naturais (Assoun, 1983, Orquiza e Monzani 2015; Simanke 2009).

Ciência se vê, integralmente, seu corpo fragmentado. Com isso teríamos a miragem de uma ciência ideal, a ser reconhecida em conjunturas teóricas e daria aos seus parceiros o idioma universal que são traduzíveis, e viria a representar que eles são Um e inteiros. Este seria, para os autores, o nó de ignorância e desconhecimento e, de tal "analogia estrutural", Milner (1996) extrai com facilidade os efeitos de miragem que opera o nome da ciência (e que devem ser dissipados, afinal, a ciência não se reduziria a isso).

No caso de Lacan se opor à gramática do par ciência ideal / ideal de ciência para a psicanálise, o psicanalista francês recorreria a uma teoria a qual o Eu se mostraria refratária, sendo esta a ciência moderna e a sua possibilidade de literalização (MILNER, 1996). A ciência moderna é pensada neste sentido a partir do posicionamento de Koyré, em que a ciência moderna é a ciência galileana, cujo tipo é a física matematizada e, ao matematizar seu objeto, a ciência galileana o despoja de suas qualidades sensíveis. A relação entre psicanálise e ciência moderna no ensino de Lacan pode ser pensada pela lógica da sucessão e corte[104], a partir da leitura que Lacan faz de Koyré. Não pretendemos esmiuçar este debate, mas extrair que o passo da literalização permitido pela ciência moderna ofereceria a Lacan uma possibilidade de uma ciência a qual o Eu se mostraria refratário:

> *O eu tem horror à ciência;*
> *O eu tem horror à letra como tal*
> *O eu e o imaginário são gestálticos*
> *A ciência e a letra são indiferentes às boas formas*
> *O imaginário como tal é radicalmente indiferente à ciência moderna*

[104] Um excelente resumo pode ser encontrado nesta seguinte passagem, de Iannini (2007): "Um corte maior afeta todos os discursos compossíveis (MILNER, 1996, p. 62). O corte da ciência moderna é um corte desta natureza: há um antes, um depois e há algo que, permanecendo imune, permite nomeá-lo. Este algo seria a língua no ponto em que esta toca a dimensão do real. A psicanálise é tributária do corte da ciência moderna em mais de um sentido. A ciência moderna, segundo a leitura que Lacan faz de Koyré, caracteriza-se (i) pela idéia de um Universo infinito, marcado pelas notas da contingência e da precisão; (ii) pela recusa da existência de uma alma mundi e a conseqüente rejeição do finalismo; (iii) pelo postulado de que a sucessão de eventos dá-se segundo uma ordem determinística imanente à própria estrutura deste Universo; (iv) pela literalização do real que, na verdade, resulta da combinação das teses precedentes, ou seja, da postulação de que o universo pode ser pensado matematicamente, de que o real pode ser tratado pelo simbólico; finalmente, (v) pela formulação de uma teoria do sujeito que seria correlata ao advento da ciência e lhe serviria como fundamento." e mais: Lacan retém, sem ressalvas, as teses (i) e (ii). Em relação às teses (iii) e (iv), no entanto, opõe a noção de incompletude: (iii) o determinismo é incompleto, o que, consequentemente, abre espaço para a interpretação e para o ato. Com a tese da incompletude, a literalização do real torna-se: (iv) não há um recobrimento total do real pelo simbólico: toda formalização esbarra em um limite. Finalmente, (v) Lacan recusa que a teoria do sujeito se consolide como metafísica da subjetividade, rejeitando o papel de fundamento do conhecimento atribuído desde Descartes ao sujeito. Lacan nega, ipso facto, que a subjetividade possa ser caracterizada pela transparência dos atos de consciência, pela interioridade como instância destes atos e pela autonomia da vontade. A estratégia é subverter a teoria moderna do sujeito, propondo o sujeito não mais como fundamento do conhecimento e da vontade livre, mas como efeito de determinações da ordem do imaginário, do simbólico e do real; não mais como unidade e interioridade, mas como marcado por uma divisão que lhe é essencial (a *Spaltung*).". Ver mais em: Iannini, Gilson. Psicanálise, ciência extima. Epistemo-somática v.4 n.1 Belo Horizonte jul. 2007. Disponível em: Psicanálise, ciência extima (bvsalud.org)

A ciência moderna, enquanto literal, dissolve o imaginário (Milner, 1996, p. 49)

Quanto ao eu e o imaginário serem gestálticos (conforme vimos no esquema óptico), podemos sem dificuldade harmonizar com as considerações de Safatle (2006), ao afirmar que há uma *estaticidade* que a teoria da imagem como Gestalt pressupõe. Com base no fundamento do princípio global de organização da percepção própria à imagem gestáltica, a imagem fornece o princípio global de apreensão dos objetos, o que à nível da percepção não seria possível. Um exemplo para tal propriedade é a de que, ao tomarmos um cubo, à nível da percepção (olhá-lo por exemplo), só é possível apreender alguns ângulos e lados do objeto. Se imaginarmos um cubo, é possível imaginá-lo como completo, como Gestalt. Da mesma forma como a imagem do cubo é Gestalt que fornece uma totalidade ideal que a percepção imediata do cubo não pode fornecer, a imagem de si seria esta Gestalt que fornece ao sujeito uma totalidade ideal que ele não tem à sua disposição por meio da percepção de si (Safatle, 2006, p. 34).

Mediante a imagem, estaria associada a êxtase, e a uma fixação sincrônica que impede a percepção diacrônica da temporalidade. No caso do eu, há uma fixação em uma imagem de si que impede uma certa passagem entre o eu e o outro, dando à imagem uma posição de irreflexidade, tal como uma noção de identidade. O autor ressalta que, entre a imagem e a temporalidade, haveria uma hiância tão grande quanto a que existe entre o eu e o sujeito.

Com os argumentos do autor:

> Por isso, devemos insistir na estaticidade que esta teoria da imagem como Gestalt pressupõe. Não é por outra razão que Lacan sempre associou a imagem a uma "êxtase do ser" (Lacan, E, p.172), a uma fixação sincrônica que impede a percepção diacrônica da temporalidade. Mediante a imagem, as identidades são naturalizadas. Lacan chegará a utilizar a metáfora "dos atores quando o filme pára de rodar" (Lacan, E, p.111), a fim de sublinhar como a imagem nos faz perder a apreensão dos mecanismos de produção do sentido, já que eles pressupõem o acesso à dimensão da temporalidade: "Há na imagem algo que transcende o movimento, o mutável da vida, no sentido de que a imagem sobrevive ao vivente" (LACAN, 1960/1961, p. 409). (SAFATLE, 2006, p. 35).

À essas considerações podemos adicionar as designações estabelecidas por Lacan relativas ao eu ideal, em seu texto sobre o estádio do espelho. Ele refere-se enquanto *armadura*, *forma ortopédica*. Em relação ao eu ideal, ele afirma: "[...] a *armadura* enfim assumida de uma *identidade alienante*, que vai marcar com sua *estrutura rígida* todo o seu desenvolvimento mental" (LACAN, 1998 [1949], p. 97, *grifos nossos*). Estes são termos

coextensivos à estaticidade. Sobre a crítica ao imaginário e à função de desconhecimento pela qual opera, recuperamos as seguintes considerações de Safatle (2006):

> No entanto, se a lógica do narcisismo pode ser produção de identidades mediante um sistema de desconhecimentos, é porque ela opera por meio do investimento libidinal em *imagens*. Ou seja, a crítica do narcisismo é, principalmente, uma crítica ao primado das imagens nos modos de conhecimento próprios ao eu e a uma concepção muito particular que Lacan faz do regime do Imaginário. (SAFATLE, 2006, p. 34)

Com estas considerações podemos retornar à Milner (1996), e à sua afirmação de que o eu e o imaginário são também partido das *boas formas* e a ciência moderna, em seu recurso à literalização, faria frente à captura imaginária. Sobre este último ponto, Milner (1996) retoma o texto de Freud (1917/2010) em que assinala três duras afrontas infringidas ao narcisismo geral, o *amor-próprio* da humanidade, por parte da pesquisa científica: a primeira *cosmológica*, atribuída a Copérnico ou a Kepler (reconhecimento geral da teoria Copernicana no século XVI, e a consequente destituição da posição central da Terra, que servia de garantia narcísica no seu papel dominante acerca do universo); a segunda *biológica*, atribuída a Darwin; e a terceira, a *psicológica* (o 'eu não é o senhor da própria casa'[105]). Milner extrai do termo amor-próprio (*Eigenliebe*), o seu núcleo, ou seja, o Eu:

> Ora, o Eu é de estrutura, e ele é de estrutura porque é apenas o nome da função do imaginário. Eis o que diz respeito à cosmologia moderna, quer a atribuamos a Copérnico ou a Kepler. O heliocentrismo do primeiro importa menos pela suposta decadência da Terra do que pela radical desarmonia que instala entre o centro geométrico do sistema planetário e o centro de observação, que passou a ocupar os lugares do homem; a idéia do segundo promove, em vez do círculo de centro único, a elipse de dois núcleos, um dos quais estará irremediavelmente vazio. Em ambos os casos, a *boa forma* do círculo onde todo centro coincide com todo centro o cede a uma *má forma* (MILNER, 1996, p. 46-47)

As reviravoltas introduzidas por tais descobertas, podemos adicionar, teria como efeito justamente e reorientação da experiência humana frente ao universo. No entanto, haveria um anticopernicianismo estrutural e estaria ligado ao Eu, que resistiria à má-forma e ao descentramento (MILNER, 1996). Sendo que o eu é de estrutura, mesmo tendo 'horror à ciência', cabe interrogarmos se o advento da ciência moderna seria capaz de fazer frente ao campo das *boas formas* que preponderava no pensamento cosmológico até então vigente, de

---

[105] Trecho completo: "Isso a psicanálise quis ensinar ao Eu. Mas esses dois esclarecimentos, de que a vida instintual da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós, e de que os processos mentais são inconscientes em si e apenas acessíveis e submetidos ao Eu através de uma percepção incompleta e suspeita equivalem à afirmação de que o *Eu não é senhor em sua própria casa*." (FREUD, 1917/2010, p. 186).

forma que a ciência moderna se apresentaria enquanto uma resistência à força das ilusões e garantias narcísicas, fulcro do eu. Passados anos desde as proposições copernicanas, assistimos no cenário atual de teorias negacionistas (DUNKER, 2021), apesar de todas os avanços científicos - podemos tomar como exemplo as teorias terraplanistas cujas bases são anticopernicanas -, o que nos faz interrogar sobre as questões relativas ao imaginário, ao eu e a resistência que a ciência moderna poderia empreender[106]. Esta ressalva parece estar presente no pensamento de Lacan:

> mas será mesmo que há nesse descentramento um ganho ou um progresso essencial? Será que alguma coisa torna evidente que a outra verdade, se assim chamamos de verdade revelada, tenha padecido seriamente com isso? Então não se acha que o heliocentrismo não é, por exaltar o centro, menos enganoso do que ali ver a Terra, e que o fato da eclíptica certamente dava um modelo, mais estimulante de nossas relações com o verdadeiro, antes de perder muito de seu interesse, por já não passar de uma Terra-mais-vai-com-as-outras? Não é por causa de Darwin que os homens se consideram menos fina-flor das criaturas, já que é precisamente disso que ele os convence (LACAN, 1998[1960b], p. 811)

O imaginário, principalmente no início do ensino de Lacan, é pensado enquanto reduzido ao narcísico e ao especular, baseado nas formulações gestaltistas da boa forma, com o princípio global de organização da percepção. O desconhecimento relativo ao imaginário diz respeito ao auto referenciamento nesta relação entre o eu e o outro, que não comporta alteridade. As propriedades do imaginário podem aqui serem ampliadas, dado o componente narcísico que tende a participar da forma de percepção dos objetos do mundo (SAFATLE, 2006). Uma contrapartida a esta crítica ao imaginário, de posição de crítica às teses, posições e direção do tratamento que estivessem na esteira de reerguer o imaginário na psicanálise, Nasio (2011) considera que o interdito do imaginário fez muito mal aos psicanalistas, (no caso, em seu trabalho de pensar o real), afirmando inclusive que a introdução de Lacan da topologia nos anos 60 e nos nós constitui, em sua perspectiva, uma tentativa de depreender o real por meio imaginários e fantasísticos, chegando a falar de 'novo imaginário'.

As contribuições de Nasio são importantes no sentido de questionar uma posição de interdito ao imaginário, apesar de conseguirmos situar certas contradições, como na ênfase que Lacan empreende ao caso Dick no começo de seu ensino, em que o imaginário e simbólico incidem na formação da realidade, ou mesmo no esquema R, em que oferece as bases para que o falo possa assumir a função significante. O imaginário pode ser pensado aos

---

[106] Muito embora este tema não seja aprofundado no presente trabalho, o debate dedicado acerca do da captura imaginária, ciência e psicanálise, por certo se beneficia da presente pesquisa. Ver mais em Estevão, Gaião, Gonsalves. *Terraplanismo: perspectivas psicanalíticas de um movimento.* (no prelo)

moldes da estrutura, do corpo e mas também pode ser pensado sob a lógica dos efeitos que ele impõe sob o agenciamento do eu ideal e a função de desconhecimento inaugurada e perpetuada no devir do sujeito. Uma outra forma de pensar o imaginário de forma crítica, é o passo de Lacan em questionar os desvios da psicanálise pelos pós-freudianos, e repensar internamente a demarcação da psicanálise inclusive em relação ao ideal de ciência que tendia a imperar na lógica de seu tempo: perspectivas adaptacionistas, de um ideal de felicidade e saúde, o *american way of life* (como discutimos anteriormente).

A psicanálise não se pretende enquanto ideal e, caso se pretenda, estaríamos em outro campo e, se houve uma impregnação de um cientificismo ideal em sua época, houve igualmente um impulso para evitar tal posição. É neste ponto que as formalizações poderiam ser lidas, dada a sua propriedade matemática, como uma tentativa de Lacan capaz de ofertar ao campo psicanalítico uma possibilidade de transmissão que privilegie o rigor e escape à totalização e ao sentido que imaginário tende a compor. Assistimos com frequência a ciência gozar de certos status social, inclusive na atualidade, em que Iannini (2007) ressalta que o status de cientificidade assume na cultura um lugar de via de acesso à títulos de alto valor, que pode garantir inclusive a posição de prestígio social e financiamentos de pesquisa por exemplo, e podemos harmonizar com as posições ideais que o debate com a ciência poderia assumir para a psicanálise.

Ao se encaminhar para o fim, não podemos deixar de considerar a questão de que, o movimento que teve início neste período de seu ensino introduzem um passo que continua a ser realizado até o fim de seu ensino. Podemos considerar que o modelo óptico, o esquema L, o esquema R, o grafo do desejo (incluindo mesmo outras formalizações não abordadas neste estudo, como o esquema de Kant com Sade, o esquema I, o esquema presente no texto sobre a carta roubada, dentre outros), fazem parte de um importante percurso de Lacan que

possibilitam-no chegar ao matema[107] por exemplo, sem considerá-las como rascunhos que seriam aperfeiçoados posteriormente.

[107] Dado o recorte de nosso estudo, gostaríamos apenas de introduzir, deixando em aberto uma pesquisa a ser continuada, considerações de Lacan acerca da transmissão, da formalização matemática e do matema: "O real só se pode inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado produzir da significância." (LACAN, 1972/1973, p. 125). E com isso temos que: "A formalização matemática é o nosso fim, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de se transmitir integralmente. A formalização matemática é a escrita, mas que só subsiste se eu emprego, para apresentá-la, a língua que uso. Aí é que está a objeção - nenhuma formalização da língua é transmissível sem uso da própria língua. É por meu dizer que essa formalização, ideal metalinguagem, eu a faço ex-sistir. É assim que o simbólico não se confunde, longe disso, com o ser, mas ele subsiste como ex-sistência do dizer. É o que sublinhei no texto *L'étourdit*, o Aturdito, ao dizer que o simbólico só suporta a ex-sistência. No quê? É uma das coisas essenciais que eu disse da última vez - a análise se distingue, entre tudo que foi produzido até agora de discurso, por enunciar isto, que constitui o osso do meu ensino: que eu falo sem saber. Falo com meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei" (Lacan, 1972/1973.p. 161). Podemos interrogar o atributo "ideal" às formalizações, e mesmo questionar sobre este estatuto de uma "transmissão integral", mesmo pensando que estas considerações são referentes a outras formalizações matemáticas. O que não podemos desconsiderar, e para isto é preciso contextualizar esta afirmação de que a "formalização é o nosso ideal", é que Lacan aposta em uma transmissão em consonância com o que uma análise propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua trajetória, Moscarda, personagem de Pirandello (1926/2001), é marcada pela descoberta de que ele não era um único Moscarda, para ele e para os outros: ele descobre que era não só um, mas nenhum e cem mil Moscardas. O que parte de um fenômeno da imagem tem um alcance extenso em torno da posição na qual se vê, da posição que o outro o vê e da função que a imagem de si assume no enlaçamento aos outros. O drama de Moscarda pode se revelar assim enquanto um testemunho daquilo que permeia a subjetividade humana, como afirma Freud: "os escritores criativos são aliados muitos valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar" (FREUD, 1906[1907]). Chegada a hora de encerrar este estudo, reconstruiremos brevemente seus passos, acenando para possíveis conclusões e consequências das investigações.

No *Capítulo 1,* passamos pelo esquema do buquê invertido, esquema dos dois espelhos, esquema dos dois espelhos simplificados e pelo modelo óptico. Esperamos ter conseguido mostrar os diferentes esquemas construídos e como eles evidenciam o funcionamento dos ideais em cada um deles. Recuperamos também os escritos de Lacan desde antes do seu primeiro seminário, de forma que encontramos indicações das funções atribuídas aos ideais que continuaram a ser desenvolvidas em seu ensino. São algumas destas funções: a 'prefiguração de um destino alienante' que o estádio do espelho instaura no funcionamento da vida psíquica (LACAN, 1949), e que alia-se à 'função de desconhecimento' (LACAN, 1948; 1953; 1960a), termo que encontramos reiteradamente em seu ensino. O que podemos enfatizar é que o desconhecimento não se refere a uma ordem do conhecimento, em termos do Cogito cartesiano, mas uma função do imaginário que inaugura um desconhecimento da estrutura ali presente. Como a partir das considerações de Lacan (1948; 1953), não seria um saber ou não saber, mas uma expressão da *Verneinung* fundamental que é a de *não querer saber nada disso*. Há ainda uma possibilidade de derivação deste tema, presente na discussão dos afetos por Lacan, assim como, na relação passível de ser feita entre a função de desconhecimento e a paixão pela ignorância.

Uma expressão desta função de desconhecimento, que coaduna também com a função de erro, de engano, é passível de ser ligada à tensão existente entre o domínio real e ideal, como o corpo real - enquanto fragmentado, desejo despedaçado - e o corpo como ideal de si - imagem ideal, total, corpo perfeito, dimensão trabalhada por Lacan (1953/1954) nas

construções dos esquemas ópticos. Podemos considerar que a aproximação com o campo da óptica permitiu situar, pela via dos fenômenos ópticos e leis que regem as imagens, certos fenômenos de miragem, cujos efeitos têm a dimensão de erro e engodo, características situadas por Lacan no campo do imaginário.

No entanto, apesar de destacar tais fundamentos alienantes que a função do imaginário instaura, o imaginário é um dos três registros essenciais da realidade humana , que se liga inclusive à primeira forma de organização e integração, ainda que incompleta, da desordem original e constitutiva (LACAN, 1953). É a esta dupla condição, alienante e constituinte, que o eu ideal é fundado. Ao longo do primeiro capítulo, pudemos acompanhar o eu ideal (*Ideal ich*) entendido como a *Urbild* do eu, a forma primordial do eu, externa, idealizada que está nas bases da formação do eu. O *Ideal ich* pôde ser aproximado ao *Ur-Ich* ou *Lust Ich*, o eu-corporal proposto por Freud (1911; 1915; 1925), que reenvia ao eu ideal essa dimensão da primeira forma do eu enquanto projeção de superfície, imago corporal (LACAN, 1953). Vale destacar que o eu ideal se liga fundamentalmente ao narcisismo primário e à identificação primária, como Lacan afirma no começo de seu ensino.

O ideal do eu (*Ich-Ideal*) é pensado neste período enquanto ligado ao narcisismo secundário e fruto da identificação secundária, cuja função é a de normalização libidinal. Haveria uma temporalidade regente, na qual o fim do primeiro narcisismo introduziria um segundo narcisismo, portanto, primeiro imaginário e depois o simbólico. Com isso, tal dimensão indicaria uma noção de narcisismo primário enquanto o fechamento em si, com o aspecto mortífero - presente inclusive - no mito de Narciso. No entanto, o que Lacan (1946; 1948; 1953) indica também é a relação com o desejo fixada enquanto desejo do desejo do outro, desejo de desejo (mesmo que sem a dimensão de alteridade), um outro pensado enquanto especular e reflexivo, e seria nessa relação com o outro imaginário que estariam presentes as afetações do transitivismo, como o ciúme, a inveja e a rivalidade. O que Lacan escreve enquanto i(a) continua veiculando no sujeito tais relações com o desejo e com essas afetações, de forma que, a cada vez que a captura no campo imaginário e especular acontece, a cada vez que no fenômeno do outro algo se passa de forma que permite novamente ao sujeito se re-projetar, re-completar, nutrir a imagem do eu ideal, estas manifestações reaparecem.

Pudemos acompanhar também com os esquemas ópticos as mudanças relativas à concepção de Ideal do eu no ensino de Lacan. Progressivamente, as mudanças no esquema foram articuladas às funções simbólicas desempenhadas pelo Ideal do eu. Se o primeiro passo de construção se refere apenas ao narcisismo primário, a introdução do espelho plano, da

função da voz, da regulação do imaginário pelo simbólico trouxeram importantes modificações no status dos ideais em seu ensino. O Ideal do eu passa assim a assumir o papel de guia que comanda o sujeito nas relações simbólicas, no nível da troca verbal, da troca legal. Lacan (1953/1954) chega a situar o ideal do eu enquanto o outro, mas um outro na qual o sujeito pudesse realizar uma troca verbal, uma vez situado no campo do simbólico. É apenas a partir do Seminário 5 que há uma mudança significativa tanto na acepção do modelo quanto na função do ideal do eu no psiquismo, sendo considerado então enquanto produto da identificação às insígnias paternas.

No *Capítulo 2* pudemos acompanhar as construções dos esquemas L e Z, R e o grafo do desejo. No esquema L pudemos situar a interrogação "Quem fala?", de forma que o sujeito se vê em a, desalojado de seu lugar em relação ao Outro. A partir de tal pergunta traçamos uma possível leitura, a saber, a de que esta seria uma forma de alienação, na medida em que reside a fundamental alienação do sujeito na linguagem, a serviço do Eu, de tal forma o sujeito, por se ver em *a*, não sabe o que diz (LACAN, 1954-55). O Eu advém para o sujeito por identificação à sua imagem especular, seja em relação à imagem no espelho ou em relação ao semelhante, e é nesta situação da relação do sujeito com o eixo a-a' que situamos o eu ideal, a imagem especular. O imaginário, a partir deste esquema, está incluído nos fenômenos da fala e linguagem, e não apenas nos fenômenos de imagem. Essa modificação, poderíamos assumir, retroage sobre a compreensão dos ideais na medida em que, uma vez que o imaginário está presente na fala, o eu ideal também o estaria, e poderíamos colher pistas daquilo que se conformou como eu ideal e ocupa tal função para determinada pessoa.

Na edificação de esquemas no R, o eu ideal aparece enquanto vértice do triângulo imaginário, possuindo relação direta com o falo imaginário, com o suposto objeto de desejo da mãe, de forma a balizar a posição que o sujeito assume em relação a imagem idealizada. Quanto mais próximo a esta imagem idealizada, portanto, mais próximo da posição imaginária fálica e mais preso às coordenadas do imaginário, cujo pólo é a mãe. Progressivamente, uma vez situada a posição do eu (*moi*) em relação ao eu ideal, se sucedem identificações do eu no sentido do simbólico, se afastando do campo imaginário. Seriam sucessivas identificações simbólicas e significantes, cujo expoente máximo é a formação do Ideal do eu. Isso não está presente nos esquemas anteriores de Lacan, e representa uma mudança significativa em relação à noção que o Ideal do eu assume em seu ensino. O Ideal do eu assume uma posição crucial no Édipo, enquanto vértice do quadrilátero φ-M-P-I, apresentando as seguintes consequências: evidencia a relação que assume simultaneamente com o Desejo Materno, uma vez que a substituição e a metaforização do desejo original

aparece em I, com o Nome-do-Pai, já que o sujeito se reveste de insígnias paternas, e com o falo, cujo expoente do terceiro tempo do Édipo permite que o sujeito "guarde" as coordenadas como aquele que pode ter o falo, dada a identificação paterna.

O Ideal do eu assume assim uma dupla função: seu *componente narcísico*, dada a sua função no estádio do espelho, a relação com o eu ideal e portanto com o lugar da criança desejada, e a *identificação significante*, já que se trata de uma herança da identificação simbólica. Essa dupla função ganha um outro lugar na constituição psíquica a partir do grafo do desejo, com uma nova designação do Ideal do eu enquanto Ideal do Outro.

No *Capítulo 3*, propomos uma abertura em relação ao tema, de forma a traçar uma investigação sobre os pontos de intersecção entre os ideais e estas construções de Lacan. Quando nos atemos detidamente sobre os modelos, esquemas e grafo, encontramos um impasse de saída: como nomeá-los? Uma coisa seria de abordá-los separadamente e nomeá-los conforme Lacan o faz, um modelo, um esquema, um grafo assim por diante; coisa diferente, que é o que tentamos fazer neste estudo e, particularmente, no terceiro capítulo, é abordá-los enquanto um conjunto de esforços de Lacan em prol de incluir, em seu ensino e transmissão, aparatos que permitam pensar a clínica psicanalítica, os momentos de constituição e a própria psicanálise a partir deles.

O problema de como nomeá-los é tomado aqui enquanto uma indicação de um desdobramento possível de pesquisa, que surge enquanto consequências deste estudo. Por exemplo, nomeá-los enquanto formalização requer um passo em direção a assumir as bases epistemológicas que este termo implica, que inclui a questão acerca do que é formalizar em psicanálise. Cientes do impasse existente, utilizamos o recurso de tratá-los como construções, esquemas (conforme a indicação de Lacan) e até mesmo formalizações, mas no sentido geral que a palavra assume, enquanto padronização, efeito de regra, praxe e etc. O uso do termo formalização, portanto, refere-se à possibilidade de formalizar fenômenos recorrentes na clínica ou momentos de constituição psíquica incontornáveis: o estádio do espelho, os fenômenos da fala e linguagem, o complexo de Édipo, a dialética do desejo. São estes os fenômenos veiculados nos modelos, esquemas e grafos de Lacan deste período de seu ensino, e que estão nas bases da conformação neurótica e que, instituído as bases universais e comuns, se é possível pensar as variantes internas da constituição.

Ainda sobre a questão de agrupá-los sob uma mesma rubrica, um outro eixo de investigação revelou que há um extenso debate em relação à função, à estrutura e às justificativas que eles assumem dentre a literatura especializada no tema. A posição que assumimos neste estudo é a de recusa de abordá-los enquanto 'expedientes arbitrários'

capazes de metaforizar argumentos teóricos demasiadamente abstratos, ou de abordá-los como figuras gráficas com a finalidade de tornar mais didático o seu ensino, conforme apontam Dor (1988) e Miller (1966). A posição que assumimos neste estudo é que o exercício nestas construções está na esteira do que assume enquanto a proposta psicanalítica: a de interrogar o inconsciente para que se diga o porquê. Por esta perspectiva, tais construções teriam menos a intenção de tornar inteligíveis os fenômenos que lidamos na clínica, mas sim a de produzir significações e não o fechamento delas, e isso se justificaria pela multiplicidade de caminhos, perspectivas e questões passíveis de situar em cada um destes esquemas.

É neste sentido que a matemática, dada a sua condição de literalizar o objeto, ofertaria uma possibilidade de transmissão capaz de operar pela via de não requerer uma atribuição de sentido (RONA, 2012). Essa mesma capacidade de literalização permitida pela matemática acenaria para uma resistência à aderência imaginária e às capturas imaginárias do eu (MILNER, 1996). A preocupação de Lacan em relação à formalização matemática, à escrita, à transmissão se reúne nos termos do matema, anos ulteriores em seu ensino, mas que podemos levantar a hipótese de que o contato com a matemática na década de 50 para a construção de sua formalização pode ser lido, se não como um passo inicial e embrionário em direção às matemáticas, podemos considerar os modelos, esquemas e grafos enquanto a demonstração de uma preocupação com as ofertas que a matemática poderia trazer à psicanálise. Especificamente, naquilo que as matemáticas ofertam enquanto base metapsicológica de formalização para o materialismo significante (RONA, 2012) em psicanálise, mas que ainda hoje carece de embasamentos posteriores de pesquisas para sua devida sustentação.

Se de certo poderíamos empreender um esforço retroativo, pensar sob o crivo dos últimos anos de seu ensino para os primeiros anos, o que propomos neste estudo é o crivo de nos atermos ao tempo e as preocupações de uma época. Um esforço metodológico de recorte dentro do ensino psicanalítico de Lacan. É desta forma que o apoio às ciências adjuntas, como a física óptica, à etologia no modelo óptico e o estruturalismo, nos demais esquemas, nos interessa neste estudo. Assumimos a posição de que o modelo óptico atenderia à indicação freudiana da elaboração de metáforas do aparelho psíquico, bem como o apoio freudiano às ciências naturais. Haveria uma mudança em relação ao emprego do esquema L, R e grafo do desejo, que se afastariam do aporte das ciências naturais para o aporte às ciências da linguagem, em consonância ao movimento interno do seu ensino em direção às teses sobre o simbólico (FARIA, 2019). O apoio ao estruturalismo e às matemáticas, integram o debate que surge entre a psicanálise e a ciência, de forma que se aproximar de ciências que assumiam a

vanguarda em sua época produziria efeitos sobre a situação da psicanálise, a ser pensada sob a dialética da ciência ideal/ideal de ciência, conforme aponta Milner (1996). Por um outro lado, o panorama do estatuto que a psicanálise assumia neste período da década de 50, o de desvios da descoberta freudiana a uma psicanálise adaptacionista, se mostrou enquanto uma outra preocupação de Lacan, cujo passo necessário se adiciona à preocupação sobre a situação da psicanálise.

O que tentamos mostrar neste estudo é que estas vias internas à construção das formalizações se articulam, podem ser conjugadas às questões dos ideais. Partindo dos ideais, vimos que as identificações formadoras (LACAN, 1953/1954, p. 138) são processos que levam à formação do eu ideal e do ideal do eu que, por sua vez, cravam um lugar na estrutura subjetiva, e é com eles que o sujeito sai ao atravessar a constituição psíquica que se conformam à neurose. Os ideais, assim, poderiam ser entendidos como posições, cristalizações, conjuntos de imagens e significantes, que estão diametralmente opostos à lógica posta pela subversão do sujeito. Ao enfatizarmos a dimensão alienante dos ideais, de "alienação intrínseca" (LACAN, 1998[1960a], p. 682), ela assume alguns sentidos neste estudo. Um primeiro, presente desde o início do ensino, é a forma alienante presente na *idealização*, dada a condição ilusória deste ideal - seja a condição imaginária do *corpo* mas também da *posição* simbólica ideal -, que está na esteira da adaptabilidade, da adequação; um segundo, se dá pela continuidade desta lógica, que é o efeito de recobrimento da falta, da fragmentação, da desordem que os ideais promovem na estrutura. Há ainda um terceiro, que refere-se à alienação ao Outro e ao significante, do sujeito sempre relançado na cadeia, por considerarmos os ideais enquanto agentes, enquanto vetores, desta forma de alienação.

Esta captura e veiculação dos ideais podem ser lidas em seu ápice pela via do grafo do desejo. Nós temos no grafo o circuito da significação, em s(A), A, i(a) e m, em idas e retornos. Recuperamos as considerações de Eidelsztein (2017, p. 112) ao afirmar que há neste circuito uma dialética da identificação que conduz tanto à petrificação relativa ao ideal do Outro, I(A), quanto ao aprisionamento do sujeito na dialética significante. Quanto ao primeiro ponto, haveria um curto circuito, na qual o sujeito fica aprisionado na dialética da identificação e no Um, enquanto no segundo ponto, o sujeito ficaria preso às coordenadas da incessante significação, num curto circuito, num movimento circular que levaria ao deslocamento infinito da significação. O autor refere-se a um movimento encontrado na clínica, de deslocamentos progressivos do sujeito na tentativa de encontrar a significação de seu eu e, uma vez que o sujeito fica preso na metonímia que parte de uma significação a

outra, do que se é, do que se deve ser, de uma promessa de se encontrar para novamente fracassar na tentativa e reinaugurar o circuito.

Uma vez que os ideais se ligam à estrutura, conforme sustentamos, e a estrutura se apresenta com um desconhecimento fundamental (DUNKER, 2013), os ideais se encontrariam nesta estrutura enquanto *balizas, coordenadas de fixações da dialética do sujeito do inconsciente*. Esta afirmação pode possuir diversos alcances, seja porque os ideais possuem componentes narcísicos, seja porque se ligam fundamentalmente à questão da resposta ao que o Outro quer de mim (por nascerem a partir do discurso do Outro em anterioridade simbólica, como vimos no esquema R e grafo), seja porque referem-se ao um (da unificação e totalidade imaginária do eu) e ao Um (do Ideal ou da encarnação da figura do líder na formação de grupos). A formação e captura dos ideais se relacionam ao estado de jubilação (LACAN, 1949) e exaltação (LACAN, 1955) ou mesmo a um efeito hipnótico, - efeito indicado desde Freud (1921) em relação às massas -, estados e efeitos estes associados à tal função dos ideais que aqui designamos enquanto *coordenadas do sujeito*, capazes oferecer a possibilidade de soldar o significante enquanto ideal (do eu), dando a ilusão da unidade, apagando a dimensão da perda, suturando a dimensão da divisão e da incompletude.

Desta forma, tais funções atribuídas aos ideais compareceriam no exercício lacaniano de formalizar estes esquemas a partir de alguns eixos. O primeiro deles seria um esforço em posicionar a psicanálise para fora do centramento do eu e das identificações, dado que o que se evidencia nestes esquemas não é apenas a artificialidade do eu, mas também dos pólos que se assume, enquanto eu ideal e ideal do eu, de tal maneira que possam ser localizados nos esquemas, precisamente onde está a verdadeira questão da práxis analítica: o sujeito (do inconsciente). Um segundo eixo refere-se a uma tentativa de resistir à aderência imaginária, fechamento de sentido e a compreensões totalizantes, propriedade estas que se revelam nos ideais. Sobre este segundo eixo, nos preocupamos menos em atestar que os esquemas resistiriam à aderência imaginária, o que seria para uma outra vertente de pesquisa, mas sim de mostrar que estas são preocupações de Lacan na construção dos esquemas. Um terceiro eixo refere-se à interrogação que os ideais permitem situar acerca da própria psicanálise quando pensada a partir do paradigma da ciência. Há por um lado uma preocupação em termos da cientificidade, principalmente relativa aos perigos dos abusos de transmissão e carências teóricas (LACAN, 1998[1960b]), mas há por outro, uma advertência a uma psicanálise pensada a partir do par Ideal de ciência e ciência ideal, que não fazem senão reintroduzir o nó de ignorância e desconhecimento e os efeitos de miragem que podem ser operados em nome da ciência (MILNER, 1996).

Podemos considerar que tais articulações entre os ideais e os esquemas revelam conexões sobre a transmissão e seus abusos, sobre o rigor em psicanálise, sendo capaz também de interrogar os modos de fazer da psicanálise uma prática à serviço das exigências sociais, da adaptabilidade, do ideal de felicidade. Temos que, Lacan em seu tempo se preocupou com os destinos da psicanálise ligada à *Ego Psychology* ou a uma psicanálise deturpada sob a rubrica de uma psicologia que, por desconhecerem o real e a função simbólica, sustentam a função de desconhecimento, e por efeito nutrindo as petrificações sujeito. A questão que podemos encerrar este estudo é a de como ir além da redução dos ideais da pessoa, conforme a expressão de Lacan (1998[1960a]), e a de como reatualizar este tema para permanecermos atentos à tais capturas, que mostramos que além de uma questão clínica, encontra suas reverberações no tocante à transmissão e à psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Paulo (1992). Hegel no espelho do Dr. Lacan. revista IDE, n.22, p.64-77, 1992

AFFONSO, Pedro; Bairrão, José Francisco Miguel. Estrutura e topologia na psicanálise de Jacques Lacan. Volume 06, Número 10, Ano 2021. Disponível em: Vista do ESTRUTURA E TOPOLOGIA NA PSICANÁLISE DE JACQUES LACAN (ufms.br)

BADIOU, Alain; Cassin, Barbara. Não há relação sexual: duas lições sobre "O aturdito" de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

BARROS, Paula Cristina Monteiro de. "Vê se me desimbaça": do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

BLACK, M. Modelos y metáforas. Madrid: Tecnos, 1966.

BULFINCH, Thomas. O livro de outro da mitologia (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis; tradução de David Jardim. 10a edição. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000

BONI, Jonas. O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria. (Mestrado em Psicologia clínica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

BROUSSE, Marie-Hèlene The Imaginary. In: Reading seminars I and II: Lacan's return to Freud. Edited by Richard Feldstein, Bruce Fink, and Maire Jaanus. State University of New York. 1996

DARMON, Marc. *Ensaios sobre a topologia lacaniana*, Porto Alegre: Editora artes médicas Sul LTDA, 1994.

DUNKER, Christian. Tempo e Linguagem na Psicose da Criança. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento. São Paulo: Annablume, 2011 (coleção ato analítico)

_____. A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito. 1a edição. São Paulo: Zagodoni, 2013

DOMICIANO, João Felipe G. M. S., A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica, Curitiba: CRV, 2021

EIDELSZTEIN, Alfredo. Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan. Tradução José Luiz Caon. São Paulo: Toro Editora, 2018.

_____. O grafo do desejo. São Paulo: Toro editora. 2017.

ESTÊVÃO, Ivan Ramos. A realidade, entre Freud e Lacan. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. O complexo de Édipo. São Paulo: Aller, 2021.

ESTÊVÃO, I. GAIÃO, A. GONSALVES, R. *Terraplanismo: perspectivas psicanalíticas de um movimento.* Revista Analytica (no prelo).

FARIA, Michele Roman. Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan. São Paulo: Toro Editora, 2019

FREUD, Sigmund. (1900). A interpretação dos sonhos. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001

_____. (1914) Sobre o Narcisismo: uma Introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974

_____. (1917) Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____. (1921) Psicologia de Grupo e Análise do Eu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976

_____. (1923) O Eu e o Isso. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1925). A negação. In: Neurose, psicose, perversão. Edição: Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1a edição. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

_____. (1938) Esboço de psicanálise. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In P. C. Souza, Edição Obras Completa de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 90-223). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)

_____. (1906[1907]). El Delirio y los sueños em la "Gradiva" de W. Jensen. In: Obras Completas, Tomo II. Tradução direta do alemão por Luis Lopez-Ballesteros Y de Torres. Madri: Biblioteca Nueva, 1981.

GLYNOS, Jason; STAVRAKAKIS, Yannis. Posturas e imposturas: o estilo de Lacan e sua utilização da matemática. Ágora v. IV n. 2 jul/dez 2001 111-130. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/LtcsZjsNJNpdTL9ZpgM6Pbb/?format=pdf&lang=pt

GOLDENBERG, Ricardo. Psicologia das massas e análise do eu: multidão e solidão. Organização Nina Saroldi. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021

GRECCO, Musso. Os espelhos de Lacan. Opção Lacaniana online nova série. Ano 2, Número 6, novembro 2011 • ISSN 2177-2673 Os espelhos de Lacan final (opcaolacaniana.com.br)

IANINNI, Gilson. Estilo e verdade em Jacques Lacan. Belo Horizonte: Autêntica. 2012 (Filô/Margens)

_____. Psicanálise, ciência extima. Epistemo-somática v.4 n.1 Belo Horizonte jul. 2007. Disponível em: Psicanálise, ciência extima (bvsalud.org)

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 1, as bases conceituais, Rio de Janeiro: Zahar, 2008

KLEIN, Melanie. (1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Trad.: A. Cardoso. P. 249-264. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930)

LACAN, Jacques. (1932). Da psicose paranóica em suas relações com a realidade. Tradução Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge, Potiguara Mendes da Silveira Jr. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. (1938) *Complexos familiares,* In. O mito individual do neurótico, tradução Claudia Berliner, Rio de Janeiro, Zahar editor, 2008.

_____. (1953/1954) Seminário, Livro 1: *Os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira: Betty Milan. 2a ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. (1954/1955) Seminário, Livro 2: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Versão brasileira: Marie Christine Laznik Penot e Antônio Luiz Quinet Andrade. 2a ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. (1955/1956) Seminário, Livro 3: *as psicoses.* Versão brasileira: Aluisio Menezes. 2a ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1956/1957) Seminário, Livro 4: *a relação de objeto.* Versão brasileira: Dulce Duque Estrada. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1995

_____. (1957/1958) Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

_____. *Formulações sobre a causalidade psíquica*, In. Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998 [[1946]]

_____. *A agressividade*, In. Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998 [[1948]]

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1949]]

_____. Função e campo da fala e linguagem em psicanálise. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1953]]

_____. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [[1954]]

_____. Variantes do tratamento-padrão. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1955a]]

_____. A coisa freudiana. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1955b]]

_____. Seminário sobre "A carta roubada". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. [[1955c]]

_____. A psicanálise e seu ensino. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [[1957]]

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1958]]

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. [[1960a]]

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [[1960b]]

_____. A Identificação: Seminário 1961-1962. Tradução: Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. Kant com Sade. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [[1963]]

_____. Posição do inconsciente. In: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [[1960/64]]

_____. A ciência e a verdade. In: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [[1966]]

_____. (1993). Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

_____. (1972/1973) O Seminário: Livro 20: mais, ainda. Tradução de M.D. Magno. 2a ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____., Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud. Paris, Seuil, 1975. Disponível em: S1 Ecrits techniques.pdf (free.fr)

_____. (1954-55) Le Séminaire: livre II - Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, Paris: Seuil, 1978. S2 LE MOI.pdf (free.fr)

_____. Écrits. Paris. Editions du Seuil, 1966. Disponível em: Lacan_Jacques_Ecrits_1966.pdf (monoskop.org)

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares de parentesco. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982. Disponível em: https://classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/lc3a9vi-strauss-claude-as-estruturas-elementares-do-parentesco.pdf

MILLER, Jacques-Alain. Matemas I. Tradução Sérgio Laia; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1996

MILNER, Jean-Claude. A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia. Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996

OGILVIE, Bertrand. (1987) Lacan: a formação do conceito de sujeito 1932-1949. Rio de Janeiro, Zahar. 1988

PIRANDELLO, Luigi (1926). Um, nenhum, cem mil. Tradução: Maurício Santana Dantas, Ed. Cozac&Naify, 2001

QUINET, Antônio. *Os outros em Lacan*. Rio de janeiro:Zahar, 2013

PACHECO, Ana Laura Prates. Da fantasia de infância ao infantil da fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças. São paulo: Annablume, 2012 (Coleção Ato Psicanalítico)

RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. porto alegre, dublience, 2013

RIMBAUD, Arthur (1871) *Carta a Georges Izambard*. Alea vol.8 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2006 Disponível em: Carta a Georges Izambard (scielo.br)

RINALDI, Doris. O traço da identificação. [c2014] Disponível em: O traço da identificação (interseccaopsicanalitica.com.br). Último acesso em: 08/05/2022

RONA, Paulo Marcos. O significante, o conjunto e o número: A topologia na psicanálise de Jacques Lacan. São Paulo: Annablume, 2012 (Coleção Ato Psicanalítico)

ROUDINESCO, Elisabeth; Plon, Michel. (1997) Dicionário de Psicanálise. tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALFATIS, Daniele. Diferença absoluta. O que difere ao final de uma análise? In: LIVRO ZERO: Revista de Psicanálise Desejo de saber, v. 1, n. 6, (2º Semestre, 2015), pp. 79-85. São Paulo, FCL-SP / EPFCL-Brasil , 2015. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil. Livro-Zero-06.pdf (campolacanianosp.com.br)

SAFATLE, Vladimir, A paixão do negativo. Lacan e a dialéctica, São Paulo, UNESP, 2006

SOLER, Colette. Rumo à identidade. Tradução Sonia Campos Magalhães, 1a ed. São Paulo: Aller Editora, 2018

SOLER, Colette. Um outro Narciso: Seminário 2016-2017. Tradução Cícero Alberto de Andrade Oliveira e Inesita Machado. São Paulo: Aller, 2021

ZAFIROPOULOS, Markos. Lacan e Lévi-Strauss ou o retorno a Freud (1951-1957). Tradução Clóvis Marques. 1a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

ZUPANCIC, Alenka. *Ethics of the real: Kant, Lacan*. London: Verso, 2000

ŽIŽEK, Slavoj. (2006) Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

WALLON, H. (1934) As origens do caráter na criança. Difusão Européia do livro, 1971

KORMAN, V. El espacio psicoanalitico: Freud - Lacan - Mobius. Madrid: Editorial Síntesis, 2004